

TRILOGIA FIXED – LIVRO 1

LAURELIN PAIGE

AUTORA BEST-SELLER DO *THE NEW YORK TIMES*

For
Love

FÁBRICA231

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

LAURELIN PAIGE

*For
Love*

TRILOGIA FIXED – LIVRO 1

FABRICA231

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique [aqui](#).

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Agradecimentos

Créditos

A Autora

Eu me sentia viva.

Os clarões alternados de luzes escuras e suaves, o pulsar vibrante de uma Ellie Goulding remixada, o movimento dos corpos suados dançando, roçando e desfrutando um do outro... O Sky Launch Nightclub penetrava no meu sangue e me excitava de uma forma como eu não tinha deixado ninguém, ou nenhuma outra coisa, fazer durante um bom tempo. Quando estava lá – trabalhando no bar, auxiliando a equipe de garçons e servindo aos DJs –, eu me sentia mais livre do que em qualquer outro momento do meu dia. Aquela casa noturna tinha magia.

E, para mim, significava a cura.

Por conta de toda a sua vibração e vida, a casa era um porto seguro para mim. Era um lugar onde eu podia ser eu mesma sem a preocupação de pecar pelo excesso. Ninguém ia me processar por me concentrar demais, ou por tanto tempo, no meu trabalho. Mas o boato era que o Sky Launch, que tinha estado à venda já por algum tempo, estava prestes a mudar de dono. Um novo proprietário podia transformar tudo isso em outra coisa.

– Laynie – Sasha, a garçonete que trabalhava no andar superior, tirou-me dos meus pensamentos e me trouxe de volta para o meu trabalho. – Preciso de uma vodca com tônica, um White Russian e dois Butterballs.

– Deixa comigo – peguei a garrafa de vodca da prateleira atrás de mim.

– Não acredito no tanto de gente que veio aqui hoje, em plena quinta-feira – disse ela, enquanto eu preparava o seu pedido.

– É por causa do verão. Daqui a uma semana este lugar vai explodir. – Eu mal podia esperar. Os verões nesta casa noturna eram o máximo.

– É quando as coisas por aqui ficam divertidas... – David Lindt, o gerente, juntou-se à nossa conversa, um brilho aparecendo em seus olhos enquanto a brilhante luz branca que iluminava o bar também clareava o seu rosto.

– Divertidas de verdade – dei a David um sorriso rasgado e pisquei, enquanto colocava as bebidas na bandeja de Sasha, meu estômago ficando tenso pela centelha de desejo.

Ele respondeu à minha piscadela com uma outra, fazendo com que a centelha em minha barriga se inflamasse, transformando-se em uma chama.

David não era o amor da minha vida, nem mesmo o amor do momento, mas sua paixão compartilhada por esta casa noturna despertava algo em mim. Meu interesse em aprender mais e evoluir para deixar de ser *barwoman* pareceu interessá-lo também. Mais de uma daquelas noites em que David ficara até tarde, explicando-me as atividades da casa noturna, haviam terminado em fortes sessões de agarrão. Embora eu não tivesse ficado imediatamente atraída por ele, sua pequena estatura, o cabelo loiro encaracolado e seus olhos azuis gradativamente acabaram me agradando. Além disso, seu excepcional senso de negócios e seu estilo de gestão eram qualidades que eu exigia e de que gostava em um homem. E, na verdade, a ausência de qualquer efeito que ele exercesse em minhas emoções gerava pelo menos metade da atração. Nós tínhamos uma química

decente, mas ele não me enlouquecia como outros caras fizeram. David era estável e consistente, e essa era a minha definição de homem perfeito.

Registrei o pedido de Sasha enquanto David enchia os *shots* e suspeitei de que fosse o pedido feito a Todd, outro garçom que estava esperando ao lado de Sasha. David, hoje em dia, raramente ficava atrás do balcão, mas, como nesta noite estávamos com poucos funcionários, achei ótimo que ele viesse dar uma mão. Especialmente agora, quando as coisas estavam começando a ficar agitadas. Um cliente usual da casa estava apoiado no balcão com seus amigos esperando que eu fosse atendê-lo e, com o canto dos olhos, pude perceber que um homem de terno estava se acomodando na outra ponta do bar.

Entreguei a Sasha o pedido dela, mas David a deteve antes que ela pudesse sair.

– Espere um pouco. Enquanto há pelo menos alguns de nós aqui, eu acho que devemos brindar a Laynie. – Ele passou adiante os copos que estivera enchendo. Tequila: minha bebida favorita.

Olhei para ele com desconfiança. Embora não fosse incomum a gente tomar uma ou duas doses enquanto trabalhávamos, isso sempre era feito de forma mais discreta, nunca na frente do nosso gerente e, certamente, nunca com seu encorajamento.

– Não se preocupe – disse David, batendo seu ombro no meu. – É uma ocasião especial.

Com um encolher de ombros, eu sorri e peguei a dose que ele me ofereceu.

– Tudo bem, você é o chefe.

– Estamos muito ocupados para um brinde adequado, então vamos apenas dizer que ele é por Laynie. Estamos orgulhosos de você, garota.

Eu corei e brindei com ele, enquanto todos em volta, incluindo o cliente habitual e seus amigos, gritavam “saúde” e “sucesso”.

– Uhuuu! – foi minha vez de gritar, emocionada. Eu tinha trabalhado duro para conseguir meu diploma. E estava orgulhosa de mim mesma também. Eu virei a dose, apreciando a queimação provocada pela bebida enquanto revestia a minha garganta e se espalhava pelas minhas veias. – Porra, isso é bom demais!

Ciente de que a multidão ao redor do bar estava ficando impaciente, Sasha foi embora com seu pedido enquanto David cuidava do pedido de Todd. Eu voltei a minha atenção para aquele cliente de sempre, um cara cujo nome me fugia. Ele se inclinou para me dar um abraço, o qual eu retribuí. Claro que eu poderia não me lembrar dele ou de seu nome, mas sabia muito bem como ganhar as minhas gorjetas.

– Me dê quatro chopes – disse ele, erguendo a voz acima da música, que parecia ter ficado mais alta nos últimos minutos. – Onde está Liesl?

Eu lhe entreguei as duas primeiras canecas e comecei a encher as próximas duas.

– Como ela vai cobrir todos os meus turnos na próxima semana, Liesl teve esta noite de folga. – Isso mesmo, esse era o cara que normalmente flertava com Liesl, a outra *barwoman*.

– Ah, legal. E, então, o que você vai fazer em suas férias? – Com Liesl longe, o cara voltou seu charme para mim. Seus olhos viajaram para os meus seios, que, devo admitir, eram reconhecidamente difíceis

de não ser notados. Especialmente com o meu decote. Eu tinha peitos bonitos, então quem poderia me culpar por exibí-los?

– Absolutamente nada. – Eu esperava que a minha resposta desse a impressão de que eu estava ansiosa pelas minhas férias, mas a verdade era que eu tinha tirado uma folga para poder ir para casa e passar um tempo com meu irmão mais velho. No entanto, naquela manhã, Brian tinha cancelado a viagem dizendo que estava muito sobrecarregado de trabalho. Ele não conseguiria vir para a minha formatura.

Tive que engolir as emoções que começaram a aparecer em meu rosto. Além de estar decepcionada, eu estava apavorada. Imagine... sozinha e sem nada para ocupar o meu tempo; não era uma situação muito atraente. Quase cheguei a dizer a David, por várias vezes, para colocar meu nome na escala dos funcionários, mas, cada vez que começava a falar, eu me sentia como uma total perdedora. Talvez uma semana de folga fosse boa para mim. Eu poderia lidar com isso. Certo?

De todo modo, este não era o momento ideal de me preocupar com a semana que viria. Terminei de atender ao pedido do cliente e deslizei pelo bar para cuidar do cara com terno, no final do balcão.

– Bem, o que posso lhe... servir...? – Minhas palavras sumiram quando meus olhos se encontraram com os dele. E o ar escapou dos meus pulmões, de repente sugados para fora, com a visão que tive. O homem... Ele era... lindo.

Incrivelmente lindo.

Não consegui desviar o olhar, a aparência dele era hipnotizante. O que significava que ele era exatamente o tipo de homem que eu deveria evitar.

Após os inúmeros sofrimentos e corações partidos que pontilharam o meu passado, descobri que me sentia capaz de dividir os homens

pelos quais me sentia atraída em duas categorias. A primeira categoria podia ser descrita como: “foder e esquecer”. Esses eram os homens que me levavam para o quarto, mas eram fáceis de deixar para trás, se necessário. E este era o único grupo com o qual eu ainda me ocupava. Eram os homens confiáveis. David se encaixava nessa categoria.

E havia a segunda categoria, a dos homens que podiam ser tudo, menos confiáveis. Não eram do tipo “foder e esquecer”, eram mais do tipo “Ah, porra!”. Estes caras me atraíam de forma tão intensa que eu me tornava consumida por eles, absolutamente focada em tudo o que faziam, diziam e eram. Eu corria destes homens para bem longe, e bem rapidamente.

Dois segundos depois de cruzar meus olhos com os desse homem, eu sabia que deveria ter fugido.

Ele me parecia familiar, talvez tivesse estado aqui antes. Mas, se isso fosse verdade, não conseguia me imaginar esquecendo-me dele. Era o homem mais deslumbrante do planeta: as maçãs do rosto esculpidas e a forte mandíbula assentavam-se debaixo de um cabelo castanho perfeitamente desleixado e dos olhos cinzentos mais intensos que já tinha visto. Sua barba por fazer fez a minha pele coçar, ansiando por senti-la raspando contra o meu rosto, contra as minhas coxas. Pelo que eu podia ver, seu caro terno azul-marinho era bem ajustado e de excelente gosto. E o seu cheiro, uma fragrância nítida de sabonete suave, loção pós-barba e pura gostosura de macho, quase me fez ficar farejando o ar na frente dele, como uma cadela no cio.

Mas não foram apenas a sua beleza incomparável e nem a sua intensa exibição de masculinidade que provocaram aquele calor entre as minhas pernas e me fizeram procurar a saída mais próxima. Foi como ele olhou para mim, de uma forma que nenhum homem jamais

tinha olhado... Com uma posse faminta presente em seu olhar, como se ele não só tivesse me despido em sua mente, mas também houvesse me reivindicado para ser saciada por mais ninguém além dele, para sempre.

Eu o desejei instantaneamente, uma pontada de fixação se enraizou na minha barriga, uma antiga sensação, e bastante familiar para mim. Mas desejá-lo era o de menos. A expressão no rosto daquele homem dizia que ele me teria, quer eu quisesse ou não, e que isso seria inevitável, como se já tivesse acontecido.

Ele me assustava terrivelmente. Os cabelos em minha nuca se levantaram como se testemunhassem meu medo.

Ou, quem sabe, tivessem ficado em pé antevendo o prazer.

Que merda!

– Um *single malt* puro, por favor.

Eu tinha quase me esquecido de que deveria estar servindo a este cliente. E a ideia de servi-lo parecia tão sexy que, quando ele me fez lembrar-me do meu trabalho, fiquei ansiosa para pegar a bebida que tinha sido pedida.

– Eu tenho um Macallan 12 anos.

– Tudo bem. – Foi tudo o que ele disse, mas a resposta em sua voz grossa e baixa fez a minha pulsação rodopiar.

Enquanto eu lhe entregava o uísque, seus dedos roçaram os meus e eu tremi. Visivelmente. Suas sobrancelhas subiram muito ligeiramente pela minha reação, como se ele estivesse satisfeito com isso.

Puxei a minha mão de volta, metendo-a contra a bainha do corpete do meu vestido, como se o tecido pudesse apagar o calor que já viajara desde o local onde ele tinha me tocado até o centro necessitado entre minhas pernas.

Eu nunca roçava os dedos com os dos clientes, por que tinha feito isso desta vez?

Porque eu não podia deixar de tocá-lo. Estava me sentindo tão atraída por ele, tão ansiosa por algo ao qual não conseguia dar um nome, que aceitaria qualquer contato que pudesse receber.

Não, isso não, de novo. Agora não.

Nem nunca.

Eu me afastei dele. Para longe e bem rapidamente. Bem, fui tão longe quanto consegui, encostando-me no canto oposto do bar. David poderia servir o cara se ele quisesse outra coisa. Eu precisava ficar em um lugar bem longe dele.

E, então, como se fosse uma deixa daquela vida azarada que eu levava, Sasha voltou.

– David, aquele grupo na Bolha Cinco está assediando a garçonete novamente.

– Pode deixar, eu cuido disso. – David se virou para mim. – Você pode tomar conta de tudo por um minuto?

– Claro que sim. – Claro que, certamente, eu não podia. Não com o sr. Atraia-Laynie-custe-o-que-custar sentado na extremidade oposta do bar.

Mas a minha afirmação foi convincente. David saiu de trás do balcão deixando-me sozinha com O Terno. Até mesmo o cliente regular e seus amigos tinham se juntado a um grupo de meninas risonhas a uma mesa próxima. Eu olhei para a pista de dança esperando que pudesse atrair alguns clientes apenas ao olhar para aquele mar de rostos. Eu precisava que alguém viesse fazer um pedido. Caso contrário, O Terno poderia pensar que eu estava evitando-o, escondendo-me no meu canto, o que, obviamente, estava

fazendo. Mas, sinceramente, a distância entre nós não teve nenhum efeito em diminuir aquela bola apertada de desejo rolando no meu estômago. Era inútil evitar.

Suspirei e enxuguei o balcão à minha frente, embora parecesse não precisar, apenas para me manter ocupada. Quando tomei coragem para olhar para o gostosão que tinha invadido o meu espaço, notei que o uísque dele estava quase no fim.

E também notei seus olhos em mim. Seu olhar penetrante parecia mais do que o olhar típico de um cliente tentando atrair a atenção da atendente, mas, por saber que eu tinha uma tendência a exagerar os significados das ações de outras pessoas, descartei a ideia. Invocando a minha coragem, obriguei-me a me aproximar.

A quem estou enganando? Não era necessário me obrigar. Eu deslizei até ele como se esse homem estivesse me puxando com uma corda invisível.

– Outro?

– Não, estou bem. – E me entregou uma nota de cem. É claro. Eu estava esperando que ele me desse um cartão de crédito para que pudesse vislumbrar seu nome.

Não, não, eu não estava esperando por isso. Nem ligava para o nome dele. Assim como não ligava para sua mão esquerda sem aliança. Ou para o olhar dele a cada movimento meu, enquanto eu levava o dinheiro que ele tinha me dado e registrava o pedido.

– Uma ocasião especial? – perguntou.

Franzi minha testa e depois me lembrei de que ele devia ter visto o nosso brinde.

– Hã, sim... Minha formatura. Eu recebo amanhã o meu MBA.

O rosto dele se iluminou com admiração sincera.

– Parabéns. Um brinde pelo seu sucesso. – O homem ergueu seu copo para mim e bebeu o gole final.

– Obrigada. – Eu estava hipnotizada por sua boca, sua língua saindo para limpar a última gota de líquido de seus lábios. Delícia.

Quando ele colocou o copo vazio no balcão, eu estendi a mão para entregar-lhe o troco, preparando-me para a emoção do contato que inevitavelmente aconteceria quando ele o pegasse.

Mas o contato não veio.

– Fique com o troco.

– Não posso. – Este homem tinha me dado cem dólares. Por uma dose de uísque. Eu não podia aceitar isso.

– Pode, e você vai aceitar. – Aquele tom de comando deveria ter me irritado, mas, em vez disso, deixou meus fluidos agitados. – Considere um presente de formatura.

– Hã... Tudo bem... – A atitude dele afastou qualquer vontade que eu teria de discutir. – Obrigada. – Eu me virei para colocar o dinheiro no meu jarro de gorjetas, no balcão detrás, irritada comigo mesma pelo efeito que esse desconhecido exercia sobre mim.

– E esta também é uma festa de despedida? – A voz dele me chamou por trás, levando-me a encará-lo. – Eu imagino que você não usará o seu MBA para continuar a ser uma *barwoman*.

É claro que isso era o que um engravatado presumiria. Ele provavelmente devia ser um executivo que compartilhava da mesma opinião do meu irmão: havia empregos que valiam a pena ter e empregos para outras pessoas. Ser uma *barwoman* fazia parte da segunda categoria.

Mas eu amava esse trabalho. Mais ainda, amava essa casa noturna. Eu só tinha começado a faculdade porque precisava fazer algo mais.

“Algo para se manter ocupada”, foi o que Brian disse quando se ofereceu para pagar as minhas despesas, além daquelas que a minha bolsa de estudos e os empréstimos cobriam.

E foi uma boa decisão, a decisão certa, já que ela, essencialmente, impediu que a minha vida entrasse em uma espiral fora de controle. Nos últimos três anos, eu acabei concentrando minha vida na faculdade e na boate, e os estudos levaram embora a maior parte de minhas preocupações. Mas, agora, atolada com os empréstimos estudantis, tinha que descobrir uma maneira de fazer face às despesas sem ter que sair do Sky Launch.

No entanto, eu tinha um plano. Queria uma promoção. Já vinha ajudando nas tarefas de supervisão da casa noturna desde o ano passado, mas não conseguira o título oficial porque os gerentes tinham que trabalhar em tempo integral. Agora que a faculdade tinha acabado, eu estava disponível para trabalhar por mais horas. David estava me preparando para a posição. O único possível obstáculo na minha trajetória poderia ser um novo proprietário. Mas eu não ia me preocupar com isso. Ainda.

Explicar os meus planos a desconhecidos nunca era fácil. Seria inteligente usar um MBA da Stern para uma carreira em gestão de boates? Provavelmente nem um pouco. Portanto, eu engoli em seco antes de responder ao cara de terno:

– Na verdade, eu gostaria de ser promovida. Eu amo o ambiente das casas noturnas.

Para a minha surpresa, ele assentiu com a cabeça, com os olhos brilhando, enquanto se sentava mais para frente sob a radiante luz branca do bar.

– Faz com que você se sinta viva.

– Exatamente. – Não consegui segurar um sorriso. Como ele sabia disso?

– Dá para notar.

Sexy, rico e em sintonia comigo. Ele era exatamente o tipo de homem por quem eu poderia ficar obcecada, e não da maneira mais saudável.

– Laynie! – O grito do meu cliente de sempre me atraiu para longe dos intensos olhos cinzentos do homem desconhecido. – Estou indo embora. Queria lhe dar parabéns mais uma vez e desejar boa sorte. E, ei, aqui está o meu número. Telefone-me quando quiser. Eu posso lhe ajudar a ocupar sua semana de folga.

– Eu... Hã... Obrigada. – Li o nome que ele tinha escrito no guardanapo que me deu. – Matt... – Esperei até que ele se afastasse antes de jogar o papel no cesto de lixo debaixo do balcão, captando o olhar do cara de terno enquanto fazia isso.

– Você faz isso com todos os números de telefone que recebe?

Fiz uma pausa. Não que eu nunca tivesse saído com clientes antes, mas não fazia isso com clientes regulares. Esta era uma regra minha. Eu não ia querer vê-los novamente. Risco demais enlouquecer com eles.

Mas não tinha o menor interesse em ter essa conversa com o cara de terno. E, com seus olhos pousados constantemente sobre mim, finalmente acreditei que a minha atração por ele não era unilateral. Não quando tinha me dado uma gorjeta tão generosa.

– Você está tentando descobrir se eu jogaria fora o seu número?

Ele riu.

– Pode ser.

Sua reação me fez sorrir e fez a umidade entre minhas coxas ficar ainda maior. Era divertido flertar com ele. Pena que eu tinha que acabar com aquilo. Apoiei minhas mãos em cima do balcão e me inclinei em sua direção para que pudesse me ouvir melhor, apesar da música, e tentei não me deliciar com o olhar escaldante que ele lançou aos meus seios fartos.

– Eu não jogaria o seu fora. Nem mesmo o aceitaria.

Os olhos dele se estreitaram, mas o riso de antes ainda dançava neles.

– Não sou o seu tipo?

– Não necessariamente. – Fingir que não estava atraída por ele era inútil. Este homem devia estar consciente da minha reação a ele.

– Por quê, então?

– Porque você está procurando por algo temporário. Algo divertido para brincar. – Então, me debrucei ainda mais para transmitir a minha frase de efeito, aquela que desencorajaria até mesmo o mais tarado dos homens. – E eu costumo me apegar. – Afastei-me para que pudesse observar sua reação. – Bem, isso não o deixaria morrendo de medo?

Eu tinha esperado ver o brilho de pânico correr através de seu rosto. Em vez disso, o que vi foi um lampejo de diversão.

– Você, Alayna Withers, provoca muita coisa, exceto me assustar.

Mas, apesar de suas palavras, ele ficou em pé, abotoando o paletó enquanto fazia isso. – Parabéns novamente. Foi um grande feito.

Fiquei observando o homem de terno por um bom tempo enquanto ele se afastava, mais entristecida com a sua saída abrupta do que gostaria de admitir.

E levei uns bons cinco minutos, depois que ele foi embora, para me lembrar de que eu não tinha lhe dado o meu nome.

— Você já conheceu o novo proprietário?

Eu olhei por cima da minha prancheta para a bunda de Liesl enquanto ela estudava o conteúdo do frigobar que ficava atrás do bar, sua cascata de cabelos púrpura dançava com seus movimentos. Minha testa franziu. Eu não tinha me esquecido do novo proprietário, mas vinha tentando não pensar nele, sabendo que ficaria superpreocupada.

A irritação por ser lembrada dele, agora, preenchia a minha resposta.

— E quando isso teria acontecido? — Eu não tinha estado na boate desde a minha formatura, coisa de uma semana atrás.

Liesl fechou a porta do frigobar e encolheu os ombros.

— Sei lá. Você poderia ter passado por aqui ou algo assim.

Ela me conhecia muito bem. Eu tinha me policiado várias vezes, na semana passada, para evitar ficar vagando por aqui. Tinha sido uma batalha fazer isso, mas eu tinha ficado longe da boate.

— Não... Na verdade, passei a maior parte da semana em um spa próximo de Poughkeepsie.

— Ei, sério? — Liesl levantou uma sobrancelha enfeitada com tachinhas. — Quer dizer que você ganhou na loteria e não contou pra ninguém?

— Quisera eu. Foi um presente do Brian. — Ele não tinha se preocupado em enviar um cartão, apenas um envelope, contendo a passagem do trem e o vale para o resort, que foram entregues a mim

pelo porteiro na manhã da minha formatura. Foi uma atitude muito atenciosa, mas não tinha a cara do meu irmão. Devia ter sido ideia da esposa dele.

– Hã... Legal. – Liesl detestava Brian e nunca se preocupou em esconder isso. Sendo uma das poucas pessoas em minha vida que conhecia a minha história, ela era intensamente leal e estava sempre ao meu lado. Meu irmão, nem tanto. Isso automaticamente os colocava em conflito.

– Que comentário mais desagradável. Foi legal, sim. Eu fiz um monte de coisas que nunca tinha feito antes: passeios a cavalo, escalada em montanhas. Toneladas de tratamentos no spa; sintam a minha pele! – Estendi minha mão para ela sentir. – Minhas mãos nunca estiveram tão macias.

– Você não está brincando. Macias como um bebê.

– E foi bom para mim. De verdade. Era exatamente do que eu precisava. Relaxante, e ainda me manteve ocupada.

– Uau. Um ponto para Brian. Talvez ele finalmente esteja crescendo. – A voz de Liesl suavizou-se. – E como foram os seus dias fora do spa?

Horríveis. Os cinco dias no spa tinham sido perfeitos, mas, depois que a viagem acabou, tive que voltar para a minha vida real, o que significava um apartamento vazio e uma mente que se recusava a parar de trabalhar. – Estou feliz por estar de volta, se é isso o que você está perguntando. E eu acho que tenho quatro ou cinco pastas com novas ideias para a casa noturna.

Ela riu.

– Bem, pelo menos essa obsessão é saudável.

Eu sorri timidamente em resposta.

– É... Mais ou menos saudável... – procurei pela vodca Skyy que, segundo o meu relatório, deveria estar na prateleira e tiquei o papel quando a encontrei. Havia alguns benefícios ter uma mente ativa. Eu sempre mantive os estoques perfeitos e as minhas apresentações impecáveis. Era nas relações com as pessoas, homens, mais precisamente, que a minha obsessão tinha suas desvantagens.

Encostei-me contra o balcão e verifiquei meu relógio. Quinze minutos até a abertura da casa. Isso significava mais quinze minutos antes que as luzes se apagassem e entrássemos no modo de boate. O ambiente com todas as luzes acesas fazia sentir-me vulnerável, desnuda e deslocada. Até mesmo a personalidade atrevida e fofoqueira de Liesl era silenciada, como se alguém tivesse diminuído o seu volume. Nós nunca teríamos essa conversa no modo de boate.

Meus olhos vagaram pelo bar, demorando-se no local em que o sujeito engravatado havia se sentado na última vez em que eu estivera aqui. Não era a primeira vez que pensava nele desde aquela noite. O homem sabia o meu nome. Como? Ele teria ouvido por acaso? Mas não o meu sobrenome. Deve ter perguntado a alguém, embora eu não o tivesse visto conversando com ninguém. Pode ter sido antes de eu anotar seu pedido... Até então não tinha prestado atenção nele. Talvez alguém lhe tivesse dito.

– E aí, em que você está pensando? – Liesl cortou os meus pensamentos imitando a minha posição, apoiando-se no balcão.

Dei de ombros. Ela enlouqueceria se eu lhe contasse que um cara qualquer sabia o meu nome, pois iria presumir que a minha segurança estava em risco. Eu, por outro lado, tinha uma empatia perceptível por pessoas que mostravam a necessidade de reunir mais informações do

que deveriam. E não estava a fim de um sermão sobre pretensos perseguidores. Eu sabia tudo sobre perseguição.

Mas era perfeitamente possível contar a ela outras coisas sobre o estranho misterioso.

– Na última vez em que trabalhei no bar, um cara... – parei, lembrando-me do quanto o sujeito engravatado tinha sido magneticamente atraente. – Um cara incrivelmente sexy me deu uma nota de cem dólares por três dedos de Macallan. E me disse para ficar com o troco.

– Ele queria que você o chupasse depois do seu turno?

– Não. Achei que fosse isso o que ele queria, mas... – O que ele queria? Ele parecia mesmo tão a fim de mim, ou eu tinha imaginado isso, influenciada pelo meu próprio desejo intenso por ele? – ... Não sei. Ele saiu sem tentar nada. – Na verdade, quis assustá-lo, mas essa não parecia ter sido a razão pela qual ele fora embora. – Foi... Estranho.

– Hum... Material para a masturbação da meia-noite?

– Nunca vou lhe contar.

– Nem precisa. Seu rosto diz tudo.

Durante a semana passada, aquele homem tinha de fato penetrado meus pensamentos vestindo decididamente bem menos do que quando eu o tinha visto no bar. E, embora as fantasias sexuais fossem uma coisa bastante inocente para a maioria das pessoas, pensar tanto sobre qualquer cara nunca fora uma coisa boa para mim, e Liesl sabia disso. Mas eu não precisava do sermão dela. Contanto que não o visse de novo, e as chances eram pequenas de que isso acontecesse, eu ficaria bem.

Fui arrumar as coisas sobre o balcão, coisas que nem precisavam ser arrumadas, e mudei de assunto.

– Então, sobre o novo proprietário... Você já o conheceu? Como ele é?

Liesl deu de ombros.

– Ele é... Legal. Mais jovem do que você imaginaria. Tem 27, 28 anos. Rico para cacete. Ele é louco por limpeza, no entanto. Nós o estamos chamando do Nazista do Bar. Ele inspeciona tudo passando o dedo sobre os balcões para se certificar de que estejam limpos, tipo, como se tivesse TOC ou algo assim. Ah, e por falar em material de masturbação, ele é incrivelmente gostoso.

Liesl achava que qualquer um com uma carteira recheada, e que ainda tivesse cabelos, era gostoso, então sua avaliação não era de se levar muito em conta. Mas a observação sobre o Nazista do Bar me fez sorrir. A equipe tinha sido negligente sobre os padrões de limpeza durante algum tempo e não faria mal se fosse tratada de forma severa de vez em quando. Pelo menos, isso é o que eu diria se fosse uma gerente. Então essa notícia me deu esperanças de que o novo proprietário e eu poderíamos conviver bem.

Fiquei ruminando sobre o homem que finalmente cobriu o preço exorbitante pedido pela boate. Não que o Sky Launch não valesse tal preço, mas é que ele precisava de uma bela história para que pudesse se destacar no mar de casas noturnas de Nova York. Será que o novo proprietário veria o potencial do lugar? O quanto ele era do tipo de pôr a mão na massa? Ele deixaria o negócio sob o controle de David?

– Você vai encontrá-lo hoje à noite. – Liesl roçou o *piercing* que passava através de seu lábio inferior. – Parece que ele é muita coisa no

mundo dos negócios. Você provavelmente já ouviu falar dele: Houston Piers ou algo assim.

Meu queixo caiu.

– Você quer dizer Hudson Pierce? – Eu esperei enquanto ela assentia com a cabeça. – Liesl, Hudson Pierce é só o homem de negócios mais bem-sucedido com menos de 30 anos nos Estados Unidos. Ele é como um deus nesse mundo. – Hudson tinha nascido na riqueza, tendo os modernos Rockefeller como seus pais. Ele era o primogênito e tinha ampliado a fortuna da família em dez vezes. Enquanto estudava administração na faculdade, eu tinha ficado intrigada com vários de seus negócios.

– Você sabe que não gosto dessa besteira de “Quem é Quem” no mundo dos negócios. – Liesl endireitou-se em seus quase um metro e oitenta de altura e mais oito centímetros do salto alto. – Mas eu não ficaria surpresa se ele estivesse na lista dos “Dez Mais”, tipo os mais-lindos-e-sexys-e-gostosos-do-mundo.

Mordi o lábio, tentando evocar uma imagem dele na minha cabeça. Eu provavelmente tinha visto uma foto desse Hudson Pierce em algum lugar, mas não conseguia me lembrar de como ele era, por mais que me esforçasse. Porque geralmente não prestava atenção a essas coisas. Mas alguma coisa estava cutucando o meu cérebro, algo que eu não conseguia entender. Era uma conexão que minha mente não estava conseguindo fazer.

– Seja como for... – disse Liesl, encostando-se ao balcão – ... acho que ele está por perto. Eu o vi entrando nos escritórios mais cedo, quando você estava pegando guardanapos na despensa.

Assenti, um pouco incerta sobre estar de fato empolgada em conhecer Hudson Pierce. Parte de mim queria adular esse homem, por

causa de uma ou duas de suas mais famosas decisões corporativas. E jogar ideias para cima dele até que poderia ser emocionante.

Ou aterrorizante, pensando bem. E se eu não tivesse nada para sugerir que ele já não tivesse pensado antes? Hudson Pierce não precisava de minhas ideias capengas para ajudá-lo a fazer a boate prosperar.

A menos que ele não estivesse planejando envolver-se com o negócio.

Mas, então, por que ele compraria a casa noturna se não tivesse a intenção de se envolver? Neste caso...

Droga. Antes que minhas visões do futuro que eu desejava explodissem em um “puf!” na minha imaginação hiperativa, eu precisava conhecer Pierce e sondá-lo, quer ficasse intimidada diante dele ou não.

Respirei fundo de modo imperceptível várias vezes, e, em seguida, concentrei-me em checar o estoque do bar. Fazendo isso, comecei a dançar distraidamente a música tecno que vinha do sistema de som, esquecendo-me de minhas preocupações.

A música não estava no volume normal, e podia-se conversar confortavelmente sem ter que levantar a voz, mas estava alta o suficiente para que eu não ouvisse a porta do escritório ser aberta, à esquerda do bar. Foi por isso que não notei Hudson imediatamente. Minhas costas estavam voltadas para ele e meu olhar, fixo mais acima, enquanto alcançava a garrafa de tequila Gold na prateleira superior do bar. Mesmo depois de eu ter conseguido pegar a garrafa e me virado, meus olhos encontraram primeiro o rosto de David. Ele me esquadrinhou da cabeça aos pés e eu sorri, satisfeita com meu espartilho bem justo que não tinha passado despercebido. David era a

razão pela qual eu tinha vestido aquela maldita coisa. Mal conseguia respirar, de tão apertada. Mas, pelo olhar abrasador que ele me deu, valeu a pena, porque me aqueceu, fazendo esquentar em fogo baixo o meu departamento de tesão.

Foi então que encontrei o olhar de Hudson e duas coisas aconteceram simultaneamente. Primeiro, minha excitação foi à plena fervura. Segundo, o meu cérebro finalmente fez a tal conexão que tinha escapado antes. Hudson Pierce era o executivo de terno.

Sem querer, fui eu que esquadrinhei seu corpo. A visão inteira desse homem era ainda mais sexy, especialmente debaixo de melhor iluminação. Ele estava de terno de novo, um cinza-claro, que quase enxerguei como prateado. Vestia aquele corpo esguio de uma maneira tão sexual que parecia obsceno olhar para ele.

Quando os meus olhos subiram para o rosto de Hudson, com sua mandíbula forte ainda mais pronunciada do que eu me lembrava implorando para ser lambida, beijada e mordiscada, descobri que ele estava me avaliando também. O conhecimento disto fez meu rosto já quente corar ainda mais. Embora seu olhar não fosse tão intenso como tinha sido quando eu o conheci, sua atração continuava tão forte quanto daquela vez, e eu sabia, absoluta e inequivocamente eu sabia, que ele me desejava tanto quanto eu o desejava.

David falou primeiro, e suas palavras vieram até mim passando através de uma névoa, mal sendo registradas.

– Esta é Laynie. – Eu suspeitava de que seus olhos não tivessem se desviado de meus seios. – Hã, quero dizer, Alayna Withers – Normalmente, eu estaria em êxtase pelo fato de deixá-lo tão atrapalhado e ter notado sua calça visivelmente esticada na virilha,

mas eu me sentia atraída pelo novo proprietário. Mais precisamente pelo modo insano como ele me afetava.

– Hudson Pierce.

O murmúrio baixo e suave de Hudson me fez apertar as minhas coxas, minha calcinha ficando molhada. E, se pensei que esse homem tinha me reivindicado com os olhos naquela noite em que nos conhecemos, o choque elétrico que passou pelo meu corpo enquanto ele apertava a minha mão aprofundou a sua posse. Quase como se fosse uma algema invisível chegando para me ligar a ele permanentemente.

– Prazer em conhecê-la propriamente, srta. Withers.

– Alayna – eu o corrigi, surpresa com o tom baixo e dolorido de minha voz. – Ou Laynie.

Hudson largou a minha mão, mas seu toque permaneceu na minha pele, em minhas veias.

As peças então começaram a se encaixar. Foi assim que ele tinha sabido o meu nome. Ele provavelmente tinha vindo naquela noite para verificar sua futura equipe. Mas isso não explicava seu olhar possessivo. Talvez Hudson fosse do tipo de cara que pensava nas mulheres como sendo objetos. Talvez esse homem levasse a definição de proprietário para outro nível. O pensamento fez a minha pele arrepiar.

E, por baixo disso tudo, o pânico penetrou em minhas entranhas.

Eu não podia ficar obcecada pelo meu chefe, o figurão, o cara que iria determinar o meu destino no emprego. Viajar sobre ele acabaria terminando em consequências graves.

Coloquei a mão levemente sobre a minha barriga, estimulando uma respiração diafragmática profunda, para acalmar a minha

ansiedade crescente.

Hudson inclinou a cabeça e me estudou.

– Já ouvi muitas coisas sobre você. E testemunhei o seu trabalho. – Ele fez uma pausa, movendo o olhar para cima e para baixo do meu corpo mais uma vez, queimando minha pele enquanto fazia isso. – Mas nada do que ouvi, ou vi, me preparou para encontrá-la hoje usando esses trajes.

A cor desapareceu do meu rosto. Eu não tinha certeza de onde ele estava querendo chegar com essa declaração, mas, pelo seu tom de voz, senti-me repreendida.

– Hã... Perdão?

– Na minha concepção, uma pessoa que tivesse conseguido o MBA na Stern e estivesse planejando fazer carreira em gestão de negócios estaria mais adequadamente vestida.

Tão rapidamente quanto empalideci antes, agora eu corava, tão envergonhada quanto furiosa. Claro que o meu top era revelador, mas ele não pareceu se importar com isso quando me cobiçou apenas um momento antes.

Ou talvez aquele olhar cobiçoso tivesse sido apenas uma ilusão de minha parte.

Merda. Então eu tinha imaginado tudo, não tinha? Todo aquele negócio de ele estar me desejando, Deus... Como pude ler esse homem de forma tão errada?

Mas, mesmo com meu erro, eu não poderia receber a sua crítica sem responder. Quer Hudson fosse dono de outras casas noturnas ou não, e isso era uma coisa de que eu não tinha ideia, ele certamente estava errado sobre qual traje seria aceitável num ambiente como este.

Garotas atraentes eram o que se esperava numa casa noturna, elas atraíam clientes.

– O que eu estou usando é bastante apropriado para uma funcionária de uma casa noturna.

– Não para alguém que está buscando ser gerente.

– Sim, mesmo gerentes. Sexo vende, sr. Pierce.

– Não em uma casa noturna de elite. Não no tipo de casa noturna que pretendo abrir. – Seu tom autoritário ressoou pela minha cabeça, mas, depois, ele diminuiu o volume e suas palavras ecoaram através dos meus ossos. – Você deve saber que as mulheres sofrem dificuldades no mundo dos negócios. Por isso, deveria trabalhar para ser levada a sério, Alayna. Vista-se de modo sexy, e não como uma piranha.

Apertei minha mandíbula. Normalmente, sou do tipo que argumenta bem além do ponto de ganhar ou perder a discussão, inclusive tive vários debates acalorados em mais de uma das minhas aulas de pós-graduação, mas agora eu me via perturbada e sem palavras. Hudson estava certo. Eu tinha ideias para a nossa casa noturna, ideias que pressupunham que as pessoas confiassem no meu tino comercial. Tinha aprendido na Stern aquilo que era preciso para impressionar as pessoas e, pelo menos um ponto a meu favor, tinha hesitado muito quando comprei o espartilho, perguntando-me se o decote que revelava tudo desde o sulco entre meus seios até meu umbigo não era revelador demais. As palavras dele validaram esse medo.

Pior ainda, percebi que aquilo que eu pensara ser desejo era algo muito diferente. Ele não estava me reivindicando, ele estava me julgando.

Meu estômago embrulhou. Lá se fora qualquer chance de promoção. Como eu pude ser tão estúpida? Vestir-me para um cara em vez de preocupar-me com minha carreira? Estúpida, estúpida, estúpida!

Eu olhei para David e descobri que ele estava igualmente petrificado pela nossa conversa.

– Hum, sim, Laynie – disse ele, tentando se recuperar do choque. – Isso é... Hã... Novo?

Não importava o que David estava dizendo. O brilho em seus olhos confirmou que ele tinha gostado da minha roupa. Mas, agora, estava com seu novo chefe. Ele tinha que se manter profissional.

E, sinceramente, eu me importava mais com a opinião de Hudson, no momento, do que com a de David. Ele era da categoria um de atração, afinal de contas. O tipo de cara em quem eu não investiria do ponto de vista emocional. Hudson, por outro lado, era um cara...

Não, eu não ia pensar nele desse jeito.

Passei a língua em meus lábios ressecados.

– Sim, é novo. – Esperava não soar tão envergonhada quanto eu me sentia. – Peço desculpas. Eu calculei mal.

E também meio que odiei Hudson Pierce. Muito embora ele estivesse com a razão. Ele era um idiota com aqueles olhos passando pelo meu corpo, exatamente como todos os outros ternos que eu já tinha conhecido.

– Eu tenho um pulôver de renda no meu armário – ofereceu Liesl. – Isso deve domar você...

– Obrigada, vou aceitar.

Liesl sussurrou em meu ouvido, enquanto passava por mim em direção à sala de descanso dos funcionários:

– Só que, se você me perguntar, você está ótima!

– Agora que isso está sendo resolvido... – Hudson voltou sua atenção para David. – Mudei de ideia sobre retornar neste fim de semana. – David relaxou visivelmente com essa informação. Mas a declaração seguinte o fez ficar rígido novamente. – Estarei de volta amanhã. Não posso chegar antes das nove. Você pode separar um tempo para mim na agenda?

Fiquei mexendo nos porta-guardanapos, embora já os tivesse abastecido, sem saber muito bem se deveria fazer parte da conversa ou se deveria voltar para os meus deveres.

– Claro – respondeu David, muito embora esse fosse o horário em que a boate abria e não era de fato um momento conveniente para se fazer uma reunião.

– Ótimo. – Hudson virou-se para mim e eu congelei no meio da arrumação do porta-guardanapos. – Alayna, você vai estar aqui também.

Ainda perturbada pelo meu erro desastroso, eu não estava ansiosa para aceitar o convite, ou, melhor dizendo, a ordem. Mas eu teria que superar esse meu começo difícil se pretendesse continuar a trabalhar com ele.

Sem nem mesmo saber se o novo patrão esperava uma resposta, dei uma, de qualquer maneira:

– Sim, senhor.

Hudson estreitou os olhos, portanto eu não pude ter certeza, mas eles pareceram ter dilatado. Ele me examinou como se decidisse alguma coisa, tipo despedir-me, talvez, ou me dar outra chance. Depois de alguns segundos dolorosos, ele simplesmente assentiu.

– Amanhã. – Então, virou-se para ir embora.

David e eu observamos em silêncio enquanto Hudson caminhava em direção às portas da casa noturna. Ao menos eu fiquei observando, distraída demais pelo vislumbre de seu traseiro rijo sob a parte inferior de seu paletó para notar o que David estava fazendo. Droga, Hudson parecia tão lindo por trás como pela frente. Se ele ia passar tanto tempo na boate, eu ia ter que começar a usar absorventes todas as noites...

No minuto em que o lindo traseiro de Hudson desapareceu na entrada da boate, David deu um suspiro, lembrando-me de sua presença.

Eu olhei para ele, com os olhos arregalados.

– Que porra foi essa?

David riu.

– Não tenho ideia. Eu só me encontrei com o Pierce uma vez antes de hoje, e nós não falamos de muita coisa além de eu explicar como trabalhamos atualmente. Mas que ele é estranho, isso é...

– Bem, o que você esperava, crescendo com toda aquela riqueza e pressão para ter sucesso? – Mas a troco de que eu o estava defendendo? Aquele homem tinha me feito sentir ansiosa, intimidada e humilhada. E um pouco excitada. Ah! Com um tesão no ponto máximo. Eu nem mesmo seria capaz de reconhecer a fixação que eu sabia que teria por ele se não conseguisse me colocar sob controle.

Respirei fundo, esperando desatar o estranho nó que se formara em meu estômago só de pensar em Hudson.

– Nem sei o que estou dizendo. Eu acho que nós teremos apenas que esperar para ver.

– Não se preocupe, Laynie.

Lembrando-me de que ele era aquele cara com quem eu estava meio que namorando, concentrei-me nos olhos azuis de David, tentando recapturar a certeza de que ele era perfeito para mim.

Interpretando, erroneamente, que a minha ansiedade estava relacionada com meu emprego, ele continuou:

– Pierce tem muitas outras propriedades de muito mais valor e que lhe dão mais grana. Ele não vai querer gastar muito de seu tempo na boate. Tenho certeza de que ele vai deixar as coisas funcionarem muito bem como estão, talvez com alguns pequenos retoques. E, assim que eu tiver como colocar as coisas do jeito que penso, você vai ter um papel mais significativo por aqui.

David sorriu, mais para os meus seios do que para o meu rosto.

– Quer ficar e me ajudar a fechar esta noite?

A sua brincalhona mudança de atitude forneceu a garantia de que eu precisava.

– Eu estava contando com isso.

Às quatro horas da madrugada, a casa noturna encerrou a noite, e David e eu trabalhamos com rapidez e eficiência, dividindo as funções gerenciais entre nós. Quando todos os caixas tinham sido fechados e o dinheiro colocado no cofre, ele liberou o resto do pessoal e se sentou a sua mesa para terminar os relatórios. Eu me empoleirei na mesa e balancei as pernas enquanto o observava trabalhando.

David olhou para mim e sorriu antes de voltar ao seu monitor.

– Graças a Deus que você estava atrás do balcão mais cedo. Quem sabe o que mais Hudson teria dito sobre a sua roupa se ele tivesse visto essa calça?

Eu olhei para a calça preta colante que estava bem apertada. Essa calça fazia eu me sentir sexy e isso me fez pensar na expressão sombria de Hudson, quando ele colocou os olhos em mim. Uma expressão que, então, eu tinha me convencido de ter imaginado.

– Legal. Agora você está me dizendo que eu tenho que jogar fora isto também?

– Bem, só acho que não devia usar essa calça enquanto estiver trabalhando. – Ele se levantou para que pudesse chegar até a impressora no canto da mesa atrás de mim. – E só para deixar registrado... – continuou, enquanto seu braço roçava a minha cintura. – Eu não desaprovo essa roupa nem um pouco.

Bem, de minha parte, tinha vontade de queimar tudo. Essa roupa só tinha me causado problemas durante a noite toda, com todos aqueles clientes bêbados achando que podiam me tocar e dizer coisas para mim que, de outra forma, não diriam.

Mas eu tinha vestido isto para David, para quando ficássemos sozinhos. Era isso.

Coloquei um sorriso falso no rosto.

– Pena que a sua opinião não é a que importa.

David inclinou-se para perto.

– Minha opinião não importa?

– Na verdade... – disse, agarrando sua jaqueta pelas lapelas. – Sua opinião importa muito.

A voz dele ficou mais baixa.

– Então, eu acho que você está gostosa demais.

David cobriu a minha boca com a dele, mergulhando sua língua dentro de mim. Passei meus braços em volta do seu pescoço e lancei minha língua entre seus lábios. A excitação, que tinha sido provocada

pelo olhar ardente de Hudson Pierce horas antes, tinha permanecido a distância ao longo da noite. Agora, ela voltara com força total com o beijo de David.

Desci minhas mãos pelo seu peito e para baixo, em direção à sua calça. Mas, quando comecei a mexer na fivela do cinto, ele se afastou.

Abri os olhos e fiquei encarando-o. Por um momento, esperei ver os olhos cinzentos de Hudson olhando para mim em vez dos olhos azuis maçantes de David. O que havia de errado comigo? Cara, aquele Hudson sabia como mexer com a mente de uma garota.

David acariciou meu ombro.

– Precisamos parar com isso, Laynie.

Eu pisquei.

– O que você quer dizer? Por quê?

– Veja, eu gosto de você. Eu realmente gosto de você. Mas... –

David parecia estar lutando consigo mesmo. Ele deixou cair o braço do meu ombro. – Sabe, se você está falando sério sobre conseguir um cargo de gerente, então você acha, de verdade, que a gente devia ficar se amassando por aí? O que isso iria parecer? Eu tenho certeza de que Pierce não aprovaria.

Eu não tinha pensado naquilo dessa forma. Em minhas fantasias, David Lindt e Alayna Withers-Lindt gerenciavam o Sky Launch como um casal conduzindo a casa noturna para um novo caminho de sucesso inacreditável. A fantasia nunca tinha incluído a parte em que o restante dos funcionários e o dono do clube me acusavam de transar para chegar ao topo.

– Mas a gente podia... manter isso em segredo – retruquei baixinho, sem vontade de abrir mão de uma parte vital do meu sonho. Sem querer perder a minha rede de segurança.

– Não precisa ser para sempre. Só por enquanto, especialmente quando não sei quais são os planos de Pierce para mim, ou para a boate. Eu acho que nós precisamos dar uma pausa.

– Claro...

E forcei um sorriso. Eu não queria que ele percebesse a extensão da minha decepção. Nós nem estávamos namorando. Nós mal ficávamos de amassos pela boate... Por que então me sentia tão arrasada?

Refleti sobre o que tinha me atraído em David em primeiro lugar. Ele não era o cara mais inteligente que eu conhecia, e nem o mais gostoso. Eu nem sequer o conhecia muito bem. E não era como se eu não tivesse outras opções. Sabia que era uma garota atraente trabalhando numa boate e tinha muitas oportunidades de transar, se quisesse. Oportunidades gostosas. Não com alguém tão gostoso como Hudson Pierce, mas havia um pessoal gostoso, ainda assim.

Balancei a cabeça enquanto pulava da mesa de David. Por que meus pensamentos continuavam me levando de volta para Hudson? Mesmo no meio de uma espécie de separação do cara com quem estava quase namorando, eu estava pensando nele. E Hudson era exatamente o tipo de cara em quem eu não deveria estar pensando. De jeito nenhum. Nunca. Não se eu quisesse manter aquele mínimo de controle que tinha conseguido estabelecer nos últimos anos.

– Você está bem, Laynie? – A voz de David me trouxe de volta ao constrangimento atual.

Merda. Andei tão certa e segura sobre um relacionamento com David que tinha até imaginado nós dois enviando cartões de Natal juntos. Tudo bem, talvez eu tivesse ficado obcecada por ele mais do que queria admitir, mas não tão intensamente a ponto de me descabelar porque estávamos... hã... terminando essa espécie de

namoro. A grande merda de toda essa situação era que, agora, eu não tinha um cara confiável para me esconder atrás. Agora eu estava vulnerável para notar outros homens não tão confiáveis. Homens como Hudson.

Ah, Deus, seria isto o início de um surto obsessivo?

Não, eu ficaria bem. Eu tinha que me concentrar na minha promoção. Eu era mais forte do que isso.

– Sim, estou bem. Se já estiver terminando, eu vou trocar de roupa.

David assentiu. Eu corri para a sala de descanso do pessoal, do outro lado do saguão. Tirando o meu espartilho e aquela calça apertada, vesti um moletom e um top esportivo e coloquei a roupa problemática na mochila. Como não havia uma linha direta de metrô de Columbus Circle até o meu apartamento, no cruzamento das ruas Lexington e a 50, eu costumava correr até lá. Às vezes, depois de um turno mais estafante, eu pegava um ônibus ou um táxi, mas, com todos os fatores estressantes da noite de hoje, sabia que precisava de exercício para direcionar minha mente.

Quinze minutos mais tarde, estava na calçada, inspirando o ar fresco da manhã com os corredores matinais de Nova York. Eu amava o sentimento de união que isso me dava, embora a maioria dos corredores estivesse começando o dia, e não acabando, como eu.

Rapidamente entrei no meu ritmo, correndo ao longo do perímetro sul do Central Park, mas o ritmo constante do meu corpo não estava sendo suficiente para abafar os pensamentos sobre David e sobre o meu futuro no Sky Launch. E nem para abafar meus pensamentos sobre o novo e lindo proprietário que tinha exigido que eu o encontrasse mais tarde, naquela noite. A preocupação apareceu

novamente. Hudson estava planejando me despedir? Era isso, ou eu ainda tinha uma chance de promoção?

De uma coisa eu tinha certeza: seria muito mais cuidadosa sobre a minha escolha de guarda-roupa no futuro.

Peguei um táxi até a boate naquela noite, o que foi um erro. Um tráfego incomum me fez chegar três minutos depois das nove. Eu corri em direção ao escritório, mas fui parada no bar do andar de cima por Liesl.

– David e o novo proprietário gostoso já estão lá dentro – disse ela, falando alto por sobre a música que saía do sistema de som e brincando com uma mecha de cabelo roxo. – Hudson me disse para mandar você esperar aqui. Ele vai avisá-la quando precisar de você.

– Merda! Não estou tão atrasada assim, estou?

– Não, eles foram para lá dez minutos atrás. Eles não têm ideia de a que horas você chegou aqui.

Então relaxei, dando graças porque minha exclusão da reunião não foi motivada pelo meu atraso. Eu pulei no banquinho de bar mais próximo do escritório e coloquei a minha bolsa no chão, aos meus pés.

– Um minuto, Laynie – Liesl disse, dando a volta no balcão e saindo detrás do bar. – Deixe-me vê-la.

Fiquei em pé novamente e virei-me, exibindo o meu vestido justíssimo que apertava o meu corpo. Eu o escolhi porque a cor branca do top dava um estilo de executiva, embora a saia preta apertada dissesse “boate” em vez de “secretária”.

– Caraca, garota, você está bem! – A confirmação de Liesl me acalmou mais do que ela poderia imaginar. Ou talvez ela soubesse. Ela era uma boa amiga.

– Obrigada. Eu precisava disso. Especialmente depois do sr. Desaprovação da noite passada.

– Ele, agora, é conhecido como o Nazista do Bar e do Guarda-roupa.

Ri e pulei de volta para o meu banquinho. O mesmo banquinho em que Hudson tinha se sentado na primeira vez em que o vi.

– Ei, sabia que ele é o tal executivo sobre quem comentei com você aquele dia, o cara que me deu a nota de cem?

– Não brinca!

– Não estou brincando. Você acha que ele quer que eu faça um boquete nele para conseguir a promoção?

– E seria tão ruim assim, se ele quisesse?

– Sim. Seria completamente e maravilhosamente horrível. – O pior é que achei horrível que essa ideia não parecesse tão ruim...

Enquanto eu tentava esvaziar da mente a imagem do boquete em Hudson, examinei a boate. O lugar estava vazio, mesmo para uma noite de quarta-feira. Do bar, eu tinha uma visão completa das dez bolhas que circulavam o perímetro do nível superior. Essas bolhas eram o destaque do Sky Launch. Cada uma delas tinha uma parede de vidro com vista para a pista de dança, no piso inferior, e tinha acesso privado, assim como os camarotes em um estádio. Todas tinham assentos curvos em torno de uma mesa e podiam acomodar confortavelmente oito pessoas. As bolhas ofereciam uma área relativamente tranquila e discreta, e eram uma parte muito importante da boate. Quando as luzes de ocupado se acendiam, a parte exterior das bolhas brilhava na cor vermelha. Apenas duas delas estavam iluminadas. Uma pena. Se a casa noturna tivesse o tipo de notoriedade

que poderia ter, esses camarotes se encheriam nos primeiros dez minutos depois que a boate abrisse.

– Deus, espero que isso melhore – disse Liesl, curvando seu tronco sobre o balcão, ao meu lado. – Eu não consigo aguentar um turno completo nesse ritmo. É tão chato!

– Espero a mesma coisa. – Nós já deveríamos estar lotando com a multidão de verão, a esta altura. A falta de movimento me fez sentir mais confiante ainda sobre minhas ideias para a boate. Não conseguia ficar parada no banquinho, estava ansiosa para entrar no escritório e compartilhá-las com os meus chefes.

– O que você fez hoje? – perguntou Liesl.

– Trabalhei em uma apresentação de PowerPoint durante toda a manhã. E desmoronei às duas horas.

Liesl estreitou os olhos.

– Você precisa dormir mais do que isso, Laynie.

– Não. Cinco horas é o bastante. – Na verdade, eu me sentia muito bem. O ato de reunir o melhor de minhas sugestões para o Sky Launch em uma apresentação tinha sido muito terapêutico, aliviando as minhas preocupações sobre o meu futuro no emprego. Hudson não poderia me demitir depois que ele visse quanto tempo e esforço eu tinha dedicado ao negócio, não é? Principalmente se as minhas ideias fossem boas, e eu sabia que eram.

Puxei meu celular do bojo do meu sutiã, onde eu o colocara... Afinal, meu vestido colado na pele não tinha bolsos. Olhei para o relógio. Eram quase 21:30. Quanto tempo eles me deixariam esperando?

Ambos saíram minutos depois. Levantei-me do banco, alisando meu vestido, no momento em que os vi, e olhei para Hudson, ansiosa

por um sinal de aprovação.

Mas a expressão que me encontrou tirou o meu fôlego, uma expressão de total poder e dominação masculina. Mesmo no escuro, eu pude ver seus olhos enquanto eles percorreram meu corpo, da maneira como faziam toda vez que nos víamos. Novamente, eu me senti reivindicada por seu magnetismo irresistível, meu coração disparou apenas com a visão daquele homem. Minhas pernas viraram geleia e meus joelhos se dobraram, inclinando-me para frente.

Diretamente para seus braços.

Ele me pegou com uma facilidade graciosa que contradizia o corpo sólido que me segurou firmemente. Minhas mãos apertaram sua camisa... Mas como as mãos entraram sob o paletó? Resisti à tentação de fazê-las correr por cima dos peitorais firmes que senti.

Hudson confundiu o meu movimento, parecendo pensar que eu estava à procura de mais estabilidade.

– Alayna. – A voz dele fluiu em cima de mim como sexo líquido. – Eu peguei você.

“Eu peguei você.” Cara, pegou mesmo...

– Laynie, você está bem? – David olhou para mim por cima do ombro de Hudson. Ele tinha que perguntar? Ele não podia ver que eu estava me afogando em tesão?

– Estou... – consegui dizer. – Eu... Hã... Sapatos novos.

Hudson olhou para as minhas sandálias de tiras de *strass*.

– São bonitos. – A voz dele saiu tão profunda que ressoou, e minha barriga se contraiu com o som.

– Er... Obrigada...

Eu estava sem fôlego. E envergonhada, quando percebi que ainda estava nos braços de Hudson. Soltei minhas mãos e me afastei,

endireitando o corpo.

– Desculpe por termos feito você esperar. – As mãos de Hudson permaneceram em mim até que ele percebesse que eu estava firme. – Tinha algumas coisas a discutir com David em particular.

– Sem problema. – Eu ainda sentia o calor das suas mãos na minha pele nua. Para distrair minha mente, mergulhei na discussão de minhas ideias para o negócio. – Tenho algumas ideias que eu gostaria de compartilhar sobre a boate. Eu as coloquei em uma apresentação. E trouxe o meu laptop.

Os lábios de Hudson curvaram-se num indício de divertimento.

– Que solícita. Marque uma hora com David. Tenho certeza de que ele está muito interessado.

“Que solícita.” Como se eu tivesse feito algo fofo. Algo que apenas os meninos crescidos fariam. Que porra de cara paternalista.

Meu coração despencou. Mas eu realmente não deveria ter ficado tão decepcionada. Na verdade, eu não tinha sido convidada a preparar coisa alguma. Isso tinha sido fruto de minha hiperconcentração. E, pensando bem, eu nem sabia por que tinha sido convidada para a reunião. Especialmente agora que ela aparentemente tinha acabado e eu nem mesmo tinha estado presente.

– Que tal amanhã, Laynie? – sugeriu David. – Você vai abrir a casa, de qualquer maneira. Por que não vem mais cedo? Será que chegar às 18:30 lhe dará tempo suficiente para fazer sua apresentação?

– Sim. Vou deixar meu laptop aqui, se você não se importar. – E me abaixei para pegar a minha bolsa, mas Hudson a alcançou antes de mim.

Ele a entregou a David.

– David, você poderia guardar isso no escritório? Eu preciso comer alguma coisa. Alayna vai se juntar a mim. Reservei uma das bolhas. – Seus olhos se estreitaram enquanto ele inspecionava o salão vazio. – Embora não parecesse necessário fazer uma reserva.

Fiquei tensa com a última exigência de Hudson. Por que David não se juntaria a nós? Hudson planejava me despedir durante o salmão com crosta de nozes? Foi isso que eles discutiram em particular?

Ou quem sabe o interesse de Hudson em mim fosse menos sobre negócios e mais sobre prazer. Os olhares que ele tinha dado me sugeriram que fosse isso, e, depois de receber essa mesma expressão em várias outras ocasiões, percebi que não devia ter imaginado isso, como continuava tentando me convencer de que sim.

Esse era um pensamento ainda mais assustador do que ser despedida. Especialmente quando já sentia a atração da fixação. Estive tão estável durante os últimos três anos, que não podia me permitir ficar toda obsessiva com meu chefe gostoso. Isso era um desastre esperando para acontecer. Eu, definitivamente, deveria dizer não ao convite para jantar na bolha.

O problema é que eu ainda não tinha desistido da minha promoção. E, como possivelmente havia uma pequena possibilidade de que Hudson quisesse falar comigo sobre isso, tive que dizer sim para o jantar, embora a minha aprovação dificilmente parecesse necessária, pois ele estava com a mão pressionada contra minhas costas direcionando-me a uma das bolhas mais discretas, antes mesmo de eu concordar em me juntar a ele. Meu corpo ficou tenso sob seu toque, e meu estômago se contorceu em um nó que não era exatamente desagradável.

E é evidente que eu estava muito consciente dos olhos que nos seguiam. Mesmo sendo tão poucos na boate, certamente muitos deles brilharam com inveja. Sozinha na bolha com Hudson Pierce? Todas as mulheres em Manhattan deveriam estar morrendo de ciúmes. Todos diziam que coisas depravadas aconteciam nestes reservados, e eu sorri para as possibilidades.

Droga. O que diabos eu estava pensando? O cara tinha me convidado para jantar, não para ir à sua cama. Só porque eu estava louca por ele, vendo o sexo em todos os seus movimentos, não significava que isso era recíproco. E essa loucura precisava parar de uma vez por todas, mesmo que fosse recíproco.

Dentro do espaço, eu acendi a luz de ocupado por força do hábito. Normalmente, uma recepcionista teria feito isso depois de conduzir os clientes, mas, como nós meio que tínhamos ignorado toda a formalidade de ter uma recepcionista, eu mesma o fiz. E eu tinha que fazer alguma coisa com a minha energia nervosa. Continuando o trabalho, peguei o cardápio da parede e entreguei-o a Hudson, que estava em pé, esperando ao lado do sofá.

Ele segurou o cardápio e fez um gesto para que eu me sentasse.

– Por favor, sente-se.

Fazia algum tempo desde que eu estivera numa dessas bolhas em meus horários de folga, e a reversão do meu papel, combinada com a aura de “foda-me” que me rodeava ao lado de Hudson, desequilibrou-me. Eu deslizei para a almofada do sofá, agarrando a mesa para conseguir algum apoio.

Hudson continuou em pé olhando-me fixamente por alguns segundos antes de tirar o paletó cinza e pendurá-lo no gancho atrás dele. Droga. Ele era ainda mais gostoso vestido apenas em sua camisa

cinza sob medida. Mordi o interior da minha bochecha, admirando suas coxas duras esticando o tecido da calça enquanto ele se sentava. Ah, ele era tão gostoso.

Deus, eu estava em apuros.

Hudson jogou o cardápio laminado em cima da mesa sem olhar para ele.

– Eu não preciso disso. Você precisa?

– Não, obrigada, sr. Pierce. – Eu tinha memorizado o cardápio.

Além disso, não havia nenhuma maneira de eu comer na sua presença.

– Hudson – corrigiu ele.

– Não, obrigada, Hudson. – Seus olhos se arregalaram um pouco quando disse o nome dele. – Eu já comi.

– Uma bebida, então? Embora eu saiba que você trabalha até às onze horas.

Lambi meus lábios pensando mais sobre o homem sentado à minha frente do que na sede, perguntando-me o que ele tinha reservado para mim.

– Talvez um chá gelado.

– Ótimo.

Por força do hábito, estendi a mão para pressionar o botão no meio da mesa e chamar a garçonete, mas ele chegou antes de mim, e os nossos dedos colidiram. Eu me mexi para puxar a minha mão, mas ele foi mais rápido de novo, fechando-a na sua. Inalei bruscamente com a sensação de sua pele contra a minha.

– Não quis assustá-la. Eu estava admirando a sua pele macia – disse Hudson. Mas seus olhos não deixaram de fixar os meus.

– Ah.

Pensei em comentar que eu tinha estado em um spa incrível, mas, de verdade, ele se importaria com essa informação? E, além disso, era difícil falar qualquer coisa com aquela coisa que ele estava fazendo com a minha pele, incendiando-a tão profundamente com seus carinhos.

Seu telefone tocou e ele soltou a minha mão. Puxei-a para meu colo, precisando desesperadamente do calor do meu corpo, já que tinha perdido o calor dele.

– Desculpe-me – disse Hudson, tirando o telefone do bolso da calça e silenciando-o sem olhar para a tela.

– Você pode atender se precisar. – Eu poderia usar alguns minutos para juntar os meus pensamentos. Por quê? Que diabos ele queria comigo? O fato de não saber a resposta não estava apenas me matando, mas quanto mais tempo eu passasse com Hudson, mais fácil seria pensar sobre ele e seus surpreendentes olhos cinzentos. E seu corpo firme. E sua voz suave.

– Não deve existir nada importante o suficiente para interromper esta conversa.

E suas frases ainda mais suaves.

Eu abri a minha boca para dizer algo, mas fui interrompida pela abertura da porta. Sasha entrou com uma bandeja de comida e bebidas. Fiquei observando enquanto ela colocava um prato de robalo e uma garrafa de Sancerre na frente de Hudson, e um copo de chá gelado na minha frente. Hudson já devia ter feito o pedido antes, mas como ele sabia que eu ia pedir chá gelado?

O homem devia ter sentido a minha pergunta.

– Perguntei a Liesl o que você costuma beber. Se você tivesse dito que queria algo diferente, eu não pareceria tão legal neste momento.

Isso lhe valeu um sorriso. Fosse qual fosse o seu jogo, ele estava trabalhando bem por isso.

– Bem, “legal” não é bem a palavra que eu usaria para você. – Quente, ardente, vulcânico. Todas essas palavras eram muito mais apropriadas.

– Qual palavra você usaria para mim, então?

Meu rosto corou e eu adiei a resposta, tomando um gole do meu chá.

Felizmente, Sasha falou naquele momento.

– Mais alguma coisa, sr. Pierce? – Levantei minha sobrancelha. Ele a convidaria para chamá-lo de Hudson também?

– Estamos bem.

Não... Nada de chamá-lo pelo primeiro nome para Sasha. Só eu. Bem, aquilo não fez minha calcinha ficar mais molhada ainda?

A porta tinha acabado de se fechar atrás de Sasha quando Hudson perguntou novamente:

– Qual palavra você usaria para mim, Alayna?

A maneira como meu nome soava em sua voz sensual trouxe arrepios a minha pele.

– Controlado – respondi sem hesitação.

– Interessante – disse ele, dando uma mordida em seu robalo, e eu assisti, hipnotizada, como a sua boca se curvou ao redor do garfo. – Não digo que “controlado” não seja uma descrição precisa de mim. Mas eu tinha pensado, pelo olhar em seu rosto, que você iria dizer outra coisa.

Comecei a pensar em formular a pergunta que ele esperava que eu fizesse, mas não tinha certeza se gostaria de passar por aquela porta

que Hudson tinha aberto. Ele não pressionou, passando os próximos minutos comendo em silêncio.

Querendo deixá-lo comer, virei meu corpo para olhar a boate logo abaixo. Mesmo com meus olhos desviados para outro lugar, senti a presença de Hudson pairando sobre mim, como um manto. E me perguntei sobre o homem sentado à minha frente. Por que ele comprara o Sky Launch? O que ele queria de mim? E a pergunta mais intrigante: como é que eu me sentia sobre esse macho dominador que me dava ordens, me criticava e me fazia querer pular em seu colo e me esfregar contra ele como uma gatinha? Sim, ele era bonito, mas eu gostava dele? Ou era apenas mais um desses ricos pomposos por quem me sentia inexplicavelmente atraída?

– Eu sei por que você concordou em jantar comigo, Alayna.

Virei-me para encará-lo e fiquei quieta, perguntando-me aonde esse homem estava querendo chegar. Em primeiro lugar, eu não tinha realmente concordado em jantar com ele, se era isso que ele estava dizendo. Ele meio que me levara até lá. Em segundo lugar, muitas das razões pelas quais eu não tinha me negado a vir com ele seriam embaraçosas demais se ele as citasse. E eram numerosas: descobrir seus planos para a boate, conseguir uma promoção, provocar ciúmes em David. Transar com ele.

Não, essa última não. Isso não deveria estar na minha lista. Não. Deveria.

Hudson tomou um gole de vinho, em seguida limpou os lábios perfeitamente desenhados com o guardanapo.

– Tenho que ser honesto com você. Eu não tenho a intenção de ajudá-la com o seu desejo de ser gerente.

Eu me mexi no sofá sem saber se deveria relaxar ou ficar decepcionada. Por um lado, era uma razão a menos para me humilhar ao aceitar jantar com ele. Por outro lado, lá se ia a minha promoção.

– Isso não significa que você não será promovida. – Hudson tinha algum tipo de capacidade de ler mentes? Isso explicaria como ele se saía tão bem no mundo dos negócios. – David me disse que você é muito capaz e eu tenho certeza de que você conseguirá esse cargo sem a minha ajuda. Posso ser o dono do Sky Launch, mas não sou seu chefe. David é seu chefe e vai continuar a sê-lo, a menos que o negócio não prospere sob o comando dele.

Tudo bem, então. Eu poderia viver com isso. David tinha feito de tudo, mas ainda não tinha me garantido um lugar na administração. Meu plano estava de volta aos trilhos. E isto provavelmente significava que Hudson não estava pensando em dedicar muito de seu tempo aqui na boate. Devo ter suspirado de forma audível.

Ele recostou-se, esticando o braço sobre o apoio do sofá.

– Mas não a convidei aqui para discutirmos a casa noturna.

Finalmente. Engoli em seco.

– Por que você me convidou?

Um sinal de diversão cruzou o rosto de Hudson.

– Talvez eu goste de você.

Eu tremi enquanto um arrepio viajava pela minha coluna. Mas não acreditei que esse homem estivesse apenas tentando me estimular. Ele estava demorando demais para fazer sua jogada, e este não poderia ser o estilo de Hudson. Havia mais.

Eu esperava que houvesse mais. Se ele estava apenas tentando me estimular, que diabos eu poderia dizer?

Tomei um gole do meu chá gelado, desejando que fosse algo mais forte. Quando apoiei meu copo na mesa, disse:

– Talvez eu esteja saindo com alguém.

– Não, não está. Nenhum homem deixaria sua mulher usar a roupa que você usou ontem. Não em público, de qualquer maneira.

A menção da roupa que eu tinha apelidado de “problema” e a ideia de que algum homem me deixaria fazer qualquer coisa me irritaram.

– Talvez eu não goste de namorados controladores.

A boca dele se contraiu ligeiramente.

– Muito bem, Alayna. – Hudson arqueou uma sobrancelha. – Você está saindo com alguém?

É claro que eu não estava realmente saindo com alguém, droga. Olhei para o meu colo, com a minha expressão dizendo a Hudson tudo o que ele precisava saber. Por que este homem me deixava assim tão perturbada? Eu era uma mulher confiante, sabia falar direito em um dia normal... Mas não perto dele.

Endireitei o corpo no sofá tentando mostrar a aparência de algum equilíbrio.

– Esse não é o motivo pelo qual você me convidou, Hudson. Você tem um plano.

– Um plano. – Hudson fez um som que achei que era a sua versão de uma risada. – Sim, Alayna, eu tenho um plano.

E, então, em vez de compartilhar suas ideias, ele mudou de assunto.

– Eu presumo que você tenha gostado do tempo que passou no meu spa na semana passada.

Absolutamente surpresa com o que ele estava dizendo, tentei seguir por esta mudança súbita de assunto.

– Ah, eu não sabia que você era o dono do... Espere! – A ficha finalmente caiu. – O presente foi seu?

– Sim. Você se divertiu?

– De. Jeito. Nenhum. Que... – Tenho certeza de que meu queixo caiu. Na verdade, o queixo literalmente caiu.

– De jeito nenhum?

Percebendo que a minha resposta não tinha expressado o que eu queria realmente dizer, tentei novamente:

– Não, quero dizer, sim, eu me diverti, passei uns dias maravilhosos, de fato, mas de jeito nenhum você podia ter feito isso. Por que você fez isso? Você não deveria ter feito isso.

– Por que não?

Uma série de razões passou pela minha cabeça, a primeira delas era porque isso era assustador e psicótico. Mas eu já tinha sido chamada dessas duas coisas muitas vezes antes e não conseguia dizê-las assim tão facilmente para outra pessoa. Então escolhi a razão seguinte.

– Porque isso é muito caro!

– Para mim, não é.

– Mas, para mim, é! – Como era possível que Hudson não entendesse? A enormidade dessa revelação se insinuou em mim como bolhas de champanhe numa garrafa fechada. – É caríssimo! E você nem mesmo me conhece! É completamente inapropriado, pouco profissional, sem precedente e inadequado. E se eu soubesse que o presente vinha de você, nunca teria aceitado. – Isso não poderia ser apenas para poder trepar comigo. Eu poderia ter sido conquistada por

muito menos, por mais envergonhada que estivesse em admitir tal coisa.

Hudson respirou fundo, tentando ser paciente.

– Não é inadequado de modo algum. Foi simplesmente um presente. Pense nisso como uma gratificação.

Minha voz estava tensa enquanto me esforçava para impedir um grito de frustração.

– Mas não se dá presentes desse tipo para as mulheres que trabalham para você, a menos que esteja administrando um tipo totalmente diferente de boate!

– Você está exagerando, Alayna.

– Não, não estou! – E finalmente a afirmação anterior dele foi registrada. – E o que você quer dizer com gratificação? Quer dizer, como um bônus?

Vários dos meus colegas da faculdade tinham falado sobre os bônus que lhes tinham sido oferecidos quando aceitaram os cargos com pagamentos de seis dígitos, depois do MBA. Eram carros e coisas desse tipo.

– Sim, Alayna. – E Hudson jogou sua mão para o ar. – Este é o meu plano. Eu gostaria de contratá-la.

Ele não poderia ter me deixado mais abismada se tivesse me pedido para tirar a roupa para ele. Ou talvez fosse isso o que estava pedindo. Quer dizer, para o que exatamente ele queria me contratar?

– Eu já trabalho para você e estou feliz onde estou.

– Mais uma vez, eu não sinto que você trabalha para mim. Não sou seu chefe. Sou dono do estabelecimento onde você trabalha. Isso é tudo. Ficou claro?

Era uma questão semântica. Mas eu entendia o que ele estava tentando fazer: separar-se de mim e do meu trabalho no Sky Launch; então, eu concordei com a cabeça.

– Isso não afetaria seu trabalho na boate. – Hudson tirou o braço do sofá e sentou-se mais para frente. – Talvez contratar não seja o termo correto. Eu gostaria de lhe pagar para você me ajudar com um problema. Acredito que você seria perfeita para o trabalho.

Toda essa conversa fez a minha cabeça girar, mas ele tinha conseguido a minha atenção.

– Tudo bem, você ganhou. Minha curiosidade foi aguçada. Qual é o trabalho?

– Preciso de você para me ajudar a dar fim a um relacionamento.

Eu tossi, perguntando-me se tinha ouvido corretamente, mesmo sabendo que tinha.

– Como? Um relacionamento de quem?

Hudson se inclinou para trás, seus deslumbrantes olhos cinzentos piscando sob as luzes estroboscópicas.

– Meu.

Hudson bateu um longo dedo em cima da mesa à sua frente.

– Feche a boca, Alayna. Embora seja bastante adorável vê-la boquiaberta, também é muito perturbador.

Eu fechei minha boca. Um milhão de perguntas circularam pela minha mente, e foi tudo rápido demais para que qualquer uma delas pudesse tomar forma. E, em algum lugar por trás de tudo isso, registrei que ele tinha me chamado de adorável. Decidi que precisava de uma bebida, algo mais forte do que o chá gelado. Hudson deslizou a garrafa de Sancerre dele para mim, e eu a peguei, agradecida.

O vinho trouxe de volta a minha voz.

– Eu... não sabia que você estava comprometido. – Corei em seguida, lembrando-me de todos os pensamentos atrevidos que tive sobre Hudson e como eu tinha acreditado (tudo bem, como eu tinha esperado) que ele estivesse flertando comigo. Tomei outro gole de vinho.

Hudson olhou para fora da janela, talvez na esperança de esconder o tormento que atravessava seu rosto.

– Na verdade, não estou. – Ele se virou para mim, sua expressão agora reservada e sem emoção, como de costume. – Aí é que está o problema. Nem Celia nem eu estamos interessados nesse arranjo.

Isso me deixou mais relaxada, por algum motivo. Mas não ajudou muito para esclarecer as coisas.

– Então, por que simplesmente não rompe com ela?

Ele suspirou.

– Não é tão simples assim.

Dei a ele minha melhor expressão explique-para-mim-de-forma-mais-simples. Aparentemente, funcionou.

– Os pais dela são amigos dos meus há décadas. Eles têm um plano específico para a vida da filha e não aceitam a escolha dela de não se casar comigo. Se ela rompesse sem mais nem menos, eles a excluiriam emocional e financeiramente. Isso não é algo que eu deseje para a minha amiga.

Sua explicação me arrepiou. Estávamos por acaso vivendo no início do século XX, com casamentos arranjados e merdas desse tipo? Deus, as pessoas ricas tinham vidas tão estranhas... Escolhi as minhas palavras cuidadosamente, e com atenção, para não demonstrar a extensão da minha irritação.

– Sem discutir que os pais dela não deveriam estar controlando a filha adulta, os seus pais não controlam você. Ou controlam?

Os olhos de Hudson brilharam.

– Não. Ninguém me controla.

Sua resposta enfática fez meu corpo ficar excitado. Aquela voz de comando e autoridade era tão... excitante. Passei a língua em meus lábios e fiquei deliciada quando ele concentrou sua atenção nessa ação. Eu não tinha imaginado isso. Hudson estava reagindo a mim. Talvez não com tanta força como eu reagia a ele, mas aquela energia entre nós era real.

Cruzei as pernas, tentando aliviar o desejo entre elas.

– Devo estar deixando de perceber alguma coisa.

Hudson assentiu.

– Suponho que sim. – Ele pegou o Sancerre que estava na minha frente e esvaziou-o na taça, bebendo-o em um gole rápido. Saber que

tínhamos compartilhado a taça enviou outro arrepio às minhas regiões mais baixas.

– Alayna, se há alguém neste mundo que exerça algum poder sobre mim é a minha mãe. Minha mãe sabe que eu sou... incapaz... de amar. Ela se preocupa com a possibilidade de eu... acabar sozinho. Um casamento com a filha de sua melhor amiga pelo menos garantiria que isso não acontecesse. – Suas palavras foram medidas e uniformes. E, assim como acontecia todas as vezes que esse homem falava, ele me hipnotizava com sua voz.

– Minha mãe ficaria muito feliz ao me ver casando com Celia. Se a Celia estivesse disposta a desperdiçar toda a sua vida, então eu entraria de bom grado em um casamento sem amor. No entanto, eu odiaria roubar o futuro de felicidade dela, já que ela pode encontrar outra pessoa.

Eu balancei minha cabeça, confusa, acabrunhada e impressionada.

– E onde eu entro nessa história?

Ele ergueu as sobrancelhas.

– Bem, veja, se os pais de Celia acreditarem que estou apaixonado por outra mulher...

– Eles não iriam gostar que ela se casasse com um homem que estivesse apaixonado por outra pessoa.

– Exatamente. E a minha mãe ficaria tão emocionada por eu ter encontrado alguém que me faz feliz, que deixaria de se preocupar com o meu futuro.

A ideia de trair alguém que só queria que Hudson fosse feliz me incomodou. Mas eu também estava extremamente atraída pela doçura desse homem viril e forte, sentado à minha frente, e que se

preocupava o suficiente com sua mãe e sua amiga para chegar a tais medidas extremas.

Mas também enxerguei um potencial enorme para que eu me tornasse a inimiga nessa situação.

– Então, eu tenho que ser a prostituta por quem você está apaixonado.

Seus lábios se curvaram nos cantos.

– Ninguém jamais a confundiria com uma prostituta, Alayna. Mesmo quando você se veste como uma.

Esse maldito problema com roupa novamente. Eu ia queimá-la quando chegasse em casa. A menção àquilo me fez, de repente, ficar fria e defensiva. Cruzei os braços sobre o peito e recostei-me para longe de Hudson Pierce.

– Por que você não contrata uma prostituta de verdade para fazer parte de seu joguinho?

Ele sorriu.

– Minha mãe nunca acreditaria que eu me apaixonei por uma prostituta. Você, no entanto, tem qualidades especiais, qualidades que tornam a história muito crível.

Eu não queria jogar mais aquele jogo. Minha resposta seria não. Mas não consegui evitar a pergunta seguinte:

– Que tipo de qualidades?

Os olhos dele ficaram escuros e fui capturada por eles.

– Você é elegantemente bonita, Alayna, e também é extremamente inteligente.

– Ah.

Deixei cair minhas mãos no meu colo, atordoada. Ainda bem que o vinho já tinha acabado. Eu o teria detonado e ainda tinha um turno

para trabalhar.

Hudson quebrou o intenso contato visual.

– E você é morena. Todas as três qualidades a tornam o meu tipo, por assim dizer.

A ausência do seu olhar cáldo era, ao mesmo tempo, assustadora e libertadora. Eu poderia reavaliar e me manter coerente. Mas eu também queria aquilo de volta com uma ferocidade que não conseguia explicar.

– Consigo perceber a sua hesitação, Alayna, e a compreendo. Talvez este seja um bom momento para discutirmos seu pagamento. – Fiquei admirada de ver como ele conseguia passar de momentos de tanta magnitude para discutir negócios com tamanha facilidade. Eu, de minha parte, senti um tranco. Nem sequer tive tempo para me perguntar como alguém podia ser pago para fingir um romance antes que ele continuasse. – Parece que você tem uma quantidade substancial de empréstimos estudantis em aberto. Eu gostaria de livrá-la dessa dívida.

Eu ri.

– Isso é coisa demais, Hudson.

Ele não tinha nenhuma ideia de quanto dinheiro eu precisara para me manter na faculdade. Nenhuma ideia de como esses empréstimos estavam sendo um fardo pesado sobre mim agora.

– Não para mim.

– Para mim, é. – Sentei-me mais à frente, desafiando-o. – São 80 mil dólares.

– Oitenta e quatro mil e duzentos e seis dólares, para ser exato. Congelei. Como ele sabia disso?

Como normalmente fazia, Hudson respondeu à minha pergunta não formulada.

– Sou dono do banco que mantém os seus empréstimos. Eu pesquisei tudo hoje. Seria muito fácil, para mim, fazê-los ser extintos. Nenhum dinheiro de verdade trocaria de mãos, se isso faz você se sentir melhor.

– Esse pagamento seria algo extremamente generoso.

Generoso demais. E, assim como eu corria para comprar um bilhete de loteria sempre que o prêmio ficava especialmente alto, quis correr para sua oferta. Mas nada que pagasse tanto assim acabaria bem.

– Vai valer a pena, para mim, ver esse projeto bem-sucedido, Alayna.

Minha resposta era não. Eu já tinha decidido isso. Tinha que ser não. Havia um risco muito grande ao se entrar em um acordo, em qualquer tipo de acordo, com esse homem.

Mas não pude evitar querer saber mais detalhes.

– O que exatamente você quer que eu faça?

– Fingir que somos um casal. Eu convidaria você a várias reuniões nas quais minha mãe nos veria juntos. E esperaria que você se pendurasse no meu braço e se comportasse como se estivéssemos profundamente apaixonados.

– E isso é tudo? – Eu não conseguia imaginar que seria muito difícil fingir estar apaixonada por Hudson. E este era exatamente o problema com a coisa toda. Fingir estar apaixonada por alguém que já me afetava tão intensamente era um enorme gatilho para a minha obsessão.

– Sim, isso é tudo.

Os ombros dele tinham relaxado visivelmente. Ele devia estar pensando que eu o estava levando a sério, que estava de fato considerando a sua ideia ridícula e, por um instante, fiquei em dúvida se não deveria aceitar.

Engoli em seco. Por 80 mil dólares ele deveria esperar algo mais. Como Hudson não ia desembuchar mesmo, entrei no assunto com muito cuidado:

– E esse suposto relacionamento, até que ponto eu deveria desempenhar o meu... hã... papel?

– Não precisa fazer rodeios. Você está perguntando sobre sexo. – Seus olhos escureceram novamente. – Eu nunca pago por sexo, Alayna. Quando eu foder você, vai ser de graça.

Lá estava ela, a promessa que eu tanto tinha ansiado e temido. Aquela declaração cruel e rígida daquele homem fez eu me contorcer no sofá. Nunca tinha estado tão excitada e tão confusa ao mesmo tempo. Nós estávamos no trabalho, pelo amor de Deus! Eu tinha que começar o meu turno em menos de meia hora, e tudo que podia pensar em fazer, agora, era responder às suas cruas observações com um comportamento igualmente impertinente.

Não sei bem como, mas forcei minha boca a falar.

– Talvez seja hora de ir embora.

– Você quer fazer isso? – Era um convite para ficar.

– N-não sei bem... – gaguejei. – Talvez deva ir. – Mas não me mexi. Eu não consegui.

Hudson se aproveitou da minha fraqueza, forçando-me a lhe satisfazer dizendo os meus motivos.

– Você pensa em ir embora porque está desconfortável com a minha proposta? Ou porque eu disse que vou foder você?

Essa declaração não teve um impacto menor na segunda vez.

– Eu... Sim, isso.

Hudson inclinou a cabeça, contemplando-me com olhos perplexos.

– Mas tenho certeza de que isto não é uma surpresa para você, Alayna. Você sente a eletricidade entre nós. Sua linguagem corporal expressa isso muito bem. Eu não ficaria surpreso ao descobrir que você já está molhadinha.

Minhas bochechas coraram.

Ele esboçou um sorriso malicioso.

– Não se sinta constrangida, minha cara. Por acaso não sabe que eu sinto o mesmo? – Ele se mexeu na cadeira. – Se você lesse atentamente o meu corpo, veria a evidência do que acabo de dizer.

Foi então que eu soube que ele estava duro. Meu sexo se apertou com essa descoberta. Se o meu cérebro não tivesse se transformado completamente em um mingau, eu estaria em seu colo agora, pegando toda aquela extensão em minhas mãos, sugando-a com minha boca.

Hudson pareceu achar fascinante essa minha ansiedade.

– Vamos deixar de lado minha proposta de contratá-la por um momento e discutir essa outra coisa um pouco mais. Por favor, entenda que elas são muito separadas uma da outra. Eu nunca quis que você pensasse que o meu desejo sexual por você fazia parte, de alguma forma, de uma farsa para os meus pais e os amigos deles.

Uma tontura ridícula fluiu através de meu corpo. Hudson Pierce me desejava. E eu estava prestes a destruir isso tudo com a minha reação espantada. Franzi minhas sobrancelhas em concentração.

– Eu... Eu não sei como reagir quando alguém está dizendo que me deseja.

Foi a vez dele de franzir a testa. Mesmo com os seus lábios curvados para baixo, eles imploravam para serem beijados.

– Nenhum homem nunca lhe disse isso antes?

Eu me atrapalhei com a taça ao acariciar as gotas de suor que ainda se acumulavam em torno do copo.

– Não com tantas palavras assim. Ações, às vezes. Certamente, nunca de forma tão direta.

– Que pena. – Hudson estendeu a mão sobre a mesa e acariciou a minha com o polegar, seu toque me deixando tonta. – Eu pretendo lhe dizer isso sempre que puder.

– Ah.

Puxei a mão. Aquilo estava sendo demais e muito rápido. Talvez eu acabasse na cama de Hudson e ficasse tudo certo e eu não surtasse.

Mas aqui não era a cama dele. Aqui era a boate. E quer eu surtasse ou não, misturar trabalho com sexo nunca foi uma boa ideia.

Ah. Foi isso o que David tinha dito quando ele terminou comigo? Que momento esdrúxulo para essa compreensão chegar...

Coloquei minhas mãos na borda da mesa.

– Eu... hã... estou me sentindo um pouco sobrecarregada com isso tudo. Preciso ir. Você me deu muito sobre o que pensar.

Eu me levantei e ele também.

– Preferia que você ficasse. Mas se precisa ir... – Hudson parecia necessitado, refletindo a maneira como eu me sentia.

Eu não podia olhar para ele. Se fizesse isso, eu ficaria.

– Tenho que começar a trabalhar.

Dirigi-me para a porta e coloquei a mão na maçaneta. Mas a palma de Hudson pressionou a parte superior da porta, mantendo-a fechada e prendendo-me entre ele e a parede.

Então, desceu a cabeça até a minha orelha.

– Espere, Alayna. – Sua respiração fez cócegas e queimou ao mesmo tempo. Eu fechei os olhos, absorvendo, suportando. – Peço desculpas por sobrecarregá-la com isso. Essa não foi a minha intenção. Mas eu quero que você saiba que, mesmo que decida não me ajudar na minha situação, irei continuar a seduzi-la. Eu sou um homem que consegue o que quer. E eu quero você.

Uau, duplo uau.

Excitada, nem começava a descrever como a sua declaração me deixou.

E então a boca de Hudson estava em mim, mordiscando a minha orelha. Respirei fundo. Involuntariamente, deixei a minha cabeça rolar para o lado, concedendo-lhe melhor acesso.

E, cara, aquele homem pegou tudo o que eu dei, beliscando uma trilha pelo pescoço abaixo, enviando ondas de desejo pela minha barriga. Levei a minha mão para longe da maçaneta da porta e agarrei o braço de Hudson, para me equilibrar. Ele enrolou o outro braço em volta de mim, sua mão pousando sobre o meu seio. Eu engasguei com o contato, inclinando-me para mais perto de seu toque.

Ele amassou o meu seio enquanto esfregava seu rosto no meu cabelo.

– Eu deveria ter lhe dito mais cedo – sussurrou. – Você está absolutamente linda esta noite. Não consigo tirar meus olhos de você. Séria e sexy, embrulhada em um mesmo pacote. – Ele apertou-se

contra mim e eu pude sentir sua ereção na parte inferior das minhas costas. – Beije-me, Alayna.

Era tão excitante como ele usava o meu nome assim, livremente. Como se fosse dele, para uso dele. E, em muitos aspectos, era mesmo. Quase ninguém me chamava pelo meu nome e sim por Laynie. Ele reivindicou o meu nome quando me reivindicou.

E tudo que restava era eu aceitar.

Sua boca estava esperando quando virei a cabeça. Instantaneamente, ele levou sua boca até a minha e eu gemi. Hudson enfiou a língua possessivamente e habilmente, provocando a minha para sair e vir brincar. Seu beijo era tão exigente e confiante como ele próprio, seus lábios firmes controlando o ritmo, roubando a minha respiração e mandando um firme alvoroço para minhas partes íntimas. *Imagine os lábios dele lá embaixo...*

Mexi o corpo, me ajustando, querendo mais contato, e, instintivamente, ele virou-se também, de modo que nós estávamos face a face. Envolvendo as minhas mãos em torno do seu pescoço, eu o puxei mais profundamente, querendo senti-lo em todas as partes da minha boca. Ele sabia o que eu precisava, lambendo e acariciando-me, enquanto suas mãos deslizavam para agarrar minha bunda.

Eu queria tudo dele. Que fosse à merda o meu turno de trabalho e qualquer outra desculpa que eu tivesse dado a mim mesma durante o curso da nossa conversa. Mesmo que isso levasse a uma obsessão, eu precisava desse homem dentro de mim, e não só com a língua. Esfreguei meus quadris contra os dele, implorando para ele me tocar lá, para aliviar a dor que eu sentia por dentro.

Hudson respondeu, movendo as mãos de minha bunda para os meus ombros. Em seguida, ele gentilmente me empurrou,

interrompendo nosso beijo, mas deixando as mãos sobre os meus ombros, como se estivesse tentando me segurar nessa distância.

Minha boca pareceu vazia e fria, enquanto eu lutava para acalmar a minha respiração. A respiração de Hudson estava igualmente irregular, e ele ofegava no mesmo ritmo que eu. Enquanto meu cérebro voltava de um estado de absoluta felicidade, fiquei inquieta, incapaz de compreender o súbito recuo dele.

Reconhecendo a minha preocupação, Hudson ergueu a mão para roçar a minha bochecha.

– Aqui não, princesa. Não assim. – Sua outra mão enrolou-se no meu pescoço e ele apertou a testa contra a minha. – Vou comer você quando estiver debaixo de mim. Em uma cama. Onde eu possa adorar você como merece.

A declaração de Hudson foi uma promessa. Uma ameaça sensual que me fez desejar que aquilo acontecesse rapidamente.

Mas eu tinha que começar a trabalhar. E ele estava certo. Uma foda rápida na bolha não seria nem um pouco suficiente para o que eu queria fazer com Hudson. Não com o que eu precisava fazer com ele. Hudson estava longe de ser o cara certo. Mas já tinha ido muito além disso agora. Eu tinha que tê-lo, por pior que esse homem pudesse ser para mim.

Fechei meus olhos quando ele arrastou uma mão para os meus seios e alcançou-os lá dentro. Meus olhos abriram-se assustados quando, em vez de sentir seus dedos nos mamilos, percebi que meu telefone estava sendo removido.

Ele desbloqueou a tela e discou um número. Um momento depois, ouvi o telefone dele tocar.

– Agora nós temos o número um do outro. Espero que você o use. – Ele recolocou o meu telefone dentro do bojo do sutiã, seus olhos demorando-se no meu decote, antes de me puxar para roçar seus lábios nos meus. – Ligue-me quando estiver pronta. Amanhã.

Ele me beijou rapidamente e depois foi embora, deixando-me sozinha a perguntar se eu estaria pronta para telefonar amanhã, assim tão cedo. E, por outro lado, se conseguiria esperar por tanto tempo.

Eu acordei um pouco antes do meio-dia, no dia seguinte, quando ouvi o meu celular zumbir com uma mensagem. Ele estava ligado na mesa de cabeceira, ao meu lado, mas eu não estava pronta para acordar, tendo ido para a cama depois das seis da manhã.

Deitada com os olhos fechados, fiquei sorrindo no meu travesseiro e relembro os acontecimentos da noite anterior. As coisas que Hudson tinha me dito, a maneira como ele me beijara e me tocara... E o meu coração acelerou com essa lembrança. Tudo isso tinha realmente acontecido? Meu transtorno compulsivo pelos relacionamentos tornava muito fácil imaginar coisas acontecidas entre mim e os outros que, na verdade, não tinham acontecido. Fazia vários anos desde que eu tinha adquirido este hábito. Agora, será que eu estava fazendo isso de novo?

Não, não estava inventando nada. Eu não poderia inventar um beijo como aquele. Tinha acontecido. E eu quis que mais deles acontecessem. Mas, pela manhã, à distância, e vendo as coisas com outros olhos, podia enxergar muito melhor como isso não devia acontecer. Por mais que eu o quisesse, já estava pensando em Hudson muito mais do que seria saudável.

E decidi repassar, em minha mente, as etapas de reconhecimento de uma fixação anormal:

Eu pensava sobre Hudson até o ponto em que isso afetava o meu trabalho ou o meu cotidiano? Bem, certamente tinha pensado muito

nele depois que ele tinha saído da boate, mas tinha conseguido trabalhar todo o meu turno sem nenhum problema.

Eu pensava que Hudson era o cara certo para mim? De jeito nenhum. Na verdade, eu suspeitava de que não deveria me misturar com ele.

Achava que nunca mais seria feliz se não o visse novamente? Eu ficaria desapontada, mas não arrasada. Bem, provavelmente não arrasada. Tudo bem, eu ficaria arrasada.

Eu telefonaria para ele ou iria visitá-lo a ponto de parecer uma perseguição? Nem sabia onde ele morava ou trabalhava. Se eu estivesse ficando obcecada por Hudson, teria descoberto isso antes de ter ido para a cama naquela manhã. Eu nem sequer tinha o número do telefone dele.

Epa, um momento, eu tinha sim. Mas não o tinha usado. Eu estava bem. Por enquanto.

Ainda assim, não pude evitar de me perguntar por que ele queria ficar comigo. Hudson Pierce tinha status de celebridade. Ele poderia namorar supermodelos e mulheres com *pedigree*, por que ele me queria? A falta de uma resposta me fez duvidar do que realmente tinha acontecido entre nós.

E, então, havia a sua oferta ridícula de pagar meus empréstimos estudantis em troca de eu me pendurar nele como um troféu. Como diabos eu me qualificava para fazer isso? Se fosse outro tipo de garota, uma com cífrões nos olhos, certamente estaria entusiasmada com a sua... Como Hudson chamara mesmo? A sua proposta. Felizmente, o dinheiro não me atraía mais do que eu necessitava para a minha sobrevivência. A única tentação era a oportunidade de poder passar

mais tempo com esse delicioso exemplar de homem. Mas eu já tinha passado por isso e concluía que não era uma boa ideia.

Além do mais, se tinha entendido corretamente, a possibilidade de passar um tempo com ele continuaria, aceitando ou não o seu trabalho.

Não é uma possibilidade, Laynie!

Era uma ideia confusa, de qualquer forma. Dormir com ele sem estar em um relacionamento, mas fingindo ter um relacionamento. Por que não apenas ter um relacionamento?

E lá estava eu, tentando transformar a sua oferta em algo mais do que era.

Suspirei e estiquei meus braços acima da cabeça. Estava evidente que não voltaria a dormir e que Hudson era demais para se contemplar sem um café. Eu me virei e peguei o celular para ler a mensagem, secretamente esperando que fosse dele.

Era do meu irmão.

“Esteja lá em vinte minutos.”

Eu me sentei e entrei em pânico. Tinha me esquecido de uma visita de Brian?

Percorrendo as mensagens de texto, eu vi que ele tinha enviado uma às sete da manhã:

“Sessão no Tribunal cancelada. Pegando um trem rápido para Nova York. Precisamos almoçar.”

Joguei meu celular na cama, ao meu lado, e gemi. Sendo meu único parente vivo, eu amava Brian profundamente, e com muita carência. Mas o seu papel na minha vida tinha se transformado de irmão para uma espécie de guardião desde quando eu tinha 16 anos,

depois da morte de meus pais, e, num esforço para compensar tudo o que eu tinha perdido, ele tinha me alienado de muitas maneiras.

Ele também tinha me salvado, e eu seria eternamente grata por isso.

Além do mais, Brian pagava o aluguel do meu apartamento. Então, quando ele saía de Boston num dia de semana para vir almoçar, era melhor ficar pronta e esperando. Mesmo sabendo que uma visita assim, de surpresa, não poderia significar algo de bom.

Respirei fundo e pulei da cama. Não tinha tempo para um banho. Brian e os fregueses de qualquer lugar opulento aonde ele me levasse teriam que se contentar com a versão fedorenta de mim. Vesti uma calça cinza-clara e uma blusa creme, e me pulverizei com uma quantidade generosa do spray corporal Pear Blossom antes de arrumar o meu longo cabelo castanho em um coque meio bagunçado. Eu tinha acabado de localizar minhas chaves e minha bolsa, quando o telefone tocou.

Fechei a porta atrás de mim e dei um passo em direção ao elevador enquanto atendia.

– Estou aqui no seu prédio – disse Brian.

– Bom-dia para você também. – Nunca nenhuma conversa fiada com Brian. Apertei o botão de chamada do elevador e esperei.

– Que seja, engraçadinha. Temos reservas para daqui a quinze minutos no Peacock Alley do Waldorf Astoria. Você está pronta?

Eu revirei meus olhos por sua escolha do restaurante. Que falta de criatividade escolher o Waldorf.

– Estou descendo. Você sabe que poderia ter usado o interfone do apartamento em vez de ligar.

– Mas então você não poderia andar e falar como está fazendo agora.

– E estou prestes a perder a ligação porque entrei no elevador. Vejo você num segundo. – Eu não tinha certeza de que o elevador faria a nossa ligação cair, mas, como iria enfrentar uma hora inteira de almoço com Brian, precisava daqueles cinquenta segundos de alívio temporário.

– Aí está ela – disse ele para ninguém quando saí pela porta da frente do meu prédio. O apartamento tinha sido escolha de Brian, já que ele estava pagando o aluguel, e eu tinha certeza de que sua proximidade com o Waldorf tinha sido metade do motivo pelo qual fora escolhido. Ninguém poderia avaliar o lugar como sendo elegante, mas a localização era matadora. A minha única queixa era a falta de metrô para o lado oeste, mas isso só se tornava um problema com o mau tempo.

– Oi, Bri – disse eu, jogando meus braços ao redor dele. – É bom ver você de novo.

– Você também. – Brian se afastou e me olhou de cima abaixo. – Mas está com uma aparência terrível, Laynie. Tipo, você precisa dormir mais.

– Puxa, obrigada. – Começamos a andar em direção ao restaurante. – Só saí do trabalho às cinco. Sim, eu estou um pouco cansada.

– Não é hora de você começar a trabalhar num emprego mais normal? Algo como das nove às cinco?

– Mas eu trabalho das nove às cinco. Só não é o mesmo nove às cinco que você...

Como se Brian trabalhasse das nove às cinco. Ele era um *workaholic*, muitas vezes ficava até altas horas trabalhando freneticamente em seu mais recente caso. Se a assistente jurídica dele não fosse o seu tipo, ele nunca teria se casado. O homem não tinha

vida social. Eu ficaria surpresa ao saber que ele tinha uma vida sexual, mesmo com uma nova esposa.

– Você sabe o que quero dizer.

Nós só estávamos juntos por cinco minutos e ele já estava implicando comigo. E se esse fosse um indicador de como o nosso almoço seria, eu preferiria pular a refeição e ir direto ao que o estava incomodando.

– O que o traz aqui, Brian?

Ele me observou, decidindo se iria mostrar as suas cartas ou não. E escolheu que não.

– Um irmão não pode vir visitar sua irmã só por capricho? Eu ainda me sinto mal por ter perdido sua formatura.

Achei melhor revirar os olhos. Ele poderia ter vindo para a minha formatura se quisesse, e nós dois sabíamos disso. Mas tínhamos que jogar o jogo da família feliz.

– Você é um advogado figurão e muito ocupado. Eu entendo.

– Sinto sarcasmo em suas palavras, Laynie.

Meu irmão era muito bom em ler as pessoas, tornando-o uma força a ser reconhecida no tribunal.

– Tudo bem, fiquei chateada porque você não veio. Isso o deixa mais feliz? – Na verdade, eu tinha ficado mais do que chateada, tinha ficado magoada. Ele sabia da data havia quase nove meses. Como eu poderia não me sentir uma prioridade menor? – Mas já superei isso, então esqueça.

Nós tínhamos chegado ao hotel, o que nos deu a oportunidade perfeita de deixar esse assunto de lado. No restaurante, fomos levados à mesa imediatamente, e eu deixei o novo ambiente me transformar de uma pessoa emburrada para alguém introspectivo.

Deliberei por bastante tempo sobre a minha escolha do cardápio, irritando Brian, que já sabia o que queria imediatamente. Quando o ritmo de sua perna sacudindo debaixo da mesa acelerou, eu decidi por uma salada da casa. Deus, o homem não tinha paciência. Ele bem que podia ter algumas lições com Hudson.

O pensamento em Hudson trouxe calor ao meu corpo e um sulco à minha testa. Algo estava cutucando os cantos de meus pensamentos, algo que eu não conseguia entender.

Brian conversou comigo casualmente, impedindo-me de me concentrar naquilo que me deixara perplexa sobre Hudson. Ele rapidamente me contou sobre um caso no qual estava trabalhando e sobre as reformas que ele e Monica tinham feito na casa deles.

Quando terminou de comer uma porção decente de sua refeição, quase ao mesmo tempo em que eu pensava em me matar por causa da banalidade da nossa conversa, Brian limpou a garganta.

– Laynie, eu não estou aqui para colocar a nossa conversa em dia. Venho pensando bastante nos últimos tempos sobre a nossa situação e percebi que você já é uma mulher adulta, com uma excelente educação. Está na hora de assumir mais responsabilidade sobre si mesma. Eu não estou lhe fazendo um favor ao facilitar as coisas para você.

Tomei um longo gole da minha água, avaliando como reagir a essa declaração repentina. As antigas conotações que o sentido dessa frase trazia me atingiram. Ele estava insinuando que eu não estava bem, que era incapaz? E como podia insinuar que eu não era responsável por mim mesma? Eu estava vivendo e trabalhando na Big Apple, e, se isso não era assumir responsabilidades, então não sabia o que era.

Já impaciente, Brian não esperou que eu escolhesse minha resposta.

– Não posso permitir que você jogue a sua vida fora em uma boate. Você é vulnerável demais para ficar trabalhando nesse tipo de estabelecimento.

Era isso, então, o Sky Launch. Brian nunca tinha gostado de eu trabalhar lá, desde o primeiro dia. Mas tinha aceitado porque essa ocupação me mantivera longe de problemas. Parece que agora havia se esquecido disso.

– Não tive nenhum problema desde que comecei a trabalhar lá.

– Porque seus estudos a mantiveram ocupada. Você precisa de algo mais desafiador em que se concentrar.

Sem me importar por estar preocupada com exatamente a mesma coisa, fiquei louca da vida.

– Brian, eu sei muito bem como lidar com meus gatilhos. E o que você sabe sobre isso? Você nunca foi a nenhuma reunião de apoio.

Sua voz elevou-se a um tom desconfortavelmente alto para o ambiente sereno que nos rodeava.

– Porque eu não sou seu pai!

Esse era o ponto crucial de toda a conversa. Brian tinha sido forçado a agir como um pai para mim, e sempre suspeitei de que ele se ressentia disso. Agora eu tinha certeza.

Ele encarou seu prato quase vazio. Quando voltou a falar, a voz estava mais calma.

– Veja, Monica vai ter um bebê.

E tudo ficou mais claro. Eu estava sendo substituída.

– Parabéns.

– Isso significa que preciso concentrar minha energia e meu dinheiro nela e no bebê. É hora de você ser adulta. – Brian se endireitou na cadeira, como para reforçar a sua posição. – Eu não vou mais pagar pelo apartamento.

– Mas não tenho como pagar pelo apartamento! Não agora com meus empréstimos estudantis prestes a vencer!

Eu me senti dolorosamente consciente de que soava petulante e mimada, mas sempre assumi que meu irmão iria me ajudar por bem mais tempo. Não era como se ele não tivesse dinheiro.

– Então, talvez seja melhor você procurar um emprego mais bem remunerado.

– Brian, isso não é justo.

– Pense em tudo que passei com você e depois me fale de justiça. Ele não poderia ter me machucado mais com outras palavras que não essas.

– Eu não tive problemas durante muito tempo – sussurrei.

– Você violou uma ordem de restrição.

– Mas isso foi há quatro anos!

– Sinto muito, Laynie. Eu não posso mais sustentá-la. – Suas palavras eram finais. Ele tinha tomado sua decisão, não haveria como convencê-lo do contrário.

E enxerguei o que isso tinha feito com ele, todos os anos em que fora obrigado a cuidar de uma irmã mentalmente perturbada... Eu sabia, eu sempre soube, mas nunca quis acreditar que minhas ações o tinham machucado tão profundamente assim. Isso mexeu com uma dor antiga que eu já tinha enterrado.

Mas eu também estava com raiva. Sim, talvez não fosse mais frágil como antes, mas certamente não ficaria estável sozinha. Pelo menos

não do ponto de vista financeiro. Eu precisava do seu apoio agora mais do que nunca e, por mais ferrado que isso fosse, Brian era a minha única família. Eu não tinha mais ninguém.

Atirei meu guardanapo na mesa e, sem saber se pretendia parecer mais sincera ou mais altiva, respondi:

– Obrigada, Brian. Obrigada por tudo. – Peguei minha bolsa pendurada em minha cadeira e saí do restaurante tomando cuidado para não olhar para trás. Eu queria parecer forte e estoica. Virar para trás daria ao meu irmão uma boa visão das minhas lágrimas.

Eu me permiti chorar até sair do hotel. Uma vez na rua, a agitação da cidade me fortaleceu. Eu não precisava de Brian. Seria capaz de me virar sozinha. Claro que ele tinha me ajudado a pagar as contas desde que minhas loucuras tinham esgotado todo o dinheiro da minha herança, mas apoio e responsabilidade eram muito mais do que ficar me dando dinheiro.

Voltei depressa para o meu apartamento, notando que Brian não tentara me parar ou me chamar de volta. Passei a hora seguinte no computador, analisando as minhas contas e despesas, buscando formas de fazer economia. Com uma promoção na casa noturna, que não estava garantida, eu poderia pagar meu apartamento. Mas não teria como pagar meus empréstimos quando eles começassem a ser cobrados no mês seguinte.

Brian tinha, efetivamente, me encurralado. Não era uma má estratégia. A Laynie de um dia antes teria cedido aos desejos de meu irmão, aceitando um emprego em qualquer das empresas que pagavam fortunas e que tinham corrido atrás de mim durante meu curso.

Felizmente, eu tinha outra opção.

Respirando fundo, peguei meu celular e pressionei a tecla de rediscagem. Deus, eu estava realmente fazendo isso? Sim, estava. E, para ser bem honesta, estava muito contente com a desculpa. Talvez, no fundo, eu devesse agradecer a Brian.

O número que Hudson tinha ligado, na noite anterior, tocou apenas uma vez antes de ele responder:

– Alayna. – Sua voz era suave e sexy. Não sexy como se ele estivesse dando em cima de mim, mas como o sexo que ele exalava naturalmente.

Isso abalou minha confiança.

– Eu... Hã... Oi, Hudson.

Fiz uma pausa.

– Em que posso ajudá-la? – Eu senti que ele desfrutou da minha incerteza. Por que eu não conseguia exibir a mesma confiança que ele? Nunca tive problemas de ansiedade no trabalho ou nos estudos.

O pensamento nos estudos atropelou alguma coisa e eu soltei a pergunta que tinha me irritado durante o almoço.

– Como você sabia que eu era inteligente?

Ouvi um estalo e imaginei-o se recostando em uma cadeira de couro atrás de uma mesa executiva.

– O que você quer dizer?

– Você disse que eu era... – Corei, contente que ele não pudesse me ver. – Linda e inteligente.

Hudson me interrompeu:

– Eu disse que você é elegantemente bonita e extremamente inteligente.

– Sim, isso. – Ter ouvido essas palavras antes não as tornavam menos eficazes agora. A maneira prosaica como Hudson as

pronunciou deveria parecer objetiva e fria, mas não foi nada disso. Um arrepio percorreu minha espinha. Limpei a garganta.

– Mas você mal conversou comigo. Como poderia saber alguma coisa sobre a minha inteligência?

Ele fez uma pausa apenas brevemente.

– O simpósio do MBA na Stern. Eu vi a sua apresentação.

– Ah...

O simpósio tinha ocorrido um mês antes da formatura, com os melhores alunos do programa de MBA. Cada um de nós tinha apresentado uma ideia inovadora para um painel de especialistas. Minha apresentação foi chamada de “Marketing impresso na era digital”. Eu não quis saber quem estava no painel, porque achei que saber os nomes me levaria a uma pesquisa obsessiva sobre cada um deles. Depois das apresentações, os especialistas e os apresentadores foram convidados para uma recepção com queijos e vinhos, para que os alunos pudessem trocar ideias e os executivos das empresas, fazer ofertas de emprego. Eu tinha feito minha apresentação mais pela experiência. Pela honra. Como não queria um emprego, então pulei essa confraternização posterior.

Agora eu me perguntava o que teria acontecido se eu tivesse ido. Hudson teria me localizado? Foi uma mera coincidência ele ter me feito aquela oferta na boate pouco depois do simpósio?

– Foi essa a única razão pela qual você ligou, Alayna? – Suas palavras em tom empresarial tinham um ar de provocação.

– Não. – Fechei os olhos e agarrei a lateral da minha mesa em busca de apoio. Aceitar a oferta dele era mais difícil do que deveria ser. Eu não conseguia evitar a sensação de que essa era uma saída

muito ordinária. Era como se eu estivesse vendendo minha alma ao diabo.

Mas também sentia um surto de emoção, uma densa onda elétrica de liberdade.

– Sua proposta, eu gostaria de aceitá-la. Eu estou dizendo sim. – E, lembrando-me da outra proposta sobre me seduzir, esclareci: – A sua oferta para pagar os meus empréstimos estudantis, quero dizer.

A poltrona dele rangeu novamente e eu o imaginei em pé, com a mão enfiada no bolso de um terno italiano. Ah, que delícia.

– Estou muito feliz por ouvir isso, Alayna.

Afastei essa visão para longe de minha mente e esperei que ele falasse mais. Quando não o fez, eu disse:

– Então, o que acontece agora?

– Tenho uma brecha na minha agenda às 16:30. Venha ao meu escritório nas Indústrias Pierce e nós vamos finalizar os detalhes.

Eu ia vê-lo em, olhei para o meu relógio, duas horas. Meu coração acelerou.

– Parece legal. Quero dizer, bom. Parece bom para mim.

Ele riu.

– Até mais tarde, Alayna.

– Tchau.

Fiquei segurando o telefone por alguns segundos depois que ele desligou, hipnotizada pelo efeito desse homem desconhecido sobre mim, perguntando-me se eu seria capaz de cumprir o plano que ele tinha inventado, e com esperança de ser capaz de impedir os avanços prometidos por ele.

Tudo bem, talvez eu não esperasse essa última coisa de fato, mas queria acreditar que sim. Pelo bem da minha sanidade.

Também fiquei pensando sobre o simpósio, considerando a possibilidade de que Hudson Pierce tivesse feito esforços maiores do que tinha deixado transparecer para criar esta fachada para seus pais.

Talvez esse pensamento devesse ter me assustado. Mas isso só me intrigou ainda mais.

Duas horas acabaram sendo quase insuficientes para eu me preparar para ver Hudson. Passei muito tempo no chuveiro, raspando minhas pernas e axilas, refazendo a depilação da virilha, castigando-me enquanto fazia isso, já que não havia nenhuma maneira de que Hudson visse minhas partes íntimas.

Em seguida, fiquei em frente ao meu armário pelo que pareceram horas. Eu ia direto do escritório de Hudson para a casa noturna, para me encontrar com David, e encarar um turno completo como *barwoman*. Eu precisava da combinação perfeita de uma roupa de mulher inteligente e sexy com uma pitada de foda-me-por-favor, para o trabalho, é claro. Finalmente, escolhi um vestido turquesa com cinto e uma camisa preta. Era mais curto do que eu gostaria para a parte comercial dos meus planos, mas ainda assim mais longo do que a maioria dos vestidos que eu usava na boate. Puxei meu cabelo em um rabo de cavalo baixo e mantive minha maquiagem no rímel e no brilho labial. Eu parecia bem, revigorada e natural.

Como tinha ficado distraída demais para perguntar a Hudson onde as Indústrias Pierce se localizavam, tive que pesquisar no Google. Acabou que os escritórios eram perto do One Worldwide Plaza, uma viagem de metrô em linha reta até a casa noturna. Do meu apartamento, peguei um táxi para os escritórios, porque não queria estar suada ao chegar lá. E, ei, eu estava recebendo 80 mil dólares, então podia pagar um táxi até o West Side.

Já tinha passado perto da bela construção de tijolos e granito cor de cobre muitas vezes, mas nunca havia entrado. As Indústrias Pierce ocupavam vários dos andares mais altos, e reconheci alguns dos outros inquilinos listados no lobby como subsidiárias das Indústrias Pierce. Recebi orientações de segurança e peguei o elevador para o último andar.

A longa viagem me deu mais uma oportunidade para uma silenciosa reprimenda. Três anos sóbria, Laynie. Você não pode se fixar nele. Você não pode ficar obcecada.

Mas, enquanto eu me apresentava à bonita recepcionista loura, senti uma dolorida pontada de inveja porque ela podia trabalhar perto de Hudson todos os dias. Deus, eu já estava em apuros. Ele não tinha entrado na categoria dos homens “Ah, porra” por nada.

– Senhorita Withers – disse a loura, após notificar o chefe dela de que eu tinha chegado. – Ele já pode recebê-la.

Olhei para o meu relógio, marcava 16:20. Será que eu tinha entendido o horário errado?

As espessas portas duplas atrás da mesa da recepcionista abriram-se, aparentemente sozinhas. Ela devia ter apertado um botão em algum lugar.

– Direto por ali – disse a loura.

Dei um passo hesitante para dentro do escritório. Hudson, que estava sentado atrás de uma mesa executiva moderna e cara, levantou-se assim que me viu.

– Alayna. Entre.

Quando tive uma visão completa dele, congelei. Em seu escritório bem iluminado, vi Hudson Pierce realmente pela primeira vez. E ele estava deslumbrante. Usava um terno risca de giz com uma camisa

bem branca e uma gravata listrada de ameixa e branco. Seus óculos de armação grossa negra, e que deveriam ter gritado um “alerta *nerd*”, me fizeram escorregar em minha calcinha. Ele parecia inteligente, dominante e... Uau.

Engoli em seco. Duas vezes.

– E-Estou atrasada?

– Nem um pouco. – Sua voz sexy fez meus joelhos se dobrarem e, de repente, eu me arrependi de meus saltos altos Mary Janes. – Minha última reunião terminou mais cedo do que eu esperava. Sente-se.

Determinada a parecer equilibrada e elegante, endireitei o corpo e caminhei até a cadeira para a qual ele tinha apontado, em frente à mesa.

– Hummm – disse eu, olhando em volta depois que estava sentada. O espaço generoso do escritório tinha uma decoração moderna por toda parte. Atrás da mesa dele havia janelas de vidro que iam do chão ao teto, e que mostravam uma vista deslumbrante do centro da cidade. – Belo lugar. Não era o que eu tinha imaginado, mas é incrível.

Hudson desabotoou o paletó e se sentou, com as sobranceiras levantadas.

– Você imaginou meu escritório?

Meu rosto ficou quente. Agora, ele devia estar achando que eu estivera pensando nele. Eu pensara, sim, mas ele não precisava saber.

– Eu achei que você seria mais tradicional. Mas o moderno realmente combina com você.

Um pequeno sorriso apareceu em seu rosto.

– Na verdade, eu tenho uma designer. Não tenho ideia do que é moderno ou contemporâneo ou tradicional. Ela me mostrou fotos de coisas que achou que eu gostaria e concordei.

Sorri, sabendo que ele estava tentando me colocar à vontade, mas meu estômago acumulava muitos nós. O escritório de Hudson era um território desconhecido para uma *barwoman* e estávamos nos reunindo para discutir um acordo incomum. E ele estava tão gostoso que me deixava deslumbrada.

– Espero que você não se importe se tratarmos de negócios em primeiro lugar.

– Claro que não. – Se os negócios vinham em primeiro, eu me perguntei o que viria a seguir.

Nada. Nada viria a seguir, porque, quando nós tivéssemos terminado esse assunto, eu educadamente lhe agradeceria e sairia de seu escritório.

Ah, ah, certo...

– Como disse mais cedo, estou muito contente que você tenha aceitado a minha oferta. Antes que você concorde oficialmente, no entanto, quero me certificar de que compreenda exatamente o que estou lhe pedindo. Nós adiamos esta discussão ontem à noite... – Hudson fez uma pausa e suspeitei de que ele estivesse tentando se lembrar do motivo pelo qual a discussão fora adiada. Pelo menos, era isso o que eu estava pensando. – ... Então, me esqueci de mencionar um ponto crucial.

Hudson recostou-se na cadeira, colocando os braços sobre os apoios.

– Sou um homem de muita visibilidade, Alayna. Convencer minha mãe de que somos um casal requer um show que será exibido para o mundo. Isso significa que você estará a serviço, por assim dizer, em todos os momentos. Quando estivermos juntos ao redor de outras

peessoas, vamos atuar como o casal feliz. Quando não estivermos juntos, você ainda deverá agir como sendo minha.

Era apenas a minha imaginação ou ele enfatizou a palavra “minha”? De qualquer forma, muitos arrepios percorreram minha pele.

– Você não poderá contar a ninguém que não estamos realmente em um relacionamento.

Minha testa ficou crispada e minha boca ficou seca de repente.

– Não fazia ideia...

– Eu suspeitei disso... – Hudson estreitou os olhos, observando a minha reação. – Você ainda está interessada?

Eu realmente não tinha escolha. Ou aceitava isso ou cedia aos planos de Brian. Além disso, a quem eu gostaria de contar essa história? Liesl. E David. Eu ainda estava pensando no David com esse cara alto, gostoso e devastadoramente lindo sentado à minha frente? Sim. Porque David tinha o potencial de ser real. E, francamente, não sabia se realmente gostava de Hudson além de toda a coisa física. Certamente eu não deveria gostar dele.

– Por quanto tempo devemos manter essa farsa?

– Enquanto sentirmos que podemos, sem acarretar muitos problemas para nossas vidas pessoais. Quanto mais tempo, melhor, obviamente, mas, se minha mãe vir que eu sou capaz de me apaixonar, ela não vai pressionar-me para um casamento sem amor, mesmo que você e eu venhamos a “romper”. Você ainda está interessada?

– São 80 mil dólares, Hudson. Isso é uma gota no oceano para você, mas para mim... Eu entendo, se tiver que trabalhar para isso.

Ele relaxou, assentindo.

– Bom. – Hudson apertou um botão em sua mesa.

– Sim, sr. Pierce? – O doce timbre da voz da recepcionista encheu a sala.

– Mande-o entrar, por favor, Patrícia. – Hudson se levantou e pressionou outro botão na mesa.

Eu a tinha ouvido atender ao telefone como Trish quando cheguei e me perguntei se ele era contra usar apelidos com as pessoas em geral, ou se apenas sabia o peso de usar o nome inteiro, se conhecia o poder que isto exercia sobre as pessoas.

As portas se abriram e um homem de cabelo escuro e musculoso, em um terno preto, entrou. Se Hudson já não tivesse enviado o meu botão de excitação à estratosfera, tinha certeza de que esse cara o teria feito.

– Este é Jordan – disse Hudson, indo para frente de sua mesa. Jordan acenou com a cabeça. – Ele foi designado para dirigir o carro para você e levá-la para casa, para o trabalho e para qualquer outro lugar aonde você precise ir.

Não que eu quisesse recusar um presente tão bonito, mas uma coisa que eu amava na cidade de Nova York era seus modos alternativos de transporte. Meus pais morreram em um acidente de carro. Por isso, carros não eram minhas coisas favoritas.

– Desculpe, mas não preciso de um motorista – então, para que não parecesse ingrata, acrescentei: – Eu costumo fazer exercícios correndo de volta para casa.

– Então ele vai levá-la até o trabalho e segui-la até sua casa quando correr de volta, para se certificar de que você chegue em segurança. – Antes que eu pudesse argumentar, Hudson me olhou com severidade. – Alayna, minha namorada teria um motorista. Ela também teria um

guarda-costas. Estou disposto a abrir mão do guarda-costas se você usar o meu motorista.

Respirei fundo.

– Tudo bem.

– Ele a estará esperando lá embaixo caso precise levá-la até a boate quando tivermos terminado. Obrigado, Jordan.

Jordan acenou com a cabeça novamente e, em seguida, saiu do escritório. Hudson apertou um botão e as portas se fecharam atrás do motorista.

– E, Alayna, pode apagar essa expressão de seu rosto. Jordan é gay. Eu não o teria contratado para você, se não fosse.

Cruzei os braços sobre o peito, envergonhada com a repreensão. Decididamente não gostava de Hudson. Isto é, além do apelo sexual.

– Mais alguma coisa? – Não conseguia olhar para ele.

Ele aproximou-se para se sentar na borda frontal da mesa, seu corpo perto o suficiente para ser tocado sem muito esforço de minha parte.

– Minha mãe será a anfitriã de um desfile beneficente no domingo. Esta será a nossa primeira aparição pública como casal.

– Tudo bem.

Cruzei a minha perna sobre a outra, a proximidade dele me deixando inquieta. E, enquanto me sentia tão afetada, percebi que Hudson tinha sido nada além de negócios desde que eu chegara. Será que sua ação para cima de mim, na noite anterior, fora uma forma de garantir que eu aceitaria a sua proposta? Se assim fosse, ele seria, de fato, um cretino total.

– Seus empréstimos serão liquidados às nove horas na segunda de manhã. A confirmação por escrito será enviada para você.

– Você não quer esperar e ver se a gente consegue representar toda essa coisa em primeiro lugar? – Não tive a intenção de parecer arrogante. Bem, não totalmente. Eu estava começando a me sentir como um contrato que ele estava negociando. E não gostei disso.

– Eu realmente não estou preocupado com isso, Alayna. – Hudson parecia no limite também. – Mas, se você preferir, posso adiar a liquidação por uma semana.

– Tudo bem, que seja. Preciso assinar algum acordo ou algo assim?

– Prefiro que não haja uma evidência em papel sobre isso.

– Mas se alguém questionar sobre meus empréstimos terem sido pagos...

– Eu pagaria os empréstimos da minha namorada. – É claro que ele faria isso. – E qualquer outra dívida que ela tivesse. Você tem outras dívidas?

– Não. – Eu tinha um Visa que usara até o limite. Mas Hudson não precisava saber sobre isso. – Isso é tudo?

Hudson deu de ombros, um gesto fora do lugar para um homem tão confiante.

– A menos que tenha outras perguntas.

Eu hesitei em perguntar, mas tinha que saber.

– Quando nós estivermos juntos, em público, quero dizer, posso segurar sua mão e... beijar você? – Olhei para ele através dos cílios grossos de rímel.

O canto do lábio dele se contorceu.

– Eu espero que você faça isso. Muitas vezes. – Hum, uau. – Mais alguma coisa?

Pensando em beijá-lo, passei minha língua sobre o meu lábio inferior.

– Não.

– Então, a parte de negócios desta reunião acabou. – Ele se ergueu e deu a volta para trás da mesa. Tirou o paletó e pendurou-o no espaldar da cadeira mostrando seu corpo musculoso e esguio. Que foda... Sim, aquilo era uma distração.

Hudson ficou em pé, na frente de sua cadeira, e se inclinou sobre a mesa apoiando-se sobre as palmas das mãos abertas. Ele olhou para mim por alguns segundos e desejei saber o que ele estava pensando. Quando ele falou, sua voz era baixa e uniforme.

– Em cerca de dois minutos, Alayna, eu vou dar a volta nesta mesa e beijá-la até que você esteja molhada e com falta de ar.

Ah, uau.

– Mas, primeiro, deixe-me esclarecer uma coisa que suspeito que possa ser uma dúvida. Esta farsa é principalmente para eu convencer a minha mãe. Eu direi e farei coisas, coisas românticas talvez, que não serão verdadeiras. Preciso que você se lembre disso. Longe dos olhos do público, vou persuadir você a fazer sexo comigo. Isso será genuíno, mas nunca poderá ser interpretado como amor.

– Porque você é incapaz de amar. – Minha voz soou submissa e plana.

– Exato.

A curiosidade me obrigou a me inclinar para a frente.

– Por que você acredita nisso?

Hudson empertigou-se e tirou os óculos, colocando-os sobre a mesa.

– Estou com 29 anos e nunca tive qualquer inclinação para uma mulher a não ser para tê-la em minha cama. Eu não mantenho relacionamentos românticos. Sou casado com o meu trabalho. – Ele

caminhou lentamente ao redor de sua mesa em minha direção. – Isso e sexo casual são as duas coisas que me satisfazem.

Avaliei a estranheza da situação na minha mente. Hudson Pierce queria sexo. Comigo. Mas não um relacionamento. Mas queria que sua mãe acreditasse que ele tinha um relacionamento. Comigo. Para que ela não percebesse que seu filho era incapaz de amar. Coisa que ele era.

A coisa toda me fez girar em círculos.

E a pior parte era que eu sabia não ser capaz de manter esse relacionamento casual que ele estava exigindo.

Exceto... Eu pensei na segunda categoria de homens com quem estivera envolvida na minha vida, os homens pelos quais me sentira muito atraída. Joe, Ian, Paul, todos eles quiseram um relacionamento no início. Se eles não quisessem, se tivessem declarado desde o primeiro dia que não queriam, isto teria feito diferença no quanto me tornei ligada a eles mais tarde?

Eu estava justificando e sabia disso. Com Hudson, eu era uma alcoólatra entrando em um bar, mas decidindo que poderia resistir à tentação enquanto todas as garrafas estivessem fechadas.

Essa era uma mentira em que decidi tentar acreditar.

– Sem romance? Eu posso fazer isso.

Hudson recostou-se na frente de sua mesa novamente. Ele levantou uma sobrancelha, e pude ver a diversão em seus olhos.

– Você também é incapaz de amar?

Encontrei o olhar dele e ignorei a pequena voz na minha cabeça me dizendo para sair correndo dali.

– Não, muito pelo contrário. Eu amo muito. Manter o amor fora da equação é uma coisa muito boa para mim.

– Ótimo. Sem amor.

Ele deu um passo à frente e se inclinou para mim, uma mão em cada um dos braços da poltrona, prendendo-me. Seu olhar estava faminto e um arrepio percorreu meu corpo quando percebi que estava prestes a ser beijada.

Mas, antes que isso acontecesse, eu tinha que saber de uma coisa. Quando ele se aproximou, coloquei a mão em seu peito. Seu peito muito forte, duro como pedra.

– Espere.

– Não posso. – Mas ele fez uma pausa. – O que foi?

Hudson estava a centímetros do meu rosto, e os lábios que eu ansiava morder se mantinham em meu foco enquanto falava.

– Por que eu? Você pode ter quem quiser.

– Impressionante. Eu quero você. – Ele se inclinou novamente, sua boca tocando a minha, seu hálito aquecendo a minha pele.

– Por quê?

O homem se afastou. Não muito, apenas o suficiente para poder olhar para mim.

– Não sei. Apenas quero. – Suas palavras saíram num sussurro, como se ele raramente fizesse declarações assumindo incertezas, e eu duvidei de que ele as fizesse. – Desde o momento em que eu vi você...

Ele deixou as palavras sumirem enquanto roçava seus dedos na minha testa, os olhos fixos intensamente nos meus, e eu rapidamente me perguntei qual teria sido esse momento... Na noite do simpósio dos formandos na minha faculdade, ou quando me vira, pela primeira vez, na boate?

O que quer que ele pretendesse dizer, sua possessividade perplexa era sincera, e nem o quando ou o porquê importavam mais. A pequena voz gritando na minha cabeça foi abafada pelo som alto e sibilante do desejo que senti pulsando em minhas veias. Eu me inclinei para a frente.

Hudson não hesitou por um segundo e juntou a minha boca com a dele. Por mais duvidosas que suas palavras tivessem sido, seus lábios estavam confiantes e firmes. Ele colocou uma mão por trás do meu pescoço para me guiar, aprofundando o beijo, acariciando a minha língua com a dele. Hudson chupou e lambeu dentro de mim, provocando arrepios na minha espinha, e eu imaginei a boca quente e molhada dele em outras partes do meu corpo. E suspirei.

Sem tirar a boca da minha, ele me ergueu. Assim era melhor. Eu poderia pressionar o meu corpo contra o dele, sentir seu desejo pressionando a minha barriga, sentir o contato que tanto ansiava. Corri minhas mãos pelo seu cabelo e para baixo, ao longo da base do seu pescoço, desfrutando dos formigamentos que atravessavam as minhas pernas enquanto ele gemia contra os meus lábios.

Uma campainha aguda nos fez pular e nos afastarmos. Eu coloquei a mão sobre o peito, o meu coração batendo rapidamente do susto e do beijo intenso.

Hudson sorriu.

– O interfone – explicou, com a voz entrecortada. Ele se dirigiu para trás de sua mesa e apertou um botão. – Sim?

A voz da secretária fluiu pela sala novamente.

– Estou indo embora, sr. Pierce. O senhor precisa de mais alguma coisa?

– Não, obrigado, Patrícia. Você pode ir. – Hudson tinha conseguido recuperar o controle de sua voz. Incrível. Eu ainda estava tremendo.

Ele colocou uma mão na cintura e olhou para mim, como se perguntando o que fazer com o problema diante dele. Aquilo tanto me aqueceu como me gelou. Ser olhada de forma tão intensa, ser analisada tão cientificamente daquele jeito...

Cruzei os braços.

– O que foi?

Ele balançou a cabeça.

– Nada. – Então pegou o paletó do encosto da cadeira e estendeu a mão para mim. – Venha, Alayna.

Meu corpo respondeu ao seu comando antes que meu cérebro pudesse decidir o que fazer. Peguei a mão dele, o calor dela reacendendo o fogo que ele tinha começado na minha boca.

Ele me levou até um elevador, no canto de trás do seu escritório, que eu não tinha notado antes. Dentro da cabine do elevador, digitou um código no painel e percorremos uma viagem para cima. As portas se abriram para um *loft* totalmente mobiliado, decorado com o mesmo design moderno do seu escritório logo abaixo. Janelas do chão ao teto cobriam uma parede inteira. O tema repetia-se por todo o amplo espaço, paredes de vidro dividindo uma sala de jantar, uma sala de estar, e, espreitando-se por trás de cortinas meio puxadas, via-se um quarto.

Rapidamente olhei para longe da cama, escandalizada pelos pensamentos imorais que passaram pela minha cabeça com a visão de seu espaço pessoal, e encontrei o olhar de Hudson, percebendo a diversão em seus olhos. E corei.

Ele caminhou até a cozinha e abriu um armário, retirando dois copos.

– Posso servir-lhe um pouco de chá gelado?

– Claro. – Eu me perguntei se ele sempre tinha chá gelado ou se havia se abastecido daquilo especificamente para mim. Eu o segui até a cozinha, sentando-me em uma elegante banquetta metálica. – Você mora aqui?

Hudson abriu o freezer e pegou um punhado de cubos de gelo, pondo metade em cada um dos copos.

– Às vezes, fico aqui. Mas não considero que seja a minha casa.

Olhei ao redor da cobertura novamente compreendendo do que se tratava.

– Hudson! Este é o seu lugar de trepar?

– Às vezes. – Ele serviu o chá em nossos copos e, em seguida, virou-se para me entregar o copo sobre o balcão.

Peguei o copo, bebendo avidamente, precisando do líquido para a minha boca subitamente seca.

– E você me trouxe aqui para...?

Ele tomou um gole de chá e lambeu os lábios. E levantou uma sobrancelha.

– Por que você acha que a trouxe aqui?

Uma excitação repentina desceu sobre mim, seguida por uma onda de pânico. Eu não estava pronta para isso, estava? Olhei para o meu relógio. Não havia tempo.

– Hum, eu tenho que sair para o trabalho em dez minutos.

– Vinte minutos. Você tem um motorista.

Eu me mexi inquieta, o interior das minhas pernas estava pegajoso e úmido.

– Isso ainda não é muito tempo.

Hudson deu a volta, saindo detrás do balcão, pegou o chá da minha mão e o colocou de lado, junto com o dele.

– Não é muito tempo para quê?

Minha garganta pareceu que tinha se fechado, mas, de alguma forma, consegui emitir algumas palavras débeis.

– Você vai me fazer dizer?

Ele sorriu enquanto me girava na banquetta, e, em seguida, encurralou-me contra o bar.

– Não. Agora não. Se você falar, eu não serei capaz de resistir a você e, como bem disse, não há tempo suficiente. Então, em vez disso, terei que me contentar com uma amostra.

Sua boca fechou-se sobre a minha, consumindo os meus lábios e a minha língua com um frenesi tórrido. Minhas mãos se arrastaram até sua camisa, desejando estar sobre sua pele. Eu podia sentir os músculos firmes do seu peito sob meus dedos. Ah, este homem devia malhar, a definição esculpida de seu corpo era muito evidente através da roupa. Eu queria correr minhas unhas sobre seu corpo, desejando descobrir se ele tinha pelos ou tinha o peito nu, desesperada para estar nua e apertada contra ele.

Hudson não deixou que qualquer detalhe da minha roupa ficasse no caminho de seu desejo. Ele abriu os botões do meu vestido para que pudesse deslizar a mão para dentro e agarrar meu seio. Meus mamilos se levantaram quando friccionou um deles levemente, com o polegar. Em seguida, apertou com a força certa de que eu gostava, fazendo-me suspirar de prazer em sua boca.

Depois, colocou sua outra mão na minha perna nua e lentamente levou-a para cima. Seu toque era fogo contra a minha pele, e eu me

agitei com sua carícia, querendo mais desse calor, ansiando pelo inferno que estava à espera. Abri minhas coxas para ele, levando sua mão para cima com uma das minhas. Ele sorriu contra meus lábios enquanto, de bom grado, eu lhe mostrava a minha necessidade, meu desejo louco por ele.

E, então, seus dedos estavam dentro de mim, afastando o tecido fino da minha calcinha, alcançando o ponto sensível do meu desejo. Eu gemi ao seu toque, seu polegar circulando o feixe de nervos com uma mistura hábil de pressão, profunda e suave ao mesmo tempo. Toques leves como pena eram seguidos de fricções calculadas. Eu já estava me contorcendo quando ele mergulhou um dedo dentro de mim. Engoli em seco, levantando meus quadris ao encontro do dedo, incapaz de raciocinar por causa da vontade de gozar.

Hudson murmurou contra minha boca.

– Alayna, você está molhada. Ah, tão molhada. Você está me deixando louco com seus murmúrios e com o jeito que está molhada para mim.

Ele levou meu suco até o meu clitóris e, em seguida, enfiou dois dedos dentro de mim, provocando uma série de gemidos em meu corpo. Mais um roçar no meu clitóris e eu estava no limite, meu orgasmo me levava a convulsões.

Mas, mesmo gozando na mão dele, Hudson não parou seu ataque.

– Você goza tão facilmente. – Sua voz traiu o seu espanto e seu próprio desejo. – Tenho que fazê-la sentir isso de novo.

Ele puxou minha calcinha enquanto eu ainda tremia.

– Incline-se para trás e apoie seus cotovelos no balcão – ordenou.

Fiz o que ele disse, contente por ter um apoio. Então, Hudson pôs as mãos nos meus joelhos e afastou minhas pernas, abrindo-me ainda

mais. Antes que eu percebesse o que estava acontecendo, seus dedos voltaram à minha vagina, três deles agora, e sua língua estava no meu clitóris.

– Porra! – Incapaz de suportar outro clímax, e incapaz de viver sem ele.

Seus dedos hábeis me fodiam, entrando e saindo em golpes longos e uniformes, enquanto ele chupava e lambia meu clitóris. Agarrei a beirada do balcão atrás de mim quando senti a onda de outro orgasmo me assaltar, todos os meus músculos se apertando, minha vagina apertando-se em torno de seus dedos.

Ainda assim, ele se alimentou de mim, observando com prazer a evidência de meu êxtase, acariciando meus tenros nervos com a língua, numa devoção infinita. Era demais. Isso era demais. Um terceiro clímax me atravessou, logo em seguida ao último. Atirei minha cabeça para trás, tremendo violentamente e gritei um palavrão, talvez, ou o nome dele, ou sons ininteligíveis, eu não sei, totalmente irracional e sem poder identificar o que dizia.

Quando minha visão clareou e meu cérebro voltou a funcionar, vi que Hudson estava me segurando, sussurrando no meu ouvido, meu cheiro em seus lábios.

– Você é tão sexy, princesa. Tão fodidamente sexy que desse jeito eu logo vou gozar com você.

Meus dedos agarraram tufo de seu cabelo.

– Em breve – prometeu ele. – E muitas vezes.

Quando já tinha me recuperado o suficiente para me sentar sem apoio, Hudson me deixou, retornando com uma toalha molhada. Eu observei enquanto ele limpava o interior das minhas pernas e meu sexo, o calor do pano e a intimidade da ação me fascinando.

– Obrigada – disse eu, quando ele encontrou meu olhar viu minha gratidão se estendendo para além da limpeza.

Ele me beijou, meu gosto ainda agarrado à sua língua. Apesar de saciada, a excitação começou novamente com o toque de seus lábios e a consciência da enorme protuberância em sua calça.

Logo, Hudson se afastou.

– De nada.

Eu o segui com os olhos quando ele caminhou para o quarto e jogou a toalha em um cesto de roupa alto e preto. Quando olhou para trás, me pegou olhando e piscou.

Corei. Essa nova familiaridade que ele tinha com o meu corpo me fez sentir-me desconfortável. Lutando para me recompor, eu me atrapalhei para fechar os botões do meu vestido. Então, deslizei para fora da banqueta, encontrei minha calcinha no chão e a enfiei na minha bolsa.

Hudson levantou uma sobrancelha questionadora enquanto ajeitava a gravata.

– A minha calcinha está, hã, encharcada. – Notei sua expressão de satisfação. – E não posso vesti-la assim.

Uma carranca substituiu seu sorriso.

– Mas você não pode trabalhar sem ela. Seu vestido é muito curto.
– Vou ter cuidado. Eu não me importo.

– Mas eu me importo. – Hudson se aproximou de mim, colocando as mãos nos meus braços. – Alayna, você não usar calcinha é muito sexy, mas quando eu estou com você. Porém, definitivamente, não acho sexy saber que você está nua e rodeada por um bando de fregueses bêbados e grudentos. – As palavras eram severas, como se estivesse repreendendo uma criança rebelde. – Na verdade, isso me deixa muito descontente.

Ora, ora... Hudson tinha uma veia ciumenta. Tinha como ser mais excitante?

Mas eu não podia tê-lo infiltrando-se em todos os aspectos da minha vida. Ele já tinha insistido sobre o motorista. E opinado sobre as minhas escolhas de roupa. Então, mantive minha posição.

– Sei como cuidar de mim mesma.

Hudson cruzou os braços sobre o peito.

Eu o encarei.

– Eu não vou vestir uma calcinha encharcada. Se fizer isso, vou ficar cheirando a sexo a noite toda, e quer que eu explique o que isso provoca num bando de fregueses bêbados e grudentos?

Ele fez uma careta.

– Então, deixe-a aqui. Eu posso, pelo menos, fazer com que ela seja lavada.

Estendi minha calcinha para ele.

– Se você quisesse uma lembrança, tudo o que tinha que fazer era pedir...

Hudson a pegou, sua expressão ainda tensa.

– Não vou ficar com ela. Espere um momento e estarei pronto para ir – dizendo isso, desapareceu no banheiro, deixando a porta aberta.

– Você estará “pronto para ir”?

Não esperava que Hudson fosse comigo. Ele não me respondeu ou, pelo menos, não ouvi a sua resposta por causa do barulho de água corrente.

– Você disse alguma coisa? – perguntou ele quando voltou. Ele vestiu o paletó e estendeu a mão para mim.

Eu peguei sua mão, percebendo que ele já não tinha meu cheiro, suas mãos estavam lavadas e os dentes, recém-escovados. Era algo prático, mas murchei porque ele se distanciava oficialmente da cena apaixonada de momentos antes.

– Sim, eu não sabia que você iria para a boate.

– Eu vou. – Ele me puxou pela porta principal até um corredor com outro elevador. Este, imaginei, era o que levava ao saguão principal, em vez de ao seu escritório. Ele soltou a minha mão e apertou o botão enquanto esperávamos. – Isto é um problema para você?

Dei de ombros, embora minha vontade fosse dizer: Droga, sim, é um problema. Você me confunde, me deslumbra e me distrai. Como eu poderia apresentar minhas ideias com os olhos ardentes de Hudson sobre mim, olhando para a sua boca terrivelmente deliciosa que, recentemente, tinha me devorado com tamanha habilidade? Especialmente agora, quando seus olhos ardentes e sua boca não davam nenhuma indicação de que algo fora do comum tivesse ocorrido poucos instantes atrás.

Relutante em ser tão honesta, mas incapaz de deixar o assunto morrer, pressionei.

– Então, por que você quis me encontrar aqui quando poderia ter me encontrado na boate?

– Privacidade, Alayna. Eu não consigo imaginar que você gostaria de experimentar aquilo na boate, não é? – As portas se abriram e ele me conduziu para dentro do elevador. – E, então, lamenta ter vindo... Gozar de minha companhia? – O sorriso em seu tom de voz enfatizou o duplo sentido de suas palavras.

– Não – respondi rapidamente enquanto ele apertava o botão do térreo. – Lamento você não ter gozado.

Eu não conseguia me lembrar de uma ocasião em que um homem havia me deixado ter todo o prazer, sem receber nada em troca. Isso me fez sentir ainda mais vulnerável na frente dele.

– Você vai ter a oportunidade de corrigir isso.

E então os pensamentos de corrigir aquilo correram pela minha mente, pensamentos de tocar o corpo nu de Hudson, seu volume em minhas mãos...

Meu sexo ficou inchado e necessitado. De novo.

Droga. Não era disso que eu precisava no momento. Eu tinha que colocar minha mente no jogo. O que seria mais fácil sem o objeto do meu desejo ao meu lado, seu braço roçando meu ombro.

– Depois de todo o seu discurso sobre não ser o meu patrão e tudo o mais, não achei que você fosse aparecer.

– David pode querer orientações. Eu devo estar lá. – Ele olhou para mim. – Além disso, estou curioso. Isto vai incomodá-la?

– Eu não estava preparada. Só isso.

Seus olhos brilharam com a compreensão.

– Você está nervosa.

– Estou.

Hudson mudou de posição atrás de mim, envolvendo-me em seus braços.

– Não se preocupe. Você é perfeita. E vai estar perfeita.

Eu me afundei nele. Isso era do que eu precisava: seu toque. Depois de um ato tão íntimo, estava me sentindo abandonada e exposta. Eu precisava de conforto, não apenas sobre a apresentação que estava prestes a fazer, mas sobre seus sentimentos, ou atração, ou o que quer que esse homem sentisse por mim.

Enquanto descíamos, voltei meus pensamentos para David e a apresentação que faria. Ah, Deus, David. Um novo horror me atingiu.

– Será que nós...? – Nem sabia como perguntar o que queria saber.
– Nós temos que, hã, fingir a coisa hoje?

– Você não vai querer que David lhe dê pontos extras por achar que você está namorando o patrão.

– Certo.

E, como eu ainda poderia me casar com David um dia, esse meu esquema com Hudson exigia delicadeza. No entanto, a ideia de me casar com David parecia menos atraente do que já fora um dia.

– Podemos manter isso em segredo por um ou dois dias, se você preferir.

– Obrigada.

Senti a ansiedade em meu estômago enquanto eu imaginava e planejava como equilibrar os homens, e todas as facetas do meu relacionamento com eles, em minha vida: o romance falso com Hudson, o pretenso futuro com David, o rompimento da dependência de Brian, o sexo real com Hudson, a possível promoção via David. Eu tremi e puxei os braços de Hudson para apertá-los mais em torno de mim.

Ele interpretou mal a minha ansiedade.

– Você sabe o que eles dizem para fazer com o nervosismo – sussurrou em meu ouvido. – Imagine o seu público nu.

Eu levantei minhas sobancelhas.

– Você e David?

– Não, princesa. Apenas eu. E isso é uma ordem.

O tom de comando na voz de Hudson enviou cócegas de desejo para o meio das minhas coxas. De toda forma, não achei que imaginá-lo nu seria de alguma ajuda.

Jordan esperava por nós em frente ao prédio em um Maybach 1957 negro. Eu nunca tinha estado em um carro de luxo antes e minha reação natural teria sido elogiar e salivar, mas segurei o meu entusiasmo, tentando parecer mais indiferente do que realmente estava. Eu reclinei o assento, aproveitando o apoio para os pés, enquanto Hudson cuidava de algumas questões de trabalho. Ele digitou longamente em seu Blackberry e fez vários telefonemas.

Na verdade, eu deveria estar concentrada na minha apresentação, mas ouvi-lo conduzir os negócios me fascinou, seu tom de comando e a exigência de respeito irradiavam dele com muita naturalidade, mesmo nas instruções mais simples. Normalmente, quando ele falava assim comigo, eu me sentia abalada e fora de equilíbrio. Mas, quando testemunhei Hudson falando desse jeito com outras pessoas, ou talvez por causa do que tinha acontecido entre nós, eu me senti fortalecida. Como se pudesse incorporar aquelas qualidades também.

Chegamos à casa noturna cinco minutos antes do encontro marcado. Hudson ficou no carro por algum tempo, permitindo-me ir primeiro em vez de chegarmos juntos. No escritório, encontrei David preparando o meu laptop.

– Oi – disse ele, como saudação. – Você está pronta para mostrar o seu cérebro brilhante?

Eu me perguntei se David sabia sobre o plano de Hudson de participar ou não dessa reunião. De qualquer maneira, não queria que ele soubesse que eu sabia.

– Devo começar?

– Não, Pierce disse que pode aparecer. Você deve dar a ele alguns minutos.

Hudson entrou alguns segundos depois.

– David – disse ele, apertando a mão do outro. – Alayna.

Hudson acenou a cabeça para mim, e fiquei imaginando se isso foi para minha segurança, sabendo que seu toque me levaria para além da distração. Ou será que me tocar fazia a mesma coisa com ele? Eu não podia imaginar que isso pudesse ser verdade, porque esse homem separava as coisas tão naturalmente que eu só podia pensar que os pensamentos dele eram sinceros no momento de suas ações.

Começar a apresentação das minhas ideias exigiu mais esforço, mas, com os meus slides de PowerPoint como apoio, caí facilmente na zona de conforto e logo me esqueci do público. Em primeiro lugar, eu me concentrei nos aspectos operacionais do Sky Launch, itens que ameaçavam a nossa competitividade com outras casas noturnas da cidade, sugerindo um aumento das horas e dias em que ficávamos abertos, uma reciclagem do pessoal-chave e um modo unificado de operação entre as *barwomen* e a equipe de garçons. Depois, segui para as recomendações de marketing, enfatizando uma reformulação total da marca, com uma atenção especial às bolhas.

Falei por quase uma hora e meia. Às vezes, David fazia perguntas e eu respondia com segurança e de forma sucinta. Eu conhecia o Sky

Launch. Eu conhecia esse mundo dos negócios. Sabia o que faria da boate um lugar mais agitado. E me sentia bem.

Exceto por ocasionais perguntas de esclarecimento, Hudson permaneceu quieto e atento. Quando terminei, olhei para ele, esperando por comentários, elogios ou qualquer tipo de reação.

Em vez disso, ele olhou para o relógio.

– David, há outro lugar onde preciso estar agora. Você pode me ligar amanhã, se quiser discutir essas ideias.

As endorfinas que produzi com o bom desempenho na apresentação não foram suficientes para me proteger da decepção e da falta de reconhecimento de Hudson. Eu tinha feito merda, era isso? As garotas inteligentes o faziam broxar? E onde é que ele tinha que estar às oito horas numa noite de quinta-feira?

Que seja. Se Hudson não gostou, então, paciência. Ele não era meu chefe, como tão veementemente tinha destacado antes. Eu não precisava de sua validação estúpida. Eu fora a melhor da minha turma. E sabia muito bem sobre o que tinha falado. Coloquei meu laptop longe, a raiva extravasando em meus movimentos bruscos.

– Obrigado – disse David.

– Ótimo. Alayna?

– O quê? – posso ter retrucado de forma grosseira.

Hudson esperou até que eu encontrasse seus olhos para continuar.

– Venha comigo até a saída, por favor.

Eu mordi o lábio enquanto o seguia para fora do escritório, sabendo que minha atitude tinha sido menos do que profissional. Pelo menos, ele iria me censurar em particular.

Andamos em silêncio pela rampa, em direção à entrada. O lugar estava vazio, exceto por alguns funcionários que se preparavam para a

noite, e certamente a boate não iria abrir durante a próxima hora.

Quando nos aproximamos da porta da frente, Hudson me puxou para o vestiário. Eu gritei de surpresa.

– Alayna – rosnou Hudson, pressionando-me contra a parede com seu corpo, prendendo minhas mãos dos lados. Seu nariz viajou ao longo da minha mandíbula. – Você foi brilhante, sabia disso?

– Não – a minha voz guinchou, sua inesperada mudança de temperamento me pegava de surpresa. – Quero dizer, eu achava que minhas ideias eram boas, mas, então, você não disse nada... – parei de falar com um gemido quando ele mordiscou minha orelha.

– Não conseguia falar. Eu estava fodidamente excitado – disse ele, empurrando sua virilha contra o meu estômago, enfatizando o que tinha dito, e eu lutei para reprimir outro gemido. Seu calor contra mim espalhou arrepios por todo o meu corpo.

– Então foi bom?

– Ah, princesa, você realmente precisa perguntar? – Hudson se afastou para olhar para mim. – Você pensa de forma inteligente, prática e ainda fora do senso comum. – Ele encostou a testa na minha. – E isso me deixa maluco.

Eu me senti tonta. Geralmente ficava com homens que estavam atraídos pelo meu corpo, não pela minha mente. Isto era exultante. Agora também tinha certeza de que a atração de Hudson por mim tinha começado no simpósio de pós-graduação na Stern.

– Então, Hudson Pierce gosta de meninas *nerds*?

Ele alternava suas palavras com beijos cálidos no meu pescoço.

– Eu gosto de você quando é *nerd*, quando está nervosa, quando você está gemendo sob a minha língua.

Droga, Hudson sabia como atingir meus pontos sensíveis, pontos que eu nem sabia que tinha. Eu tremia sob seus beijos. E ansiava tocá-lo, correr meus dedos por seu cabelo, puxar seu corpo perto do meu. Mas ele ainda tinha os meus braços presos, por isso, tive que me contentar em lhe dizer com palavras.

– Eu gosto de você também.

Ele esmagou a minha boca com a dele soltando meus braços para levar suas mãos a passearem por baixo do meu vestido. Ele agarrou a minha bunda, apertando e acariciando a minha pele macia enquanto me beijava de forma agressiva. Meus dedos voaram para seu rosto e eu o segurei enquanto a sua língua dançava com a minha.

Quando Hudson se afastou, nós dois estávamos ofegantes. Seus olhos brilhavam maliciosamente.

– Durante a sua apresentação, você me imaginou nu?

Sempre. Eu sorri.

– Eu não tinha imagens suficientes para fazer isso. Nunca vi você nu.

– Bem, não vi você nua e isso não me impede de imaginar. – Então, ele examinou meu corpo momentaneamente e rosou. Como se estivesse me imaginando nua naquele exato segundo.

Seu bom humor me fez mais corajosa do que tinha sido com ele até então.

– Bom, quando é que vamos resolver toda essa questão de ver os pedacinhos nus?

Hudson esfregou seu polegar ao longo da minha bochecha.

– Ah, agora ela está ansiosa. Depois de ter provado as amostras da mercadoria.

– Sempre estive ansiosa. Agora eu tenho certeza. – Virei minha boca para morder seu polegar e ele levantou uma sobrancelha.

– A que horas você entra amanhã?

– Às nove.

Seus olhos se arregalaram quando minhas mordidas viraram chupadas.

– Vou parar de trabalhar às cinco – disse ele com a voz rouca. – Venha ao *loft* nessa hora. Pegue o elevador principal para a cobertura. Você terá que digitar o código: sete-três-dois-três. Repita isso para mim.

– Sete-três-dois-três.

– Bom. Eu lhe mandarei uma mensagem, para que você não se esqueça. Cinco horas. Não coma nada. Eu vou alimentar você. – Dizendo isso, tirou o polegar da minha boca e me deu um beijo rápido. – E vou me alimentar de você. – Voltou novamente para um beijo mais profundo.

Ele suspirou quando se afastou de mim.

– Amanhã, princesa. – Hudson agarrou minha mão e segurou-a enquanto pôde, conforme se afastava. Antes de desaparecer para fora do vestiário, ele se voltou. – Ah, e eu garanto que “pedacinhos” não é uma palavra apropriada para minhas partes íntimas.

Eu já tinha presumido aquilo vendo o contorno em sua calça.

Menos de uma hora depois que Hudson tinha ido embora, Liesl me parou quando passei pelo bar do piso inferior.

– Laynie – chamou ela, apontando para um pequeno saco sobre o balcão. – O Gostosão passou e deixou isso para você enquanto você estava trazendo as gavetas dos caixas do escritório.

Mordi o lábio.

– Gostosão? Quer dizer Hudson?

– Isso.

Não fazia ideia do que Hudson poderia ter me deixado e, embora estivesse a caminho de destrancar as portas da frente, mudei de direção e me dirigi até o pacote.

Um papel dobrado estava colado do lado de fora. Em nítidas letras de forma, ele tinha escrito: “Eu não posso deixar você ficar sem.” Senti o rosto queimar quando espiei lá dentro, suspeitando de que já sabia o que encontraria. Mas é claro, lá estava a minha calcinha, lavada e dobrada cuidadosamente. Nem queria pensar em qual membro da equipe dele tinha a função de lavar as coisas das amiguinhas de foda do patrão. Mas o fato de ele ter feito isso acontecer era meio que bonitinho.

– Então, que merda tem aí dentro, Laynie? – perguntou Liesl, e rapidamente fechei o saco.

– Não é nada. Esqueci uma coisa quando estive no escritório dele mais cedo. – Internamente, eu me esbofetei. Em seguida, ela perguntaria por que eu estivera no escritório de Hudson.

Mas isso não foi o que ela perguntou:

– Você deixou sua calcinha no escritório do Hudson? Sim, eu olhei. O que você esperava de mim?

Esfreguei a mão no meu rosto. Liesl descobriria em breve. E esta era a oportunidade perfeita para contar que eu estava namorando o homem.

Só que não fiz isso. Não podia. Eu não estava pronta para compartilhar isso ainda. Eu queria viver com a verdade mais um pouco antes de começar a brincar de mentira.

– Liesl, eu prometo que vou lhe contar. Só que não hoje à noite.

Ela soltou um sopro exagerado de ar.

– Tudo bem, que seja. Mas é melhor você ter detalhes suculentos quando estiver pronta para desembuchar.

– Combinado – respondi.

Levei o saco e seu conteúdo para o banheiro e fui colocá-la.

Depois de vestir a calcinha, eu me peguei sorrindo no espelho. Talvez estivesse errada sobre Hudson. Ele, obviamente, não era o pomposo imbecil que pensei que fosse. Na verdade, ele estava se transformando em um cara muito decente.

Droga.

Eu acordei no dia seguinte com Hudson no cérebro. De novo. Jamais tinha programado fazer sexo com hora marcada na agenda, e saber que isso estava previsto para hoje fez a minha barriga apertar e a minha vagina pulsar. E com a repetição constante na minha cabeça das palavras que ele tinha dito, das ações que ele tinha feito, minha bandeira de pânico começou a tremular. E perguntei-me, como muitas vezes já tinha feito na vida, se eu estava condenada a viver obcecada pelos meus relacionamentos ou obcecada pelo fato de estar ou não obcecada por eles.

Três horas antes de ficar pronta para encontrar Hudson no *loft*, ainda precisava lidar com a minha ansiedade, caso contrário, estaria muito tensa na hora em que o visse, e duvidava de que até mesmo seu encanto mágico pudesse me descontraír.

Decidi dar uma corrida e rapidamente me arrependi dessa decisão. Corridas ao meio-dia eram brutais no verão, especialmente quando eu tinha me acostumado a correr no frio da manhã. No meio do caminho do trajeto planejado, desisti de correr e desacelerei para uma caminhada. Nada disso ajudou-me a aliviar o turbilhão em minha mente, nem o calor e nem o exercício. Ainda não conseguia parar de pensar em Hudson, no que ele estava fazendo e no que ele faria comigo quando eu o visse.

Por coincidência ou por um esforço subconsciente, eu me encontrei vagando até a Igreja da Unidade, onde meu velho grupo de viciados anônimos reunia-se costumeiramente. Eu o tinha descoberto

no auge de minha compulsão, era um lugar onde viciados atípicos se reuniam para discutir sobre tudo, desde vícios em videogame até compras compulsivas. Eu deixara de frequentar o grupo havia algum tempo, já que não tinha tido nenhum ataque por vários anos, mas talvez uma checagem, agora, não fosse uma má ideia.

Entrei no edifício e desci até as salas de reuniões do porão onde encontrei uma sessão liderada pela minha mediadora favorita, que estava terminando. Fiquei na parte dos fundos até que eles terminassem, então, fui em direção a Lauren.

– Ora, ora, aí está alguém que não tenho visto faz algum tempo – disse Lauren, jogando os braços em volta de mim em um abraço amigável, seu cabelo me batia com as dezenas de longas tranças. – Eu deveria estar preocupada em vê-la de novo?

– Não sei ainda. Você tem algum tempo para conversar?

– Um pouco. Quer tomar uma xícara de café no bar da esquina?

– Vamos.

Enquanto caminhávamos, eu atualizei Lauren sobre a minha formatura na faculdade e as perspectivas de promoção no trabalho, assim como o golpe que Brian tinha me dado com o recuo de seu apoio financeiro. Lauren tinha me aconselhado em muitos dos meus problemas familiares e provavelmente conhecia melhor do que ninguém a complexidade da minha relação com o meu irmão.

– Você vai ficar bem sem a ajuda de Brian? – perguntou ela quando estávamos sentadas do lado de fora, cada uma com um café gelado. A sua pergunta, nas entrelinhas, mostrava que ela estava falando mais do que apenas sobre o dinheiro. Situações estressantes levavam a recaídas nos transtornos de saúde mental, e ela queria saber se eu estava estável o suficiente para me segurar.

– Talvez – respondi com um suspiro. – Acho que sim. Brian não foi de grande ajuda em nenhuma das minhas situações de crise, exceto financeiramente. E eu já dei um jeito na questão do dinheiro.

– Ah, é? Isso é ótimo. Estou sentindo um “mas”, apesar de tudo.

– É que tem um cara.

– Hum. – Lauren se recostou na cadeira, com os braços cruzados sobre o peito. – Continue.

Fiz uma pausa, sem saber realmente como explicar minha relação com Hudson, querendo dar detalhes e sabendo que não podia fazer isso. Eu tentei então identificar exatamente o que me preocupava e expressar isso da forma mais simples possível.

– Nós trabalhamos juntos. E não consigo parar de pensar nele.

– O David?

Pensar em David agora parecia estranho. Eu o tinha mencionado antes, no grupo, quando começamos nossas sessões ocasionais de pegação. Agora ele estava distante no passado, embora tivesse dado um tempo em nossa relação há apenas dois dias.

– É outra pessoa.

Lauren inclinou a cabeça.

– Que tipo de pensamentos você está tendo sobre ele?

– Fantasias. – Baixei meu rosto para esconder o meu rubor. – Fantasias sexuais.

– E o que mais?

– Só isso.

Lauren balançou a cabeça.

– Você não vai querer que eu lhe diga que está com problemas porque está tendo pensamentos libidinosos com um cara gostoso.

– Mas é o tempo todo. Quero dizer, eu acordo pensando nele, vou dormir pensando nele, quando estou atendendo no bar estou pensando nele.

– Mas sem perseguir o rapaz, sem ligar para ele no trabalho ou mandar e-mails incessantemente?

– Não, isso não.

– Somente pensamentos sexuais?

– Não, fico repetindo na minha mente as coisas que ele me disse. Fico imaginando o que ele está fazendo e pensando.

– E você já considerou que pode apenas estar gostando dele?

Tomei um gole de meu café. Até a noite anterior, tinha passado muito tempo considerando que eu não gostava de Hudson. Exceto sexualmente. Eu sempre soube que minhas partes femininas eram atraídas por ele. Mas, além disso, não, eu não tinha pensado nisso que Lauren sugeriu. Não podia.

– Lauren, eu não posso gostar dele – gemi. – Nós... Não há nenhuma chance com ele.

– Você tem certeza?

– Sim. Nós já discutimos isso.

Ela me olhou com curiosidade. Procurei por algo mais que eu pudesse dar a ela.

– Ele não se apaixona por ninguém – concedi.

– Muitas mulheres sentem tesão por homens que são inatingíveis. É natural. Isso não significa que você esteja regredindo. Continue pensando de forma realista sobre a situação. Se você sentir que ele está consumindo seus pensamentos a tal ponto que esteja afetando sua rotina, então, será preciso procurar ajuda.

– Então, dormir com ele é uma má ideia? – Se ela dissesse que sim, eu não sabia o que poderia fazer. Mas não achava que conseguiria cancelar com Hudson. Eu o quero, e muito.

– Você já fez isso?

– Ainda não.

Lauren olhou para mim com firmeza.

– Mas está pensando sobre isto, certo? Bem, garota, fazer sexo sem nenhuma intenção de manter um relacionamento abre uma série de problemas que não tem nada a ver com adicção, mas certamente pode adicionar uma série de questões a ela.

– É impossível ter sexo casual?

– Tenho certeza de que é possível, eu só não conheço muitas pessoas que saiam ilesas das consequências. E não quero dizer com isso que você não seja forte o suficiente para lidar com o problema, mas, querida, você é?

– Isso pode dar fim às fantasias.

– Pode ser. Mas também pode fazer com que você se apegue mais...

– Não quero dizer que eu seja uma vadia, Lauren, mas já tive alguns bons casos de transas de uma só noite nos últimos anos, sem problemas de fixação e obsessão.

– Então, talvez você fique bem. Mas seus casos de uma noite só dão certo porque você não vê o cara todos os dias depois. Você ainda vai ver esse cara depois, não é?

Meus casos de uma noite só funcionaram porque esses caras todos eram da categoria “foder e esquecer”. Hudson, nem tanto. E eu iria vê-lo depois.

– De vez em quando...

Provavelmente, mais do que isso. Sinceramente, eu não tinha nenhuma ideia de quanto a nossa pequena farsa exigiria que eu visse Hudson. A trama estava programada para começar no domingo e ele tinha a intenção de manter o sexo separado dela, de forma que achei que a gente teria um caso de um dia e depois seguiríamos em frente.

Lauren me observou cuidadosamente. Depois de alguns minutos, ela encolheu os ombros.

– Não tenho como lhe dizer o que fazer, Laynie. E não posso lhe dizer se dormir ou não com esse cara vai fazer alguma diferença, cair ou não em padrões obsessivos de novo. O que posso fazer é estar presente para você e sugerir que volte ao grupo por um tempo, para algum apoio adicional.

Apoio adicional era uma boa ideia. Antes de nos despedirmos, concordei em ir a uma reunião semanal do grupo. Então, corri para casa e fui me preparar para a minha noite, porque, afinal, eu não tinha concordado em cancelar o meu encontro de sexo com Hudson.

Mais uma vez, fiquei me torturando sobre que roupa vestir para o encontro. Finalmente, escolhi uma blusa preta de gola larga e um short listrado de paetês. Jordan me deixou na frente do prédio das Indústrias Pierce alguns minutos antes das cinco. Depois de ter digitado o código do elevador e subido para a cobertura, me vi tremendo nas minhas sandálias de tiras de salto alto de oito centímetros.

Levou pelo menos um minuto inteiro antes que eu pudesse obrigarme a bater na porta do *loft*. Hudson abriu-a imediatamente, como se ele estivesse esperando do outro lado, mas estava com o celular ao ouvido.

– Roger, eu não quero ouvir que perdemos essa empresa porque minha equipe não foi capaz de prever a possibilidade de separação. – Ele segurou o receptor longe de sua boca. – Entre – sussurrou para mim. Em seguida, voltou para sua chamada enquanto fechava a porta atrás de mim.

Eu não conseguia decidir se a preocupação dele com o trabalho me deixava mais ou menos nervosa, mas aproveitei a oportunidade para avaliar o homem. Ele usava calça preta de alfaiataria e uma camisa social cinza-clara, com os botões abertos no pescoço, e o nó da gravata desfeito. Eu reparei em seu peito exposto, imaginei-me lambendo aquele pedaço de pele nua que estava vendo pela primeira vez. Se eu estava tão excitada assim por alguns centímetros quadrados de pele, o que eu faria quando ele estivesse completamente nu?

Hudson retornou o meu olhar, seus olhos intensos e dilatados com o desejo. O calor que eu sempre sentia em sua presença começou a pleno vapor e os momentos em que ele ficou ali ao telefone pareceram horas torturantes.

– Cuide disso, Roger. Espero que esteja tudo resolvido antes que eu chegue na segunda-feira. – Ele terminou o telefonema sem dizer adeus e lançou seu Blackberry na mesa, ao lado da porta da frente. Seu olhar não deixava o meu.

– Oi – sussurrei, incapaz de lidar com o silêncio profundo da sala. Os lábios dele se curvaram lentamente em um sorriso sexy.

Foi tudo o que bastou. Apenas um sorriso, e já não conseguia me segurar por mais tempo. Eu tinha imaginado que o primeiro movimento seria dele, mas fui eu quem avancei, minha boca esmagando-se contra a dele.

A surpresa de Hudson durou apenas um milésimo de segundo antes que ele respondesse do mesmo jeito. Seus beijos anteriores tinham sido profundos e apaixonados, mas este não tinha nenhuma delicadeza quando mergulhou sua língua nos recantos mais ocultos da minha boca, com uma fome desesperada. Respondi à sua ânsia com igual fervor, lambendo sua boca, mergulhando a língua entre seus dentes.

Sem nos separarmos, as mãos de Hudson moveram-se sob a minha camisa para apertar meus seios através do sutiã. Eu engasguei com o formigamento maravilhoso que atravessou o meu corpo sob o seu toque gentil. Minhas próprias mãos se atrapalharam com os botões da sua camisa. Imagens minhas rasgando a maldita coisa preenchiam minha mente.

Logo que abri a camisa dele completamente, Hudson afastou-se, ofegante.

– Jesus, Alayna. Eu quero tanto você que não estou me comportando direito.

– Hudson – retruquei, diminuindo a distância que ele tinha criado.
– Se isso for se comportar mal, por favor, não pare.

Eu deslizei a camisa de seus ombros, deixando-a cair no chão, em seguida coloquei a minha língua em seu peito e lambi desde o pescoço até o mamilo.

Ele gemeu.

– Pelo menos me deixe levá-la para a cama. Se você continuar assim, eu vou comer você aqui, na porta.

– Bem, isso não me parece a pior coisa do mundo – murmurei, mas deixei que ele me levasse para o quarto.

– Não, não é... – Hudson parou a poucos metros da cama e me puxou para os seus braços. Ele acariciou meu pescoço quando disse: – Mas não seria capaz de saborear você corretamente e me arrependeria para sempre disso.

Depois, puxou minha camisa sobre minha cabeça e estendeu o braço nas minhas costas para abrir o fecho do meu sutiã meia taça de renda preta. Quando este caiu, liberando meus seios de sua prisão, eu não quis nada mais, exceto pressionar minha pele contra seu peito nu.

Mas Hudson queria olhar, hipnotizado.

– Eu imaginei que você teria belos seios, Alayna. Mas não tinha ideia...

Ele parou de falar, como se estivesse engasgado. Então me empurrou para trás até que minhas pernas encontraram a sua cama e eu tive que me sentar. Ajoelhando-se na minha frente, Hudson lambeu um dos meus seios fechando-o em sua mão e puxando-o em direção à sua boca, a outra mão em volta das minhas costas.

Com um grunhido, sua boca fechou-se em meu mamilo, chupando e puxando com uma pressão agradável. Eu gritei com o tremor que acompanhou o seu ardor, e minha vagina apertou-se. Agarrei o cabelo dele enquanto ele me chupava completamente, deixando-me ofegante e perto do orgasmo antes mesmo de dar a mesma atenção ao outro seio.

Quando terminou, Hudson beijou todo o caminho até meu estômago.

– Você é tão receptiva. Eu poderia passar o dia todo chupando seus lindos seios. – Então, me empurrou de volta para a cama. – Mas ainda tem muita coisa em você para provar.

Prendeu os dedos no cós de meu short e em minha calcinha e os puxou para baixo. Eu arqueei meus quadris para ajudá-lo.

– Meus sapatos – falei, quando meu short chegou aos tornozelos.

– Adorei. – Ele puxou a roupa, passando pelos saltos altos. – Quero esses sapatos nas minhas costas quando você enrolar suas pernas em volta de mim.

Tremi com essa instrução sensual. COMO NÃO? Gostei do jeito que ele me dizia como as coisas seriam, confiando que o modo dele de fazer as coisas nos traria mais prazer.

– Incline-se sobre seus cotovelos. – Fiz o que ele me pediu e Hudson curvou uma perna para cima, depois a outra, ancorando meus calcanhares na borda da cama, com minhas coxas abertas. Ele suspirou quando deslizou as mãos até o meio de minhas pernas. – Você é tão sexy desse jeito. Toda aberta para mim. – Meu sexo apertou e ele sorriu, passando os dedos na minha vagina. – Você me quer. Veja como a sua boceta palpita.

Ninguém nunca tinha falado comigo daquele jeito, tão cru e rude. Aquilo era incrivelmente quente e selvagem e, combinado com a provocação repetida de seus dedos roçando meu clitóris pulsante, não demoraria muito para me levar a convulsões. Assim que sua língua substituiu seus dedos, lambendo-me como se fosse de veludo, eu desabei, jogando a cabeça para trás deixando sair um grito rasgado.

– De novo – exigiu ele sem fôlego, mergulhando três dedos dentro de mim. Minhas mãos se enrolaram na colcha, não tinha certeza de que poderia suportar mais, e, ao mesmo tempo, queria ainda mais do que seus dedos. Ele me acariciou, esfregando o interior das minhas paredes enquanto retornava sua boca para chupar meu clitóris. Quando eu tinha chegado à beira do clímax novamente,

estremecendo sob a tensão acumulada, Hudson esticou a outra mão até meu seio e puxou meu mamilo com seus dedos. Eu gozei violentamente, batendo contra a cama, meu sexo ondulando ao redor de seus dedos.

Enquanto estava deitada tremendo, fiquei vagamente consciente de ver Hudson tirando sua roupa. Eu ouvi a gaveta do criado-mudo abrir e fechar e o rasgar de um envelope de preservativos. Então, ele me espalhou pela cama, dando-se espaço para rastejar sobre mim. Em seguida, colocou-se entre as minhas pernas, seu pênis quente pressionando a minha entrada trêmula.

– Você está pronta para mim – disse ele, apoiando seu peso em seus antebraços. Ele alinhou sua ereção e penetrou parcialmente.

– Ah, Alayna – falou entre os dentes. – Você é gostosa para caralho.

Eu engoli em seco quando ele me invadiu. Ele era tão grande. Não tinha certeza se caberia, então fiquei tensa, sabendo que tinha que relaxar para ter alguma esperança de acomodá-lo dentro de mim. Hudson ajustou a minha perna e foi o que eu precisava. Eu me abri inteira e ele entrou mais profundamente, aninhando-se no meu canal apertado.

Eu não conseguia me lembrar de alguma vez ter me sentido tão completamente preenchida, não só por causa de sua largura, mas por causa da maneira como os olhos de Hudson perfuravam os meus, enquanto ele se esticava e movia-se dentro de mim. Ele girou seus quadris, cutucando sua ponta mais para a frente.

– É tão bom.

Ele puxou lentamente quase todo o comprimento de seu pênis, e gemi sentindo o vazio deixado para trás. Então, ele flexionou os quadris e o enfiou com um golpe feroz.

Gritei e ele repetiu com um resmungo baixo de desejo. Hudson pressionou seu peito contra o meu e capturou minha boca, beijando-me rudemente com o meu gosto em seus lábios enquanto socava o pênis em mim.

Muito embora ele já tivesse me feito chegar ao clímax por duas vezes, estava desesperada para que ele me levasse a outro orgasmo. Apertei-me contra ele, no mesmo ritmo de cada impulso friccionado de seus quadris, gemendo e ofegando enquanto recebia cada um de seus golpes bruscos.

– Enrole suas pernas em volta de mim – grunhiu Hudson, enquanto continuava seu ataque.

Eu obedeci, tinha me esquecido de seu desejo de que eu fizesse aquilo. Meus saltos atingiram suas coxas, cravando-se nelas enquanto ele se movia para dentro e para fora de mim, dando mais erotismo ao nosso ato. Ao levantar as minhas pernas, isso me abriu ainda mais, e seu pênis entrou ainda mais profundamente, atingindo um ponto interior que se inflamava a cada estocada.

Meu orgasmo construiu-se assim, meu corpo apertando, comprimindo e contraindo-se em torno dos impulsos esmagadores de Hudson.

– Eu vou gozar – gemi, já tremendo.

– Sim – grunhiu ele. – Sim, goze, Alayna.

Meu clímax me atravessou em ondulações. Segundos depois, o corpo dele se esticou e estremeceu, derramando-se em mim, com força e demoradamente. Meu nome escapando de seus lábios.

Hudson caiu sobre o meu corpo trêmulo com a cabeça enterrada na curva do meu pescoço, enquanto eu passava meus dedos pelo seu

cabelo molhado de suor. Nossos peitos subindo e descendo em conjunto.

– Eu sabia que o sexo com você seria assim – disse ele, a voz quase um sussurro. – Poderoso, intenso e foddidamente incrível. Eu sabia.

Engoli em seco, forçando para baixo qualquer emoção que ameaçava mostrar-se, exceto a saciedade.

– Eu também.

Devo ter cochilado. Quando acordei, Hudson estava em pé, ao meu lado, puxando um cobertor sobre meu corpo nu.

– Durma, princesa – disse ele, enquanto eu lutava para me sentar. Ele tinha posto uma cueca, mas ainda exalava cheiro de sexo. Minha barriga apertou em resposta ao seu perfume. O meu tesão por Hudson nunca seria satisfeito?

Ele me deu um beijo na testa.

– Preciso pedir o jantar. Chinês está bom?

Depois de me espreguiçar, respondi:

– Parece delicioso.

– Vou pedir para entregar aqui.

Observei seu lindo traseiro conforme ele saía do quarto, deleitando-me com o que restava da minha euforia pós-sexo. Eu me sentia bem. Ninguém tinha me fodido assim desde... Bem, nunca. O cuidado e atenção que Hudson dedicou como amante não deixou a desejar. Claro, isso me fez querê-lo. Novamente.

Puxei o edredom mais para cima, uma sensação desconfortável estava crescendo em mim. Tentei dissecar sua fonte. O fato era que eu me sentia confortável... Muito confortável. Minha regra número um para evitar conexões doentias era evitar conexões em geral. Ficar me sentindo confortável desse jeito estava muito perto de uma conexão. E não havia nenhuma maneira de que eu pudesse criar uma conexão com Hudson.

Uma bola tênue de ansiedade começou a se formar na minha barriga. Eu poderia ficar até o jantar, decidi, mas precisava estar vestida e sentada a uma mesa. E, então, depois que a noite terminasse, Hudson e eu teríamos que manter o nosso relacionamento no campo estritamente profissional.

Afastando o cobertor, comecei a juntar minhas roupas. Eu encontrei minha calcinha e, depois, estendi a mão para o meu sutiã.

– Você está se vestindo?

Tomei um susto. Hudson estava em pé na soleira da porta, olhando para mim, trazendo a camisa e a gravata que ele tinha... Quer dizer, que nós tínhamos descartado mais cedo na sala principal. Subitamente me senti estranha com a minha quase nudez e cruzei meus braços sobre meu peito.

Ele jogou suas roupas em cima do cesto de roupa suja e, então, cruzou os próprios braços. Hudson não parecia estar se escondendo como eu estava, mas parecia que ele pretendia me repreender. Ele levantou uma sobrancelha.

– Você está com pressa de ir embora?

Eu tremi. Seu olhar e a minha falta de roupas tornaram complicado eu me lembrar do porquê queria ir embora. Desviei o olhar. Ele provavelmente queria que eu fosse embora logo, de qualquer maneira, já que conseguira o que queria. Nós não tínhamos que fingir o contrário.

– É que os caras geralmente não querem que eu fique depois de transarmos...

– Essa declaração traz tantas questões para discussão que eu nem sei por onde começar. – Hudson deu um passo em minha direção. – O que há de errado com os homens que não...? – Ele balançou a cabeça.

– Alayna, por favor, não me equipare com esses outros caras que você conhece. Eu gostaria de pensar que não sou como a maioria deles. E não quero saber ou pensar em você tendo relações sexuais com outros homens. Não compartilho minhas coisas.

Sem encontrar seu olhar, peguei meu short do chão, ignorando a emoção que correu pela minha espinha pela sua sugestão de posse.

– Isso me parece terrivelmente com um relacionamento. Achei que você não mantinha relacionamentos.

– Não mantenho relacionamentos românticos. As relações sexuais são outra coisa completamente diferente. Por que você está se preparando para ir embora?

Evitando sua pergunta, fui atrás de minha camisa ao pé da cama, mas Hudson chegou antes de mim.

– Pare – disse ele, levando minha camisa para longe do meu alcance. Ele colocou seu dedo embaixo do meu queixo para que eu pudesse olhá-lo nos olhos. Sua testa franziu em confusão e seu tom de voz mostrava sinceridade.

– Quero que você fique. E, se você estiver inclinada a ficar, eu preferiria que não estivesse vestida.

Minha vontade era derreter sob o seu convite, mas eu me recusei a ser afetada.

– Você está vestido – retruquei, cruzando meus braços sobre o peito de novo, soando como uma criança rabugenta. O nó de ansiedade estava apertando, e eu estava me agarrando a qualquer coisa em que pudesse para manter minha posição.

– Assim que a comida estiver aqui, ficarei feliz de tirar a roupa. Isso faria você se sentir melhor?

– Sim... – Mas isso eram os meus hormônios falando. Meus hormônios o queriam nu. E excitado. E escorregadio com o suor.

Mas meu cérebro não tinha certeza se seria uma boa ideia.

– Eu não sei – corriji.

Ainda segurando meu queixo, ele tocou minha bochecha com a outra mão.

– O que está acontecendo dentro de sua cabeça, princesa? Você vai fugir cada vez que fizermos sexo?

Ele queria fazer sexo comigo novamente. Tive uma contração no meio das pernas com esse pensamento. Mas, enquanto minha excitação despertava, isso também acontecia com o terror pulsando em minhas veias. Normalmente, o sexo acabava com qualquer interesse que eu tivesse por um cara. Com exceção de antes, quando nada parecia passível de esgotar meu interesse e eu ficava obcecada pelo sujeito eternamente. E agora, de novo, quando cada parte do meu corpo gritava a necessidade de ter mais desse homem na minha frente. Ah, que merda, estaria eu voltando aos velhos padrões?

Eu me virei.

– Não tinha realmente pensado que isso seria mais do que uma vez, Hudson.

Ele agarrou meu braço e me puxou para ele.

– Alayna. – Ele procurou em meus olhos uma resposta que eu sabia que não iria encontrar, porque eu mesma não tinha essa resposta. – Se você não quiser fazer sexo comigo de novo, precisa me dizer.

– Eu quero! – As mãos dele sobre mim e seus olhos penetrantes extraíram a verdade de meus lábios. – Eu quero.

Falei isso de novo, suavemente agora. Lancei meus braços em torno dele e pressionei meu rosto contra seu peito, acariciando seu peitoral

forte. Ele retribuiu meu abraço. Tão quente. Ele era tão quente, tão seguro e tão forte. Como se pudesse me proteger de tudo o que me assustava. Como se a realidade dele, a realidade daquilo que ele era para mim, pudesse ser suficiente para me impedir de precisar mais.

– O que foi? – Sua voz era suave. Ele acariciou meu cabelo e meu pânico diminuiu um pouco. – Me conte.

Lágrimas ameaçaram cair e senti-me aliviada por ele não poder ver o meu rosto. Eu estava condenada a viver o resto da minha vida com medo de me tornar próxima das pessoas? Dos homens?

– Eu... Eu não me dou bem em relacionamentos. De qualquer espécie. Eu tenho... problemas. – Mas que porra eu estava fazendo? Sexo casual significava não partilhar segredos íntimos. Mas me senti bem ao contar aquilo.

– Problemas de que tipo? – As mãos de Hudson enrolaram-se no meu cabelo, acalmando-me. – Isso tem alguma coisa a ver com a ordem de restrição?

O chão afundou debaixo de mim. Eu não conseguia me mover.

– Você sabe sobre isso? – Ninguém sabia sobre isso. Pelo menos, poucas pessoas sabiam. Brian, o meu grupo de apoio e Liesl, que tinha ouvido pedaços da história. Mas eu jamais tinha contado a Hudson. Eu me soltei dos braços dele e caí na cama, enterrando meu rosto nos cobertores. – Ah, Deus, estou tão envergonhada!

Ele riu e deitou-se na cama, ao meu lado, com a cabeça apoiada em seu braço e perto da minha. Ele esfregou a mão na minha bunda, massageando os músculos tensos. Foi tão bom que, se eu não estivesse morrendo de vergonha, tenho certeza de que teria gemido de prazer.

Quando Hudson falou, sua voz era baixa e em meu ouvido.

– Eu sei de coisas íntimas sobre você, princesa, como a maneira como você fica e os sons que deixa escapar quando está prestes a gozar, e você está preocupada com isso?

Eu gemi com a cara na cama, metade pelo tormento e a outra metade pelo prazer que sentia com seus dedos nas minhas costas. Virei minha cabeça para que ele pudesse me ouvir falar, mas longe dele para que não tivesse que ver seu rosto.

– Isso foi uma coisa séria. Muito séria. Tipo, é o meu maior segredo. Pensei que meu irmão tivesse conseguido enterrar essa história. – Eu me levantei em meu cotovelo e me virei para olhá-lo. – E você está dizendo que eu deveria estar envergonhada com o jeito que eu fico e com os sons que faço quando... Você sabe?

– Eu precisava saber tudo que pudesse surgir sobre a minha namorada de mentirinha. Não foi necessariamente fácil de descobrir, mas não tão incrivelmente difícil. E foi enterrado agora. – Hudson segurou meu rosto, seus olhos escurecendo. – E nunca, jamais se envergonhe de como você fica ou que sons faz em qualquer momento, especialmente quando está prestes a gozar. – Esfregou seu nariz em torno do meu. – Estou honrado de poder ter conhecido você desta maneira.

– Pois eu estou mortificada... – Deixei minha cabeça cair de novo na cama, mas continuei encarando-o. – Sobre a ordem de restrição, quero dizer. Eu não sei como reagir ao outro.

– Por quê?

Ele passou a mão no meu rosto e no meu cabelo, cada carícia enviava uma descarga elétrica que explodia dentro do meu corpo. Isto me relaxou, me confortou e fez me sentir como uma gelatina. Ele

poderia ter me perguntado qualquer coisa naquele momento, e eu teria me rendido sem resistência.

– Isso me faz sentir toda estranha e formigando. E excitada.

– Fantástico. – Ele sorriu. – Mas eu quis dizer por que você está mortificada?

– Ah, isso... – Senti o rubor no rosto. O que eu tinha respondido erradamente era realmente menos constrangedor do que a resposta ao que Hudson tinha perguntado. Mas, uma vez que ele ainda estava me acariciando com a sua mão mágica, e que tinha mais poder do que tortura chinesa, eu lhe respondi aquilo também. – Porque é uma prova da minha loucura. Sabe, quando lhe disse que amo demais? A ordem de restrição é parte disso, e eu gosto de fingir que isso nunca aconteceu.

– Então, nunca aconteceu. – Ele beijou meu nariz. – Todos nós já fizemos coisas insanas no passado. Eu nunca usaria isso contra você – dizendo isso, parou de acariciar meu cabelo e olhou para algum lugar além de mim. – Esse é só mais um motivo por que a paixão e essa coisa romântica não têm nenhum interesse para mim. As pessoas ficam loucas com isso.

Em seguida, ele relaxou e concentrou-se de volta em mim.

– Mas, voltando ao cerne da conversa, por que isso teria alguma influência sobre a relação entre nós dois?

Sentei-me na cama, nervosa com a facilidade com que ele dispensou o meu comportamento passado.

– Eu surtei, Hudson. Por causa de um cara. – Ele não estava me levando a sério e eu precisava que ele entendesse. – Foram vários caras, na verdade, mas foi o último que não terminou bem.

Ele se sentou ao meu lado, nossos ombros se roçando.

– E você acha que vai surtar comigo?

Eu me concentrei em minhas mãos no meu colo.

– Não posso lhe responder honestamente. Eu fiquei longe de qualquer relacionamento por um tempo para que não tivesse que lidar com isso. Tentar ter alguma coisa com você, agora, é um território desconhecido para mim.

Sinceramente, por mais assustada que eu estivesse, e com medo de cair em padrões doentios de novo, eu não queria terminar as coisas com Hudson. E estaríamos trabalhando juntos daqui em diante. Mesmo que a melhor solução fosse não dormir com ele de novo, eu seria capaz de resistir a isso?

Olhei nos olhos dele, perguntando-me se eu já o tinha assustado o suficiente. Porque, por mais que eu soubesse que ele deveria fugir, esperava que não o fizesse.

– Eu não pirei até agora. Com você. E não quero deixar de fazer sexo com você. Quero dizer... – Virei o rosto, corando pela milionésima vez.

Hudson passou os braços em volta de mim e mordiscou a minha orelha.

– Você é adorável quando fica nervosa. Também não quero deixar de fazer sexo com você. Portanto, isso não vai acontecer. Faremos toneladas de sexo incrível.

Deixei-me embalar por seu abraço.

– Não estou concordando ainda. – Não mesmo? – Tenho que viver isso um dia de cada vez.

Mas o que eu faria se acordasse uma manhã completamente obcecada por ele? Como se eu pudesse parar as coisas neste ponto...

– Alayna, você pode até ter que viver um dia de cada vez, mas eu já sei que haverá toneladas de foda entre nós dois. – Ele me puxou para mais perto e eu derreti com suas palavras, com seu toque. – Na verdade, vou precisar estar dentro de você mais uma vez antes que saia para o trabalho.

Senti sua ereção em minha barriga nua. Em vez de ficar surpresa e envergonhada por ainda estar com muito tesão por esse homem, decidi deliciar-me com isso.

– Tipo... agora?

Ele me beijou profundamente, sua língua tomando conta da minha boca. Então, tão rapidamente quanto se aproximou, ele se afastou.

– Agora não, princesa. O jantar está quase ch... – O interfone tocou antes que tivesse terminado a palavra. Ele sorriu enquanto se levantava. Em seguida, foi para a sala da frente, dizendo por cima do ombro: – Mas seu entusiasmo é estimulante.

Sorri para mim mesma, apreciando o formigamento do nosso beijo. Que merda. O jantar estava aqui e eu não estava vestida. Colocar as minhas próprias roupas agora seria uma declaração. Continuar nua também seria. Sentei-me e olhei para a camisa dele em cima do cesto de roupa suja. Isto teria que servir.

Tirei o short e mal tinha acabado de abotoar a camisa dele, quando Hudson retornou com a comida em uma mão e dois pratos na outra. Ele me avaliou de cima a baixo com um brilho satisfeito nos olhos.

– Se você precisa estar vestida, eu aprovo completamente.

Subitamente me sentindo brincalhona, fiz uma reverência.

– Bem, muito obrigada, sr. Pierce. Eu não sei o que faria sem a sua aprovação.

Ele sorriu, indo para a cama.

– O que acha, devo me despir? Eu disse que faria isso.

– Não, se quiser que eu realmente coma. Eu ficaria muitíssimo distraída. E já tenho dificuldades suficientes com os hashis.

Hudson fez um gesto para que eu me juntasse a ele na cama.

– Quer que eu lhe dê comida na boca?

– Hum. Talvez.

Nós comemos juntos, espalhados sobre a cama, a carne com legumes e o frango xadrez. Briguei com meus hashis, metade da minha comida nem chegava à minha boca. De vez em quando ele me dava comida na boca e eu deixava que fizesse, gostando de ser cuidada de uma maneira que não experimentava havia muito tempo, talvez nunca...

– O que você vai fazer amanhã? – perguntou Hudson, depois que saiu e voltou com dois copos de chá gelado. – Antes do trabalho, quero dizer.

Tomei um gole, comovida porque Hudson escolheu beber chá comigo quando, provavelmente, teria preferido tomar vinho.

– Eu saio do trabalho às três horas esta noite. Ou amanhã de manhã, se você quiser entender assim. Provavelmente vou dormir uma boa parte do dia. Eu trabalho às nove horas amanhã à noite. Por quê?

Ele estendeu a mão para me dar outra porção.

– Eu preciso levá-la às compras. Você vai precisar de uma roupa para o evento de caridade da minha mãe.

Eu quase engasguei com o amendoim.

– Ah, meu Deus, apenas uma roupa inadequada e você supõe que não consigo me arrumar decentemente. Sério, eu deveria queimar aquilo.

– Não é nada disso. Eu adoro aquela roupa e ficaria muito desapontado se descobrisse que você a queimou. Eu realmente espero vê-la usando-a novamente. Em particular, é claro. – Seus olhos ficaram vidrados, talvez me imaginando no espartilho apertado que eu tinha usado na noite em que fui apresentada a ele oficialmente. – E adorei todas as outras roupas que você usou. – Ele puxou a parte inferior da minha camisa, quer dizer, da camisa dele que eu estava vestindo. – Você tem um excelente gosto para roupas da moda. Mas minha mãe esperaria que a garota com quem namoro se vestisse mais... – Fez uma pausa. – Como devo dizer?

Eu meio que gostei de vê-lo lutar com as palavras pela primeira vez. Mas ele parecia embasbacado, então, eu o ajudei.

– Eu entendo. Preciso de roupas de grife. – Fiz uma pausa, tentando decidir se me sentia ofendida. – Eu acho que, se você quer me levar para sair e me comprar roupas caras, nem vou discutir.

Seus lábios se curvaram ligeiramente.

– Essa é uma bela atitude. Eu vou buscá-la às duas. Prepare-se para passar o dia comigo. E não olhe para mim desse jeito, só haverá sexo se você quiser que haja.

Claro que eu ia querer sexo. Mas, se ia pensar ou não que aquilo deveria acontecer, isso seria decidido depois. Deixei-me avaliar um pouco.

– E como pretende que isso vá acontecer, exatamente? Vai me mandar uma mensagem de texto propondo uma trepada rápida?

– Claro. Ou você pode me mandar uma mensagem. Ou nós podemos nos organizar antes, como fizemos esta noite. – Hudson me observou. – O que você diria para uma sem camisinha?

Sempre achei que as camisinhas eram uma droga, mas nunca tinha estado em um relacionamento mais sério em que pensaria em não usá-las. Pareceu-me estranho que, depois de apenas uma vez, estivesse tendo essa conversa com Hudson.

– Eu suponho que, se você estiver limpo... Estou usando pílulas. Meu último teste de DST foi há um mês e ele voltou limpo.

– Eu estou limpo. Verifico mensalmente. E odeio camisinhas.

– Então, sem camisinhas.

Ele sorriu e eu saquei o meu erro.

– Se eu concordar, quero dizer.

– Sei...

Hudson passou a mão por cima da minha coxa nua. A tensão sexual pairava no ar, mas o meu cérebro gritou comigo para que eu fosse cautelosa.

Fechei meus joelhos casualmente, afastando-me de seu toque.

– Você disse que espera fidelidade, posso esperar o mesmo de você? Ou você pretende usar este *loft* com outras mulheres?

Hudson colocou as nossas sobras do jantar no chão, abrindo o espaço entre nós. Depois, apoiou uma mão em cada um dos meus joelhos, prendendo-me com os olhos.

– Não sou galinha, Alayna. Este *loft* tem sido usado para sexo, sim, mas eu o tenho para que possa estar perto de meu escritório, não para foder o tempo todo – dizendo isso, estendeu a mão para pôr uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. – Serei tão fiel quanto espero que você seja.

Sua proximidade, seu toque, sua promessa de fidelidade, tudo isso inflamou a minha excitação, implorando-me para ceder a ele. Mas isto também puxou algo muito mais profundo e ao mesmo tempo familiar

e desconhecido, algo a que eu não podia dar um nome ou identificar. E sabia que, se tentasse, o que quer que fosse iria emergir e me consumiria.

Arrastei-me para fora da cama.

– Não posso mais pensar sobre isso agora. – Comecei a recolher as minhas roupas.

– Ei! Por que você está entrando em pânico? – Hudson também ficou em pé.

Eu me virei para ele, subitamente irritada... Com ele, comigo mesma, com a minha compulsão a me agarrar às pessoas e afastá-las, com os meus pais por terem morrido e me empurrado para esse comportamento.

– Sabe, é tudo muito bom e tudo muito legal, você poder dizer que quer um relacionamento sexual comprometido. Você não terá nenhum problema em não ficar envolvido emocionalmente, esse é o seu padrão. Mas não é o meu padrão. Você não percebe que o que está me pedindo pode ser impossível para mim? – Esfreguei os olhos na esperança de impedir as lágrimas antes que elas se atrevessem a cair.

Hudson veio até mim, mas eu me afastei.

– Quanto mais fizermos sexo, Hudson, mais provavelmente ficarei apegada a você, e, mesmo que você goste disso, não gostaria do nível com que eu me apego. Então, confie em mim quando digo que há um slogan “má ideia” escrito por todos os lados. Vamos dizer que foi uma noite maravilhosa, ah, que noite mais maravilhosa, só que agora precisamos seguir em frente.

Sua boca se apertou em uma linha firme.

– Se é disso que você precisa.

– Preciso. – Eu me abracei, envergonhada pelo meu desabafo. – E preciso de um banho. Você se importa?

– De jeito nenhum. Lá dentro. – Hudson fez um gesto em direção ao banheiro. – Vou lhe trazer algumas toalhas.

Ele pareceu distante e eu imediatamente me arrependi de tê-lo afastado. Já sentia falta do calor dele.

No banheiro, joguei as minhas roupas em cima da bancada de granito preto e evitei olhar no espelho, não queria ver quem estaria olhando para mim. Abri o chuveiro no superquente, esperando que o calor aliviasse o frio que se instalara dentro de mim, e entrei na ducha.

No boxe, sozinha, a água e o vapor me abraçando, as lágrimas vieram livremente. Eu chorei silenciosamente, rendendo-me à solidão profunda com a qual já tinha me acostumado, antes que Hudson chegasse para me mostrar algo novo.

Absorvida em minha autocomiseração, não o ouvi entrar no banheiro com as toalhas e, quando ele abriu a porta do boxe e deslizou para se juntar a mim, em vez de maldizer a sua óbvia falta de respeito para com os meus sentimentos, eu me abandonei e pressionei meus lábios nos dele.

Hudson respondeu sem hesitação, beijando-me com uma gentil pressão. Quando eu me afastei para recuperar o fôlego, ele pegou o frasco de sabonete corporal e derramou um pouco em sua mão. Em seguida, começou a me lavar. Demorou-se bastante tempo, passando as mãos ensaboadas sobre cada centímetro do meu corpo. Nos meus seios, ele ficou mais tempo ainda acariciando os dois, apertando meus mamilos com os polegares. Eu suspirei de prazer.

Quando ele tinha cuidadosamente lavado a metade superior de meu corpo, inclinou-se então para esfregar as minhas pernas,

começando com os meus pés e subindo lentamente. Ele mexia as mãos tão lentamente e tão sensualmente, massageando a espuma na minha pele, que, quando seus dedos deslizaram através das dobras na base da minha barriga, eu estava pronta para implorar. Seus polegares roçaram o meu clitóris e eu gemi.

Hudson acariciou entre minhas pernas mais e mais, e me sacudia a cada roçar provocador.

– Hudson – gemi, meus dentes cerrados e minha vagina apertada com a necessidade.

– É isso que você quer? – Ele enfiou dois dedos dentro de mim, torcendo-os.

– Sim! – engasguei. – Não, eu quero você.

Seu sorriso era perverso enquanto ele continuava a enfiar os dedos dentro de mim.

– Você vai ter que esperar. Estou gostando de fazer você esperar.

Quis discutir, mas ele acrescentou um terceiro dedo à sua exploração e apertou suavemente meu clitóris, então, falar tornou-se impossível para mim. Eu gemia enquanto balançava para frente e para trás, cravando minhas unhas nos ombros largos de Hudson.

Só quando eu tinha chegado à beira do orgasmo que seus dedos saíram de dentro do meu corpo. Abri meus olhos e encontrei-o em pé na minha frente, segurando o frasco de sabonete líquido.

– Preciso que me lave também.

Meu corpo doía com desejo, mas estava ansiosa para explorá-lo. Eu ainda não tinha visto totalmente o seu corpo nu, porque ficara muito distraída no quarto e, agora, no chuveiro. Ensaboando desde cima, comecei do mesmo jeito que ele, pelos ombros, mas estava muito excitada para me mover lentamente como Hudson tinha feito. Logo, já

tinha lavado tudo, exceto seu pênis. Fiquei olhando para aquela ereção gigante, fascinada pelo seu comprimento e largura. Eu o tinha sentido bem grande dentro de mim, mas não tinha ideia de que era assim tão grande.

Engoli em seco. Difícil.

– Qual é o problema, princesa? – Senti que ele estava sorrindo, incapaz como estava de tirar os meus olhos da visão à minha frente.

– Hum... Uau – consegui dizer. – Estou um pouco intimidada...

– Mas ele já esteve dentro de você. E sabe que ele cabe. – A voz de Hudson ficou irregular. – Toque nele, Alayna.

Seu comando me levou a agir. Fechei minhas mãos em torno de seu pênis enorme e acariciei sua pele sedosa e quente. Era tão firme, tão poderoso, tão perfeito. Movi meu punho para cima e para baixo, uma vez, duas vezes e, na terceira vez, o pau pulou em minhas mãos.

No próximo movimento, Hudson rosnou e me levantou pelos braços, incentivando-me a enrolar as minhas pernas em torno dele. Ele apertou minhas costas contra a parede de azulejos, sua boca devastando a minha, e, em uma estocada feroz, já estava dentro de mim. Emaranhei minhas mãos em seu cabelo, enquanto ele metia dentro de mim, sentia cada centímetro de seu pênis enchendo-me e me fodendo.

Gritei enquanto o orgasmo explodia através de mim, os tremores propagando-se por todo o caminho até os dedos dos meus pés. Hudson acelerou seu ritmo, segurando forte os meus quadris para que ele pudesse bombear enquanto minha vagina se contraía em torno de seu pau duro. Várias estocadas mais tarde, ele se libertou com seu próprio grito, seu pênis dentro de mim enquanto jorrava o sêmen quente.

Naquele momento, eu me permiti acreditar que poderíamos ficar juntos assim, do jeito que ele queria, sem me tornar consumida, muito embora eu temesse que já estivesse.

Ansiosa por nossa aventura de compras, decidi esperar por Hudson em frente ao meu prédio. Eu esperava ver Jordan dirigindo o Maybach, por isso fiquei surpresa quando Hudson apareceu dirigindo uma Mercedes SL Roadster.

Escorreguei no banco do carona.

– Legal o carro, hein?

Seus lábios se curvaram em um sorriso sexy enquanto pilotava no meio do tráfego.

– Fico feliz que você aprove.

Eu não sabia para onde olhar primeiro: se para o carro esportivo de luxo ou para Hudson em seu apertado jeans azul-escuro e uma camisa vinho com um botão aberto. Eu não o tinha visto em roupas esportivas até então, e, por mais gostoso que ele ficasse em seus ternos, esse novo visual fez a minha barriga vibrar.

Bem, Hudson, em geral, fazia a minha barriga vibrar.

– Quer dizer, então, que você dirige...

Normalmente, não gosto muito de conversa fiada, mas o tom sexual subentendido entre nós precisava ser silenciado. Especialmente porque outra manhã de questionamentos constantes sobre a sanidade do meu relacionamento com Hudson me fez decidir que este dia precisava ser livre de sexo. Eu precisava neutralizar, com o distanciamento, qualquer fixação que surgisse. Só esperava não amarelar quando fosse lhe dizer isso...

Ele olhou para mim por cima do ombro antes de mudar de faixa.

– Por que o fato de eu estar dirigindo surpreende você?

Dei de ombros, prendendo meu cinto de segurança.

– Sei lá, pensei que você só andasse com um motorista. – Não que ele precisasse de um. Hudson navegou bem pelo trânsito da cidade e vê-lo lidar com o carro era excitante.

– Qual é a graça de ter um carro legal se você não tem a oportunidade de dirigi-lo?

– Bem pensado.

No próximo semáforo, Hudson me espiou por sobre seus óculos Ray-Ban Aviator.

– Você está linda, Alayna. Como sempre.

Sua voz era pura sedução e eu puxei a barra do meu vestido azul, perguntando-me se ele sempre fora tão curto assim, como de repente parecia.

– Você está me adulando para que eu deixe você escolher o que vou comprar?

– Bem, vou escolher o que você vai comprar de qualquer maneira.

– Claro que vai... – Ele estava pagando, afinal.

Ficamos em silêncio por alguns minutos, trocando olhares ocasionais que continham todo o peso da nossa atração. Sob certas circunstâncias, o flerte e a tensão seriam bem divertidos, mas não quando eu me sentia tão fora de equilíbrio e insegura como agora.

Eu precisava dizer a ele o que tinha decidido.

– Hã... Hudson, poderíamos restringir nosso dia hoje apenas a fazer compras? – Pedi a Deus que ele entendesse o que eu queria dizer sem que eu precisasse explicar.

Ele entendeu. Um lampejo de decepção atravessou seu rosto, ou talvez fosse a minha imaginação. Mas sua voz pareceu firme quando

ele respondeu:

– O que você quiser, Alayna.

Imediatamente, eu me arrependi de ter falado aquilo. O divertido astral de flerte desapareceu e Hudson tornou-se reservado e retraído. Pensei em retirar as minhas palavras, mas, sério, como eu poderia fazer isso?

– Iremos para a loja de Mirabelle – disse ele, depois de alguns minutos, e sem olhar para mim.

– Mirabelle, a sua irmã?

A irmã de Hudson, Mirabelle, era dona de uma popular boutique de grife em Greenwich Village. Era o tipo de lugar que você só poderia entrar com hora marcada, mas, pelo que eu tinha visto ao olhar as vitrines, a mulher tinha alucinantes ideias sobre moda.

– Sim. As amigas estão dando um chá de bebê para ela hoje e, por isso, eu esperava que ela não estivesse na loja. No entanto, quando soube que eu estaria levando a minha namorada para ver algumas roupas, ela insistiu em estar lá para conhecê-la. O que significa que estamos oficialmente a trabalho. Isso é um problema?

– Hum, não, claro que não. – As minhas mãos começaram a suar. Ocorreu-me que as horas em que passei me preocupando em descobrir se eu tinha algum impulso de perseguir Hudson pela internet deveriam ter sido gastas perseguindo-o para valer. Isto é, assim eu talvez tivesse mais algumas informações sobre aquele suposto amor da minha vida. – E se ela me perguntar coisas? Sobre você? Sobre nós? – E como nós seríamos capazes de passar a imagem de casal feliz quando a tensão entre nós era palpável?

– Não se preocupe com isso. Eu estarei lá. Siga sempre a minha deixa. – Hudson ajustou os óculos e esfregou a ponta do nariz. –

Francamente, é improvável que você tenha alguma chance de falar seja o que for. Mirabelle é muito tagarela.

- Mas, então, o que eu faço?
- Basta ser a minha namorada.

– Ah, meu Deus, Hudson, você me disse que ela era linda, mas eu não tinha ideia!

A alegre morena que estava na minha frente era claramente uma parente de Hudson. Eles compartilhavam muitas das mesmas características: as maçãs do rosto esculpidas, mandíbulas fortes, cabelos e tons de pele que combinavam. Enquanto Hudson era grande e musculoso, Mirabelle era pequena, e sua pequena estatura era acentuada pela barriga redonda que se projetava na frente dela.

Mirabelle continuou falando enquanto me avaliava de cima a baixo, circulando em torno de mim e Hudson, que segurava a minha mão desde antes de tocar a campainha.

– Ela vai ser muito divertida de vestir. Essa garota tem o meu tipo favorito de corpo: toda seios e quadris e... – Fez uma pausa quando levantou meu já curto vestido. – Uau! Pernas fantásticas, Hudson!

O sorriso maroto de Hudson reapareceu quando ele apertou a minha mão.

– Sim, eu estou bem familiarizado com os atrativos físicos da Alayna.

O calor correu para o meu rosto.

Mirabelle deu um soco em seu irmão de forma brincalhona.

– Você é um menino tão safado. – Em seguida, ela me encarou e engasgou, cobrindo a boca com a mão. – Ah, meu Deus, eu estou falando de você na terceira pessoa! Como pude ser tão rude! Estou tão

contente por finalmente conhecê-la, Alayna! Hudson já me falou muito de você!

Ela jogou os braços em volta de mim, em um abraço generoso. Eu olhei para Hudson por cima do ombro, imaginando o que ele tinha dito sobre mim e como eu podia ter vindo para este momento tão despreparada. Ele encolheu os ombros em resposta e soltou a minha mão acabando com qualquer desculpa que eu tivesse para não abraçar sua irmã.

Quando Mirabelle me liberou, eu percebi que precisava parar de me preocupar e entrar no personagem. Engoli em seco e lhe dei um largo sorriso.

– Fico feliz em conhecê-la também, Mirabelle. Mas me chame de Laynie, por favor.

– E você pode me chamar de Mira. Huds é formal demais – dizendo isso, colocou seu braço ao redor do meu, lembrando-me das irritantes garotas superpopulares da escola que andavam pelos corredores com as mãos entrelaçadas com suas amigas. Embora, falando a verdade, não fosse tão chato quando você era a garota superpopular. – Tudo bem, tudo bem, eu não posso ficar muito tempo hoje, o que lamento muito, então, vamos começar. Eu já tenho um milhão de ideias para você.

Até aquele momento, eu não tinha tido a chance de olhar em volta, tendo sido abordada por Mira justo na porta de entrada, mas, agora, podia examinar a loja. Apesar de pequena, a loja de Mirabelle tinha uma grande variedade de roupas e sapatos femininos. As paredes e móveis eram todos de um branco brilhante, dando ao local um ar de elegância enquanto deixava as roupas expostas contrastarem e aparecerem como se fossem obras de arte.

– Vocês estão comprando apenas para o evento da mamãe? – perguntou Mira com a testa franzida, como se estivesse avaliando por onde começar.

Hudson manteve sua mão na parte de baixo das minhas costas. Apesar de saber que o gesto era parte do espetáculo encenado para sua irmã, a eletricidade que sempre acompanhava o seu toque subiu pela minha espinha.

– Sim, especificamente para o desfile de moda, mas vamos ver o que mais podemos encontrar. O que Alayna gostar nós vamos comprar.

Ele olhou para mim com um olhar que só poderia ser descrito como de adoração. Cara, ele era bom.

Como a atenção de Mira estava sobre nós, fiz questão de retribuir o olhar de Hudson, lutando para não me perder em seus intensos olhos cinzentos.

– Ah, muito obrigada – adicionei mel ao meu tom geralmente não meloso. E me virei para Mira. – Hudson não para de me mimar. Eu não o mereço.

Hudson começou a protestar, mas foi interrompido por um zumbido em seu telefone.

– Desculpem. – Seus olhos se estreitaram enquanto lia sua mensagem.

Mira o ignorou e começou a recolher roupas sobre o braço.

– Isso e isso, e... Ah, e isso vai ficar perfeito em você! – Então falou para os fundos da loja: – Stacy, você pode nos arrumar um provador?

Uma loira alta e magra apareceu vindo de um escritório na parte de trás. Ela pegou as roupas que Mira lhe entregou.

– Qual deles você quer usar?

Embora falasse com Mira, Stacy olhava com desejo na direção de Hudson. Com desejo o bastante para me fazer perguntar se eles tinham uma história, ou se Stacy desejava que eles tivessem uma história.

Desviei meu próprio olhar para Hudson. Ele ainda estava teclando coisas em seu celular, com a testa franzida e a boca puxada em uma linha apertada.

– O provador grande, por favor. Laynie, esta é minha assistente, Stacy. – Mira chamou a atenção da loira de volta para ela. – Laynie é a namorada de Hudson, por isso, certifique-se de que ela receba tratamento VIP.

– Certamente – disse Stacy, com um brilhante sorriso falso, e os olhos disparando adagas em minha direção.

Quando Stacy tinha recuado para fora do alcance de minha voz, eu me inclinei em direção a Mira.

– Sua assistente parece não gostar muito de mim. – Fiz uma pausa. Eu deveria dizer mais? Decidi que sim. Era o meu verdadeiro eu que queria saber mais sobre Stacy e Hudson, mas o meu eu namorada queria saber também. – E ela parece gostar bastante de Hudson. Existe alguma coisa entre eles?

Mira hesitou e, sem me olhar nos olhos, respondeu:

– Ignore-a. Stacy está totalmente apaixonada por Huds desde sempre, mesmo que ela não seja o tipo dele. Não há nada com que se preocupar. É apenas cômico.

Ela parecia estar se segurando para não falar mais, porém, por outro lado, talvez estivesse apenas achando um pouco estranho falar sobre garotas apaixonadas pelo seu irmão com a namorada dele. Eu decidi por essa última hipótese quando Mira abaixou a voz.

– Você notou como Hudson nem sequer deu bola para ela, coitada?
– e riu.

– Notei, sim – e ri também. De verdade. Eu gostei de Mira.

Mira continuou recolhendo roupas e acessórios.

– Hudson, o que você acha? – Ela ergueu um par de sandálias de saltos com tiras e mostrou a ele.

Sem olhar para cima, Hudson grunhiu sua resposta:

– Ahã.

Mordi meu lábio, pensando sobre o que o teria preocupado assim. Ele estivera determinado em escolher a roupa para mim e sabia que queria encenar sua farsa para a irmã. Em vez disso, ficara grudado em seu telefone desde que chegáramos. Uma pequena parte de mim temeu que ele estivesse lidando de forma agressiva-passiva após a minha declaração de não fazermos sexo. Só que eu sabia que Hudson nunca era passivo sobre nada.

Mira não aprovou sua falta de atenção também.

– Huds, é fim de semana. Desligue o seu Blackberry. – Ela o cutucou com o cotovelo. – Você finalmente arranjou uma namorada, e está tentando afugentá-la?

Hudson terminou a sua digitação no *smartphone* e ergueu a cabeça.

– Hã?

Dei um passo para ficar na frente dele e coloquei minhas mãos em seus bíceps, nos bíceps perfeitamente esculpido.

– Ouça a sua irmã e pare com o trabalho.

Ele guardou o telefone no bolso e passou os braços em volta de mim.

– Você está se sentindo ignorada? – Seu rosto estava relaxado, mas seus olhos ainda mostravam sinais de aflição.

– Você vai me fazer pensar que tem outra garota. – Talvez ele de fato tivesse outra menina. Eu tinha vetado o sexo nessa noite e, porventura, agora, Hudson estivesse vasculhando sua lista de contatos.

Afastei essa ideia da minha cabeça e esfreguei o nariz contra o dele. Em seguida, porque não consegui me segurar, baixei o tom de minha voz e perguntei:

– Está tudo bem?

– É trabalho.

Ele esfregou seu rosto contra o meu, mas não antes de olhar para Mira para se certificar de que ela estava observando. Seu telefone tocou no bolso novamente. Ele o puxou para fora, deixando um braço pendurado frouxamente em torno de mim. Seu corpo enrijeceu sob minhas mãos enquanto ele lia sua mensagem.

– Sinto muito, baby, eu tenho que dar um telefonema.

Baby? Na minha mente, revirei os olhos.

Só que Mira realmente revirou os olhos.

– Venha comigo, Laynie. Deixe ele com sua ligação chata. Vamos lá experimentar algumas dessas coisas em você. – Ela pegou meu braço, pronta para me levar ao provador.

Hudson pausou a discagem do telefonema.

– Esperem um segundo, eu vou acompanhá-las.

Mira balançou a cabeça.

– Nós vamos sair do provador e mostrar-lhe as roupas. Não se preocupe.

– Mirabelle, eu não vou deixar Alayna sozinha com a minha irmãzinha excessivamente entusiasmada...

Fiquei em dúvida entre ser grata pela proteção de Hudson e a suspeita de que ele não me queria deixar a sós com Mira por razões pessoais. Eu me inclinei para a suspeita, mas pode ter sido porque sou desconfiada por natureza.

Mira olhou para o seu irmão.

– Você não vai entrar no provador. Isso é simplesmente... Errado.

Decidindo que eu podia lidar com ela sozinha, se esse fosse realmente o motivo pelo qual ele pretendia manter-nos afastadas, liberei-me das mãos de Mira e curvei-me para Hudson.

– Vou ficar bem, H. – Encurtei seu nome, em parte, pela necessidade de chamá-lo de uma forma mais familiar e mais íntima e, em parte, para irritá-lo mesmo. – Cuide disso que você precisa cuidar.

– H? – questionou Hudson, de modo que só eu ouvisse.

Sussurrei em resposta:

– Acostume-se com isso, baby. – Minha ideia era lhe dar apenas uma bitoca, mas, quando meus lábios roçaram os dele, ele veio para um beijo mais profundo, um beijo que pareceu muito mais envolvente do que o necessário, talvez só por causa de Mira.

A tarde passou rapidamente enquanto eu experimentava quase todos os itens da boutique. Mira ajudou-me a vestir as roupas, combinando cada uma com sapatos e acessórios apropriados. Sempre adorei experimentar roupas novas, mas nunca tinha ficado, ou me sentido, tão bem quanto fiquei usando as escolhas de Mira. Eu me senti como uma modelo de passarela.

A cada mudança de roupa, ela me fazia desfilar para Hudson, que sorria e acenava com a cabeça enquanto falava ao telefone. Ocasionalmente, ele balançava a cabeça em sinal de desaprovação, geralmente quando um traje era ligeiramente provocante. E, algumas

vezes, eu vi o brilho de desejo em seus olhos, aquele mesmo olhar que tinha me reivindicado na noite em que eu o conheci. Aqueles trajes foram os que eu reservei como sendo os meus favoritos.

Quando nós já tínhamos escolhido um vestido para o evento de moda, além de uma pilha de roupas adicionais, Mira segurou um longo vestido de noite preto com um corpete.

– Guardamos o melhor para o final – disse ela.

Embora a ideia de usar um corpete perto de Hudson me deixasse um pouco ansiosa, por causa do meu primeiro encontro com ele na boate, eu nunca tinha visto nada tão lindo como o vestido que Mira segurava, e soube, até mesmo antes de vesti-lo, que ficaria lindo.

Mira me ajudou a tirar o meu sutiã e depois colocou o vestido por cima da minha cabeça, puxando-o para baixo sobre meu busto.

– Então, Hudson me disse que vocês se conheceram em alguma coisa na faculdade – disse ela, enquanto começava a prender os laços.

Engoli em seco. Eu tinha presumido que Hudson teria dito às pessoas que nós nos conhecêramos na casa noturna, mas isso fazia mais sentido. Dava tempo à Alayna e ao Hudson de mentirinha de se apaixonarem. Ainda assim, aquilo me pegou de guarda baixa e eu fiz uma pausa antes de responder.

– Sim, foi um simpósio de pós-graduação na Stern.

Mira apertou outro laço.

– Eu tenho que saber disso, por isso vou perguntar, foi amor à primeira vista para você também, ou apenas para ele?

Então, ele tinha alegado amor à primeira vista. Gostei desse toque.

– Definitivamente, foi para mim também.

Eu vi Mira sorrir atrás de mim no espelho.

– É tudo tão romântico. Como ele quis contratá-la e você já tinha um emprego, então, ele comprou a boate em que você trabalha para que os dois ficassem mais perto.

Respirei fundo rapidamente, chocada com essa nova adição à nossa história.

– Ele lhe contou isso?

Mira apertou a mão sobre a boca, seus olhos arregalados.

– Ah, meu Deus, você não sabia?

– Não, não, eu sabia sim. – Não sabia, é claro. Mas o que realmente me chamou a atenção foi a possibilidade de que isso pudesse ser verdade. Eu tinha descartado essa ideia quando me ocorrera antes. Agora, não poderia descartar a hipótese assim tão facilmente.

Mas também não podia ficar pensando nisso naquele momento. Não quando Mira ainda parecia assustada por ter dito algo que não devia. Eu tentei acalmá-la.

– Foi uma loucura romântica, ele comprar a casa noturna. Eu só não achei que ele contaria a alguém.

O que eu disse funcionou. O rosto de Mira relaxou.

– É surpreendente. Ele normalmente é tão reservado sobre suas emoções. Você deve provocar algo nesse homem. – Ela se afastou e avaliou. – E este vestido vai provocá-lo para valer, ou então meu irmão é completamente cego. Você está fabulosa!

Mira tinha razão, eu de fato parecia fabulosa. E quando nós saímos do provador, Hudson fez mais do que apenas sorrir e acenar com a cabeça. Ele desligou o celular e ficou boquiaberto.

– Gostou?

Eu já conseguia perceber a resposta ao notar seus olhos famintos. Aquele olhar dele nunca falhava em me excitar, nunca falhava em deixar a minha calcinha molhada.

Hudson assentiu lentamente com a cabeça, aparentemente sem palavras, e eu fiquei maravilhada por tê-lo trazido àquele estado. Isso me fez sentir mais atraente e mais poderosa do que jamais me sentira antes.

– Uau, Huds está sem palavras – Mira disse, com as mãos descansando em sua barriga. – Chame o pessoal do “Acredite se Quiser”.

Ignorando sua irmã, Hudson se aproximou de mim.

– Eu a pegaria em meus braços – murmurou. – Mas não conseguiria continuar olhando você. Você está deslumbrante, Alayna.

– Obrigada – sussurrei. Este momento era para nós, não para Mira. Eu era linda para ele e aquilo o tornava ainda mais lindo para mim. E também deixava o bico de meus seios em posição de sentido, uma situação desconfortável, já que o espartilho mantinha meus seios apertados como em um torno.

– Tudo bem, queridos, eu diria a vocês para arranjarem um quarto, mas receio que acabassem usando um dos provadores. – Mira ameaçou quebrar o momento, mas a intensidade dele permaneceu entre nós. – Acho que não preciso perguntar se você vai comprar este aqui.

– Vamos levar, sim. – Hudson não tirou os olhos de mim, provando a verdade em sua declaração.

Uma imagem rápida brilhou dentro da minha mente: nós dois transando ali mesmo, no chão. Mas, como tínhamos espectadores, e uma vez que eu mesma tinha decretado que este dia não teria sexo,

olhei para longe. O lapso no contato visual ajudou a dar-me forças para me afastar também.

– Eu vou me trocar.

Mira foi na frente, parando na porta do provador para olhar para o relógio.

– Ah, merda, já está na hora? Estou completamente atrasada! Entre. Eu vou mandar Stacy para ajudá-la a se despir. – Ela me abraçou rapidamente. – Foi maravilhoso finalmente conhecê-la. Vejo você amanhã, no desfile.

Soprei uma mecha de cabelo que tinha caído sobre meu rosto e entrei no provador, nem um pouco ansiosa para encontrar Stacy e seus olhos mortais, ainda mais sozinha. Enquanto esperava por ela, estendi a mão para trás das minhas costas para ver se eu mesma conseguia desatar o espartilho, e quebrei a minha unha em um dos fios. Eu estava examinando a unha, tentando suavizar a borda áspera, quando senti as mãos de Stacy desfazendo os laços. Ela tinha tanto ódio por mim que nem mesmo me cumprimentara.

Ergui os olhos de minha unha para vê-la pelo espelho. Mas não era Stacy desfazendo os nós do meu espartilho, era Hudson.

Ele encontrou meus olhos e prendeu meu reflexo no espelho com um olhar guloso. Lentamente, sem desviar o olhar, continuou soltando os laços do meu espartilho.

Eu não o impedi. Ele não pediu licença, mas eu também não o impedi.

Quando Hudson terminou de folgar o meu vestido, as mãos dele viajaram para as alças finas apoiadas em meus ombros. Eu olhei enquanto ele descia as alças sobre a curva dos meus ombros e pelos meus braços. O vestido caiu no chão, deixando-me sem nenhuma

roupa além da sandália de salto alto preta de tiras e a minha tanga vermelha.

Os olhos de Hudson se arregalaram e meu sexo se apertou.

Eu o queria. Tudo o que eu dissera a mim mesma sobre essa coisa de relacionamentos saudáveis e não saudáveis, nada disso importava mais. Eu já estava nessa com ele. Se havia um ponto de conexão que me levaria à obsessão, eu já o tinha ultrapassado. E, ao admitir isto, lamentei que eu tivesse tentado ser algo diferente com esse homem.

As mãos de Hudson correram em volta da minha cintura, encontrando-se acima do meu umbigo. Então, enquanto uma mão subiu para acariciar meu seio, a outra se moveu sob o cós de minha tanga. Eu afastei as minhas pernas, um convite para ele procurar o meu clitóris inchado. Seus lábios tremeram um pouquinho enquanto ele deslizava os dedos pelo meu tesão escorregadio, separando as dobras do meu sexo e liberando o aroma almiscarado do meu desejo. Naquele momento, molhada como estava, ele soube o quanto eu ansiava por ele.

Ele continuou a acariciar meu seio, que ficou pesado e macio, enquanto ele roçava o polegar sobre o mamilo erigido. A atenção que ele deu ao meu seio ampliou a ação lá embaixo, sua palma voltando a provocar o meu clitóris, e deixei escapar um gemido. Ele esticou o braço por cima do meu tronco, apoiando-me, enquanto eu enfraquecia de prazer e fechava os olhos para me deliciar com a proximidade do clímax.

– Alayna, assista. – A voz grossa de Hudson no meu ouvido obrigou meus olhos a se abrirem. – Veja como você é linda quando goza.

Minha história sexual não tinha sido muito abrangente. Quartos escuros com parceiros meio bêbados e mãos desajeitadas e hesitantes.

Manter meus olhos abertos durante o ato sexual só aconteceu mesmo por acidente. E espelhos e locais públicos nunca estiveram na minha lista de fantasias. Mas, ainda assim, eu observei sua mão se movendo em mim, o polegar circulando meu clitóris sensível, mergulhando o dedo no meu centro molhado. Ele estava certo, era lindo. Era lindo como ele me acariciava, como ele sabia o que fazer para me deixar sentir aquilo que eu queria, como a minha pele corou e minhas costas arquearam. Foi lindo o modo como ele me segurou quando me contorci em seus braços, meu orgasmo subindo em uma erupção prolongada.

– Coloque as palmas das mãos no espelho.

Seu comando rouco e a antecipação de saber o que ele estava prestes a fazer comigo desencadearam uma nova onda de excitação, ainda mais intensa do que antes.

Ainda tremendo, estendi minhas mãos para a frente, os braços dele me deixaram tão logo eu consegui me sustentar sozinha. Atrás de mim, ouvi seu zíper abrindo, o som aumentou meu nível de excitação. Sabia que seu pênis fora liberado e estava a poucos segundos de me penetrar. Os saltos de dez centímetros que eu ainda usava me colocavam bem à altura dele, e Hudson se empurrou facilmente pelo meu canal úmido com um gemido.

– Porra, Alayna!

Nossos olhos se encontraram no espelho, e a conexão entre nós era assustadoramente intensa. Um pânico correu através de mim. Ele viu ou sentiu a mesma coisa, e Hudson me convenceu a seguir com isso, dizendo-me que estava comigo, garantindo-me que iria cuidar de mim, prometendo-me que sentia aquilo também.

Eu mordi o lábio para reprimir os gemidos que ameaçavam escapar, consciente de que só a porta estava entre nós e Stacy, que provavelmente pendurava e dobrava as roupas descartadas que eu havia experimentado mais cedo, enquanto eu era gloriosamente fodida pelo homem que ela cobiçava. Mas, quando gozei desta vez, não segurei o meu grito de prazer, desesperada para deixar Hudson saber o que ele fazia comigo.

Ainda estava choramingando quando seu próprio orgasmo o tomou, seu peso caiu sobre mim quando ele se inclinou para o gozo.

E, caso eu estivesse me perguntando se tudo aquilo fora uma exibição para a assistente de sua irmã, seu sussurro no meu ouvido disse o contrário.

– Isto, princesa, isto é de verdade.

Hudson me deixou escolher a maior parte das roupas e sapatos que comprou para mim. No fim das contas, formou-se uma pilha generosa. Eu intencionalmente não ouvi o custo total quando Stacy o passou, temendo sentir como se tivesse um amante que me sustentasse ou, pior, como se fosse a prostituta dele.

Tivemos um belo jantar em um restaurante italiano no Village, e depois Hudson levou-me até o clube. Excepcionalmente com sorte por encontrar uma vaga de estacionamento bem no quarteirão, ele aproveitou, estacionou e deixou o carro em ponto morto.

– O desfile beneficente de minha mãe começa às 13 horas, amanhã. Vou precisar buscá-la às 12:15, mais ou menos. Sinto muito que você não possa dormir até mais tarde. Você sai da boate às três da manhã?

– Sim, mas posso lidar com isso.

– Jordan vai estar aqui para buscá-la. Vou me certificar de que ele leve todos os seus pacotes e que ele a ajude até seu apartamento. – Um sorriso malicioso surgiu em seu rosto. – A menos que prefira que eu a pegue.

Hudson me levar para casa? Sim, eu preferiria, mas precisava estabelecer alguns limites. Eu já o tinha deixado me possuir quando dissera explicitamente que não.

– Acho que eu teria ainda menos horas de sono desse jeito.

– Verdade. Provavelmente não é uma boa ideia.

Ficamos lá sentados por vários segundos, a tensão sexual faiscava entre ambos, no silêncio. Eu deveria lhe dar um beijo de despedida? Ele iria me dar um beijo de despedida? Nós tínhamos tempo para nos esgueirar no vestiário da boate para dar uma rapidinha? Eu tinha me limpado tão bem quanto pude no banheiro do restaurante, mas o cheiro de sexo ainda pairava no ar e me fazia ter pensamentos safados com esse homem. Não queria ir embora.

– Está tudo bem com o trabalho? – Foi uma desculpa para ficar mais um pouco com Hudson, mas, na verdade, estava genuinamente interessada em saber do que se tratara aquela série de mensagens e ligações na loja.

– Posso lidar com isso – respondeu, repetindo minhas palavras anteriores.

Eu tinha esperado que Hudson me contasse mais, mas ele não tinha compartilhado nada sobre seus negócios comigo desde que o conheceu. Não havia nenhuma razão para acreditar que ele o fizesse agora. Olhei para ele por um instante, até que isso me fez sentir estranha, meu estômago embrulhando como se eu estivesse descendo por uma montanha-russa. Foi quando olhei para fora pelo para-brisa dianteiro do carro. Liesl caminhava pela rua, com o cabelo roxo tornando-a fácil de detectar. Isso me deu uma ideia. Outra desculpa, na verdade. Desta vez, para conseguir o contato físico que eu desejava.

– Uma vez que nossa farsa já começou, seria melhor que nós a tornássemos oficial. – Fiz um gesto com a cabeça em direção a Liesl e Hudson balançou a cabeça em compreensão.

– Excelente ideia. – Ele fez uma pausa, esperando que Liesl chegasse um pouco mais perto e garantindo que ela tivesse um bom

show. Em seguida, ele saiu do carro e foi até a minha porta, abrindo-a para me ajudar a sair. Então, passou o dedo no meu rosto. – Pronta?

Eu nunca estava pronta, mas inclinei meu queixo para que minha boca pudesse encontrar a dele. Nossos lábios se juntaram, nossas línguas voando uma ao redor da outra. Meus joelhos se dobraram, mas as mãos de Hudson estavam nas minhas costas, apoiando-me. Foi quando agarrei a camisa dele, querendo desesperadamente entrelaçar meus dedos em seu cabelo, sabendo que isso só iria alimentar meu desejo. Sério, só haviam se passado duas horas desde a nossa aventura no provador e parecia que eu não tinha transado com ele durante meses.

Hudson se afastou e olhou de relance para Liesl.

– Ela nos viu – disse em voz baixa.

– Ah... – Eu já tinha me esquecido de que esse momento de paixão tinha sido encenado para ela. – Ótimo – engoli. – Obrigada – sussurrei, ainda sem fôlego. – Pelo dia de hoje. – Por me comprar roupas bonitas, por ignorar o meu pedido para que este dia não tivesse sexo, por extrair o ar dos meus pulmões com um beijo na Columbus Circle.

– Amanhã, Alayna.

Esforcei-me para me afastar dele e só olhei para trás quando ele entrou no carro. Liesl cruzou os braços sobre o peito, encostada contra a porta, segurando-a aberta para mim.

– Hora de me dar mais detalhes – disse ela quando passei.

E foi o que eu fiz, contando-lhe tudo sobre Hudson e Alayna, o casal feliz, misturando verdade com ficção. Eu lhe disse que o tinha conhecido na Stern e que ele havia comprado a boate para ficar perto de mim, mas que ela não contasse aquilo a David. Eu lhe disse que

passávamos todo o nosso tempo livre juntos, que não conseguíamos manter nossas mãos longe um do outro e que estávamos loucamente apaixonados.

As mentiras vieram facilmente e elas me deram uma sensação boa. Pareciam plausíveis. Não porque eu sabia que Liesl acreditaria nelas, o que era verdade, mas porque quase fiz isso também.

Eram quase quatro horas quando Jordan e eu tínhamos acabado de descarregar todos os pacotes no meu apartamento, mas ainda não estava cansada. Por um momento tive uma pontada de pesar, desejando ter deixado Hudson me trazer para casa. Os pensamentos sobre ele tinham se agarrado a mim a noite toda, e nem conseguia contar o número de vezes que eu tinha começado a escrever e apagado uma mensagem destinada a esse homem, além disso, eu estava inchada e dolorida de desejo.

Eu tinha sido forte no carro, ao lado de Hudson, reconhecendo que não seria saudável preencher todo o meu tempo com esse homem. Agora, sozinha e carente dele, minha força de vontade enfraqueceu. E em vez de ir direto para a cama, como deveria ter feito, liguei meu computador e me permiti fazer a única coisa que vinha tentando não fazer: perseguir Hudson pela internet.

Disse a mim mesma que precisava encontrar informações sobre Hudson, para que estivesse preparada quando encontrasse outras pessoas. E se a mãe dele fizesse um comentário sobre a experiência na faculdade? Eu tinha que saber que ele estudara em Harvard. E se alguém me perguntasse sobre o que eu achava sobre os investimentos filantrópicos de Hudson? Seria de grande interesse saber que ele era

um grande benfeitor do Lincoln Center e que bancava uma bolsa de estudos na Julliard.

E suas ex-namoradas. Eu tinha que saber sobre elas também. No entanto, não encontrei muita coisa nesse departamento. O que encontrei, na maior parte, foram fotos de Hudson com uma grande variedade de mulheres. Engoli em seco quando reconheci que uma daquelas mulheres era Stacy, da loja da Mirabelle. Ela tinha estado em pelo menos um encontro com Hudson. Não era à toa que demonstrara tanta animosidade contra mim.

Nenhum rosto se repetiu, exceto o de Celia Werner, a loira magra e bonita com quem a família dele queria que se casasse. Eles nunca apareciam realmente juntos, mas ela estampava um olhar de adoração em seus olhos que me fez duvidar de que seria completamente infeliz com um casamento arranjado. Mas, de novo, eu não conseguia acreditar que alguém pudesse ser infeliz ao lado de Hudson.

Descobri muito sobre o meu suposto namorado neste trabalho, mas, na verdade, a minha pesquisa na internet tinha pouco a ver com me preparar para conhecer a família e os amigos de Hudson. Fiz essa busca porque me senti compelida a entender o homem que me afetava tão completamente. E li artigo após artigo porque queria saber todas aquelas curiosidades bobas que só um verdadeiro fã ou amigo íntimo saberiam. Fiquei sentada diante do computador até que meus olhos ficaram cansados de absorver cada porção esclarecedora sobre Hudson Pierce que pude encontrar, porque não conseguia deixar de fazer isso...

Se eu estava ficando obcecada, não me importei com isso. Hudson atraía-me para ele com uma força magnética. E embora soubesse que o meu comportamento só poderia ser permitido como sendo um lapso

de uma só vez, apreciei a euforia de fixar-me no homem que já havia claramente declarado que nunca seria meu.

Estava brincando com as contas no corpete do meu vestido Valentino cinza-arroxeadado enquanto a limusine estacionava em frente ao Manhattan Center às 12:45 do dia seguinte. Eu estava nervosa, sim, mas também me sentia confinada no corpete que usava por baixo do meu vestido. Era uma surpresa para Hudson, porque era o mesmo corpete pelo qual ele havia me repreendido ao usá-lo em público.

– Pare de ficar inquieta – disse ele. – Você está linda.

Respirei fundo quando Jordan abriu a porta da limusine. Hudson estava mais próximo ao meio-fio, e quando começou a sair eu o detive.

– Espere.

Hudson ergueu uma sobrancelha cautelosa.

– Outro pedido para uma tarde sem sexo?

Corei na hora.

– Não. Eu desisti disso.

Ele sorriu, nem um pouco preocupado em esconder o seu prazer com a minha declaração.

– De qualquer forma... – Olhei para ele sob os meus cílios pesados de rímel. – Eu só queria dizer... que você está muito gostoso. – E estava mesmo. O desfile de caridade demandava um vestuário semiformal, e Hudson melhorava seu visual usando um ajustado terno cinza John Varvatos com uma camisa social roxa, que combinava perfeitamente com a minha roupa. Ele tinha decidido ir sem gravata, deixando os botões de cima abertos, expondo a pele apenas o suficiente para me deixar louca. – Realmente gostoso.

Hudson me olhou por um momento, depois sacudiu a cabeça antes de sair do carro. Ele estendeu a mão para me ajudar, com o rosto ainda atormentado com uma expressão curiosa.

– O que foi? – perguntei, imaginando se tinha dito algo de errado.

– Alayna – suspirou Hudson. – Há tantas coisas que eu quero fazer com você agora. Mas estamos a serviço, e, portanto, vou ter que me contentar com isto.

Ele me puxou para um beijo que, embora não fosse casto, senti que foi contido, sem a paixão que ele costumava demonstrar. Esse beijo foi para os espectadores, que era o punhado de fotógrafos que cercava as portas do Hammerstein Ballroom.

Quando afastou-se de nosso abraço, Hudson pegou minha mão, os dedos passando levemente sobre o elástico que eu usava no meu pulso.

– O que é isso? – perguntou, enquanto me levava para passar pelas portas duplas do local.

– É para me lembrar de comprar café – menti.

Na verdade, eu usava isso para me lembrar de não pensar nesse homem. Eu tinha aprendido a técnica no aconselhamento. Sempre que um pensamento desagradável, ou não muito saudável, penetrasse minha cabeça, eu deveria puxar o elástico e a picada ajudaria a coibir esse comportamento.

Até parece... Como se o estalar de um elástico na minha pele pudesse impedir os pensamentos que Hudson suscitava: pensamentos de nós dois juntos, nus, durante a noite toda. E esses nem eram os pensamentos que mais me preocupavam. Fantasias sobre nós dois juntos, além da nossa pequena farsa, além do quarto e da transa, estes sim eram os pensamentos que me preocupavam, e eu não os tivera.

Ainda. Mas, depois de minha pequena aventura na internet mais cedo, naquela manhã, senti a necessidade de uma rede de segurança. O elástico foi tudo que pude arranjar.

– Você realmente deve precisar comprar café.

– É que você ainda não me viu...

Minhas palavras sumiram quando reconheci mais do que algumas das celebridades conversando no lobby. Eu não sei por que aquilo me surpreendeu. O Desfile Anual de Moda dos Pierce para Conscientização do Autismo era um grande evento e sempre atraiu os ricos e famosos. Realmente, eu não tinha pensado naquilo.

Hudson sorriu da minha expressão atordoada enquanto me guiava entre os porteiros, que nem sequer pediram-lhe um bilhete como tinham pedido para o casal próximo a nós que, eu tenho certeza, era o prefeito e sua mulher. Hum, sim, Hudson era muito mais importante do que eu tinha imaginado.

Passamos pelo bar e entramos pela porta principal do salão.

– Se você quiser uma bebida, pode pedir algo lá dentro. Minha mãe está ansiosa para conhecê-la. – Paramos perto da porta, Hudson esquadrinhou o salão.

Analisei o ambiente. O lugar era extravagante, um antigo teatro de ópera do século passado que havia sido dotado com tecnologia moderna. O foco central era a passarela, que se estendia desde o andar inferior. Um complexo sistema de iluminação, que parecia ser mais apropriado para um show de rock do que para um desfile de moda, estava pendurado no teto. Cadeiras estavam dispostas de ambos os lados da passarela e, além disso, mesas com toalhas brancas rodeavam o salão. Três níveis de sacadas ornamentadas escalavam as paredes, com pé-direito superior a 20 metros.

– Hudson! Laynie! – Eu me virei para o som da voz familiar e vi Mira movendo-se tão rapidamente em nossa direção quanto sua barriga redonda permitia. – Uau, você está incrível – disse ela, olhando para mim. – Este vestido ficou lindo com esses sapatos. E Huds combina com você! Que fofo!

O braço de Hudson apertou-se na minha cintura, a única indicação que ele deu de que sua irmã o aborrecia.

– Você não é a única na família que tem senso de moda, Mirabelle.

– Claro que não. Chandler também é muito habilidoso nesse assunto. Você, no entanto, é geralmente muito formal para ser considerado um cara um pouquinho criativo.

– Ui. – Mas ele sorriu, pois Hudson era muito orgulhoso de quem era.

Mira sorriu também. Em seguida, o rosto dela se contraiu de repente.

– Desculpe-me, eu sei que isso é totalmente rude, mas... – Então, puxou a orelha de seu irmão até a boca para sussurrar algo que não consegui ouvir.

A mandíbula de Hudson endureceu. Ele se endireitou, afastando-se de Mira.

– Ela sabe sobre Alayna.

Mira acenou com a cabeça em minha direção.

– E ela, sabe sobre...? – E parou de falar.

– Sabe. – A resposta de Hudson relaxou Mira, ainda que apenas ligeiramente.

Tentei parecer não afetada por isso, mas eu sabia que a minha perplexidade cobria todo o meu rosto. Eles estavam falando sobre mim e outra pessoa, e eu aparentemente sabia sobre algo ou alguém, o

que, é claro, duvidei, porque Hudson nunca me contava nada sobre absolutamente ninguém. Minha curiosidade venceu.

– O que foi?

Mira olhou para Hudson, como se pedisse permissão para me informar. Ele permaneceu impassível. Então, ela tomou isso como um sinal para ir em frente.

– Celia está aqui. – Sua boca se contorceu. – Eu não sabia se isso seria um problema.

Celia Werner. Ele tinha dito que eu sabia sobre ela, mas realmente não sabia muita coisa. Eu sabia que a família de Hudson queria que eles se casassem. E sabia que a família dela detinha ações majoritárias na televisão e na mídia. Sabia que ela era bonita. Muito bonita. E que ela parecia adorar o homem que atualmente esfregava o polegar para trás e para frente das costas da minha mão. O homem que atualmente não a adorava. Nem a mim, falando nisso.

Se minha mão estivesse livre, eu teria puxado o elástico. Aquele não tinha sido um pensamento saudável.

Engoli em seco; em seguida, coloquei um sorriso alegre no rosto.

– Não, Celia não é problema. Certo, H?

Ele fez uma careta para o apelido.

– De modo algum.

– Onde está ela? – Se a mulher estava no local, eu achei que seria melhor encará-la logo.

– Ali. – Mira apontou discretamente.

Segui o gesto. Lá estava ela, a mulher das fotos, usando um vestido vermelho de um ombro só que acentuava seu corpo magro de modelo.

– Você está mais bonita do que ela – disse Mira.

Não, não estava, mas apreciei o comentário. Eu não parecia nem um pouco melhor do que ela.

“Tlec.” Outro pensamento doentio.

– Mirabelle, você precisa ser tão maliciosa assim? – Hudson apertou minha mão. – De qualquer forma, Alayna é mais bonita do que a maioria das pessoas.

Eu o beijei. Não só porque parecia um bom momento para uma namorada recompensar seu namorado por um elogio, mas porque eu queria. Eu queria lembrar-me de que não importava o que Hudson e eu tínhamos ou não juntos, eu era a única a poder beijá-lo, eu era aquela que estava convencendo as pessoas de que Hudson não deveria estar com Celia.

Ele me beijou de volta, daquela forma reservada dele, que eu tinha descoberto que era para o público em geral, sua língua mal deslizando dentro de meus lábios.

– Essa não. O Huds dando um amasso não é algo que eu queira ver. – Uma voz desconhecida interrompeu o nosso abraço. Hudson afastou-se, revelando um adolescente loiro, de olhos azuis, vestindo um paletó sobre uma camiseta e jeans. – Mas, uau. – O rapaz me esquadrinhou de cima a baixo com um olhar cobiçoso. – Se você sentir vontade de subir na escala social, pode colocar esses lábios em mim.

– Chandler – Mira repreendeu. – Seja educado.

Chandler. O irmão mais novo dos Pierce. Eu tinha lido alguns blogs de fofoca especulando que o motivo da grande diferença de idade entre Mira e Chandler era porque os três filhos não compartilhavam o mesmo pai. De fato, olhando para Chandler agora, via muito pouca semelhança com seus irmãos mais velhos.

– Alayna é nove anos mais velha que você – disse Hudson, com uma expressão severa no rosto.

– Vou fazer 18 anos no próximo mês. – Os olhos de Chandler continuaram presos em mim.

Eu nunca tinha dito a Hudson que tinha 26 anos. E não deveria ter ficado chocada por ele saber, pois o homem que tinha descoberto minha ordem de restrição obviamente tinha de saber de outras coisas também. Bem, agora nós estávamos em pé de igualdade. Como se houvesse igualdade com Hudson...

Hudson fez a apresentação resumida.

– Alayna, este é o nosso irmão, Chandler. – Hudson bateu em seu irmão no ombro com um gesto que quase parecia brincalhão. – Chandler, pare de despir Alayna com seus olhos. Isso é inapropriado.

Chandler cruzou os braços com um olhar de desafio e de superioridade que só poderia ser emitido por um adolescente.

– Inapropriado por que nós estamos em público ou por que ela veio com você?

– Porque não é assim que se tratam as mulheres. – O tom de Hudson foi contido, mas uniforme.

– E é você quem vai me ensinar como tratar as mulheres? – Ele olhou para seu irmão mais velho e quase pude ver uma conversa silenciosa passando entre eles naqueles poucos segundos. E, então, Chandler deixou para lá. – Mamãe me mandou chamar você. Ela quer conhecer a sua linda acompanhante.

Chandler virou-se nos calcanhares, olhando para trás com indiferença para ver se o estávamos seguindo.

Mira o seguiu, agarrando-o pelo cotovelo para sussurrar em seu ouvido. Era uma bronca pelo seu descaramento, suspeitei.

Hudson suspirou.

– Ignore-o. Ele é só um adolescente com tesão.

– Ele puxou o lado tarado do irmão mais velho – sussurrei.

– Comporte-se.

Ele pegou a minha mão e estremei com seu tom de comando e a sensação de sua pele contra a minha.

Seguimos os irmãos mais novos pelo salão, costurando em torno de mesas e atravessando a crescente multidão de pessoas, até que nos aproximamos de uma das mesas mais próximas ao palco.

– Esta é a nossa mesa – disse Chandler. Ele apontou com o queixo para um grupo de pessoas conversando a poucos metros de distância.

– Mamãe está ali.

Olhei para as costas da mulher que eu sabia ser Sophia Walden Pierce graças às fotos da internet. Seu cabelo loiro escuro estava preso em um coque apertado, exibindo seu gracioso e longo pescoço. Mesmo por trás, era evidente que a mãe de Hudson era uma mulher bonita e dominadora.

Como se sentisse a nossa presença, ela olhou para nós por cima do ombro enquanto dava um sorriso para seus conhecidos.

Uma inexplicável onda de energia nervosa rolou através de mim. E se ela não acreditasse no nosso esquema? E se eu estragasse tudo?

Hudson deve ter percebido a minha ansiedade, porque ele apertou a minha mão e se inclinou para sussurrar.

– Você vai se sair muito bem. Eu não tenho nenhuma dúvida. – E beijou meu cabelo.

A distração dele funcionou. Eu não estava mais me preocupando em impressionar sua mãe, estava preocupada, agora, em saber se seu

carinhoso beijo tinha sido oferecido para mim ou para qualquer um que pudesse estar nos observando.

E por que mesmo isso importava? Nós não éramos um casal, era tudo de mentira. Beijos carinhosos eram românticos e nós não estávamos envolvidos romanticamente. Sexualmente, sim. Romanticamente, não. Eu visualizei outro estalo do elástico. Obviamente, não tinha contado com segurar a mão de Hudson durante o dia todo quando colocara a maldita coisa em volta do meu pulso.

No momento em que eu tinha cuidadosamente obrigado a me lembrar de que tudo que Hudson fazia era de mentira, Sophia encerrava sua conversa com os amigos e se aproximava de nós. Como suspeitava, ela era muito bonita. Seu corpo era magro e elegante, e sua tez, perfeita. Ela usara Botox, porque sua testa era lisa e inexpressiva. Ou, então, não era uma pessoa expressiva, o que seria uma coisa bastante possível, considerando-se que Sophia tinha uma relação de parentesco com o sr. não-mostro-emoção-de-verdade ao meu lado.

– Hudson. – O ligeiro aceno de cabeça combinava com a formalidade de sua saudação.

Hudson respondeu na mesma moeda.

– Mãe. – Os olhos dele se viraram para mim por alguns instantes. – Eu gostaria que você conhecesse Alayna Withers. Alayna, esta é a minha mãe, Sophia Pierce.

– Prazer em conhecê-la, ãh... – De repente, já não sabia como chamá-la... Sophia? Sra. Pierce? Se eu tivesse modulado a minha voz de forma diferente, eu poderia ter terminado com prazer em conhecê-la, mas, agora, do modo como fiz, tinha deixado a sentença no ar e teria que terminá-la. Então, apostei na escolha segura. – ... Sra. Pierce.

– Eu soltei a mão de Hudson e ergui a minha para apertar a dela, esperando que minha mão não estivesse visivelmente suada.

Minha preocupação foi infundada. Sophia Pierce não fez nenhum movimento para segurar a minha mão. Ao contrário, ela me examinou com os olhos apertados, circulando em torno de mim como um falcão.

– Ela é bastante bonita.

Desci minha mão ao lado do corpo e fiz um esforço consciente para fechar meu maxilar.

Antes que eu pudesse decidir se deveria dizer obrigada, Sophia tinha seguido em frente.

– Onde você a encontrou mesmo?

Eu fiquei espantada. A mulher falava sobre mim como se eu não estivesse lá, como se eu fosse um cachorro que Hudson tivesse encontrado na beira da estrada.

Mira tentou me salvar.

– Mãe...

Sophia acenou para dispensá-la, e eu captei a desculpa silenciosa nos olhos de Mira.

Olhei para Hudson, mas o olhar dele estava fechado no da sua mãe.

– Já lhe disse. Nós nos conhecemos em uma apresentação na Stern.

Sophia riu.

– Que diabos você estava fazendo na favela?

Eu fiquei vermelha de raiva, minhas mãos se fecharam em punhos ao meu lado.

Hudson enrijeceu o corpo também.

– Mãe, não seja um pé no saco.

Chandler sorriu abertamente pela escolha de palavras de seu irmão. Sophia, por outro lado, não deu nenhuma indicação de que teria escutado.

– Diga-me, Alayna, você ficou atraída primeiramente pelo meu filho por causa de seu dinheiro ou do sobrenome?

Dizer que eu estava puta da vida nem sequer começava a descrever como eu me sentia. Eu estava fervendo, mas ainda no controle. Sem perder as estribeiras, envolvi meu braço em torno do braço de Hudson e respondi:

– Nenhum dos dois. Fiquei atraída por ele porque ele é gostoso. E fiquei com ele porque ele é fodidamente incrível na cama.

A boca de Sophia caiu. Tive a sensação de que ela era uma mulher que raramente se via pega desprevenida, e vê-la desconcertada me fez sorrir por dentro.

Hudson levantou uma sobrancelha, mas não pareceu descontente. Na verdade, o brilho em seus olhos parecia de diversão. Aquilo meio que me autorizou a continuar.

– Olha, Sophia Pierce. Eu posso não ter diploma de Harvard como o seu filho e seu marido... – Parei de falar para observar a reação de Hudson ao fato de eu saber detalhes sobre sua família, porque ele não tinha me dito uma única palavra sobre isso. Mais uma vez, vi aquele brilho. – Mas sinto-me orgulhosa de meu diploma da NYU. E não vim aqui hoje para ter a minha educação insultada por uma mulher que abandonou a faculdade de Direito.

Sophia deu um passo ameaçador em minha direção. Eu estava mais alta do que ela pelos centímetros dos meus saltos, mas a mulher carregava sua estatura com autoridade.

– Por que você veio aqui hoje?

Ocorreu-me que, por mais grosseira que Sophia Pierce estivesse sendo comigo, ela não era minha mãe. E, embora os meus pais estivessem mortos, eles tinham sido gentis e amorosos, e nunca teriam tratado ninguém, muito menos alguém de quem eu supostamente gostasse, com esse julgamento malicioso que a mãe de Hudson dispensava a mim.

E agora eu entendia por que Hudson não tinha nenhum escrúpulo em mentir para sua mãe sobre um relacionamento. Se eu tivesse que lidar com ela, faria qualquer coisa para tirá-la da minha vida.

Então, em vez de recuar, endireitei o corpo, meu braço ainda em volta do homem ao meu lado.

– Eu vim aqui porque Hudson queria que eu conhecesse a mãe dele. Ele parece se preocupar com a sua opinião, por algum motivo. E como me importo com ele, um bocado, devo acrescentar, concordei em vir.

Hudson passou o braço em volta da minha cintura, puxando-me para mais perto. Senti seu sorriso quando ele beijou minha testa.

Os lábios de Sophia levantaram-se num leve sorriso.

– Ah – suspirou Mira. Chandler parecia estar igualmente impressionado.

Como antes, Sophia ignorou as reações de sua família.

– Nós iremos para a nossa casa em Hampton no final desta semana. Eu espero que você e Hudson se juntem a nós.

Eu abri minha boca para dizer: não, obrigada. Tudo bem, talvez realmente quisesse dizer: vá se foder, sua puta.

Mas Hudson falou antes de mim.

– Talvez possamos passar um fim de semana.

Sophia pareceu querer retrucar, o que não era nada comparado com o que eu queria fazer.

– Isso é tudo o que posso prometer, mãe. Alguns de nós trabalhamos para viver.

Ela suspirou.

– Tudo bem. Agora tenho pessoas importantes com as quais preciso falar. Desculpe-me, por favor. – Ela acenou com a mão em saudação.

– Richard! Annette!

Eu a vi flutuar para longe, espantada com o tom subitamente agradável e amigável de sua voz. Imaginei que fingir era uma herança de família. Quando voltei minha atenção para a prole Pierce, vi que todos eles estavam olhando para mim.

– O que há?

Mira e Chandler trocaram um olhar e, em seguida, caíram na gargalhada.

Franzi minha testa, ainda confusa.

Hudson me puxou em seus braços, com um sorriso nos lábios.

– Alayna. Você é incrível.

Comecei a derreter em seus braços, mas lembrei-me de que ele havia dito à sua mãe que iríamos acompanhá-la a Hampton. Dei-lhe um soco de leve no ombro.

– Eu vou trabalhar neste fim de semana.

– Livre-se disso. – Não era um pedido, era uma ordem.

Eu não poderia dizer-lhe que livrar-me do trabalho era algo impossível, porque, bem, ele era o dono do lugar. Seria estranho, no entanto. Eu tinha uma reunião agendada com David para o dia seguinte, e minha esperança era que fosse para, oficialmente, me dar uma promoção. O que eu deveria dizer? Obrigada pela oportunidade,

agora preciso da sexta-feira e do sábado de folga? Eu teria que dizer a ele que estava saindo com Hudson, embora o pensamento me fizesse estremecer.

Além disso, eu não queria ir para Hampton com Sophia Pierce. Afastei-me do abraço de Hudson.

– H, sinto muito em dizer isso, pois afinal ela é sua mãe e tudo, mas não vou conseguir conviver com ela esse tempo. Ela não é legal.

Ele riu. Em seguida, prendeu os olhos nos meus, passando o dedo no meu rosto tão suavemente que me fez estremecer.

– Nós não vamos passar cada minuto com a minha mãe. E, de qualquer maneira, você pareceu lidar muito bem com ela.

Não consegui evitar. Seu sorriso de menino e seus olhos cinzentos tinham poder sobre mim. E, depois de ouvi-lo dizer que não iríamos passar cada minuto com Sophia, isso levou minha imaginação a uma explosão de imagens do que estaríamos fazendo no lugar. Meus mamilos arrepiaram-se com o pensamento. Como poderia resistir a esse homem?

– Então, tudo bem, mas não posso ser responsabilizada por minhas ações se ela estiver desse jeito de novo.

Ele se inclinou para me beijar, sussurrando enquanto fazia isso:

– É com isso que eu estou contando.

O almoço passou rapidamente. Sophia estava ocupada demais cumprimentando e socializando com os vultosos doadores para vir comer com a gente, graças a Deus. Adam, o marido de Mira, juntou-se a nós depois que nossas saladas tinham sido servidas. Ele era cirurgião e tivera um caso de emergência naquela manhã. Ele combinava com ela apesar de suas diferenças de altura, Adam alto e magro, Mira redonda e baixinha. Por meio segundo, tentei imaginá-los fazendo sexo, antes de perceber que, assim que pensasse nisso, não seria capaz de esquecer-me daquele pensamento.

Embora nada de memorável tenha acontecido no decorrer da refeição, eu me diverti. Assisti às brincadeiras amigáveis entre os irmãos, juntando-me às risadas quando um tinha dito uma afronta particularmente boa sobre o outro. A conversa direcionada a mim era inofensiva e leve, sem grandes problemas. Eu temia que não fosse assim, com aquelas pessoas querendo saber tudo sobre mim e minha família. Quando algo entrava em um campo muito particular, notava que Hudson desviava o assunto de mim. Seria porque ele conhecia a tristeza do meu passado? Ou estava educadamente mantendo meu trabalho leve e despreocupado? De qualquer maneira, o almoço foi mais íntimo do que qualquer coisa que eu tinha experimentado durante um longo tempo.

Quando lancei um olhar casual para ele no meio da refeição, seu sorriso fez meu peito apertar. Pode ter sido por show, mas minha

reação foi genuína. Eu percebi que nenhum elástico, por maior que fosse, iria deter o que estava começando a sentir por ele.

Depois da sobremesa e do café, o salão tornou-se um alvoroço novamente, com pessoas visitando outras mesas e outros convidados chegando, pois esses só tinham comprado ingressos para o desfile de moda. Chandler encontrou um grupo de meninas mais jovens para paquerar, e Mira atraiu Adam para ajudá-la nos bastidores, onde ela estava coordenando as modelos e designers.

Embora eu tivesse gostado de conhecer Mira e Adam, e mesmo Chandler, que não deixava de nos entreter, fiquei feliz por ter um minuto a sós com o meu par. Eu passei a minha mão sobre seus ombros e costas, atraindo o seu olhar para mim. Notei o desejo, as pequenas manchas de cobre brilhando em seus olhos. Ele agarrou minha coxa e inclinou-se, mas o beijo esperado não veio.

– Ah, você não precisa ser todo demonstrações públicas de afeto por minha causa. – Uma voz sedosa ronronou atrás de nós. – Lembre-se, eu sei.

Hudson endureceu sob a minha mão e meus olhos seguiram os dele, pousando na loira de longas pernas que estava se sentando ao meu lado. Ela era intimidante, não por causa de sua atitude, mas porque era absolutamente linda. Coloquei minhas mãos no meu colo, mas a mão de Hudson permaneceu segura na minha perna debaixo da mesa.

– Eu sou Celia – sorriu, mostrando os dentes perfeitamente brancos. – Achei que nós provavelmente deveríamos nos conhecer. Entretanto, parece que Hudson não está muito interessado nisso.

Eu olhei para Hudson, que, de fato, parecia desconfortável.

– Não, você tem razão. Vocês deveriam se conhecer – respondeu ele, com sua mão acariciando a minha coxa. Eu senti um propósito por trás de seu toque, mas não tinha certeza se ele queria me controlar, acalmar ou acalmar a si mesmo. – Agora, já se conheceram.

– Você não vai se livrar de mim tão facilmente, seu tonto. – Celia sorriu para Hudson, em seguida, lançou outro sorriso para mim. – acredite se quiser, nós somos realmente amigos.

Eu acreditei. Ela se sentia confortável perto dele, e Hudson nem sequer pestanejou quando ela o chamou de tonto. Isto fez o meu estômago embrulhar inexplicavelmente. Então, quando fiquei imaginando se eles tinham feito sexo, uma forte punhalada começou a cutucar no meu peito. Eu não precisava esticar o elástico, mas fiz aquilo de qualquer maneira, já que as minhas mãos estavam finalmente livres debaixo da mesa.

Hudson suspirou.

– O que você quer, Ceeley?

Como? Ela era alguém que Hudson realmente chamava por um apelido? O apunhalar se aprofundou no peito.

– Eu queria agradecer pessoalmente a Alayna por toda esta farsa.

Então, ela realmente sabia... O que então me colocava em desvantagem, já que eu não sabia quase nada sobre ela.

Celia se inclinou para mim, como para confidenciar um segredo, mas falou alto o suficiente para que Hudson ainda pudesse ouvi-la.

– Você não consegue imaginar como tem sido terrível a ideia de ter que me casar com esse chato... – Um sorriso provocante apareceu nos lábios dela.

– Hum, acho que consigo imaginar. – As dores em meu peito me fizeram querer esfaquear Hudson também. – Ele não é do tipo de

sossegar o facho com alguém.

Hudson tirou a mão da minha perna e eu me arrependi imediatamente das minhas palavras, mesmo que elas não tivessem sido tão maldosas assim, ou foram?

Celia riu.

– Uau. Você já o conhece bem, então... – E riu de novo.

Urgh, ela era uma daquelas garotas risonhas. Me deu vontade de vomitar. Ou de odiá-la. Mas algo sobre ela também me atraía.

– É bom conversar com mais alguém que sabe...

– Mas Hudson não é um cara incrivelmente bom em fingir? – Celia estreitou os olhos na direção dele e eu captei os dardos que ele atirou em retribuição.

– Pois é... – Fiquei alguns instantes pensando sobre o nosso tempo juntos, os toques, os beijos em público. Alguns deles tinham sido meio confusos, e eu tinha posto a responsabilidade por esta confusão em minhas próprias tendências a criar mais quando não havia mais a criar. Mas talvez não fosse a minha imaginação hiperativa, afinal. – Muito bom.

– Eu adoraria continuar esta conversa maravilhosamente divertida, mas estou vendo alguém com quem preciso conversar sobre um negócio. – Hudson levantou-se e estendeu a mão para mim. – Alayna.

Eu tive a estranha sensação de que ele não queria me deixar sozinha com sua quase-noiva-só-que-não. Da última vez em que me senti assim, tinha recebido dicas bastante interessantes de sua irmã mais nova.

– Vá em frente, H. Eu vou ficar com Celia.

– Nós vamos ficar bem – Celia assegurou. – E podemos terminar nossa conversa com uma briga de mentira, se você quiser incrementar

a farsa.

A mandíbula de Hudson se apertou.

– Sem briga. No meu roteiro, vocês são amigáveis uma com a outra.

– Então, ela e eu deveríamos nos sentar e conversar, já que supostamente seríamos amigas. – Celia piscou para mim. – Certo, Alayna?

– Certo. – E pisquei de volta. Não podia evitar. Celia era cativante. – E já que somos amigas, você pode me chamar de Laynie.

– Amigáveis, e não amigas... – Ele respirou fundo, mas sua voz ainda estava tensa quando falou de novo. – Tudo bem. Estarei de volta em breve.

Eu o observei ir embora, os tensos músculos de sua bunda escondidos pelo paletó, mas um traseiro atraente, de qualquer forma. De repente, eu me lembrei de que tinha uma testemunha de minha cobiça e voltei minha atenção para Celia apenas para descobrir que ela o estava admirando também. Além disso, tinha aquele olhar de adoração que eu tinha visto nas fotos deles juntos.

– Você gosta dele? – falei, antes que pudesse evitar. Mas não tinha certeza se queria saber se era verdade ou não.

Ela encolheu os ombros e depois arqueou uma sobrancelha.

– Sério? Eu sou provavelmente a sua única oportunidade de conseguir alguma informação real sobre Hudson e a vida dele, e é isso que você quer saber?

Eu ri.

– Tem razão, eu gostaria de algumas informações. – A lista de perguntas com a qual eu poderia abordar Celia era tão longa que eu nem sabia direito por onde começar. Como não tinha certeza de

quanto tempo nós tínhamos, eu precisava otimizá-lo. – Tudo bem, Mira pareceu achar que eu deveria estar com ciúmes de você. Deveria, mesmo? Quer dizer, eu deveria estar fingindo que estou com ciúmes?

Celia franziu os lábios cheios e perfeitos.

– Bem, essa não é uma maneira mais inteligente de fazer a mesma pergunta de antes? Não. Hudson e eu nunca fomos nada além de amigos. Se ele fosse um namorado que confidenciasse as coisas para a namorada, diria a você que eu gostava dele, mas que nunca sentiu nada por mim, exceto amizade. Então, a não ser que você seja do tipo superficial e que fica com ciúmes de todas as amigas do cara com quem está saindo, não banque estar com ciúmes.

Eu era um pouco superficial, sim, e definitivamente do tipo ciumenta quando me encontrava no auge da compulsão. Mas agora estava interpretando um papel, então, por que não fazer o meu personagem sem ter as minhas imperfeições?

– Sem ciúmes, então. E quanto à família dele? Ele é próximo a eles ou se comporta de modo tão afastado com eles como com todos os outros? Eu não consigo perceber como é.

– Ele ama a todos, profundamente. Tão profundamente como Hudson poderia amar alguém, quero dizer. Mas é preciso um bocado de sensibilidade para perceber isso. – Celia se recostou na cadeira e me olhou. – Eu penso que alguém por quem ele estivesse apaixonado saberia disso.

Assenti, absorvendo aquilo. Em seguida, mergulhei na questão que tinha me atormentado desde que ouvira, pela primeira, a respeito do dilema dele.

– Por que a mãe de Hudson não acredita que ele possa se apaixonar? Além, claro, de ela ser uma vaca sem coração. – Isso provocou um sorriso em Celia. – Ele nunca namorou ninguém antes?

– De certa forma, sim. Quero dizer, ele já namorou mulheres. Não mulheres que tenha trazido para conhecer a mãe, mas, sim, ele já namorou.

A dor aguda retornou. Ao mesmo tempo, notei uma sombra de agonia escurecer o rosto brilhante de Celia. Ocorreu-me que esta conversa devia ser ainda mais difícil para ela, considerando que a moça realmente tinha sentimentos pelo cara e eu... Bem, não tinha sentimentos, mas sentia alguma coisa.

– Bem, namorar não é a palavra certa. Ele transava com elas. E, então, ele bagunçava a vida delas. Isto lhe trouxe os mais variados tipos de problemas. Mais do que uma vez.

Eu parei de falar.

– O que quer dizer com “bagunçava a vida delas”?

– Eu não deveria lhe contar. Hudson não quer que você saiba. Mas realmente acho que você deveria saber. Caso contrário, você pode ser pega de surpresa se Sophia lhe disser alguma coisa sobre isso.

Minha voz era um sussurro:

– E como ele bagunçava com elas?

Celia suspirou.

– É difícil de explicar. Tipo, ele dizia que só queria ser amigo delas, ou um amigo com benefícios, mas então as manipulava da maneira dele, sabe como é, do jeito que ele sempre consegue o que quer?

Cara, como eu sabia. Só consegui assentir com a cabeça.

– Ele manipulava essas mulheres para se apaixonarem por ele. O que não é muito difícil, afinal, ele é o Hudson. Mas realmente jogava

com elas. Dirigia as garotas, manipulava-as, obrigava-as a ficarem realmente viciadas nele. Era como um jogo para ele, uma dessas merdas que garotos ricos e mimados fazem apenas porque podem, porque são ricos. – Celia fez uma pausa. – Eu sei do que estou falando porque amo Hudson ternamente. Além disso, sou uma garota rica e mimada também.

O mundo pareceu que tinha sido arrancado debaixo de mim. Era isso que Hudson estava fazendo comigo? Minha garganta ficou apertada.

– Ele... er... ainda faz isso?

– Honestamente, não sei dizer. Ele fez uma tonelada de sessões de terapia, portanto, gostaria de dizer que ele está melhor agora, mas quem sabe? Claro que, por causa disso, a mãe de Hudson teve a ideia de que, se o filho se casasse com alguém como eu, eu poderia mantê-lo na linha. E os meus pais me querem casada com o sobrenome e a conta bancária dos Pierce, já que são repugnantemente gananciosos. Mas eu não poderia lidar com os jogos mentais de Hudson, muito embora goste muito dele. E adoraria entrar na calça desse belo homem. Você pode imaginar como nossos filhos seriam lindos? Ai, ai...

Celia falou “ai, ai,” em vez de realmente suspirar. Foi isso o que captei de seu monólogo porque não queria pensar sobre o resto. Terapia ajudava as pessoas, e ajudava mesmo, eu não podia negar, mas tinha dúvidas de que a terapia me havia consertado. E, sabendo o que eu sabia sobre padrões de comportamentos passados, percebi que Hudson não deveria estar só fazendo sexo com alguém se ele estivesse seriamente melhor.

Exatamente como eu, que não deveria estar em um relacionamento sem emoção se estivesse melhor, já que a falta de carinho de uma pessoa que eu desejava era um dos meus gatilhos.

Coloquei a mão em meus joelhos, debaixo da mesa, para que parassem de bater. Eu tinha que sair de lá.

Celia continuou, sem perceber o meu tormento.

– Mas acho que este plano do Hudson é brilhante. Assim que Sophia relaxar o suficiente para acreditar que o filho está apaixonado por você, ela vai entrar em êxtase. Ela quer que Hudson seja normal. Ela quer que ele seja feliz e apaixonado. E eu quero que ele seja feliz e apaixonado. Pena que não seja verdade.

Sim, uma pena.

Celia franziu a testa, a preocupação gravada no rosto.

– Você está bem? Me parece muito pálida.

Não, eu não estava bem, porra! Tinha acabado de ser informada, em primeiro lugar, que o homem com quem eu não deveria estar fodendo estava provavelmente tentando foder com a minha cabeça, assim como com o meu corpo.

– Não estou me sentindo bem. – Não era uma mentira. Eu realmente achei que podia vomitar bem aqui. – Desculpe-me, tenho que... – Só que não conseguia pensar em nenhuma desculpa para sair. Eu só sabia que tinha que... – Ir.

Levantei-me rapidamente e serpenteei entre a multidão em direção às portas, abrindo meu caminho pelo saguão lotado. O show ia começar em quinze minutos e eu estava avançando contra o fluxo. Desviei e me dirigi para uma porta diferente quando vi Sophia no bar, esperando que ela não me visse. Não porque eu me importasse mais

com a estúpida farsa de Hudson, mas porque não queria ter que lidar com ela.

Só que, ao me concentrar em evitar Sophia, acabei ignorando completamente que eu estava passando em frente a Hudson.

– Aonde você está indo?

Ele estendeu um braço gentil para me deter, e os formigamentos familiares dispararam diretamente até o meu sexo.

Acompanhando os arrepios, meu estômago revirou com aversão. E afastei o braço dele para longe de mim.

– Não me toque!

As sobancelhas de Hudson uniram-se em confusão.

– Ei! – E puxou as mãos para perto de seu corpo, mostrando que não iria me tocar, mas bloqueou a minha rota de fuga. – O que há de errado com você?

Vasculhei o lobby em busca de uma maneira de esgueirar-me para longe.

– O que há de errado com você seria a pergunta mais apropriada.

– Alayna. – Hudson deu um passo em minha direção, com a voz baixa e severa. – Não sei do que você está falando, mas está fazendo uma cena. Você precisa se acalmar e guardar isso, seja o que for, para mais tarde.

Ele fez um movimento para agarrar meu cotovelo, mas eu me afastei antes que conseguisse.

– Não vai haver um mais tarde, eu desisto.

Corri, passando por ele e atravessando a entrada principal até a calçada.

– Alayna! – Hudson me seguiu.

A raiva atravessou meu corpo, lágrimas se formando nos meus olhos. Eu estava vulnerável, chafurdando em minhas angústias, e esse homem tinha se aproveitado disso. Virei-me para ele, lágrimas quentes manchando minhas bochechas.

– Diga-me, Hudson, você me escolheu porque achou que os meus problemas de compulsão e de obsessão deixariam o seu jogo mais divertido? Porque de verdade, onde está o desafio nisso?

A mandíbula de Hudson se apertou, a compreensão chegando.

– A porra da Celia e sua boca grande. – Ele deu um passo em minha direção, sua mão esticando-se para me alcançar. Eu me afastei. Ele suavizou o movimento, mas seu olhar era insistente. – Vamos conversar sobre isso na limusine.

– Eu não quero...

Ele me interrompeu.

– Alayna. Não é justo você ouvir uma estranha contar a história dela e não me dar chance de explicar. – Seus olhos se contraíram, mas, tirando isso, seus traços e postura estavam controlados. – Eu estou dizendo a você que nós vamos falar sobre isso na limusine que está no estacionamento ao lado. Em primeiro lugar, porque a minha mãe está assistindo, então vou me inclinar e beijar sua testa. Em seguida, vou até lá em cima dizer a ela que você não está se sentindo bem. Depois, a encontrarei no carro.

Olhei por cima do ombro dele e vi Sophia do lado de dentro das portas, com um sorriso maroto em seu rosto. Eu já tinha dito a ele que estava desistindo. E conseguiria um emprego em qualquer merda de lugar que Brian quisesse, porque, obviamente, não poderia trabalhar em nenhum lugar onde Hudson Pierce estivesse. Mas sabia que ele não ia me deixar ir embora se eu não concordasse com o plano dele.

Então, quando chegasse à limusine, eu diria a Jordan para partir antes que Hudson se juntasse a nós.

Dei-lhe um tenso aceno de cabeça. Ele se aproximou com cautela e me beijou suavemente na testa. Cruzei meus braços sobre o peito para esconder meus mamilos que tinham apontado traiçoeiramente.

– Na limusine, Alayna. Eu encontro você lá.

Enxuguei rapidamente as lágrimas do meu rosto enquanto caminhava em direção ao estacionamento e acelerei meu passo assim que me vi fora da vista dele. Havia várias limusines estacionadas, mas Jordan estava encostado no capô, brincando com seu telefone. Quando me viu andando na direção dele, o motorista abriu a porta sem dizer uma palavra.

– Leve-me para casa, por favor, Jordan – disse entredentes quando deslizei para dentro.

Jordan fechou a porta e eu o ouvi sentar-se no banco do motorista. Ele não tinha dito nada, não tinha concordado ou discordado da minha orientação, e, por um momento, temi que ele só acatasse as ordens de Hudson.

Mas o alívio tomou conta de mim quando o carro começou a andar...

E, então, imediatamente se esvaiu quando parou ao lado da entrada do salão de festas e Hudson subiu, as portas travando automaticamente depois que ele a fechou.

Merda! Hudson tinha provavelmente mandado uma mensagem de texto para Jordan avisando que eu estava saindo, para buscá-lo depois e não me levar a lugar nenhum sem ele. Injustificadamente, eu me senti traída pelo meu motorista.

Quando o carro avançou no meio do trânsito, eu me encostei no canto oposto, tão longe quanto pude, do homem que estava partilhando o carro comigo.

Hudson apertou um botão e falou:

– Jordan, dirija pela cidade até que eu diga o contrário. Ou encontre um lugar para estacionar por um tempo.

Normalmente meu rosto teria ficado quente, com receio do que Jordan pensaria que estávamos fazendo no banco de trás. Mas estava muito chateada e magoada para me importar com isso agora.

Ficamos sentados por alguns minutos, sem falar. Eu não conseguia imaginar que Hudson sempre-controlado Pierce estivesse sem palavras, então, presumi que o seu silêncio era para me acalmar. Ou me enervar. Algum tipo de tática manipuladora de um especialista como ele.

Mas isso não me acalmou. Ao contrário, o silêncio me deu tempo para rever todos os momentos dos últimos dias, permitindo-me reconhecer sua mão dominante em todas as suas ações. Seu controle sobre mim me deu combustível para odiá-lo ainda mais. E a mim também, por cair nessa cilada.

Por fim, ele falou em voz baixa.

– O que exatamente Celia lhe disse?

Eu não podia mais ficar calada.

– Ah, apenas me contou como você brinca com as emoções de mulheres vulneráveis. Isto é verdade?

– Alayna...

Ele estendeu a mão através do assento, colocando-a no meu joelho.

– Não me toque! – Ele tirou a mão. – E pare de falar o meu nome. Isso é verdade?

– Você vai se acalmar para que eu possa explicar?

Seu tom soou paternalista, fortalecendo a minha fúria. Eu precisava que ele admitisse aquilo. Eu tinha que ouvi-lo dizer isso.

– Isso... é... verdade?

Sua resposta veio em uma explosão.

– Sim, é verdade! – Hudson respirou fundo, recuperando seu controle. – No passado, era verdade.

Eu congelei, meus olhos fixos nele. Eu não esperava uma confissão. Não esperava que ele me dissesse qualquer coisa, ele nunca dizia nada, então fiquei com medo de que, se me mexesse, ele pararia de falar. Portanto, fiquei quieta.

Hudson demorou um pouco e não olhou para mim quando fez sua confissão.

– Eu fiz... coisas... das quais não me orgulho. Eu manipulei pessoas. Eu as feri e, muitas vezes, isso foi feito deliberadamente. – Hudson se virou para mim, penetrando-me com seus intensos olhos cinza e o chiado em sua voz. – Mas não agora. Eu não faço isso agora. Não com você.

Sua admissão me afetou, mas ignorei a emoção, sabendo que tinha provas que traíam as suas palavras.

– É mesmo? Porque parece totalmente óbvio que você fez exatamente isso comigo. O jeito que você me escolheu no simpósio, me rastreou e me deu férias no spa e, meu Deus, você comprou o clube!

Ele balançou a cabeça, negando.

– Não é assim. Eu já lhe expliquei o presente, e estava atrás do clube de qualquer maneira. Quando descobri que você trabalhava lá, sim, isto me ajudou a tomar a minha decisão...

Eu o interrompi.

– E você me contratou e me seduziu. E quando eu disse que não devia fazer sexo com você, então, de alguma forma, você me levou a fazer exatamente o contrário. Você é um manipulador. Você é um cara que intimida e ameaça, Hudson.

Cruzei meus braços na esperança de parar o novo ataque de lágrimas que ameaçavam cair.

– Não, Alayna. Eu não queria isso com você. – A angústia em seu tom de voz trouxe as minhas lágrimas para fora. Ele se inclinou para frente e senti que ele queria me tocar. Em vez disso, colocou a mão no assento do carro ao meu lado, colocando-se tão perto de mim quanto eu permitia. – Não quero ser assim com você.

Tentei enxugar as lágrimas com a mão, mas era incapaz de acompanhar o ritmo com que caíam.

– Então, o que você quer ser comigo, Hudson?

– Honestamente? Eu não tenho certeza. – Ele inclinou-se contra o assento. Sua expressão era confusa, dividida.

De repente, ele parecia muito mais jovem do que eu jamais vira. Já não se parecia mais com o macho alfa confiante e mandão que eu sabia que ele era, estava mais parecido com um membro do grupo de uma de minhas sessões de terapia, um cara mais exposto e acessível.

Ele deu uma breve risada, como se reconhecesse sua própria vulnerabilidade e isso o divertisse ou o confundisse.

– Eu estou atraído por você, Alayna. Não porque queira machucá-la ou fazer você se sentir de certa maneira, mas porque você é linda, sexy e inteligente e, sim, um pouco maluca, talvez, mas não está vencida como eu. E isso me deixa esperançoso. Por mim.

Deixei escapar um suspiro. Deus me ajude, eu queria estender a mão até ele. Queria confortá-lo, sabendo que as suas palavras sobre mim falavam mais sobre ele mesmo do que quaisquer outras que ele já tivesse dito.

Eu não me mexi, ainda sem vontade de quebrar o momento. Até mesmo as minhas lágrimas tinham se acalmado, como se tivessem interrompido seu fluxo.

– Talvez eu tenha sido mandão, intimidador, ameaçador... Mas eu sou uma pessoa dominante. Posso tentar mudar as coisas sobre mim, mas os fundamentos da minha personalidade não irão embora. – Sua voz ficou ainda mais baixa. – Você, entre todas as pessoas, deveria ser capaz de entender isso.

Ele tinha me conquistado. Provavelmente, não quando insistira que não queria ser sei lá o que comigo, mas com certeza quando mostrou que estava fragilizado e eu não. E se nada disso tivesse me atingido, sua última declaração teria. Eu o entendia. Mais do que jamais havia imaginado. Como era ser de um determinado jeito e me odiar por isso. Como era difícil mudar e aprender a aceitar aquelas partes que, fundamentalmente, nunca iriam mudar. E o que isso me causava; saber que eu era incapaz de me apaixonar da forma como as pessoas normais o fazem.

Eu conhecia qual era a sensação de ser essa pessoa.

– Sinto muito. – Essas palavras saíram como um sussurro sufocado, por isso, as repeti: – Eu sinto muito. Você não me julgou e eu o julguei.

Ele assentiu com a cabeça uma vez e eu sabia que era a sua maneira de aceitar o meu pedido de desculpas.

– E eu exagerei quando o chamei de valentão, mandão e todas aquelas coisas. Eu não fiz nada que não quisesse. E toda a sua confiança e seu lance dominador são realmente muito excitantes.

Hudson quase sorriu, mas fechou os olhos como se estivesse tentando controlar suas emoções. Quando os abriu novamente, eles estavam implorando.

– Alayna, não desista. Não desista de mim.

Eu desviei o olhar, sabendo como seria fácil ceder se eu ficasse olhando para aqueles olhos cinzentos.

– Hudson, eu preciso fazer isso. Não é por sua causa, quer dizer, não somente devido a isso, mas por causa do meu passado. Eu não estou bem o suficiente para ficar com alguém que tem seus próprios problemas.

Sinceramente, eu não sabia se estava bem o suficiente para ficar com qualquer um...

– Está sim, Alayna. Você só diz isso para si mesma porque está com medo.

Isso me levou a encará-lo de novo.

– Eu tenho que estar com medo. Não é seguro. Para qualquer um de nós. Você devia estar com medo também.

Ele soltou um suspiro pesado. Quando falou de novo, parecia estar resignado, como se não esperasse que suas palavras fizessem diferença, mas, mesmo assim, ele as falou.

– Eu não acredito nisso. Eu acho que passar um tempo com outra pessoa que tem tendências compulsivas similares pode lhe dar conhecimento e cura.

Inclinei minha cabeça contra o assento e olhei para o teto do carro. Eu queria acreditar do mesmo jeito que ele acreditava que nós

poderíamos ajudar um ao outro. Mas não conseguia. Tudo o que eu tinha testemunhado e experimentado na minha vida junto com pessoas compulsivas e obsessivas me dizia o contrário. Além disso, se ele me queria perto dele pela confiança e compreensão, deveria ter me contado seus segredos desde o início. E ele não tinha feito isso.

Por mais que me doesse fazer isso, eu tinha que cancelar as coisas. Eu tinha que fazer a coisa certa de uma vez por todas.

Mas existiam os meus problemas financeiros. Por mais irrelevante que o dinheiro pudesse parecer no momento, ser capaz de manter o meu trabalho no clube tinha um enorme impacto sobre o meu bem-estar mental.

– Tudo bem, não vou desistir. – Eu me virei para encará-lo. – Mas não posso ter um relacionamento com você, Hudson. – Minha garganta estava apertada, mas continuei a falar: – Tudo o que posso lhe dar é o fingimento. Eu tenho que me proteger.

Eu sabia que deveria ter terminado tudo, mas não tinha forças para fazê-lo. Isso tinha que ser suficiente.

Os ombros de Hudson caíram ligeiramente.

– Eu entendo. – E balançou a cabeça como se para reafirmar que entendera, fazendo-me suspeitar de que não havia entendido nem um pouco, mas estava aceitando minha decisão, de qualquer maneira. – Obrigado.

Então se endireitou no assento, sua postura retornou e eu soube, no mesmo instante, que ele estava de volta ao seu eu autoconfiante normal.

Eu tinha mais uma coisa a dizer, no entanto. Inclinei-me para ele, colocando minha mão com firmeza no joelho do homem ao meu lado.

– Hudson, você não foi vencido.

A expressão dele vacilou brevemente, seus olhos voltando-se para baixo. Quando subiram mais uma vez, eu os vi passar pelo meu decote enorme. Sua sobrancelha ergueu-se.

– O que você...? O que...?

Eu olhei para baixo para ver o que Hudson tinha visto. O espartilho. Porra, eu tinha me esquecido. Um puxão familiar de desejo formou-se lá embaixo na minha barriga, seguido por uma dor mais dolorosa no peito.

– Sim. Eu vesti isso para você.

Ele suspirou.

– Uau. Isso foi... Isso foi muito gentil de sua parte.

Nós ainda nos desejávamos mutuamente, e seria tão fácil deixar esse desejo nos governar.

Mas eu era mais forte do que isso. Eu podia ser mais forte do que isso.

– Sinto muito.

– Eu sei. Eu também. – Seus olhos pousaram nos meus por um momento, antes que ele mudasse inteiramente o que estava fazendo. – Esta pode ser uma péssima hora, mas eu preciso voltar ao desfile da minha mãe.

– Claro.

– E, como você supostamente está doente, terá que ir para casa.

Fiquei ouvindo enquanto ele dava as ordens para Jordan me levar ao meu apartamento.

– Quando é o nosso próximo show, chefe? – perguntei, meio que rezando para que a resposta fosse “em breve”, sabendo que, quanto mais cedo eu o visse, melhor.

– Eu não tenho certeza. Tenho que voar para Cincinnati hoje à noite. – Ele franziu os lábios. – E não sou seu chefe.

– Cincinnati? Hoje à noite?

– Sim, esta noite. Tenho uma reunião na primeira hora da manhã. Meu jato vai sair no início da noite. – Um jato particular. Claro. – Vou mandar uma mensagem para você mais tarde para organizar a ida a Hampton. Nós vamos sair na sexta-feira.

– Então, você vai ficar fora a semana toda? – Não sei por que perguntei. Isso não deveria ter importância.

– Ainda não sei.

– Ah.

Ele parecia distante, como se já tivesse ido embora. Eu virei minha cabeça para esconder as lágrimas que estavam inundando os meus olhos.

O carro parou ao lado da calçada. Olhei pelo vidro escurecido e vi que estávamos em frente ao meu apartamento. Jordan saiu do carro e, logo depois, a porta se abriu.

Eu não queria sair. Aquilo era estranho e péssimo, era meu segundo meio-que-um-tipo-de-rompimento em uma semana. Por que este estava doendo tanto assim?

Sem olhar para trás, para Hudson, saí do carro.

– Alayna. – Ele me chamou assim que saí totalmente. Eu coloquei um sorriso falso no rosto e virei a cabeça para trás. – Obrigado por hoje. Eu acho que você realmente causou uma boa impressão na minha mãe. Bom trabalho.

Fiquei ali, na calçada, até que Jordan fechasse a porta e voltasse para o carro. Um arrepio percorreu-me, apesar do dia quente de

verão. Cruzando os braços na frente do corpo, fui até meu pequeno apartamento que parecia grande para toda a solidão que ele continha.

Na porta, encontrei um saco de café *gourmet* e me dissolvi em lágrimas, completamente derretida pelo gesto dele. O elástico no meu pulso mentia. Hudson nunca perdia um detalhe. Quebrei a cabeça tentando descobrir quando ele tinha arranjado tempo para fazer o café ser entregue, e percebi que tinha que ter sido antes da conversa na limusine. Foi um gesto gentil. E me perguntava se, agora, ele desejava não ter feito isso...

Se ele se arrependeu ou não, isto me deu uma desculpa para falar com ele mais uma vez. Peguei meu celular e digitei uma mensagem cuidadosamente pensada.

“Obrigada pelo café. E por todo o resto.”

Era um adeus para aquele grande sei lá o que que tivemos, por mais fugaz que tivesse sido. Eu precisava desse encerramento. Talvez ele também precisasse.

Apertei a tecla de enviar e tive um momento de pânico, perguntando-me se tinha feito a coisa certa ao terminar nosso relacionamento, perguntando-me se poderia desfazer aquilo, rezando para que a resposta dele me mostrasse que ele estava tendo as mesmas dúvidas que eu.

Mas Hudson não respondeu.

Eu o pesquisei online novamente naquela noite.

Não porque senti que precisava saber mais sobre ele, mas porque a distância entre nós pareceu esmagadoramente grande. Era uma sensação familiar, uma que eu tinha sentido com caras com os quais tinha saído antes apenas para descobrir, mais tarde, na terapia, que estava exagerando em meus sentimentos. Mas agora era diferente. Nós estávamos separados de verdade, não só na minha cabeça perturbada. E eu não conseguia suportar essa realidade. Por isso achava que devia me aproximar dele da maneira que pudesse, mesmo que fosse apenas através da internet.

Já havia novas postagens em blogs e atualizações de notícias sobre o desfile de moda. O evento teve ótimas críticas, e bem mais dinheiro fora arrecadado do que o previsto. Passei rapidamente pelas fotos das modelos, um pouco melancólica por ter perdido essa parte do dia. E havia fotos de Hudson e eu nos beijando fora da limusine, quando estávamos a caminho de entrar no evento. Fiquei olhando para essas fotos por mais tempo e salvei uma foto em close como meu papel de parede do computador.

A maior parte de minha pesquisa, no entanto, foi sobre as Indústrias Pierce e seus laços comerciais em Cincinnati. Eu procurei por bem mais tempo do que deveria, tentando deduzir se Hudson realmente estava indo para lá, mas não encontrei nada de útil. Será que ele tinha essa reunião de negócios mesmo, ou só queria distância?

Isso não deveria ter importância. Nosso próximo compromisso como “namorados” não seria antes de sexta-feira. Mas a necessidade de saber alguma coisa me corroía por dentro, consumindo minha mente, até passar horas esgotando todas as vias de pesquisa que conseguia pensar.

Finalmente, parei minha perseguição online e fiquei checando o meu telefone toda hora atrás de uma resposta dele. Eu não liguei para o aeroporto para ver se um jato das Indústrias Pierce havia decolado, porque, afinal, este não teria sido um comportamento saudável.

Além disso, eu não tinha ideia de em qual aeroporto procurar...

Acordei na tarde seguinte com um nó no peito. Meus músculos pareciam agitados antes mesmo de eu tomar meu café. Estes eram meus sintomas de ansiedade habituais, mas não conseguia distinguir com certeza o que tinha causado a crise. Preocupação com a minha reunião com David? Ou porque estava estressada por causa de Hudson?

Em uma tentativa de relaxar, coloquei um DVD de ioga antes que tivesse que me aprontar para sair. O foco limitado e a respiração ritmada me relaxaram, mas o desconforto ainda permaneceu.

Passei mais tempo do que o habitual me embelezando para a minha reunião no clube. Não para David, mas para mim mesma. Às vezes, ficar bonita me fazia sentir-me bem, e eu estava disposta a tentar todos os truques que conhecia para livrar-me da tensão. No entanto, não importava o que fizesse, a ansiedade permanecia, zumbindo pelas minhas veias com uma corrente elétrica constante.

Era simplesmente o nervosismo sobre a promoção, disse a mim mesma. Eu me sentiria melhor depois de me encontrar com David.

Quando estava a caminho da porta, recebi uma mensagem no celular. Eu a chequei ansiosamente. Mas não era de Hudson. Era de David.

“Algo surgiu”, dizia. “Remarcado para quarta-feira às sete horas.”

Então, eu soube. O estresse não tinha nada a ver com David, pois adiar a nossa reunião não fez nada para mudar a maneira como me sentia naquele momento. Eu devia ter sentido alívio, ou um aumento de tensão, já que aquilo seria arrastado por mais dois dias. Além disso, devia ter me perguntado sobre o que tinha acontecido. David e eu éramos próximos o suficiente para que ele me dissesse. Mas não tinha a menor vontade de perguntar.

Hudson. Era Hudson que ficava voltando à mente. Onde ele estava? O que estava fazendo? Estaria pensando em mim?

Eu mandei uma mensagem de confirmação para David e caminhei pelo meu apartamento tentando decidir a melhor maneira de tirar o meu ex-amante da cabeça. Eu precisava participar de um grupo de terapia. Checando o site, pude me certificar de que ainda havia uma sessão dos Viciados Anônimos agendada para segunda-feira à tarde. Isso era bom, mas eu tinha muito tempo antes de a sessão começar.

Podia correr. Com Jordan me levando de carro para cima e para baixo, um pouco de atividade aeróbica seria bom para mim. Vesti um short e um top, coloquei meus tênis de corrida e saí.

A corrida ajudou a limpar minha mente, as endorfinas fluindo pelo meu corpo fizeram me sentir melhor e mais confiante. E invencível. Foi por isso que, quando descobri que a minha rota me levaria ao prédio das Indústrias Pierce, eu me convenci de que aquilo não queria dizer absolutamente nada. Não era um problema estar lá.

Especialmente porque só entraria para usar o banheiro no saguão, antes de retomar a minha corrida.

Eu me senti tão bem com o exercício que decidi pular a sessão de terapia totalmente e continuar com a minha corrida por mais algum tempo, continuando até o túnel Lincoln antes de voltar. Passei pelo prédio das Indústrias Pierce de novo no meu caminho para casa. E, como sabia que havia um bebedouro lá dentro, entrei novamente no saguão, dessa vez demorando-me um pouco mais no lobby, vasculhando os elevadores à procura de algum sinal de Hudson no prédio. Eu consegui me obrigar a sair de lá antes que entrasse em um elevador e apertasse o botão para a cobertura.

No dia seguinte, não tive tanta força de vontade.

Não só voltei ao prédio três vezes, mas, em cada vez, entrei no elevador. Eu disse a mim mesma que aquilo não podia ser chamado de perseguição, na verdade, porque Hudson estava fora da cidade, embora eu ainda tivesse dificuldade em aceitar isso como verdade, e porque nunca apertei o botão para o último andar. Em vez disso, deixei que o destino me levasse para qualquer lugar, viajando com quem entrasse no elevador até qualquer andar para onde fossem, e depois me obrigando a voltar para o lobby. Parecia uma roleta-russa de elevador: se ele me levasse até o andar mais alto, então, eu deveria entrar no escritório de Hudson. Mas, a cada vez, desviava-me da bala, porque os outros ocupantes nunca escolhiam o andar dele.

Até quarta-feira.

Muito embora o meu turno na noite anterior tivesse me feito chegar em casa quase às seis da manhã, eu estava acordada e de volta ao prédio da Pierce antes de uma da tarde. Minha primeira viagem me levou apenas até o quinto andar. Quando o ocupante saiu e as portas

se fecharam, eu me encostei na parede de trás do elevador e suspirei, sabendo que ele iria voltar para o lobby se eu não apertasse algum botão.

Mas, em vez de descer, o elevador subiu. Alguém devia ter chamado de um andar superior. Eu prendi a respiração enquanto observava a marcação dos andares, no painel, subir cada vez mais. Então, ele parou no último andar. Não no último andar secreto que exigia um código e me levaria para o *loft*, mas para o andar onde o escritório de Hudson estava localizado. Eu me preparei para o que veria quando as portas se abrissem, esperando poder descobrir algo ao espreitar qualquer um que entrasse no elevador comigo.

Mas não estava preparada para a visão que se mostrou a mim. Três homens de terno estavam rindo e brincando quando as portas se separaram. E com eles estava Hudson.

– Alayna. – Sua voz estava contida como sempre, com apenas um toque de surpresa em seu tom.

Eu congelei no lugar, meu corpo incapaz de se mover, a minha boca incapaz de falar. Uma onda de emoções confusas correu através de mim: eu estava feliz em vê-lo, embora petrificada. E enfurecida por descobrir que ele estava na cidade, afinal de contas, e, de certa forma, contente porque as minhas suspeitas estavam certas.

Hudson estendeu a mão para mim. Automaticamente, meu braço moveu-se para pegá-la, e ele me puxou para ficar ao lado dele. Então, se virou para os homens que o acompanhavam.

– Senhores, a minha namorada decidiu me surpreender com uma visita ao meu escritório.

Eu consegui sorrir, antes de prender o meu olhar nos meus tênis cinza.

– Isso nunca é bom – disse um dos outros homens e todos riram. – Bem, vamos deixá-lo com ela então. Obrigado mais uma vez pela reunião.

Mal ouvi as despedidas que os homens trocaram com Hudson, antes de eles tomarem o meu lugar no elevador, e mal notei que percorri a pequena distância até o escritório dele. Eu estava entorpecida, minha mente consumida pelo fato de que eu estava em um lugar em que não deveria estar.

As portas do escritório fecharam-se atrás de nós. Hudson deve ter segurado a minha mão durante todo o caminho até lá, mas não percebi até que ele a soltou e se afastou de mim.

– O que você está fazendo aqui, Alayna?

Eu não consegui me obrigar a olhar para ele, mas a ausência de raiva em seu tom de voz me tirou de meu entorpecimento. Eu conseguiria passar por isso. Tinha sido boa em falar sobre as coisas em meus dias obsessivos. Eu explicaria, ele acreditaria em mim e tudo ficaria bem.

Mas eu não queria mais ser aquela garota.

Foi então que percebi a gravidade do que estava fazendo: eu estivera perseguindo obsessivamente esse homem. Pela primeira vez em anos. Eu tinha recaído na minha obsessão por assediar e, provavelmente, com a pior pessoa com quem eu poderia ter tido uma recaída. Se achava que as ordens de restrição e os processos judiciais tinham sido um pesadelo quando expedidas a pedido de Ian, meu último objeto de assédio, então imagina o que seriam com um homem poderoso como Hudson.

Mas ainda mais do que isso... Recuperar-me de meu problema com Ian tinha sido difícil, mas possível. Hudson, no entanto... Eu nem

sequer conseguia suportar o pensamento de não estar perto dele, de uma forma ou de outra, não importando qual fosse o contexto.

Hudson estava esperando pela minha resposta. Podia sentir que ele estivera me estudando. Cruzei meus braços e respirei profundamente.

– Eu, ãh, eu queria ver se você estava de volta.

Eu quase choraminguei com a honestidade da minha declaração, mas, se Hudson notou, não deixou transparecer.

– Eu voltei ontem à noite. Você poderia ter ligado. Ou mandado uma mensagem.

Minha mente alcançou os passos que aprendera a usar quando passava por esses comportamentos pouco saudáveis. Eu aprendera isso na terapia: comunicar seus medos aberta e honestamente. Fechando meus olhos para bloquear as minhas lágrimas, repliquei:

– Você não responde às minhas mensagens.

– Eu não respondi a uma mensagem.

Abri meus olhos e o vi me olhando atentamente enquanto se inclinava contra a mesa. Eu afastei para longe uma lágrima que havia caído pelo meu rosto e encontrei seu olhar.

– Foi a minha única mensagem.

Ouvi como aquilo soou. Ridículo, uma reação exagerada. Nós não estávamos juntos, afinal. Por que ele deveria responder às minhas mensagens? Hudson devia, agora, estar lamentando a sua escolha da namorada de mentira. Agora que presenciava a extensão da minha loucura.

Nossos olhos permaneceram paralisados, mas eu não conseguia ler nada na expressão dele. Pareceu uma eternidade antes que seu rosto suavizasse e Hudson falasse:

– Não sabia que era tão importante para você. Vou fazer um esforço para responder no futuro.

Minha boca se abriu.

Ele endireitou-se e ficou em pé.

– Mas você não pode simplesmente vir aqui assim. O que você acha que parece se a minha namorada fica vagando pelo saguão, subindo pelos elevadores quando nem mesmo estou na cidade?

– Como é que você...?

– Eu pago às pessoas para saberem das coisas, Alayna.

Ele sabia. Claro que ele sabia. Eu tinha decidido comunicar-me honestamente, mas agora esperava não ter tanta honestidade assim. Hudson sabia que eu tinha estado pelo seu escritório várias vezes, que eu tinha percorrido o prédio... Estava me sentindo humilhada.

Mais lágrimas caíram.

– Eu... eu sinto muito. Não pude me controlar.

– Por favor, não faça isso de novo. – Ele foi severo, mas havia ali uma nota de compaixão?

A reação dele estava toda errada. Ele devia ter ficado mais puto da vida, mais assustado.

– Por que você está agindo assim?

Sua testa enrugou.

– Assim como?

– Eu fodi tudo, Hudson! Você deveria estar ligando para a sua segurança para escoltar-me para fora do prédio. Estou me sentindo uma merda e você está levando tudo na esportiva. – As lágrimas caíram rápido agora. Não havia como pará-las.

Seu rosto abrandou e ele deu um passo em minha direção.

– Não – disse ele suavemente, seu tom me acolhia, embora seus braços não fizessem isso. – Isso foi o que eu quis dizer sobre estar perto de alguém que entenda. Eu sei tudo sobre compulsão. Eu sei sobre como é ter que fazer as coisas que você sabe que não deve.

Hudson enxugou uma lágrima do meu rosto com o polegar, sua mão descansou ali por mais tempo do que o necessário.

– Quando você achar que não consegue evitar, fale comigo primeiro.

O nó de ansiedade que eu tinha sentido durante os últimos dias dissolveu-se sob suas palavras. Ele estava certo, então? Nós podíamos ajudar um ao outro a seguir através de nossas dores? Nós podíamos nos ajudar a consertar um ao outro?

Eu olhei nos olhos dele e quis, novamente, acreditar, e, desta vez, estava muito mais perto de lhe dizer que eu acreditava.

Mas, antes que pudesse falar qualquer coisa, a voz da sua secretária ecoou através do escritório.

– Sr. Pierce, seu compromisso das 13:30 está aqui.

Hudson suspirou, tirando a mão dele do meu rosto.

– Peço desculpas por encurtar isso, Alayna, mas tenho outra reunião agora. E terei que viajar de novo esta noite.

Meu coração afundou no peito. Eu não sabia se acreditava nele, mas sabia que não queria essa distância entre nós. Isso tinha impulsionado o meu episódio obsessivo desta semana. Bem, já que ele tinha pedido para que eu dividisse as coisas...

– Detesto saber que você vai ficar longe de novo. Isso me deixa um pouco perturbada. – Muito perturbada, na verdade.

Seus olhos se iluminaram.

– Estarei de volta amanhã. – Pegou minha mão e a apertou. – Venha comigo amanhã à noite para ver a sinfônica.

Meu coração saltou.

– Vou.

– Irei apanhá-la às seis. Use o vestido.

Particpei do grupo naquela noite, antes de reunir-me com David. Tinha cometido um erro, mas Hudson estava disposto a ignorá-lo. Mais do que disposto. E isso tornou muito mais fácil acreditar que eu não estava condenada a ficar totalmente louca por ele. Eu tinha que fazer um esforço para ficar bem.

Sentindo-me desconfortável por contar a minha situação para todos, principalmente porque as pessoas poderiam saber sobre a minha ligação com Hudson, fui meio vaga na minha vez de compartilhar.

– Eu... eu escorreguei um pouco.

Foi uma declaração bem precisa. Meu comportamento não tinha sido tão ruim quanto poderia. Mas toda jornada começa com um único passo, até mesmo a viagem que não se deve fazer, e, no ritmo que eu pegara naquela semana, teria derrapado bem longe pela estrada da obsessão antes que recuperasse o controle.

Lauren assentiu com simpatia.

– Quando você chegar em casa, gostaria que fizesse uma lista de seus últimos comportamentos negativos, incluindo os comportamentos que você apenas pensou em se envolver. Depois, faça uma lista de comportamentos saudáveis que poderão substituir os negativos sempre que se sentir compelida a adotá-los. Você precisa de alguma ajuda?

– Não.

Já tinha feito isso antes. Mais de uma vez. Eu ainda tinha todos os comportamentos substitutos memorizados desde a última vez que tinha tido uma recaída: correr, fazer yoga, fazer um turno extra no trabalho, concentrar-me nos estudos, visitar Brian. Obviamente, a minha lista precisava ser atualizada.

– Ótimo. Você conhece seus padrões. Ainda está escrevendo um diário?

– Já faz algum tempo que não... – Um longo tempo.

Lauren sorriu.

– Recomendo que faça novamente. – Ela sempre foi boa em dar um rápido chute na bunda.

– Tudo bem.

E eu faria aquilo. Mas algo me dizia que, de todas as sugestões que tinha recebido naquele dia, a melhor tinha sido do próprio Hudson: “Quando você não puder evitar, fale comigo.”

Fiquei em silêncio pelo resto da sessão, repetindo uma antiga citação favorita, por várias vezes, na minha cabeça, comprometendo-me a mudar o meu comportamento. Se não há esforço, não há progresso. Se não há esforço, não há progresso.

Eu me senti melhor após a reunião de grupo, mais forte e com a mente mais clara. Enquanto Jordan me levava até o trabalho, mais tarde, eu aumentei a minha lista de comportamentos substitutos, incluindo assistir a todos os títulos da lista dos 100 melhores filmes da AFI, e continuar lendo os 100 melhores livros segundo a GreatestBooks.org.

Meu bom humor e minha atitude saudável me deram coragem para enviar uma mensagem para Hudson antes de iniciar a minha reunião com David naquela noite. “Você realmente tem que viajar de novo?”

Desta vez, recebi uma resposta imediatamente: “Receio que sim.”

Ele tinha me escutado, tinha ajustado seu comportamento ao saber como me afetava não receber uma resposta. Antes que eu pudesse decidir como responder, ele me enviou outra: “Mas estou feliz por saber que você está pensando em mim.”

Um arrepio se espalhou pelo meu corpo. “Sempre”, escrevi a ele antes que pudesse evitar. O que eu estava fazendo? O que nós estávamos fazendo? Nós não éramos mais amantes, então estávamos nos tornando outra coisa? Algo como amigos? Amigos que flertavam por mensagens de texto?

O que quer que estivéssemos fazendo parecia bom. Tão bom que eu enviei, logo após a minha última mensagem, uma outra mais perigosa. “Você está pensando de mim?”

David abriu a porta do escritório, interrompendo o meu momento de prazer, antes de Hudson ter a chance de responder.

– Laynie, entre. – David estava com o corpo rígido e com a voz tensa.

Sua conduta séria me fez enfiar o celular no sutiã.

– Está tudo bem? – Pensei na mensagem dele na segunda-feira. – O que surgiu de repente no outro dia? – perguntei, enquanto me sentava na frente da mesa dele.

– Isto. – David jogou um jornal dobrado sobre a mesa antes de se sentar na cadeira em frente a mim.

Intrigada, peguei o jornal e esquadrinhei o que poderia tê-lo colocado nesse mau humor. E lá estava, em cores, no topo da seção “*Cotidiano*” da segunda-feira, a foto de Hudson e eu nos beijando.

– Ah. Isso.

David era uma pessoa a quem eu tivera medo de contar. Eu temia que ele fosse tirar conclusões precipitadas. As conclusões erradas.

Foi o que ele fez.

– Você poderia explicar isso, Laynie? – Ele se levantou e começou a andar, sem esperar que eu pudesse responder. – Porque vou lhe dizer o que parece. Parece que você estava tão ansiosa para conseguir a sua preciosa promoção que, quando não conseguiu me manipular para isso, escolheu ir atrás do próximo cara que poderia lhe dar o que queria.

Eu coloquei uma mão na minha frente como se para impedi-lo de dizer o que estava dizendo.

– Não é bem assim, David. Nunca foi assim. – Como ele podia pensar que eu tinha ficado com ele só por uma promoção? Que eu não tinha sido sincera quando estivera com ele?

– Não? – David parou de andar e se inclinou para mim, as palmas das mãos sobre a mesa. – Então me diga como foi, Laynie.

– É que... Não posso... – Minha hesitação foi exacerbada pelo zumbido do meu celular contra o meu peito. Eu sabia que era uma resposta de Hudson, e ansiava por lê-la. Mas não havia nenhuma maneira de que pudesse fazer isso naquele momento. Não com David enfurecido bem ali, na minha frente.

– Sim, era o que eu pensava. – Ele se endireitou, um olhar de repugnância se juntando à carranca em seu rosto. – Agora sou forçado a promover você, implementar suas ideias, não importa que fosse fazer isso de qualquer maneira, ou temer pelo meu próprio emprego. – Ele riu secamente. – Provavelmente, estou preparando você para assumir o meu lugar.

– David, não.

Isso era pior do que eu imaginara. Eu não queria que ele pensasse que alguma vez pretendia assumir o lugar dele. Eu tinha imaginado nós dois administrando o Sky Launch, juntos. Embora a parte romântica da dupla não fosse mais atraente para mim, ainda assim queria muito a dupla de negócios.

– Pierce tem alguma ideia sobre mim?

– David, não.

Seus olhos se estreitaram.

– Ele sabe que você é a puta do Sky Launch?

Este comentário foi a gota d'água. Em vez de me sentir mal, fiquei puta da vida. E quando ficava puta da vida, eu usava todas as armas de meu arsenal.

– Se você realmente acredita no que está dizendo, David, que tenho algum poder sobre Hudson, então, talvez devesse ser um pouco mais cuidadoso na forma de falar comigo.

Suas sobrancelhas levantaram-se, surpreso com o meu tom de voz firme e as palavras duras.

– Agora, sente-se – continuei. – E nós poderemos falar sobre isso de uma maneira civilizada. – Esperei enquanto ele se sentava em sua cadeira. – Certo. Deixe-me ver se eu entendi isso corretamente, você acha que estou namorando Hudson para que possa conseguir uma promoção na boate. A promoção que você basicamente me prometeu por causa do meu trabalho duro aqui ao longo dos últimos anos. A promoção que eu já merecia antes mesmo de você e eu nos beijarmos pela primeira vez.

– E por que mais você estaria saindo com ele? – Suas palavras eram desafiantes, mas a belicosidade tinha ido embora.

– Não que seja da sua conta, mas estou namorando Hudson porque... – Eu estava interpretando naquele momento, mas o meu motivo era honesto. – Porque gosto dele. E ele gosta de mim. Nós nos conectamos. E, mesmo antes do nosso primeiro encontro, ele disse com todas as letras que não teria nada a ver com ajudar a me promover aqui. E aceitei isso porque sabia que poderia obter o título de gerente pelo meu mérito, sozinha. Diga-me, Hudson o instruiu para me promover?

Seus ombros caíram.

– Não.

– E você ia me oferecer o cargo antes que visse nossa foto no jornal?

– Sim.

– Então, por que mesmo estamos discutindo?

Ele balançou a cabeça e deu de ombros.

– Laynie... Eu... eu não sei o que dizer. Acho que tirei conclusões apressadas. E falei coisas que foram desnecessárias.

– Eu entendo. Sabia que ia parecer assim. – Deixei escapar um suspiro silencioso, aliviada que ele tivesse se acalmado com tanta facilidade. – Talvez eu devesse ter lhe falado antes.

David balançou a cabeça. Em seguida, procurou meus olhos diretamente.

– Não, eu estava sendo ciumento. E não tinha nenhum direito de agir assim. Fui eu que terminei as coisas.

– Está tudo bem.

Olhei para longe. Sua observação sobre ter ciúmes pairava no ar entre nós. Antes, eu teria ficado emocionada com isso. Agora, parecia estranho saber que esse homem estava sentindo coisas por mim.

Então, mudei de assunto.

– Bem, sobre a promoção... Você disse que iria me dar uma promoção?

Ele sorriu.

– Sim. Claro que sim. Pierce não lhe contou?

Até recentemente, Hudson e eu não conversávamos muito quando estávamos juntos. Mas não ia contar aquilo para David.

– Ele realmente não contou nada.

– Então fico contente em ser o primeiro a lhe contar. Parabéns. – Ele estendeu a mão para apertar a minha, em seguida, puxou-a de volta. – O que estou fazendo? Venha aqui. – Nós dois nos levantamos e nos encontramos ao lado da sua mesa para um abraço.

Eu me afastei primeiro.

Ele notou, dissimulando, ao voltar para o modo trabalho.

– E nós vamos acatar as suas sugestões. Vamos estender o horário da boate a partir de agosto. O que significa que você tem um monte de trabalho a fazer para deixar o lugar pronto. Planejar um monte de reuniões de marketing e reuniões promocionais.

Eu coloquei a mão em seu braço.

– Obrigada, David.

– Você merece isso.

Passamos as horas, até a casa noturna abrir, trabalhando em um plano de negócios. Era uma distração, era emocionante, e era exatamente do que minha mente obsessiva precisava naquela hora. Trabalho era uma coisa que entraria automaticamente na minha lista de comportamentos substitutos. Agora eu tinha uma posição e muitos dos meus turnos aconteceriam durante o dia. Brian não ficaria orgulhoso de mim?

Quando a boate abriu, eu era uma sombra de David, andando atrás dele e aprendendo mais sobre as tarefas gerenciais. Quando fechamos a casa, estava exausta e grata por não ter que andar todo o caminho até meu apartamento.

Só quando Jordan estava me ajudando a entrar no banco de trás do carro, depois de o meu turno ter acabado, que me lembrei de ler a mensagem de Hudson. “Sempre”, ela dizia.

Meu coração parou. Reli a mensagem que tinha enviado antes, para ter certeza de que me lembrava corretamente do que havia escrito. Eu lembrava. Eu tinha perguntado a ele se estava pensando em mim, e a resposta dele foi: “Sempre.”

Jordan estava me esperando com o Maybach às 18 horas em frente ao meu apartamento, mas eu vi, antes mesmo de ele abrir a porta do carro, que o banco de trás estava vazio.

– O sr. Pierce está atrasado e ainda não voltou de viagem – explicou Jordan. – Ele vai encontrá-la no Lincoln Center. Eu estou com o seu ingresso.

Tendo ficado ansiosa para ver Hudson durante o dia todo e incerta sobre qual seria o contexto da nossa noite, não estava com vontade de ficar sozinha.

– Você se importa se eu andar no assento da frente com você? – perguntei.

– Tenho certeza de que o sr. Pierce preferiria que a senhorita se sentasse na parte de trás.

Eu arranquei a porta de trás das mãos de Jordan e a fechei sem entrar no carro.

– Então, não vamos contar a ele, não é?

Jordan sacudiu a cabeça para mim, negando, e deu a volta no carro até o assento do motorista. Abri a porta da frente sozinha e me sentei ao lado dele.

Andamos em silêncio por um tempo, e eu li o que estava escrito no ingresso que Jordan tinha me dado. A Filarmônica de Nova York estava tocando as sinfonias dois e três de Brahms. Ótimo. Eu amava as artes e tinha se passado uma eternidade desde a última vez que tinha desfrutado de um evento desse tipo.

Felizmente, não precisava estar no trabalho até a uma da madrugada, já que ficaria após o fechamento da casa para aprender como fazer o inventário mensal. Liesl tinha vindo ao meu apartamento naquela tarde para me ajudar a fechar a parte de trás do meu vestido e tinha levado algumas das minhas roupas até o trabalho com ela, para que eu pudesse me trocar quando chegasse lá. Significava que Hudson e eu tínhamos toda a noite para... Para fazer o quê? Estávamos interpretando nossos papéis hoje à noite? Isso era um encontro? Ou estávamos saindo como amigos? Eu não tinha ideia.

Erguendo os olhos do ingresso e olhando para Jordan, me senti inspirada para conseguir respostas a algumas das minhas perguntas.

– Jordan... O que Hudson lhe contou sobre mim?

Jordan estava presente no escritório quando estávamos negociando os termos do nosso acordo. O que ele pensava sobre nós?

Mas ele não respondeu.

– Você não deve conversar comigo, não é? – A expressão dele me deu a resposta. – Ora, vamos lá. Provavelmente ele também lhe disse para me manter feliz. E, neste momento, conseguir algum interlocutor é o que me faria feliz.

Ele suspirou, como se não acreditasse no que estava prestes a fazer.

– Ele disse que a senhorita é a mulher da sua vida.

– Ele disse isso? – É claro que ele teria dito. Esse era o meu papel, afinal, interpretar a mulher de sua vida. Mas houvera outras? – Quantas mulheres ele já teve na vida?

– Eu não fui contratado para dirigir para nenhuma outra, srta. Withers. Sempre fui motorista apenas para ele. Ocasionalmente, o sr. Pierce poderia ter um encontro, mas não com muita frequência.

Fiz uma careta, não queria pensar em Hudson em encontros com outras pessoas.

– Certamente nenhuma delas despertou seu interesse, como a senhorita faz.

Revirei os olhos, não queria ser tratada dessa forma tão condescendente.

– Você não tem que dizer isso para mim.

– Eu sei. Mas é verdade.

O que isso significava exatamente? Que eu era especial para ele? Ou que eu era a única que tinha sido contratada para que Hudson exibisse?

Mas era bastante óbvio que eu não podia fazer essas perguntas a Jordan. Então, em vez disso, perguntei:

– O que você acha de Hudson?

– Eu? – As sobrancelhas de Jordan levantaram-se de surpresa. – Bem, ele é um bom chefe. Muito claro em suas expectativas. Ele exige muito, mas os benefícios são proporcionais.

Foi bom saber disso, que ele era um bom empregador. Mas não era isso o que eu estava procurando.

– Eu quero dizer como pessoa.

Jordan riu.

– Não o conheço como qualquer outra coisa além de homem de negócios. – E olhou para mim. – A senhorita pode ser uma das únicas pessoas que eu já encontrei que o conhece apenas como homem.

– Duvido disso. – Não só porque não o conhecia, mas porque suspeitava de que Hudson não permitia que ninguém o conhecesse.

– Eu não teria tanta certeza.

Minha vontade era continuar a conversa, mas nós tínhamos chegado ao Lincoln Center. Pareceu estranho chegar sozinha, mas Jordan me conduziu até o Avery Fisher Hall e me deu todas as informações das quais eu precisava.

– Esta noite é o evento de um doador. Portanto, há um leve bufê no hall de entrada. O sr. Pierce insistiu para que a senhorita o aproveitasse.

Eu sorri quando imaginei Hudson dando as ordens para Jordan. Tinha sido por telefone? Por mensagem de texto? De qualquer forma, percebi que tinha sido dispensado muito cuidado para esta noite.

– Você sabe quando ele estará aqui?

Jordan sacudiu a cabeça, negando.

– Uma reunião no final do dia atrasou a sua decolagem. Mas ele garantiu que chegará assim que puder. – O motorista fez uma pausa antes de voltar ao carro. – Srta. Withers? Se me permite dizer, a senhorita está encantadora.

Corei, enquanto agradecia, mas seu elogio me deu a coragem necessária para me dirigir, sozinha, ao saguão de entrada, onde ricos finamente vestidos se acotovelavam por ali. Eram os mais ricos da cidade, as pessoas que tinham dinheiro para doar para essas coisas triviais como artes. Sempre gostei de roupas bonitas, mas nunca me preocupei com roupas de grife até o momento em que notei que a única coisa que me camuflava, naquele mar de roupas caras, era o meu vestido de estilista. Eu estava fora do meu elemento. E precisava de uma bebida.

Como Jordan havia dito, mesas de bufê forravam o lobby e garçons vagavam pelos salões com bandejas cheias de deliciosos petiscos e taças de champanhe. Eu não estava com muita fome, mas peguei um

salgadinho de carne de caranguejo para que tivesse algo no meu estômago quando bebesse o champanhe que pedi, logo depois. Passei os 45 minutos seguintes bebericando a minha bebida e mordiscando legumes, meus olhos presos nas portas dianteiras, procurando o meu par.

Quando a multidão diluiu-se e as pessoas entraram, eu, relutantemente, andei até o assento escrito no meu ingresso. Camarote, claro. Meu ânimo melhorou quando notei alguns mecenas entrando no camarote antes de mim. Talvez Hudson tivesse conseguido esgueirar-se e eu não o tivesse notado.

Mas quando o recepcionista mostrou-me o meu lugar, notei os assentos vazios de ambos os lados do meu. Três outros lugares do nosso camarote estavam tomados por um casal de meia-idade e uma mulher da minha idade, uma mulher que eu conhecia. Era Celia.

– Laynie! – Celia exclamou enquanto se sentava. – Estou tão contente que você tenha vindo. Onde está aquele seu homem bonito? – Sua voz não era exatamente baixa, e percebi que ela queria que seus acompanhantes a ouvissem.

Meu peito apertou. Definitivamente, não era um encontro então.

– Eu não teria perdido esta noite por nada. Estava ansiosa para vê-la novamente. – Fiz o meu melhor para fingir que sabia que Celia estaria lá, do mesmo modo como ela parecia saber que eu estaria presente. – Hudson está atrasado com seu voo. Ele esteve fora da cidade, a negócios, na maior parte desta semana.

Vou admitir que esperei que a menção sobre Hudson estar fora da cidade fosse uma novidade para Celia. Senti que precisava estar em vantagem de alguma forma e saber coisas sobre meu suposto amor que Celia não saberia era a única carta que eu poderia jogar.

– Ah, sim. Ele me disse que estava viajando de novo quando falei com ele ontem. – Minha suposta vantagem foi por terra. – Deixe-me apresentá-la aos meus pais, Warren e Madge Werner. Esta é Alayna Withers, a namorada de Hudson.

O sr. e a sra. Werner trocaram olhares antes de se inclinarem sobre seus lugares para apertar a minha mão.

– É bom finalmente conhecê-la – disse Madge. – Sophia me falou muito sobre você.

Ah, claro... O que quer que Sophia Pierce possa ter dito à sua melhor amiga sobre mim não seria algo que eu gostaria de saber. Meu estômago deu um nó com o pensamento. Onde diabos estava Hudson? Como ele poderia me deixar sozinha aqui com essas pessoas?

– Sophia é um encanto – respondi com tanta graça quanto pude reunir. Na verdade, não foi difícil sorrir quando falei isso, era como se tivesse me contado uma piada sobre o monstro que era a mãe de Hudson.

– Só que não... – murmurou Celia para que só eu pudesse ouvir. Sua ironia me fez sentir mais confortável.

Até que Madge começou a me pressionar.

– Onde foi mesmo que você conheceu Hudson?

Eu repeti a história, embelezando-a com todos os momentos românticos que pude, sem exagerar demais, o tempo todo verificando por cima do meu ombro e desejando que Hudson aparecesse.

– Withers – disse Warren, quando houve um período de calmaria. – Alguma relação com Joel e Patty?

– Não, sinto muito.

Se ele estava tentando descobrir os detalhes de minha família, receava que ele ficasse muito decepcionado.

O alívio me inundou quando as luzes começaram a diminuir, encerrando a nossa conversa. Ao mesmo tempo, meu ressentimento por Hudson cresceu. Rapidamente lhe enviei outra mensagem, algo que deveria ter feito uma hora antes. “Onde você está?”

A resposta à minha mensagem veio com um sussurro em meu ouvido quando o maestro entrou no palco e o público começou a bater palmas.

– Bem ao seu lado.

Calafrios espalharam-se pelo meu corpo e olhei para cima para ver que Hudson tinha deslizado para o assento ao meu lado. Ele estava lá. Mesmo no teatro escuro, sabia que ele estava lindo, vestindo um smoking clássico. Seu cabelo estava despenteado, como se ele tivesse se vestido rapidamente, e seu rosto estava barbudo, aumentando o fator sexy.

Ele acenou com a cabeça para o sr. e a sra. Werner e, em seguida, pegou minha mão.

A mão dele na minha, seu calor e força, não importava se era apenas para exibição, eu precisava daquilo e me agarrei nela até o intervalo, soltando-a apenas para que pudéssemos aplaudir.

Enquanto o público ainda estava batendo palmas, ele se inclinou para mim.

– O que você achou?

– Adorei.

Nunca tinha ouvido a Filarmônica de Nova York, e Brahms nunca fora o meu compositor favorito, mas o desempenho foi de tirar o

fôlego. E ter experimentado isso ao lado do homem mais gostoso do planeta não doeu.

– Eu sabia que você adoraria. – Quando as luzes se acenderam, ele empurrou uma mecha de cabelo para trás da minha orelha e sussurrou, mandando arrepios pela minha espinha. – Hora do show.

Ele se levantou e pegou a minha mão para me ajudar a ficar em pé; em seguida, virou-se para encarar os Werner.

– Madge, Warren. Gostaria de ter estado aqui para fazer as apresentações. Acho que vocês todos já se conhecem agora.

– Sim – disse Madge. – Celia nos apresentou.

– Ótimo. Eu queria que as pessoas mais importantes na minha vida se conhecessem. – E então, com todos os olhares em nós, ele me envolveu em seus braços, fazendo meus joelhos virarem geleia. – Sinto muito por estar atrasado, querida. Você está deslumbrante. A mulher mais bonita aqui, nesta noite.

Ele tinha dito que eu estava deslumbrante quando nós tínhamos comprado o vestido, e eu sabia que fora um elogio, na ocasião. Mas, nesta noite, eu sabia que era para os Werner. Ele nunca me chamaria de querida se não fosse por isso. Olhei em seus olhos, sem disfarçar o meu olhar de adoração.

– Você não sabe disso. Você mal olhou para outras pessoas...

Ele esfregou o nariz contra o meu.

– Porque eu não consigo tirar meus olhos de você.

Nós podíamos escrever romances desses vendidos em bancas de jornal. Nós éramos bons. Ele era bom.

– Você esteve fora da cidade nesta semana? – perguntou Warren, parecendo não se importar se interrompia um momento, mesmo que

falso, entre nós. – Celia disse que você estava numa viagem de negócios.

Disfarcei uma careta. Celia não tinha dito isso. Eu tinha dito isso.

Hudson beijou minha testa levemente antes de me soltar e dirigir a sua atenção a Warren.

– Sim. Um desenvolvimento com a Plexis.

Warren balançou a cabeça.

– Essa tem sido uma pedra em seu sapato já há algum tempo.

– Com licença – Madge interrompeu. – Enquanto vocês, homens, conversam esses assuntos chatos de negócios, nós, meninas, vamos nos refrescar.

Não tive certeza de que Madge quis me incluir como uma de “nós, meninas”, mas eu planejava ficar. Eu queria ouvir a conversa chata de negócios. Não queria sair de perto de Hudson.

Mas Celia pegou meu braço, obrigando-me a acompanhá-las, e Hudson parecia estar esperando até nós sairmos para continuar falando. Além disso, eu precisava fazer xixi.

Não perdi a encarada de aviso de Hudson para Celia. Mesmo eu, que não tinha sido amiga de longa data deste homem, percebi que aquele olhar disse a ela para ter cuidado com o que ela contaria para mim.

Ele não precisava se preocupar, porém. A conversa no caminho para o banheiro, e enquanto esperávamos na fila, foi banal e trivial. Madge fez, principalmente, comentários sarcásticos sobre o que as outras pessoas estavam usando e tentou descobrir o que e quanto Hudson já tinha comprado para mim.

Foi depois que fiz xixi que a conversa tornou-se interessante. Madge e Celia estavam retocando a maquiagem no espelho lateral e

não me viram sair da cabine. Eu fui até a pia para lavar as mãos e descobri que podia ouvir perfeitamente a conversa das duas.

– Ela é bonita – disse Madge. – Uma pena que ela seja tão bonita.

– Mãe – Celia gemeu. – Pare.

– Eu tenho certeza de que é apenas uma aventura, doçura. Esta é a primeira namorada de verdade de Hudson. Ninguém nunca se fixa com o seu primeiro.

Lavei minhas mãos por um longo tempo, ouvindo.

– Mãe, não tenho mais esse sentimento por ele. Já lhe disse isso. Além do mais, ele é um psicopata de qualquer maneira. Você não gostaria que os nossos filhos tivessem esses genes.

– Ele tem genes melhores do que a maioria dos homens. E eu sei que você diz que não está apaixonada por ele, Ceeley, mas não precisa fingir comigo. Apenas certifique-se de que ele seja exaustivamente examinado e que faça todos os testes quando você pegá-lo de volta.

– Mamãe!

Uma imensa onda de raiva passou por mim. Não só porque Madge tinha insinuado coisas muito terríveis sobre mim e sobre a minha vida sexual, embora isso tenha doído, mas também porque Celia, a mulher que provavelmente era a melhor amiga de Hudson, o chamara de psicopata. Não é à toa que Hudson mantinha-se tão resguardado e afastado do mundo. Mesmo as pessoas que deveriam supostamente se importar com ele pareciam não ter compreensão ou nenhuma empatia em relação aos demônios interiores contra os quais ele lutava, provavelmente todos os dias.

Não era à toa que ele tinha vindo me procurar.

Borrifei água gelada no meu rosto, tentando dominar a minha fúria. Em seguida, sequei minhas mãos e reuni-me novamente às mulheres Werner. Muito embora tivesse acabado de estar com ele, de repente eu não conseguia esperar para estar com Hudson novamente. Arrependi-me de tê-lo afastado. Ele precisava de mim, percebia agora, e de uma forma tão profunda que não me sentia capaz de colocar em palavras. E eu precisava dele. Praticamente corri de volta para o camarote.

Hudson pôs o braço em volta da minha cintura quando me aproximei e eu derreti, mas ele continuou sua conversa com o sr. Werner. Querendo ainda mais contato com ele, para partilhar fisicamente a epifania que sentira no banheiro, deslizei minha mão sob seu paletó, desesperada para tocá-lo, os meus dedos pararam ao longo da parte inferior de suas costas.

Ele endureceu o corpo.

Retirei a minha mão e ele relaxou.

Eu tive que me concentrar para não deixar que a dor da sua rejeição ficasse estampada em meu rosto. Talvez ele não tivesse percebido o que eu estava tentando lhe dizer. Tentei novamente no escuro, quando a sinfônica começou a tocar novamente, colocando minha mão em seu joelho. Então, deslizei-a mais para cima ao longo de sua coxa.

Ele me deteve, pegando a minha mão na sua e segurando-a, assim, pelo resto do espetáculo, e, embora ainda detivesse calor e força, parecia que aquela mão prendendo a minha era mais uma restrição do que um conforto.

A decepção me envolveu com um calafrio. Era tarde demais. Eu o tinha afastado e agora o convite não existia mais. Estava agradecida

pela escuridão. Hudson não teria como notar meus olhos se enchendo de lágrimas.

Depois que o concerto terminou, nós saímos com os Werner em direção à garagem, em vez de irmos para o hall, na frente.

– Eu vim guiando – disse Hudson, respondendo à minha sobancelha levantada.

Ele manteve seu braço em volta de mim enquanto caminhávamos. Seu toque era constante, mas era tudo fingimento. A pressão e a paixão que ele tinha me mostrado em particular desaparecera.

E seus olhos também tinham desaparecido. Antes, quando estava com ele, seus olhos nunca saíam do meu corpo, do meu rosto. Agora, ele não fez contato visual comigo nenhuma vez e quase não falou comigo. Em vez disso, ficou conversando confortavelmente com Celia, partilhando piadas particulares. A cada passo que nós dávamos, eu me sentia cada vez mais perturbada. Soluços formaram-se na minha garganta e me concentrei em forçá-los de volta para baixo.

Nós nos despedimos de nossos acompanhantes ao lado da Mercedes. Celia me deu um abraço ligeiro enquanto Hudson apertava a mão de Warren e beijava Madge na bochecha. Assenti com a cabeça para os Werner e, em seguida, Hudson abriu a porta para mim enquanto eu me sentava no banco do carona.

Antes de ele entrar no carro, Hudson foi se despedir de Celia. Observei pela janela, meu estômago se enrolou. Ele a abraçou e sussurrou algo em seu ouvido que a fez rir. Limpei a lágrima perdida que passou por minhas defesas.

Além de me destruir, o ato de observá-los me deixou louca, louca varrida, louca de raiva como o inferno. Hudson não deveria estar provando que ele e Celia não deviam ficar juntos? E depois daquilo

que eu tinha descoberto, quer dizer, os verdadeiros pensamentos dela sobre ele, sabia que ambos não deviam ficar juntos. Ela era completamente errada para esse homem.

A inveja espalhou-se por minhas veias como fogo líquido. Celia podia não ter um romance com Hudson, mas eu tampouco tinha. E ela tinha amizade com ele. No momento, parecia que eu não tinha nada, nem amizade...

Nós não conversamos enquanto ele manobrava através da longa fila de carros que saía da garagem, Hudson cantarolava fragmentos da sinfonia de Brahms enquanto dirigia. Eu era a única a sentir a espessa e pesada tensão entre nós? A tensão que parecia ficar mais espessa a cada minuto?

No momento em que estávamos na rua, já não conseguia reprimir meus sentimentos de frustração e desgosto por mais tempo.

– Então, você sabia que Celia estaria lá hoje à noite.

Não era uma pergunta. Eu já sabia a resposta, mas queria que ele dissesse isso em voz alta.

Seus olhos arregalaram-se, como se estivesse surpreso com o meu tom de voz áspero.

– Eu sabia que Celia estaria lá com seus pais, sim. – Ele olhou para mim de lado. – Os pais dela, aqueles que são amigos dos meus pais, lembre-se.

Certo. Enganá-los era tão essencial como enganar Sophia Pierce.

Qual era o meu problema? Cruzei meus braços e bati com a cabeça de leve contra o vidro da porta uma, duas e três vezes. Eu não devia ter ficado com raiva, ele tinha dito que seria um fingimento comigo. Não devia ter ficado com ciúmes, Celia o tinha como amigo muito antes de eu aparecer. E ela não tinha mais do que isso.

E nem eu. Não desde que eu tinha terminado as coisas com ele, quatro dias antes. Engraçado como eu estivera com medo de que ficar com Hudson me faria mergulhar em padrões ruins de comportamento. Em vez disso, não estar com ele tinha sido o que desencadeara a minha ansiedade nesta semana e me fazia sentir tão mal neste momento.

Outra lágrima escorreu pelo meu rosto. Eu a enxuguei com as costas da mão.

– O que há de errado? – perguntou Hudson, com um tom de preocupação em sua voz. Ou talvez fosse simplesmente perplexidade, não sei...

Avaliei o que poderia responder. Poderia manter a barreira entre nós e fugir da questão. Ou mentir. Ou poderia confessar a minha inveja. Ou podia ser honesta.

Incapaz de passar mais um minuto convivendo com a solidão que se instalara no meu peito, a honestidade venceu.

– Eu quero você – sussurrei, meu rosto pressionado contra o vidro do carro, com vergonha demais de olhar para ele.

– Alayna? – Senti seus olhos em cima de mim.

– Eu sei o que disse a você... – Limpei meus olhos, determinada a manter o resto das minhas lágrimas sem rolares pelo rosto. – Mas talvez eu estivesse errada. Quero dizer, não sei se você está certo, se isso de passar tempo com você pode me fazer melhorar. Mas eu sei que, desde que nos separamos, eu fiquei pior. – Minha respiração estava irregular, mas tomei coragem para olhar para Hudson. – Eu senti a sua falta. – Um riso nervoso escapou da minha garganta. – Eu lhe disse que me apegava...

A sombra de um sorriso cruzou os lábios dele.

– Para onde você acha que a estou levando?

Eu olhei pela janela, não tinha prestado atenção ao nosso destino. Lincoln. Indo para o leste. Estávamos a quadras de distâncias das Indústrias Pierce. O *loft*.

Eu me endireitei no banco do carro, um rubor rastejou em minhas bochechas.

– Ah – foi tudo que pude dizer, aquela pequena dor solitária interna queimou com a chama do desejo. Então, a irritação tomou conta de mim. – Eu lhe disse que era sem mais sexo, e você estava me levando para o *loft* sem me perguntar se eu queria?

– Alayna... – Ele suspirou com frustração. – Você é uma mistura de sinais confusos. No concerto você pareceu indicar...

– E você me ignorou totalmente – interrompi. – E não venha me falar de sinais confusos!

Ele colocou a mão no meu joelho.

– Eu estava tentando evitar misturar negócios com prazer. Uma tarefa difícil com você por perto, princesa. – Sua voz ficou baixa. – Especialmente com suas mãos errantes na minha coxa, e gostosa do jeito como está nesse vestido.

Eu pisquei rapidamente.

– Ah – disse novamente.

Como ele fazia isso? Como ele conseguia compartimentar as coisas, separando o fingimento da realidade, nunca que os dois se cruzavam, enquanto eu me confundia toda, me enredava nos nós?

– Se você quiser que eu pergunte, farei isso, mas você sabe que não é o meu estilo. – Ele entendeu o meu olhar silencioso como um sim, apesar de ser simplesmente eu processando as informações. – Posso levá-la para a cama, Alayna?

Essa pergunta veio como um estrondo que fez meus botões de paixão explodirem como fogos de artifício.

– Sim. – Eu meio que gemi quando o carro parou no sinal vermelho.

Sua mão moveu-se até a minha cabeça, puxando-me para ele. Sua boca estava ansiosa e cheia de necessidade, sua língua com sabor profundo de luxúria e de Amaretto que ele bebera no intervalo. Minha calcinha estava escorregadia, e os laços do espartilho do meu vestido estavam apertados contra meus seios.

O som de uma buzina o trouxe de volta para o volante. Ele se ajeitou no assento e meus olhos fixaram-se no volume entre suas pernas. Minha boca encheu-se de água, querendo-o dentro de mim.

Hudson se mexeu novamente.

– Seus olhares famintos não estão ajudando em nada nesta situação.

E então nós estávamos lá. Parando na área dos manobristas das Indústrias Pierce. Eu estava alheia aos movimentos que Hudson fazia ao saudar o manobrista, entregar-lhe as chaves e ao andar atrás de mim em direção aos elevadores, com a mão firme na minha bunda.

No elevador, nós estávamos sozinhos. Hudson inseriu o código para a cobertura e, assim que as portas se fecharam, ele me apertou contra a parede de metal. Parado a centímetros dos meus lábios, sua respiração misturou-se com a minha.

– Você é tão linda, Alayna.

– Então, me beije.

Um lado de sua boca curvou-se sedutoramente.

– Acho que vou fazer as coisas com calma.

Lentamente, ele esfregou seu nariz contra o meu queixo e para baixo no meu pescoço. Movi minha boca para tentar capturar a dele, mas ele foi mais rápido, sempre um passo à minha frente. Sua sedução implacável me deixou incrivelmente excitada, deixando-me ainda mais molhada.

Seu ritmo lento estava me matando.

– Acho que vou obrigá-lo a andar mais depressa. – E deslizei minha mão para acariciar a protuberância em sua calça.

– Me foda, Alayna – sussurrou ele, enquanto eu continuava a massagear sua ereção através do tecido da calça.

– Você não vai ouvir nenhum protesto de mim. – Eu o senti crescer e ficar mais duro sob a minha mão. – Na verdade, gostaria de foder você com a minha boca.

Seus olhos se arregalaram, mas, antes que eu pudesse colocar em prática a minha declaração, o elevador parou no último andar. Ele me puxou para fora do elevador, soltando-me para procurar suas chaves. Esfreguei suas costas enquanto ele abria a porta, incapaz de parar de tocá-lo.

– Entre – rosnou Hudson quando abriu a porta para mim.

Nós apenas conseguimos passar pela porta e batê-la atrás de nós, quando ele me empurrou contra a parede. Ele acendeu uma luz, depois pegou o meu rosto nas mãos e a minha boca com a dele, empurrando sua língua para dentro para devorar a minha, sua barba arranhando a minha pele macia. Amei sua agressividade, como se ele não conseguisse obter o suficiente do meu sabor. Certamente, eu não conseguia ter o suficiente dele.

Mas eu estava falando sério sobre querer colocar a minha boca em outras partes de seu corpo e, apesar de Hudson gostar de dominar o

nosso tempo juntos, eu queria agradá-lo. Enquanto ele ainda segurava meu rosto, controlando a intensidade do nosso beijo, minhas mãos abriram sua braguilha e começaram a acariciá-lo. Mesmo através de sua cueca, Hudson gemeu contra meus lábios ao sentir as minhas carícias.

Seus sons alimentaram o meu desejo. Afastei-me de seu abraço e o encostei contra a parede. Ele ia precisar de apoio para o que eu planejava fazer. Então, arriei sua calça e cueca o suficiente para liberar seu pênis.

– Aí está – ronronei, enquanto girava a minha mão pela cabeça do pênis. Circulei meus dedos em torno da cabeça e deixei sua umidade escorrer na minha mão enquanto descia pela ereção.

Ele gemeu de novo e fiquei de joelhos. Segurando seu pênis pela base com uma mão, eu enrolei meus lábios em torno da glândula e chupei-a suavemente. Ele engasgou, segurando meu cabelo entre os dedos, puxando-o até eu sentir uma deliciosa dor.

– Ah, Alayna. Isso é tão... ah... tão bom.

Seu elogio me incentivou. Levei minha mão para cima e para baixo de seu pênis, desenvolvendo rapidamente um ritmo constante enquanto lambia e chupava a glândula. Eu lhe dei o tratamento completo, arrastei minha língua ao longo da ponta grossa e macia, raspando meus dentes em sua coroa. Ele cresceu e ficou mais duro com a minha atenção, e minha excitação aumentou.

Não tinha nem pensado se pretendia ou não chupá-lo até o orgasmo, mas, de repente, estava desesperada por isso. Eu precisava de seu clímax, talvez tanto quanto Hudson, e minha boca retratou avidamente aquela necessidade urgente que eu tinha.

– Alayna, pare.

Antes que eu pudesse reagir, suas mãos empurraram a minha cabeça, seu pênis saiu da minha boca com um “pop”.

Chocada e confusa, deixei que ele me ajudasse a me levantar.

– Fiz alguma coisa errada?

– Não, princesa. Sua boca é incrível. – Hudson tomou os meus lábios em um beijo profundo. – Mas preciso gozar dentro da sua boceta. Estive pensando nisso durante dias. – Ele passou os braços em torno das minhas costas e começou a trabalhar nos laços do meu espartilho. – E você precisa estar nua.

Gemi, sabendo que levaria uma eternidade para me tirar do meu vestido.

– Isso vai demorar muito – murmurei em seu pescoço.

– Tem que ser assim. – Ele me puxou mais para perto para que pudesse ver sobre o meu ombro o que estava fazendo. – Eu tenho que pegar seus seios. Eu amo seus seios.

Suspirei e comecei a trabalhar nos botões de sua camisa.

– Então, você tem que ficar nu também.

Ele balançou a cabeça contra a minha.

– Isso vai levar mais tempo.

– Mas eu adoro a sensação dos meus seios contra seu peito nu.

Sua risada se transformou em um gemido de frustração.

– Não quero nem saber como você pôs este vestido. Vire-se.

Eu fiz isso, levantando meu cabelo para que ele pudesse trabalhar melhor. Seus dedos se moveram com habilidade e logo ele tinha afrouxado o suficiente para que eu assumisse dali em diante.

Senti seus dedos se afastarem de mim e o ouvi atrapalhando-se com suas próprias roupas. Com minhas costas ainda para ele, desci o resto do vestido e saí dele. Então, tirei minha calcinha. Fiquei com

meus sapatos, sabendo que ele gostava de me comer desse jeito. Antes de me virar, dei uma respiração profunda, sabendo que, quando o visse nu, eu ficaria sem fôlego.

E, cara, eu estava certa. Eu só tinha conseguido olhá-lo nu por um tempo no chuveiro, mas não tinha esquecido de como aquela visão me afetara. Seu estômago era de tanquinho e seus músculos da coxa eram fortes. E, entre suas pernas, sua ereção estava orgulhosamente em pé, ainda mais viril e bonita sem as roupas que dificultavam essa visão.

Finalmente o meu olhar encontrou o seu rosto e notei que ele estava me analisando com a mesma quantidade de desejo intenso que eu sentia por ele. Nossos olhos se encontraram. Em seguida, já estava em seus braços, seus braços fortes e belos, enquanto ele me beijava com fome profunda, os meus seios esmagados contra seu peito. Logo, ele enfiou as mãos debaixo da minha bunda e me levantou. Envolvei minhas pernas em volta de sua cintura e meus braços ao redor de seu pescoço, enquanto ajustava meus quadris sobre seu pênis.

Ele parou na minha entrada.

– Eu não a deixei pronta...

– Estou pronta, sim. Penetre em mim, Hudson.

Ele sorriu quando me penetrou com um impulso feroz. Seu pênis ardeu dentro da minha vagina ainda não totalmente molhada, mas também era maravilhosamente delicioso. Tão profundo e tão duro.

Ele não perdeu tempo em estabelecer um ritmo constante, penetrando-me com vigor a cada golpe. A força que Hudson deve ter precisado para me manter nessa posição e me foder com tanto vigor me surpreendeu. Sabia que ele estava em forma, mas não tinha percebido a que ponto. A consciência disso aumentou a minha

excitação e umedeceu o meu sexo, permitindo-lhe entrar e sair com mais facilidade. Meus seios saltavam com o nosso movimento, e os choques de prazer atravessaram meu corpo enquanto meus mamilos sensíveis roçavam seu peito.

– Hudson, sim. Sim.

Nossos olhos permaneceram travados um no outro e eu pude ver a tensão e o prazer entalhados na testa, enquanto Hudson continuava a nos impulsionar para o clímax.

– Uma... delícia... – arquejava. – Você é... boa pra caralho.

Seu encorajamento e o som de nossas coxas batendo me deixaram louca, e muito perto do orgasmo. A cada impulso de seus quadris, meu sexo se apertava ao redor de sua ereção de aço. Ele me virou para a parede para conseguir um apoio adicional, ajustando sua posição para que pudesse me penetrar com maior ímpeto. A nova posição libertou sua mão e ele pôde esfregar meu clitóris enquanto a ponta do seu pênis encontrava um ponto sensível.

– Goze junto comigo, Alayna – ordenou. – Goze.

Seu tom autoritário e seu polegar circulando meu clitóris me fizeram desmanchar. Joguei minha cabeça para trás, na parede, minha vagina tremia quando o orgasmo me atravessou. Ele me seguiu, gemendo meu nome enquanto se liberava dentro de mim com jorros longos e quentes.

Soltei minhas pernas de sua cintura e apoiei os pés no chão sabendo que ele não poderia continuar a me carregar depois daquela violenta liberação. Embora não suportasse mais o meu peso, ele não me soltou.

– Vamos conseguir fazer isso de novo? – ofeguei, antes mesmo de nossos corpos terem esfriado.

Ele franziu o cenho quando soltou o braço, que estava em volta de mim, para olhar para o relógio.

– Você precisa estar no trabalho à uma? Eu acho que podemos conseguir fazer isso de novo duas vezes.

– Tudo bem, H, precisamos ter uma conversa séria. – Nós estávamos na estrada, indo para Hampton havia menos de dez minutos, mas eu estava muito ansiosa para adiar ainda mais esta conversa. Girei no banco da frente da Mercedes e levantei meus óculos de sol até a minha cabeça, para que eu pudesse ver Hudson claramente.

Ele olhou de soslaio para mim, seus olhos escondidos atrás de seus óculos escuros Ray-Ban.

– Estou curioso.

Respirei fundo.

– Eu tenho algumas queixas sobre a noite passada.

A sobancelha dele ergueu-se acima de seus óculos de sol, mostrando que Hudson estava cético, mas ele manteve os olhos na estrada.

– Não desta parte da noite passada – soquei o braço dele de brincadeira. – A primeira parte da noite. A última parte foi boa.

Ele franziu a testa ainda mais.

– Apenas boa?

– Está bem, mais do que boa – ri. – Foi espetacular. Incrivelmente espetacular. – Minhas coxas ficaram tensas só de pensar no deleite sensual que tínhamos experimentado na noite anterior, no *loft*. Uma semente de insegurança arrastou-se sob meu elogio, fazendo-me querer saber se ele sentia o mesmo que eu. Preparando-me, perguntei:

– Como você acha que foi?

– Bom. – Seu sorriso maroto me avisou que ele estava brincando, mas eu belisquei levemente a sua coxa. Outra desculpa para tocá-lo.

Ele tirou uma das mãos do volante e agarrou a mão com a qual eu o tinha beliscado.

– Cuidado! Estou dirigindo. – Depois, levou minha mão à boca e mordeu meu dedo antes de soltá-lo. – Mas você tem queixas, é isso?

Afastei os pensamentos que a sua boca na minha pele tinha incitado.

– Sim, tenho. Eu não estava preparada para a situação na qual você me colocou. Eu preciso saber mais daqui para frente. Eu não sabia nada sobre os Werner e sobre eles estarem no concerto na noite passada. Você não podia ter, pelo menos, me avisado?

Hudson tirou os óculos escuros e me observou, como se estivesse tentando avaliar se eu estava falando sério.

Eu estava muito séria. Estava cansada de estar sempre sem informações sobre ele e sobre o mundo no qual ele me atirava para dentro e para fora tão levemente.

Hudson colocou seus óculos escuros no compartimento acima do seu espelho, não precisava mais deles já que o sol se pusera e nós nos dirigíamos para leste.

– Exceto por sua predileção em colocar as mãos em cima de mim...

– Ah, não exagere.

– ... Você foi magnífica. – Ele também estava sério, o que me chocou. Eu me sentia tudo, menos magnífica. – Por isso, não sei como alguma informação que eu pudesse ter-lhe dado de antemão mudaria a forma como você representou seu papel.

Eu abri minha boca, mas descobri que não tinha uma resposta certa.

– Eu teria ficado mais à vontade porque estaria preparada. – Isso foi o melhor que pude responder. – O mesmo vale para o dia do desfile de moda. Eu poderia ter lidado com a sua mãe, com Celia... – Parei de falar, querendo indicar que eu tinha descoberto sobre o seu passado sem realmente mencionar isso. – Eu acho que o dia todo teria sido melhor se eu estivesse preparada.

– Pois eu repito: achei que você foi brilhante.

– Mas não por dentro. E é a sensação interna que me faz fazer coisas malucas. Como persegui-lo em edifícios de escritórios. – Estremeci quando mencionei o comportamento embaraçoso que gostaria de poder esquecer. Mas, se eu queria ficar bem, precisava enfrentar as minhas inseguranças, e não saber muita coisa sobre Hudson provocava muitas delas. – De qualquer forma, eu tenho você aqui, preso em um carro por mais de duas horas...

– Você tem certeza de que não fui eu que a prendi?

– Você está dirigindo. E eu estou oferecendo o entretenimento.

Mas achei aquela jovialidade incomum de Hudson bastante divertida também.

– Gostei disso que você falou. – Ele sorriu, dando uma espiada nas minhas pernas nuas.

Eu resisti à vontade de puxar o meu short preto para baixo, um dos meus prêmios por comprar na loja de Mirabelle. Eu gostava que ele apreciasse olhar para meu corpo, mas seu olhar me excitava à enésima potência e eu queria manter a concentração.

– Pare de interromper. Estamos jogando o jogo do “vamos conhecer um ao outro”. – Levantei minha mão como que para calá-lo. – Nem pense em falar o que quer que esteja prestes a dizer. Se nós temos alguma esperança de enganar a sua família quando estivermos com

eles por vinte e quatro horas, sete dias da semana, então precisamos saber mais um sobre o outro.

– Eu já sei um bocado de coisas sobre você.

Desta vez, seu olhar foi para o busto em meu top superapertado.

– Não, não sabe. – Estalei meus dedos perto do meu rosto para fazer a sua atenção mover-se para cima. – Alguma vez você já chegou a conhecer uma mulher não sexualmente? Conhecer além de fazer uma verificação rápida de seus antecedentes?

– Não intencionalmente.

Sua resposta foi rápida e honesta. E isso me deixou puta da vida.

– Hudson, você é mesmo um idiota...

– Foi o que me disseram. – Ele olhou para meu rosto furioso. – Tudo bem. Como é que se joga esse seu jogo?

O triunfo afastou a minha irritação.

– Nós vamos nos revezar. Na sua vez, você pode fazer uma pergunta ou dizer uma verdade sobre si mesmo. Você escolhe. Nada muito pesado. Coisas básicas. Eu começo primeiro. Não gosto de cogumelos.

Os olhos de Hudson se arregalaram.

– Você não gosta de cogumelos? O que há de errado com você?

– Eles são nojentos. Têm gosto de azeitonas podres.

– Não têm gosto de azeitonas podres nada.

– Eles têm gosto de azeitonas podres. Não suporto. – Fiz uma careta para mostrar o meu desgosto, mas, por dentro, estava em êxtase porque ele mostrava interesse naquilo que eu tinha compartilhado. Não estivera muito certa de que Hudson faria isso, especialmente com um assunto tão banal como gostos alimentares.

Hudson balançou a cabeça, parecendo espantado com a minha confissão.

– Esta é uma terrível inconveniência. E, sem dúvida, deve dificultar suas experiências com refeições mais requintadas.

– Nem me fale. – Por alguma razão, os cogumelos parecem estar em uma grande quantidade de receitas mais sofisticadas. – Imagine o meu horror quando o meu par do baile de formatura fez o jantar para mim e era frango Marsala.

Seus olhos se contraíram, quase imperceptivelmente.

– Seu par do baile de formatura? Era um relacionamento sério? – A voz de Hudson também tinha ficado ligeiramente tensa.

Eu estreitei meus olhos. Hudson estava com ciúmes?

– Você está fazendo essa pergunta na sua vez?

– Hã, sim, acho que sim.

Ele estava com ciúmes. De um acompanhante do baile do colégio. Eu fiquei lisonjeada.

– Foi um relacionamento sério para mim. Não para Joe.

– Joe? Parece terrível. – O sorriso tinha retornado.

– Obrigada, era mesmo... – Hudson seguiu pela Interestadual e coloquei meus óculos de sol na bolsa. – Minha vez. – Eu me endireitei no banco do carro, mordendo o lábio. Eu tinha facilitado nosso começo do jogo, mas agora queria algumas respostas. Alguma coisa que fosse boa. – Por que você nunca chama as pessoas pelos seus apelidos?

Ele gemeu.

– Porque apelidos são de muito mau gosto. Chame a pessoa pelo seu nome. É por isso que elas receberam esses nomes.

Revirei os olhos. Ele era tão formal. Às vezes, eu não tinha certeza se gostava mesmo desse cara. Isso era parte da razão pela qual eu queria jogar este jogo. Eu tinha que saber se o que eu sentia por Hudson ia além da atração física.

E eu realmente queria que ele me chamasse pelo meu apelido.

– Mas os apelidos mostram um grau de familiaridade.

– Você diz a todos para chamá-la de Laynie. Mesmo as pessoas que acabou de conhecer.

Porque responder por Alayna, quando me chamavam, era estranho. As únicas pessoas que realmente haviam me chamado de Alayna foram os meus pais.

– Talvez porque eu me sinta familiarizada com todos que conheço.

– Fiz um esforço para pronunciar as minhas próximas palavras casualmente, como se o fato, na verdade, não me incomodasse. – E você chama Celia por um apelido.

– Sério? – Ele soube então que isso me incomodara. Acho que não tinha disfarçado muito bem... – Ela é a única pessoa na terra, Alayna. Eu a conheço durante toda a minha vida. E nem sequer sabia que o nome dela era de fato Celia até que estivesse com quase 10 anos.

Cruzei as pernas, satisfeita quando ele olhou para elas quando fiz isso, e sacudi meu pé com irritação.

– Se você está tentando convencer as pessoas de que se importa mais comigo do que com Celia, então devia ter um apelido para mim. Isso iria mostrar carinho. – E eu realmente queria seu carinho.

– Me chamar de H mostra carinho?

Meu celular vibrou em meu bolso. Eu levantei meus quadris para que pudesse puxá-lo, e Hudson me olhou enquanto eu fazia isso.

– Sim. Eu não gosto daquelas palavras melosas que todo mundo fala, como benzinho e querido. E Hudson é formal demais.

– Eu gosto do formal.

– E eu gosto de pirulitos com chicle de bola no fim, de sabor de cereja. Isto não os torna adequados para todas as situações.

– Pirulitos?

– É... Pirulitos. – Planejei responder com uma réplica sexy, mas estava distraída com a leitura da mensagem no meu celular.

Era de Brian, me pedindo para ligar para ele. Eu tinha ignorado todas as mensagens que ele me enviara ao longo da última semana e não estava a fim de começar a responder agora. Joguei o telefone no meu colo, frustrada. Ele não sabia que eu já tinha encontrado uma solução para os meus problemas financeiros, e ainda esperava que eu cedesse a suas condições. Isso não ia acontecer.

– Você não gostou de baby? – A pergunta de Hudson me puxou de volta para o carro.

Minha resposta conteve a tensão que eu destinava a Brian.

– Não muito – porque não era original e nem sincero. Não era um apelido que Hudson tivesse escolhido especificamente para mim.

– Eu vou ficar com Alayna.

Virei-me para ele e o encarei.

– Vamos lá. Você poderia me chamar de princesa de vez em quando, na frente de outras pessoas.

– De jeito nenhum – murmurou ele.

– Por quê? Você já me chama assim às vezes.

A voz soou como um rosnado baixo, pacífico e sério.

– Isso é particular.

Eu tremi. Mesmo que o seu tom não tivesse indicado que o assunto estava encerrado, teria deixado para lá. Sua resposta foi perfeita, sensual e até um pouco romântica. Não que eu estivesse tendo alguma esperança de algo romântico, é que foi doce e amável.

Hum. Hudson nunca deixava de me surpreender. Eu balancei minha cabeça.

– Agora é a sua vez.

Meu telefone vibrou novamente. Outra mensagem de Brian. Desta vez, dizendo que iria me ver bem cedo no dia seguinte. E eu não estaria lá. Acho que o bobão iria se dar mal. Sorri quando desliguei meu telefone e enfiei-o de volta no bolso.

Quando o meu foco voltou para Hudson, ele estava me olhando, a cabeça inclinada.

– Quem continua mandando mensagens para você?

Algo sobre seu ciúme me fez querer ronronar.

– É essa a sua pergunta?

– É.

Pensei em inventar algo, algo que de fato provocasse ciúmes nesse homem, mas o jogo tratava-se de conseguirmos respostas honestas.

– Meu irmão. Ele é um idiota.

– Assim como eu? – perguntou, lembrando-se do que eu disse a ele minutos antes.

– Pior. Ele é um idiota que não sabe que é idiota...

Hudson sorriu.

– E você está ignorando Brian?

Ele sabia o nome de Brian. Isso me fez notar que ele já sabia que eu tinha um irmão. Fiquei me perguntando o que mais Hudson sabia sobre Brian. E sobre os meus pais. E sobre a minha vida inteira.

Bem, se ele queria saber algo mais sobre meu irmão, teria que esperar até a vez dele.

– Você já fez a sua pergunta. É a minha vez. Eu perdi a minha virgindade quando tinha 16 anos.

Eu pretendia que essa revelação fosse um choque, ainda irritada com as mensagens constantes de Brian e com o conhecimento de Hudson sobre coisas que ele não deveria saber sobre mim, até que eu lhe dissesse.

– Dezesseis? Que foda, Alayna. Eu não acho que gostaria de saber disso.

– Sinto muito. – Sorri em resposta.

Hudson balançou a cabeça, seus olhos semicerrados.

– Duvido seriamente que esse tipo de assunto vá surgir em uma conversa com a minha família.

– Nunca se sabe.

– Quem foi o cara?

Seu ciúme era seriamente excitante.

– Está usando a sua vez?

– Não.

Eu levantei minha cabeça, questionando a sua sinceridade.

Ele mudou de ideia. Não pôde evitar.

– Sim.

Eu nem sequer tentei esconder o meu júbilo.

– Ele era um cara qualquer que conheci em uma festa. Achei que transar me ajudaria a me esquecer de que os meus pais tinham morrido. Não ajudou.

– Não, acho que não ajudaria.

Ele pareceu compreensivo e eu fiquei feliz porque não quis insistir no assunto. Foi uma época horrível na minha vida. O acidente de carro fatal dos meus pais tinha me levado a me comportar de maneiras das quais não sentia orgulho. Sexo aleatório, beber em excesso, experimentar drogas. E, então, o vício que tinha permanecido: amar obsessivamente, coisa que não deveria ser chamada de amor de maneira nenhuma, mas sim de uma obsessão por querer ser amada. Se eu realmente estivesse com Hudson, quero dizer, se realmente fosse a sua namorada, então ele deveria conhecer todos os detalhes, e seria bom contar. Mas, por um momento estranho, fiquei excepcionalmente feliz por não ser a namorada de Hudson de verdade, portanto, não tinha que lhe contar nada...

Opa. Espere um momento. Isso significava que houve outros momentos em que eu realmente queria ser a namorada dele. Quando isso tinha começado?

Lancei um olhar para Hudson, que parecia estar envolvido em seus próprios pensamentos. O que seria necessário para poder entrar ali? Eu tentei adivinhar com o que ele poderia estar tão absorto.

- O que você estava fazendo em Cincinnati?
- Negócios.

Belisquei a ponta do meu nariz. Era muito mais fácil fazer sexo com esse homem do que fazê-lo compartilhar qualquer coisa concreta.

- Isso não é bem uma resposta.
- Eu não conversaria sobre negócios com a minha namorada.
- Você não seria meu namorado se não fizesse isso. – Apesar de agora finalmente acreditar que Hudson estava realmente fora da cidade naquela semana, a insegurança ainda me incomodava. Eu

insisti para conseguir mais informações. – A sua mãe e o seu pai não conversam sobre negócios um com o outro?

– Meus pais não conversam sobre nada. Se meu pai estiver em casa quando chegarmos lá, ele não vai dormir no mesmo quarto que a minha mãe. Casamento sem amor, lembra-se?

– Não é um bom exemplo, então. – Tentei uma tática diferente. – Olha. Eu sou formada em administração. Gosto de saber sobre essas coisas. – Lambi meus lábios propositalmente. – Meu cérebro inteligente não excita você?

– O seu cérebro inteligente, sim, o meu, não. – Mas ele estava escondendo um sorriso.

Eu deslizei minha mão na sua coxa.

– Vamos lá. Eu lhe mostrei o meu. Mostre-me o seu.

Ele não conseguia resistir a mim no modo flerte completo. E suspirou.

– Tem havido algum interesse na compra da Plexis, uma das minhas menores empresas. Mas não estou interessado em vender a este comprador em particular. Os outros membros do conselho pensam de forma diferente.

Hudson franziu a testa e eu pensei que ele tinha terminado, mas continuou.

– Na verdade, tem sido muito estressante, lutar para manter a Plexis inteira quando tantos se opõem. Muitos deles têm a ganhar um lucro considerável com a venda. Eu sei que esse comprador poria o lugar abaixo. A empresa seria dividida. As pessoas perderiam seus empregos.

Fiquei ali, sentada, hipnotizada. Em sua breve revelação, eu vi algo além de sua paixão por suas empresas e pelas pessoas que

trabalhavam para elas. Eu o vi relaxar e talvez até mesmo desfrutar do ato de compartilhar algo que certamente pesava sobre ele. Ele tinha alguém com quem compartilhar essas coisas? Não parecia provável.

Hudson me viu olhando para ele e se mexeu no banco do carro.

Eu tinha certeza de que ele ficara perturbado ao perceber o quanto eu seria capaz de descobrir de uma conversa tão curta; portanto, mudei de assunto e aliviei o clima.

– Obrigada! E então, foi assim tão horrível?

Sua boca se apertou em uma linha reta, mas eu vi o brilho nos seus olhos.

– Não vou responder a isso. Não é a sua vez... – Hudson só fez uma pausa por um segundo antes de dizer: – Tudo bem. Não foi tão horrível. Isso é o que eu estou oferecendo na minha vez.

– Hudson? – chamei em voz baixa, esperando que ele não visse toda a extensão da minha adoração apenas ao falar o nome dele.

– Sim, princesa?

– Você não é realmente um idiota.

Ele levou um dedo à boca.

– Shh. Você vai arruinar a minha reputação.

Nós continuamos com o jogo durante o jantar num restaurante de frutos do mar em Sayville e cobrimos uma variedade de tópicos, desde filmes favoritos a piores encontros e primeiros beijos. Hudson e eu tínhamos poucas coisas em comum, mas isso só me intrigava mais, e eu tive a nítida impressão de que ele sentia o mesmo. A maioria de nossas diferenças parecia ser proveniente das nossas origens, e não de nossas preferências. Eu não sabia se gostava de ópera, nunca tinha ido a uma. E o meu passatempo favorito, comprar um ingresso de cinema

e me infiltrar em vários filmes depois, nasceu de uma falta de recursos que Hudson nunca tinha experimentado.

Por trás de tudo isso, nós dois sabíamos que compartilhávamos uma semelhança muito vital: nossos passados destrutivos. Embora raramente falássemos disso, era algo que obscurecia muitas das nossas confissões. Mas, ao contrário do que aconteceu com outros homens, quando comecei a falar de mim não senti que estivesse ocultando a verdade. Eu não estava mentindo, como tive que fazer com tantos outros. Isto fez com que a nossa troca de impressões tenha sido mais fácil e mais pungente. Nós não chegamos a conversar sobre estas mentiras, mas não foi um tema que tenha ficado adormecido nas nossas profundezas, ameaçando revelar-se de repente.

Depois do jantar, quando voltamos para a estrada, nós jogamos o jogo em um ritmo mais relaxado, deixando longos momentos de confortável silêncio preencherem os espaços entre as falas de cada um. Finalmente, Hudson saiu da rodovia Old Montauk para uma estrada particular. No portão, a meio caminho da entrada, ele digitou um código que abriu as portas de madeira e nos permitiu continuar além da cerca alta até a entrada circular dos carros. Hudson parou o carro em frente a um casarão tradicional de dois andares.

– Chegamos – disse, em uma voz cantante que não era típica de Hudson Pierce.

Fiquei de boca aberta quando olhei para a mansão, iluminada exageradamente com tochas, assim como a fonte no centro do caminho circular para veículos. Eu tinha tentado não pensar muito sobre o dinheiro de Hudson, não queria que isso fosse o foco da minha atração por ele, mas, se houve uma hora em que eu ficara impressionada pela sua riqueza, era essa. A casa de pedra era de tirar

o fôlego e extravagante, o tipo de coisa que eu só tinha visto em filmes.

– É... Uau.

Hudson riu.

– Vamos lá. Você vai adorar o interior.

Abri a porta do carro, imediatamente invadida pelo aroma do mar misturado com uma variedade de flores desabrochando no início do verão. As portas da frente da casa se abriram e um senhor careca de terno cinza-claro se aproximou de nós.

– Boa-noite, Martin – disse Hudson, colocando o braço em volta da minha cintura. – Esta é a minha namorada, Alayna Withers. Martin é o nosso assistente na casa.

– É um prazer conhecê-la, srta. Withers – disse Martin, pegando minha mão. Depois de soltá-la, falou com Hudson: – Sr. Pierce, vou pôr suas malas no quarto de hóspedes na ala oeste.

Hudson franziu a testa enquanto entregava as chaves do carro para Martin.

– Todo mundo está na ala oeste?

– Sim, senhor.

– Então, ponha-nos na suíte principal da ala leste.

Com sua mão ainda nas minhas costas, Hudson me escoltou pelas portas duplas da entrada da casa. A entrada estava vazia, exceto por uma mesa decorada colocada sob a curva da ampla escadaria.

– Hudson, nós estamos na cozinha. – A voz de Mirabelle chamou dos fundos da casa.

– Eu sei que é tarde – disse Hudson a mim, com um tom cheio de desculpas. – Mas devemos, pelo menos, dizer olá. Você se importa?

Eu não estava nem um pouco cansada. Esta era a minha hora do dia. Se nós não tivéssemos saído da cidade, teria acabado de começar o meu turno na casa noturna.

– Não é muito tarde para mim.

Por alguma razão, isso fez Hudson sorrir.

– Certo.

A promessa sensual em seu tom de voz fez minhas coxas ficarem tensas. Com sua paquera sem fim no carro e a intimidade do nosso jogo do “vamos conhecer um ao outro”, eu estava mais do que seduzida. Tudo do que eu precisava, agora, era de uma cama e de Hudson. E a cama era opcional.

Hudson me levou pelo corredor que se seguia à entrada, em direção à parte de trás da casa, seus dedos no meu quadril não forneciam contato suficiente. Na cozinha, ele soltou a mão e eu suspirei pela perda.

Felizmente, fui capaz de disfarçar o suspiro com um outro, de admiração pelo cômodo onde nós tínhamos entrado. A cozinha era maior do que o meu apartamento inteiro. Na verdade, a entrada da casa era maior do que o meu apartamento. As paredes eram de um creme amarelado claro, e os balcões, de granito salpicado de marrom e branco. Todos os aparelhos da cozinha eram de aço inoxidável, um contraste impressionante com o piso de madeira. Mesmo sendo alguém sem interesse algum por cozinhas, eu admirei a sua beleza.

Encontramos Adam e Mira inclinando-se sobre a ilha central, raspando o que pareciam ser as migalhas finais de um prato de torta.

– Eu estou grávida – disse Mira antes que alguém pudesse perguntar. – Mas não sei qual é a desculpa de Adam.

– Era uma das tortas de Millie? – perguntou Hudson.

Mira assentiu.

– Então, aí está a desculpa dele. Ninguém faz tortas melhores do que Millie. E não posso acreditar que você não tenha guardado nenhum pedaço para nós.

– Há mais para amanhã – retrucou Adam. – Estamos terminantemente proibidos de tocar as próximas. Millie é a nossa cozinheira – explicou ele em meu benefício. – Ela é incrível.

– Agora que o pequenino foi alimentado – disse Mira, esfregando a barriga –, já posso cumprimentá-la de forma adequada. Laynie! – Ela colocou os braços em volta de mim. – Estou tão feliz que você veio!

– Obrigada – respondi, atordoada por sua exuberância.

– Como foi a viagem? Vocês comeram alguma coisa?

– Você está se oferecendo para cozinhar algo para eles? – Adam colocou a mão perto da sua boca e soletrou as palavras “Mira não cozinha”.

Ela estreitou os olhos para ele, brincando.

– Eu sei como usar o micro-ondas muito bem!

– Você não precisa se incomodar. Nós paramos em Sayville – tranquilizou Hudson.

– O restaurante de frutos do mar? Ah, eu estou com inveja. – Mira foi até o seu irmão e abraçou-o, dando-lhe um beijo de leve na bochecha. – Eu estou feliz por você estar aqui. Faz décadas desde que você veio pela última vez.

Hudson saiu de seu alcance, mas sorriu.

– Eu também. Papai veio?

Mira levou o prato de torta vazio até a pia e encheu-o com água para deixá-lo de molho.

– Sim, ele já foi para a cama. Ou está se escondendo de mamãe. Ele está na casa de hóspedes.

Eu troquei olhares com Hudson, lembrando-me da nossa conversa anterior sobre o casamento sem amor de seus pais.

– Onde está a mamãe? E Chandler?

– Eu estou aqui. – Olhei para trás para ver Sophia Pierce encostada na porta em arco. Ela usava um roupão e tinha um copo com algo marrom e gelo. – Chandler saiu com a garota Gardiner. Deve voltar muito tarde.

– Oi, mãe. – Hudson andou até ela e beijou cada uma de suas bochechas.

– Então, você veio. – Sophia olhou para mim. – Os dois vieram.

– Alayna e eu raramente ficamos separados – mentiu Hudson, puxando-me para ele.

– Boa-noite, sra. Pierce. – Estava relutante em vê-la novamente, mas fiz a minha saudação ser tão calorosa quanto possível. O braço de Hudson em volta de mim ajudou. – Obrigada pelo convite. Sua casa é linda.

Ela assentiu com a cabeça.

– Tenho certeza de que vocês querem se instalar. Eu escolhi um quarto para vocês na ala oeste.

Hudson se endireitou.

– Eu disse a Martin para arrumar a suíte principal na ala leste.

Formigamentos elétricos espalharam-se desde o meu ventre por todo o resto do meu corpo. Hudson e eu compartilhando a suíte principal... O pensamento fez me contorcer por dentro. Tinha tentado não pensar em como iríamos passar as noites em Hampton, se elas seriam preenchidas com sexo ou consideradas apenas como horas de

trabalho, eu não sabia. Mas, agora que a ideia tinha sido firmemente plantada em mim, já não conseguia parar de pensar nas possibilidades carnis.

Sophia, obviamente, não se sentia da mesma maneira sobre seu filho e eu partilharmos a mesma cama.

– Hudson, isso é muito longe do resto de nós.

Sua ira era evidente. Assim como Hudson, tive a sensação de que ela também raramente tinha alguém se opondo à sua vontade. Eu imaginei que esse traço em comum deixava as refeições familiares bem desconfortáveis.

E eu estava prestes a testemunhar várias delas antes de a viagem ter terminado. Que sorte a minha...

Hudson sabia como lidar com a mãe.

– Nós precisamos de distância, mãe. – Seu tom de voz era decisivo.

– Por quê? Nós não mordemos.

– Alayna morde. – E sorriu maliciosamente. – E ela pode ser muito barulhenta.

Eu fiquei dez tons mais fortes de escarlate. Ele realmente acreditava que toda namorada de mentira gostaria de ver a vida sexual deles sendo discutida com sua mãe? No entanto, eu realmente podia ser bastante barulhenta.

Foi a expressão chocada de Sophia que respondeu a Hudson, provavelmente ele alcançara o resultado pretendido com seu escandaloso comentário.

– Ah, mãe, não me olhe assim. Alayna e eu não somos virgens desde que tínhamos 16 anos.

Sophia apertou os lábios e passou por nós, terminando sua bebida antes de colocar o copo na pia.

Hudson se inclinou para sussurrar no meu ouvido, o calor de sua respiração enviou um arrepio à minha espinha.

– Bem, está vendo? Aquele fato da virgindade veio a calhar.

Eu lhe dei uma cotovelada nas costelas, exasperada por ser a vítima de sua provocação para com sua mãe.

– Não fique irritada, Alayna – disse ele, e me puxou passando os braços em volta de mim, minhas costas em seu peito. – Confie em mim, vamos adorar um quarto longe deles.

Suspirei com seu toque, consciente de que estávamos representando, mas apreciando o contato mesmo assim.

E talvez ele gostasse do contato também. Ou simplesmente quisesse ficar longe de sua mãe, porque pediu licença em seguida.

– Nós nos veremos pela manhã. É tarde e gostaríamos de ir para a cama agora.

Ou talvez ele realmente quisesse apenas ir para a cama. Deus sabia que eu queria.

Enquanto subíamos a escada para a ala leste, o nervosismo tomava conta de mim. Eu tinha aprendido que Hudson estava bastante determinado em separar o falso do verdadeiro, e isso me deixou questionando o que aconteceria entre nós dois, à noite, quando estivéssemos sozinhos em nosso quarto. Fazia sentido imaginar que nós faríamos sexo, e ele tinha se certificado de que o nosso quarto ficasse bem longe dos outros. Mas Hudson queria privacidade para que pudéssemos desfrutar de nossa intimidade, ou para que sua família não soubesse que não estávamos desfrutando dessa intimidade?

Era tudo tão confuso. Ele compartimentava as coisas tão facilmente, mas, para mim, fazer isso era impossível. Tudo o que eu sabia e sentia por ele se enrolava fortemente em torno de mim em todos os momentos. Não havia separação entre o que era fingimento e o que era real, exceto pela forma como ele reagia a mim.

Silenciosamente, enquanto me preocupava com a situação iminente, eu o segui através das portas duplas para dentro de uma bela suíte. O quarto tinha dois armários em mogno decorado e uma cama *queen size* com dossel combinando. Nossas bagagens estavam ao pé da cama, em frente a uma pequena área de estar com duas poltronas e uma mesa de mogno. Uma lareira se alinhava à parede interna e o piso de madeira estava quase que totalmente coberto por um tapete espesso. Embora fosse uma decoração mais do que tradicional, uma TV de tela plana estava centralizada na parede em frente à cama.

Enquanto eu ficava ali parada, em pé, admirando o quarto, preocupando-me sobre a nossa situação, Hudson tirou o paletó, cantarolando enquanto fazia isso, obviamente inconsciente da minha ansiedade. Em seguida, ele afrouxou a gravata e atirou-a sobre uma das cadeiras. Virou-se para mim enquanto desabotoava a camisa e parou, percebendo que eu não tinha me mexido desde que entrara no quarto.

Antes que ele pudesse perguntar, deixei escapar o que estava me afligindo.

– Eu estou de folga ou em serviço?

Um pequeno sorriso cruzou-lhe os lábios.

– Minha família não está por perto. – Sim, ele tinha se certificado disso. – Está de folga. Além disso, já lhe falei que nunca usaria o sexo como parte da farsa que montamos... E eu tenho a intenção de fazer sexo com você agora.

O arrepio que passou por mim fez todos os pelos do meu corpo ficarem em pé.

– Sério?

– É claro.

Ele continuou a me prender com o seu olhar quando voltou a desabotoar a camisa, movendo-se mais lentamente do que antes.

Inspirei rapidamente.

– Nós nunca passamos a noite juntos.

– É, não passamos. – Hudson deu um passo em minha direção, seu sorriso maroto se ampliou. – Você está nervosa com isso?

Sim.

– Não.

Sua sobrancelha subiu como se ele percebesse a minha mentira.

– Pois deveria. Você estará ao meu alcance a noite toda. E espero que esteja toda dolorida amanhã.

Meu nervosismo se dissipou, substituído pela excitação intensa.

– Hum. Parece delicioso.

– Ótimo. Vá se preparar para dormir. – Ele apontou com a cabeça em direção à porta do banheiro da suíte. – Não demore muito. Estou ansioso para lambe-lo você absurdamente.

Eu não hesitei, agarrei a *necessaire* que continha os meus produtos de higiene pessoal enquanto me apressava para o banheiro. Depois que fechei a porta atrás de mim, meu dedo demorou-se na maçaneta enquanto eu considerava passar a chave. Mas por que faria isso? Qualquer invasão que Hudson planejasse seria bem-vinda.

Depois de lavar o rosto e escovar os dentes, parei novamente para pensar. O que eu deveria vestir? Eu tinha trazido uma camisola sexy, sem muita certeza se deveria usá-la ou não. Camisolas pareciam sugerir um clima romântico, não é? Mas isso não importava agora, porque eu tinha deixado a minha mala no quarto. Deveria sair do banheiro vestida? Ou nua?

Eu decidi me despir e ficar de lingerie, grata por ter vestido um bonito sutiã preto de renda e uma calcinha *boxer* de renda combinando. Dobrei minhas roupas e as deixei sobre a bancada e saí calmamente do banheiro.

Hudson tinha apagado as luzes do teto e acendido as luzes de cabeceira. Ele estava de costas para mim, e pude ver que ele tinha tirado a camisa e o cinto, e seus pés estavam descalços e sensuais. Pés não tinham o direito de sê-lo, mas os dele eram.

Ele se virou e a minha respiração travou. Nosso relacionamento sexual era ainda tão novo. Ver seu peito nu ainda me excitava de um

modo sem fim. Seus ângulos fortes, a forma como sua calça pendia para baixo evidenciando seus quadris, seu tanquinho de aço... Eu não achava que um dia pudesse me cansar de olhar para ele.

Finalmente, meus olhos flutuaram para seu rosto, onde encontrei seus olhos escuros me devorando onde eu estava.

– Boa escolha – disse, apontando com a cabeça para a lingerie, e minha pele se arrepiou com a sua aprovação. – Venha aqui.

Seu rosnado baixo me atraiu para ele de forma tão eficaz como se tivesse me amarrado em uma corda e ficasse me puxando. Parei ao seu alcance, mas ele não me tocou. Hudson andou ao meu redor, ficando tão perto de mim que eu podia sentir o calor do corpo irradiando-se dele, aumentando a minha própria temperatura corporal que já estava elevada.

Ele parou atrás de mim, e eu o senti no meu pescoço, sua respiração acariciou a minha pele.

– Tão linda – murmurou, antes que seus lábios beliscassem a minha orelha. – Eu preciso fazer você gozar. – Pulei no lugar quando suas mãos deslizaram para baixo em meus braços. – Muitas vezes. – Ele lambeu ao longo do meu lóbulo. – Você acha que pode suportar isso?

Fiquei sem palavras. Respondi com um gemido incoerente, inclinando meu corpo contra o dele, deixando seu calor me envolver.

Ele soltou uma risada perversa; em seguida, virou-me para encará-lo, sua boca parada a centímetros acima da minha.

– Você não sabe se pode lidar com isso, não é, princesa? Vamos descobrir.

Ele me pegou com sua boca, consumindo meu fôlego com seu beijo devastador, levando-me a sucumbir ao seu controle. Eu não lutei contra isso, entreguei-me a ele de todas as formas que ele exigia. E a

cada exigência, enquanto Hudson ensinava ao meu corpo como ser adorado e venerado, como ser possuído e dominado, perdia mais de mim para ele. Como se eu tivesse sido simplesmente feita para seu prazer, e, pelo mesmo princípio, como se ele tivesse sido feito para o meu.

Ele de fato me lambeu até quase eu perder os sentidos, e ele de fato me fez gozar muitas vezes. E, em vários momentos, fiquei com medo de que não pudesse lidar com isso. Mas ele me impeliu para cada clímax, tanto os que aconteceram lentamente quanto aqueles que se rasgaram violentamente dentro de mim, com a experiência e a confiança de um amante que parecia me conhecer intimamente por muito mais tempo do que ele conhecia.

Depois que vários orgasmos aconteceram entre nós, Hudson deitou-se pesadamente sobre a cama ao meu lado com seu ombro tocando o meu, fosse exausto pela noite, fosse fazendo uma pausa, eu não tinha certeza. Meu próprio corpo estava mole, cada músculo de meu corpo frouxo. O sono ameaçava me invadir das bordas da minha consciência, mas empurrei aquilo para longe, não queria terminar a nossa noite ainda.

Eu virei a minha cabeça para ele e o peguei me olhando, um sorriso satisfeito no rosto. retribuindo o sorriso, suspirei.

– Isso foi... incrível.

Num piscar de olhos, ele já estava em cima de mim, seu corpo cobrindo o meu. Ele entrelaçou as mãos nas minhas e levantou-as sobre a minha cabeça.

– Qual foi a sua parte favorita?

Tudo. Cada minuto. Mas essa resposta parecia capenga e eu sabia que ele queria algo mais concreto. Vários momentos incríveis me

vieram à mente, cada um fazendo-me corar simplesmente por pensar neles, como quando ele tinha se arrastado para cima de mim e se espalhado sobre meu pescoço, silenciosamente me mandando pegar o seu pênis com a minha boca. Isso tinha sido muito excitante.

E também quando ele tinha mandado eu me tocar enquanto ele chupava e acariciava o meu peito. Mais uma vez, isso foi muito excitante. Além disso, um pouco estranho. Mas só até eu começar a gostar.

Incapaz de expressar todas essas lembranças, devolvi a pergunta para ele:

– Qual foi a sua parte favorita?

Ele arrastou seu nariz ao longo da minha mandíbula.

– A maneira como você responde a qualquer coisa... a tudo... O que eu faço com você. – Hudson lambeu o meu lábio inferior e eu abri a boca para beijá-lo, mas ele se afastou. – Sua vez.

Seu humor estava invulgarmente brincalhão e inspirou-me a me juntar a ele.

– Eu nunca vou contar. – Sorri.

– Conte-me. – Hudson prendeu as minhas mãos juntas e segurou-as com uma das suas. Sua outra mão desceu para descansar levemente sobre meu quadril.

Meu tórax exposto fez com que eu me sentisse vulnerável. Ele poderia me fazer cócegas sem piedade. Mas o provoquei assim mesmo.

– Pois me obrigue.

– Eu não posso obrigar você a fazer nada. – Sua mão esfregou levemente o meu lado sensível e eu estremei.

– Acho que pode, sim. – E me preparei para seu ataque. – Ouvi dizer que você é muito bom em obrigar as mulheres a fazerem certas coisas.

E, de repente, eu já não estava mais brincando, mas insinuando significados mais profundos. Eu não tinha a intenção de ir até lá, mas a sua confissão sobre ser capaz de manipular as mulheres como passatempo sempre permaneceu logo abaixo da superfície durante o tempo que passávamos juntos. Deitada nua debaixo dele, agora, completamente destituída dos sentidos por causa dos orgasmos múltiplos, isto borbulhou dentro de mim e emergiu, escapando por meus lábios.

Seus olhos se contraíram, a única indicação que ele deu de que a minha verdadeira intenção ao dizer isso o afetara.

– Eu sou bom em obrigar as mulheres a fazerem coisas.

Eu não pude evitar. E cutuquei para continuar a conversa.

– Mas não a mim.

– Não. – Hudson baixou a voz, a brincadeira terminando. – Não a você.

– Eu não sou... – fiquei buscando a pergunta que eu queria fazer, e já precisando da resposta, mesmo que ainda não conseguisse arrumar as palavras – ... intrigante o suficiente para jogar esse jogo comigo?

Com as minhas mãos ainda presas, ele se apoiou com o outro braço para que pudesse me encarar.

– Por favor, Alayna, você quer que eu faça isso com você? Dispor de você? Eu iria esmagá-la. Eu iria destruí-la. – Seu tom de voz era sombrio, mas também honestamente curioso. – É isso que você quer?

Meus olhos se encheram de lágrimas. Eu odiava a verdade da resposta.

– Não, mas, um pouco, sim... É assim que o meu cérebro estúpido funciona. Se você não fizer comigo o que normalmente faz com as outras garotas, fico imaginando que deve haver algo de errado comigo.

Ele riu quando se deitou na cama ao meu lado.

– Ah, então é tudo sobre você, hein? Não é que haja algo de errado comigo? Como você é egocêntrica.

Livre para me movimentar, eu rolei para o meu lado e me virei na direção dele.

– Eu sou muito egocêntrica, sim. Quero ser especial. E receio que não seja.

– Pois é. – As palavras dele foram enfáticas. – Muito mais do que você poderia imaginar. – Ele virou o corpo para que pudesse me olhar. – Porque não quero destruí-la mais do que quero possuí-la. Isso é um progresso para mim.

Nós dois estávamos vulneráveis agora. Duas almas machucadas despejando nossa tristeza em uma sessão de terapia privada. Era isso que ele tinha desejado que acontecesse entre nós? Compartilhar assim, sem julgamento, sem vergonha? Era... legal.

Parei de me preocupar em estar me expondo e falei do fundo do coração.

– Então, vou tentar não me fixar no que significa ser diferente para você. Isso será um progresso para mim.

Hudson assentiu, o peso das minhas palavras entrava em sua mente.

– Você sabe por que faz isso?

– Por que eu me torno obsessiva em relação aos caras?

– É.

– Os terapeutas e os que me aconselharam nas sessões disseram que provavelmente foi por não me sentir amada quando era criança. Agravado pela morte precoce de meus pais. Portanto, estou constantemente à procura de carinho e duvido quando o recebo, porque não sei realmente como é ser amada.

– Como conseguiu superar isso?

Não era nada parecido com o que eu tinha pensado que ele iria perguntar, e senti que Hudson estava perguntando isso tanto por mim quanto por si mesmo. Como já tinha chegado tão longe nas profundezas da sinceridade, eu podia muito bem mergulhar lá dentro.

– Não consegui. É uma batalha constante. Muita autoafirmação. Muitos pequenos truques bobos, como usar elásticos para me lembrar.

Ele assentiu, entendendo a minha manobra do elástico.

– Você ainda cai em velhos hábitos.

– Isso mesmo.

– E comigo, também?

– Você sabe a resposta para isso. – Minha voz saiu num sussurro. Eu queria desviar o olhar, mas nossos olhos estavam presos um no outro e, na suavidade de seu olhar, encontrei a coragem para falar mais. – Eu não acreditei que você estava numa viagem de negócios. Achei que não queria me ver mais. É por isso que fui ao seu prédio.

Seu rosto desmoronou, como se a minha honestidade o tivesse esmagado. Ele fechou os olhos brevemente. Quando os abriu de novo, estavam escuros e intensos. Hudson estendeu a mão para a minha nuca, garantindo que meu rosto ficasse fixo no dele.

– Alayna, eu nunca vou mentir para você. – A voz estava rouca. – Não quando estivermos de folga em nosso esquema. Eu sempre vou lhe dizer a verdade. Eu juro.

Seu aperto afrouxou-se e seu polegar acariciou meu rosto.

– Você entendeu?

Assenti e cobri a mão dele com a minha.

– Hudson, esta... – engasguei, minha garganta estava apertada com a emoção –, esta foi a minha parte favorita.

Por um segundo fiquei preocupada em tê-lo assustado com a minha intensidade, pensei que ele poderia se afastar. Mas Hudson não fez isso. Ao contrário, ele colocou a mão na minha bunda e me puxou para mais perto. Acariciou minha coxa, levando-a a descansar ao redor de sua cintura. Em seguida, ele deslizou dentro de mim, minha vagina já molhada dos orgasmos anteriores. Ele foi lento e constante em seu ritmo, menos brusco do que normalmente tendia a ser, a sua habitual conversa durante o sexo estava ausente. Mas, por causa das coisas que nós tínhamos compartilhado, seus impulsos controlados dentro de mim pareciam implacáveis, com mais intenção de se conectar do que de me gratificar.

O orgasmo veio rapidamente para nós dois, o meu explodiu em ondas que apertaram minha barriga, enrolaram meus dedos dos pés e fizeram fogos de artifício atravessarem a minha visão, o jorro quente e prolongado dele me encharcou enquanto Hudson gemia meu nome. Seus olhos não deixaram os meus, embora se fechassem com o gozo, e isso aprofundou nossa intimidade. Eu sabia que ele tinha dito a verdade, eu confiava nele. Em suas palavras, em suas ações, senti-me corrigida, reparada. Eu tinha encontrado algo que não tinha nada a ver com amor. Era cura.

E era amor também, se eu pudesse admitir isso para mim mesma. Amor era exatamente o que era.

Os raios do Sol se infiltravam através das janelas, me aquecendo e me acordando mais cedo do que eu faria no meu horário habitual. Antes de olhar, senti que estava sozinha. Quando me virei, apertei os olhos para enxergar o relógio na mesa de cabeceira ao lado de onde Hudson deveria estar dormindo. Eram 9:27.

Pisquei várias vezes, ajustando os olhos, enquanto considerava se queria me levantar, para procurar o meu amante, ou rolar na cama e voltar a dormir. Eu ainda não tinha tomado uma decisão quando as portas do quarto se abriram e Hudson apareceu carregando uma bandeja com o café da manhã e vestindo nada além da calça do pijama de seda preta.

– Que bom, você está acordada – disse ele, enquanto eu me sentava, o cheiro do café me mandando para longe do sono. – Estou mostrando à minha família que namorado maravilhoso eu sou ao lhe trazer café da manhã na cama. Omelete. Sem cogumelos, é claro. Nenhum pirulito sabor cereja. – E piscou quando colocou a bandeja em cima da mesa no vestíbulo que dava para o quarto.

– Bem, este é um daqueles momentos inadequados para um pirulito, de qualquer forma. E você deveria ter dito namorado incrivelmente maravilhoso. Café da manhã na cama é o melhor. – No entanto, a coisa que estava dando água na minha boca era a visão de Hudson descalço e sem camisa, da qual eu nunca me cansava.

– Não sou tão maravilhoso assim. – Ele depositou a bandeja e desamarrou o cordão da calça de seu pijama, deixando-a cair no

chão, expondo seu pênis bem ereto. Então, deslizou para baixo das cobertas e subiu em mim. – Eu vou fazer você comer tudo isso frio.

Antes que seu beijo me impedisse de falar ou pensar, murmurei:
– Café da manhã frio me parece perfeito.

Era quase meio-dia quando estávamos prontos para nos vestir. Hudson tinha se oferecido para me preparar uma banheira, para pôr de molho as minhas pernas doloridas pelo sexo, mas escolhi uma ducha compartilhada, querendo estender nossa intimidade pelo maior tempo possível antes que estivéssemos fingindo para toda a família novamente.

Depois que tínhamos nos secado e nos vestido, Hudson em calça cáqui e camisa polo, eu em um vestido creme, de verão, ele saiu para levar os nossos pratos sujos para a cozinha enquanto eu terminava de me arrumar. Decidi prender o cabelo em um rabo de cavalo, uma opção fácil e rápida, para que pudesse segui-lo rapidamente, embora a ideia de me esconder no quarto pelo máximo de tempo tivesse passado pela minha cabeça. A verdade era que, por mais que eu não quisesse enfrentar Sophia, queria muito mais estar ao lado de Hudson.

Sem saber como me movimentar pela casa ainda, eu segui primeiro para a cozinha, na esperança de que ele ainda estivesse lá. Parei do lado de fora da porta da cozinha quando ouvi vozes, de Hudson e de Sophia.

– Não convidei vocês para que ficassem no quarto durante o dia todo transando como coelhos – Sophia estava dizendo.

Sim, eu não ia entrar ainda. Pressionei meu ouvido contra a porta, escutando.

– Então por que você nos convidou?

A voz de Hudson estava calma, a sua capacidade de dominar suavemente a sua mãe me impressionou. Sophia era a primeira mulher que ele tinha manipulado? Teria Hudson praticado suas habilidades de manipulação com ela? O nosso esquema elaborado para enganá-la era agora um substituto para os jogos que ele tinha praticado com outras mulheres?

Eu não o estava julgando por nada daquilo. Estava apenas curiosa.

– Convidei vocês porque acho que ela, ou qualquer mulher com quem você se envolva, falando nisso, tem o direito de ser protegida. Tem o direito de saber.

– O nome dela é Alayna, mãe. – Ele me surpreendeu com a limpidez de sua voz. – E ela já sabe – disse, rindo bruscamente. – Eu adoro como você acredita que ninguém poderia sentir algo por mim por causa do que fui no passado.

Meu peito apertou, doendo por aquilo que eu sabia que Hudson devia estar sentindo. Brian tinha usado os meus erros para me controlar também, sempre duvidando de que eu pudesse melhorar. A falta de apoio familiar tornava a cura ainda mais difícil.

Talvez Hudson e eu pudéssemos ser fortes um para o outro. Era um pensamento perigoso esse, de colocar muita importância em nosso relacionamento puramente físico, mas a quem eu estava enganando? Eu tinha passado fazia tempo do ponto em que as minhas emoções tinham entrado em cena. Qual era a razão de combatê-las por mais tempo?

Talvez pudéssemos ser... mais.

Eu tinha perdido parte da conversa, absorta nos meus próprios pensamentos, mas a voz mais alta de Sophia me chamou de volta.

– Não consigo entender como você pôde contar isso a ela. E se ela expuser você? Expuser a nós? Nossa família não precisa desse tipo de escândalo.

– Minha vida é mais do que um escândalo esperando para acontecer, mãe.

– Sua vida é uma série contínua de escândalos. Escândalos que seu pai e eu estamos continuamente limpando. Sua prostituta atendente de bar é apenas o próximo escândalo da lista.

Muito embora eu tivesse prometido a mim mesma que não deixaria Sophia me atingir, seu insulto foi como um soco no estômago. Meus olhos arderam, mas, antes que as lágrimas pudessem se formar, a defesa de Hudson suavizou o golpe.

– Não se atreva a falar sobre Alayna assim novamente. Se você fizer isso, eu...

– Descobrimo alguma coisa boa?

Eu pulei para longe da porta, a voz desconhecida de homem, atrás de mim, tanto me surpreendeu como me envergonhou por ser pega bisbilhotando desse jeito. Levei meus olhos até ele e corei ainda mais. O rosto esculpido era mais atraente pessoalmente do que nas fotos que tinha visto na internet, e a semelhança com o filho era tão marcante que parecia quase assustadora, como se eu estivesse vendo Hudson daqui a trinta anos. Ele parecia mais jovem do que os 60 anos que eu sabia que tinha, seu corpo era elegante, com apenas uma ligeira barriga, e suas feições destacavam-se contra o cavanhaque e o longo cabelo grisalho.

O pai de Hudson inclinou a cabeça e coçou o cavanhaque, um gesto que pareceu tão natural que imaginei que ele fazia isso frequentemente.

– Acho que, pela expressão em seu rosto, já deve saber quem eu sou.

– Sim. Jonathan Pierce.

– E você... Hum... Não me conte... – E me olhou de um jeito que eu soube na hora que ele gostara do que vira, mas não me senti cobiçada. – Você é um pouco velha demais para Chandler, e Mira nunca escolhe amigas mais bonitas do que ela. Com isso, sobra Hudson. Eu ouvi um boato de que ele estava namorando alguém, mas nunca imaginei que fosse verdade.

Seu tom era charmoso e agradável, um leve sotaque revelava suas raízes no Texas. O jeito dele me relaxou, embora eu tivesse sido pega em uma situação embaraçosa.

– Eu sou a namorada de Hudson, Alayna Withers. – Estendi minha mão para ele. – Mas, por favor, chame-me de Laynie, sr. Pierce.

Ele pegou minha mão com as dele e a segurou enquanto falava.

– Meus amigos me chamam de Jack, e eu tenho a sensação de que vamos ser grandes amigos. – Então, afagou a minha mão, de um jeito bem no limite entre o legal e o assustador. Quando ele a soltou, acenou com a cabeça em direção à cozinha. – Quem está lá dentro, afinal?

Um sorriso culpado assumiu meus lábios.

– Hudson e sua esposa.

Jack virou a cabeça dramaticamente.

– Por favor, evite me lembrar de que estou casado com essa mulher. – Seus olhos brilharam maliciosamente. – Nós, obviamente, não queremos entrar aí. Você já fez o tour por Mabel Shores?

– Mabel Shores?

– Se Hudson não lhe contou o nome desta casa, certamente não a levou nesse tour. Sorte que estou disponível para ter tal honra. – Ele me ofereceu o braço. – Vamos?

Hesitei apenas um segundo, porque o carismático comportamento de Jack tornava impossível recusar o convite. Além disso, Hudson tinha dito que a nossa farsa tinha sido concebida para convencer aos dois pais. Por isso, passar um tempo com o pai dele só poderia ser benéfico para a causa. E a verdade era que, embora eu soubesse que Hudson me esperava na cozinha, adiar o meu próximo encontro cara a cara com Sophia parecia uma excelente ideia.

Jack calmamente me conduziu através da casa, proporcionando-me curiosidades históricas e arquitetônicas salpicadas com suas ocasionais anedotas. O andar principal continha uma espaçosa sala de estar, biblioteca, ginásio e uma sala de som e TV, bem como dois quartos de hóspedes. A decoração permanecia tradicional por toda parte, mas muito atualizada e elegante.

Ele descartou mostrar-me o andar de cima, afirmando que não havia muito para ver além dos quartos. Nós também evitamos a sala de jantar e a cozinha, saindo pelas portas francesas do escritório, no lado oposto da casa, para explorar o terreno.

Nós conversamos agradavelmente ao longo do tour, o charme de Jack nunca vacilava. Embora ele tivesse mais do que o dobro da minha idade e fosse o pai do meu amante, eu o amei e o seu flerte descarado. Ele era inofensivo, divertido e muito mais agradável do que jamais imaginei que um renomado empresário poderia ser. Foi então que comecei a unir as peças da família Pierce, entendendo a personalidade acolhedora de Mira, agora que conhecera Jack. Eu até mesmo conseguia ver o que Hudson tinha herdado, reconhecendo

que seu magnetismo e suas proezas sexuais vinham de seu pai. E as brincadeiras que Hudson ocasionalmente adotava também eram do seu pai.

Quando tínhamos circulado pela maior parte dos jardins ao leste e estávamos voltando para a casa, Jack ficou um pouco sério.

– Então, você e Hudson... Essa é uma agradável surpresa.

– Não tenho muita certeza se quero saber o que há de tão surpreendente sobre nós.

– Nada de ruim. Hudson não namora muito. Fico feliz em ver que a garota que ele finalmente trouxe para casa é tão encantadora quanto você. Espero que dure.

Eu sorri.

– Obrigada. – Saboreei as minhas próximas palavras quando as disse, apreciando a doçura da honestidade delas. – Eu estou muito afeiçoada a ele. E me apaixonei por ele fortemente.

Jack olhou para mim, lendo o meu rosto.

– Sim, eu acredito que você se apaixonou. Isso é maravilhoso. Verdade.

Sua sinceridade era comovente, e uma onda de emoção subiu ao meu peito. Era bom ter alguém torcendo pelo nosso relacionamento falso. Isto validava a minha crença crescente na possibilidade de existir mais.

No entanto, a minha confiança foi de curta duração quando as palavras seguintes de Jack me lembraram das barreiras que existiam entre mim e Hudson.

– O que Sophia estava dizendo sobre você? Eu estava morrendo de vontade de perguntar.

– Quando? Ah! – exclamei, e me virei, fingindo admirar as flores roxas, que pareciam uvas, revestindo o caminho de paralelepípedos.

Ele insistiu gentilmente, com a compreensão revestindo as suas palavras.

– Não deve ter sido algo muito agradável. Você estava pálida quando a encontrei na porta...

Eu suspirei, pensando na melhor forma de resumir o que tinha ouvido e em como isso me fazia sentir.

– Ela não gosta de mim.

Jack encolheu os ombros.

– Sophia não gosta de ninguém. – Ele não se preocupou em esconder o próprio desprezo pela mulher, e fiquei imaginando como esse homem tinha acabado casando-se com ela. – Mas imagino que ela não goste de você especialmente. É por isso que acho tão delicioso que eu goste.

Balançando minha cabeça, ignorei sua provocação.

– É por minha causa ou por causa de Hudson?

– As razões pelas quais eu gosto de você não têm absolutamente nada a ver com Hudson.

Lancei um olhar severo na direção de Jack.

– Eu estava me referindo à Sophia, sua esposa. Por que ela não gosta de mim especialmente?

Jack coçou seu cavanhaque e voltou a caminhar em direção à casa.

– Não é você.

“Prostituta atendente de bar.” Eu o segui, as observações anteriores de Sophia retumbavam novamente na minha cabeça.

– Sério? Aposto que ela aprovaria Celia nos braços de Hudson.

– Porque ela adora Celia. Sempre adorou.

Nós tínhamos alcançado a varanda na parte de trás da casa, onde Jack fez um gesto para sentarmos. Eu afundei em um sofá confortável e enrolei meus pés debaixo de mim.

– Ela não quer que Hudson seja feliz?

Jack sentou-se na cadeira à minha frente, com uma pequena mesa de madeira nos separando. Foi a vez dele de suspirar.

– Sophia não quer que ninguém seja feliz. Particularmente Hudson. Eles tiveram muitas batalhas durante uma guerra que perdura a vida toda, e ela não é uma mulher que perdoa.

Mais uma vez pensei no meu relacionamento com Brian. Por mais chato que ele tivesse sido ultimamente, eu não podia alegar que não entendia seus motivos. Ele e eu tínhamos vivido nossas próprias batalhas e as feridas que tinham ficado eram profundas. Mas eu não era a filha de Brian. Presumi que a dinâmica entre nós teria sido muito pior se fosse. Além disso, embora o meu irmão pudesse ser um cara dominador, nem ele e nem eu poderíamos nos comparar com essa batalha de vontades que existia entre Hudson e Sophia.

Descansei minha cabeça contra o encosto do sofá e olhei para o teto de textura áspera.

– Então, não há nenhuma maneira de conquistá-la?

– Não. – A resposta foi firme e decisiva.

Se isso fosse verdade, então, o trabalho pelo qual eu tinha sido paga estava fadado ao fracasso desde o início.

– Seu filho parece pensar que existe.

Jack balançou a cabeça tristemente, demorando um longo momento antes de responder.

– Isso é péssimo. Eu achava que ele tinha parado de se importar há muito tempo.

Sua expressão era rude, e pude ver que, embora ele escondesse bem, Jack tinha sido profundamente afetado pela animosidade entre sua esposa e seu filho.

E então a máscara voltou ao lugar, a dor em seu rosto foi substituída por seu temperamento fácil de antes.

– Agora, eu, por outro lado, sou muito fácil de conquistar. E posso lhe dar algumas ideias, se você precisar. – E piscou.

Eu ri, deixando de lado os pensamentos e emoções sombrios que pesavam sobre os meus ombros.

– Mas já conquistei você.

Ele fingiu desapontamento.

– Droga. Eu nunca fui um bom jogador.

– Mas aposto que você ainda ganha muitas partidas.

– Vamos jogar mais tarde e descobrir? – Jack inclinou-se para mim, as sobrancelhas levantadas sugestivamente. – Sozinhos? Na casa de hóspedes? Que tal strip-pôquer?

Eu ri novamente.

– Posso jogar na casa principal, seu senhor safado. Com os outros presentes e todas as nossas roupas.

– Você acabou de matar toda a diversão.

Nós dois estávamos rindo quando Hudson apareceu na porta da casa, seu rosto pareceu ansioso com a visão de seu pai.

– Aí está você. – Ele veio por trás de mim e colocou a mão firme no meu ombro. – Eu estava preocupado e agora vejo que deveria ter estado mesmo.

– Eu estou bem. – Coloquei minha mão sobre a dele e estiquei o pescoço para cima, para encontrar seus olhos. – Jack estava me mostrando Mabel Shores. Eu me diverti bastante.

O tom de Hudson era cético.

– Então, quer dizer que ele não tentou dar em cima de você?

– Não, não tentou. – Sorri para Jack. – Estamos muito bem.

Hudson veio se sentar ao meu lado no sofá, descansando a mão possessivamente no meu joelho.

Como se desafiado pela marcação de território de seu filho, Jack disse:

– Como estava lhe dizendo, Laynie, com a idade vem a experiência. Se você quiser realmente passar um momento incrível...

O aperto de Hudson ficou tenso.

– Eu não gosto disso.

Jack riu, confirmando minha suspeita de que ele gostava de brincar com seu filho.

– Relaxe, Hudson. É apenas uma brincadeira.

Eu desenrolei minhas pernas do sofá e me inclinei para o lado de Hudson, secretamente emocionada com o show de ciúmes que ele havia desencadeado.

– Nós estamos bem, H. Ele sabe que estou perdidamente apaixonada por você. Não é, Jack?

– Eu sei. – Ele fez uma pausa, olhando para Hudson. – Só me pergunto se o meu filho sabe.

Hudson não respondeu, não com palavras, pelo menos. Mas ele olhou para mim por alguns segundos, talvez tentando descobrir exatamente o que havia se passado entre mim e Jack. Ou talvez ele sentisse que seu pai sabia de algo que ele desconhecia, que minhas emoções estavam verdadeiramente ficando mais profundas. Que o meu carinho por ele era real.

O que quer que tenha decidido, puxou-me para mais perto dele e roçou sua bochecha contra a minha cabeça. Ele tinha prometido que suas ações em público seriam todas para o benefício de nosso esquema, mas esta parecia diferente. Quase como se quisesse acreditar que o nosso relacionamento era de verdade também.

— O almoço está pronto. Eu deveria servi-lo aqui fora?

Eu me contorci nos braços de Hudson para ver quem tinha falado e vi uma mulher mais velha na porta da casa. Seu cabelo estava completamente branco, e seu rosto tinha mais rugas do que os de Jack ou Sophia, mas eu suspeitava de que ela estivesse perto da idade deles. Ela limpou as mãos no avental branco que usava por cima do vestido azul simples.

— Millie, você é um anjo – disse Jack. – Aqui fora é uma ótima ideia.

— Eu vou avisar Adam e Chandler que eles devem acompanhá-los. – Não era bem uma pergunta, mas entendi que a declaração dela deu-lhes a oportunidade de objetar, e eles não fizeram isso.

Pouco tempo depois, Adam e Chandler se sentaram conosco na varanda, desfrutando um almoço composto de sanduíches de carnes frias, saladas de frutas e limonada. Mesmo que fosse simples, foi uma das melhores refeições que fiz em anos.

Eu esperei até que minha curiosidade não pudesse ser contida por mais tempo para perguntar por que Sophia e Mira não estavam comendo com a gente. Não que eu quisesse a companhia de Sophia, mas teria gostado de passar mais tempo com a irmã de Hudson.

— Elas saíram para comprar coisas para o bebê – respondeu Adam entre mordidas do sanduíche de presunto. Ele tomou um gole de sua limonada. – Mira queria convidá-la. Ela procurou por você antes de sair, mas não conseguiu encontrá-la em lugar nenhum.

– Que pena... Deve ter sido quando estávamos passeando pelos jardins. Desculpe, Laynie. – Jack não parecia ter nem um pingão de remorso.

Minha resposta à ideia saiu sem filtro.

– Dane-se. Como se eu quisesse ir a algum lugar com Sophia, muito menos às compras. – E cobri minha boca com a mão. – Sinto muito!

Chandler foi o primeiro a cair na gargalhada, acompanhado logo depois por Jack e Adam. Até Hudson deu uma risada.

– Estou totalmente com você nessa – disse Adam, assim que pôde falar.

– Eu acho que a mamãe sente o mesmo por você – replicou Chandler, colocando os pés em cima da borda da mesa. – Ela pareceu ficar contente quando Mira não conseguiu encontrá-la.

– Chandler. – O tom de Hudson foi um aviso.

– Está tudo bem, H. – Coloquei a mão em sua coxa, tendo cuidado para não deixar todos verem o quanto eu gostava de sentir seus músculos rígidos através do material de sua calça. – Sua mãe e eu estamos muito longe de ser amigas. Não é segredo para ninguém.

Hudson assentiu com a cabeça, mas tinha a testa franzida. Ele realmente se importava tanto assim com a opinião de sua mãe? Jack estava certo, isso era péssimo.

Após o almoço, Adam e Chandler me encurralaram para jogar X-Box 360 na sala de multimídia. Hudson espalhou-se no sofá perto de nós, seus grandes relatórios e pastas ocupavam a maior parte do sofá enquanto ele trabalhava em seu laptop. Finalmente, Jack arranhou um baralho e nós jogamos pôquer com pistache por fichas. Como eu tinha

suspeitado, Jack ganhou várias vezes seguidas, porém Chandler também demonstrou um talento surpreendente para o jogo.

Depois de perder todos os meus pistaches em um blefe para o qual Chandler me atraiu, eu me estiquei e olhei para Hudson. Muito embora ele não tivesse participado dos nossos jogos, não me esquecia de que ele estava por perto, sua presença invadia cada parte do meu corpo como um pulso elétrico constante. Às vezes, quando olhava para ele, o que aconteceu muitas vezes, via que ele já estava me olhando. Era o nosso próprio jogo de preliminares secretas: um olhar para o outro, despir um ao outro com nossos olhos. Mais tarde, como pude comprovar, ele cumpriria bem as promessas de seu olhar sexy.

Desta vez, seus olhos estavam grudados em sua tela, os óculos descansando baixo, em seu nariz, enquanto os dedos se moviam sobre o teclado em um ritmo que sugeria que ele estava pensando conforme digitava. Eu fui para trás dele e inclinei-me para descansar meu queixo na curva do seu pescoço, passando os braços ao seu redor.

Ao meu toque, Hudson levantou a mão de seu computador e deu um tapinha no meu braço.

– Fim de jogo?

– Para mim, sim. – Fiquei em pé e esfreguei as mãos ao longo de seus ombros. – Uau, H. Você está tenso. – Ele suspirou enquanto eu massageava com meus dedos os nós de suas costas. – O que o está deixando assim estressado?

Eu esperava que não fosse pelo nosso show de namorada e namorado, muito embora seus músculos tensos pudessem ter sido atribuídos às atividades da noite anterior. O cara havia feito alguns movimentos que deviam ter exigido uma grande dose de força.

– É essa a situação com a Plexis.

Hudson parou de falar, eu sabia que estava decidindo se iria dizer mais ou não. Não era de sua natureza compartilhar, mas pensei que o tivesse convencido sobre falar de negócios comigo. Eu continuei trabalhando em suas costas enquanto esperava, dando-lhe a oportunidade de continuar.

Minha paciência foi recompensada.

– A diretoria está se movimentando para vendê-la. Eu preciso criar uma proposta atraente para convencê-los de que é mais rentável manter a empresa conosco.

Mesmo que ele não pudesse me ver, assenti. Eu estudei a tela sobre a sua cabeça, apreciando os gemidos calmos que escaparam de sua garganta enquanto eu o massageava para eliminar a tensão.

– Você está redistribuindo a produção? – perguntei. Mas não precisava da sua resposta. Eu podia ver, pelo que tinha digitado, que ele estava fazendo isso. – Você ganharia muito mais se transferisse as linhas da América do Norte para a sua fábrica na Indonésia. Você está longe de sua capacidade lá.

– Ah, você é um daqueles tipos que recorrem a demitir norte-americanos para cortar custos.

– Normalmente não – respondi, fechando minha mão em um punho para empurrar a omoplata de Hudson. – Mas você vai perder todas as vagas nos Estados Unidos se não fizer alguma coisa, certo? Perder um pouco é melhor do que perder tudo.

– Isso é – admitiu.

Sorri quando ele mudou seus dados para implementar a minha sugestão, contente por ter oferecido uma ideia que ele tinha aceitado. Massageando um pouco mais para trás, senti o músculo tenso de Hudson perto de relaxar.

– Respire fundo. – Ele fez isso e eu apertei mais uma vez aquele nó, sentindo-o se soltar enquanto eu empurrava.

– Obrigado – disse ele, um pouco impressionado, mexendo os ombros.

Eu sacudi as mãos.

– De nada.

Retornando meu foco para o trabalho de Hudson, notei a folha de especificações técnicas de um novo produto na pilha ao lado dele.

– Além disso... – comecei, estendendo a mão para pegar o pedaço de papel. – Se começar a produzir esta lâmpada mais eficiente na fábrica norte-americana que ficará vaga, você vai manter os postos de trabalho e economizar dinheiro com a nova lei fiscal. E vai ter uma redução de impostos por empregar norte-americanos.

Hudson balançou a cabeça.

– Essa lei só beneficia novas empresas.

– Não, beneficia qualquer produto que não tenha sido produzido antes nos Estados Unidos, sendo nova empresa ou não.

– Eu não acho que isso esteja correto.

Eu tinha ministrado um seminário inteiro sobre o novo código tributário no meu último semestre na Stern. E sabia do que estava falando. Sua oposição era um desafio.

– Você tem uma cópia do código tributário atual?

– No meu Kindle. Embaixo, em algum lugar.

Hudson apontou com a cabeça para as pilhas de relatórios ao lado dele.

Dei a volta ao redor do sofá e comecei a vasculhar entre as pilhas de papel, em busca do aparelho.

– Você não ficaria mais confortável a uma mesa?

Sem olhar para mim, seus lábios se curvaram um pouco quando ele respondeu:

– Eu queria ficar perto de você.

Sua resposta me surpreendeu. Os outros homens na sala não estavam prestando atenção em nós. Ele não tinha dito isso para eles. Ele quis realmente dizer isso.

– Eu gosto de estar perto de você, também – repliquei, quando me recuperei o suficiente para falar.

Não olhei para ele, escondendo o rubor da minha confissão ao procurar o Kindle. Depois que o encontrei, procurei rapidamente a lei a qual estava me referindo e entreguei a prova para Hudson.

– Ora, ora – disse ele, depois de lê-la. – Parece que você está bem informada.

Ele começou a devolver o Kindle para mim, mas parou, estudando-me. Não consegui interpretar o significado daquele olhar, mas a sua intensidade fez o meu peito apertar e minhas coxas aquecerem.

– O que foi?

Hudson balançou a cabeça.

– Nada. – Passando o Kindle para mim, ele perguntou: – Você se importaria de partilhar as sugestões sobre o restante da minha proposta?

Meu coração acelerou, encantado com o convite. Pelo que eu tinha aprendido sobre Hudson, convidar a sua namorada (ou a mulher com quem ele estava dormindo, o que fosse) para trabalhar em um projeto de negócios não era seu jeito típico de agir. Era um território novo para ele, o que o tornava exatamente o território que eu mais gostava de explorar.

Nós passamos o resto da tarde trabalhando juntos, com Hudson jogando ideias para mim enquanto eu pesquisava mais informações quando ele precisava. Embora eu sempre tivesse gostado do mundo dos negócios, não tinha pensado que poderia ser tão divertido, daí a razão pela qual tinha escolhido gerenciar uma boate, em vez de buscar um emprego de escritório. Mas, agora, um trabalho num escritório parecia bastante atraente. Especialmente se esse trabalho incluísse ficar lado a lado com Hudson Pierce. Entretanto, com todos os toques acidentais e olhares marcantes que trocamos, eu duvidava de que conseguíssemos trabalhar juntos por um período prolongado de tempo sem tirar a maioria de nossas roupas. Na verdade, isso só fez o trabalho parecer mais atraente. O saboroso aroma de um assado flutuando da cozinha até a sala fez com que meu estômago roncasse. Eu me espreguicei.

– Está perto da hora do jantar?

Atrás de mim, Mira respondeu:

– Eu estava vindo dizer-lhes que o jantar está servido.

– Não percebi que você estava em casa. Quando voltou?

– Há poucos minutos. Mamãe está com dor de cabeça, mas todo mundo já está esperando na sala de jantar.

– Dor de cabeça, né?

Olhei para Hudson. Eu estava começando a suspeitar de que Sophia estivesse me evitando. Como será que a conversa na cozinha tinha terminado naquela manhã? Hudson teria ganhado a batalha, dando-me alívio das maldades de sua mãe?

– Sim, ela costuma tê-las de vez em quando. – A expressão dele estava tensa, mas não entregou nada além, o que foi suficiente para

tudo que eu precisava saber. Eu teria que recompensá-lo mais tarde pela sua gentileza.

Depois do jantar, Chandler saiu para se encontrar com amigos e o resto de nós voltou para a sala de multimídia. Hudson voltou ao seu laptop e eu pensei que ele estivesse mergulhando de novo no trabalho. Em vez disso, entregou o laptop para mim.

– Tudo bem, Alayna. Diga-me algo que você precisa riscar da sua lista e vamos fazer o download no iTunes.

Intrigada, peguei o seu laptop e descobri que ele tinha baixado a lista dos melhores filmes de todos os tempos. Tentei não sorrir muito, não queria parecer muito surpresa por ele ter se lembrado da minha meta de assistir a todos os títulos na lista. Ele era o meu “namorado” afinal de contas. Ele deveria ter se lembrado, não?

Mas ele realmente não era meu namorado, e achei o gesto estranhamente tocante.

– Você vai assistir também? – perguntei, subitamente preocupada que ele pudesse querer continuar trabalhando sem mim.

– Vou. – Hudson já tinha começado a guardar os relatórios em sua pasta enquanto falava.

Escolhi *Perdidos na noite* depois de descobrir que Hudson não tinha assistido também. Adam cuidou de configurar o filme, em seguida, sentou-se no sofá com Mira. Depois que Hudson limpou sua área de trabalho, deu um tapinha no assento ao lado dele, seu braço estendido e convidativo. Alegremente, afundei-me no sofá ao lado dele, aconchegando-me em seu abraço quente.

Os críticos de cinema classificavam *Perdidos na noite* como o número 43 em seu Top 100. Mas assistir a ele aconchegada a Hudson, este era o meu novo número um.

Quando o filme acabou, todos nós seguimos para os quartos. No nosso quarto, Hudson se sentou na cama, totalmente vestido, e tirou da bolsa o laptop novamente.

Embora ele tivesse abandonado o seu computador durante o filme, contente em me segurar e beliscar pipoca de micro-ondas, ele havia trabalhado a maior parte do dia. Eu o estudei, suas feições intensas parecendo cansadas. Nós ficáramos acordados até tarde, na noite anterior, e não sabia a que horas ele acordara antes de trazer o café da manhã. Mas não seria surpresa descobrir que ele estava enterrado no trabalho naquele momento também.

– H, você é um viciado em trabalho. Vai fazer isso a noite toda?

Hudson sorriu, embora seus olhos nunca tivessem saído da tela.

– Ah, princesa, trabalho não é o que pretendo fazer a noite toda. Mas preciso de alguns minutos para enviar esta nova proposta para o conselho antes de poder dedicar atenção a você. Você se importa?

– Demore o tempo que precisar. Vou me aprontar para dormir. – Diminuí as luzes como ele tinha feito na noite anterior, em seguida, aproveitei sua distração e peguei a camisola sexy que eu tinha trazido comigo antes de ir para o banheiro.

Não me apressei enquanto me despia, aproveitando a oportunidade para me depilar e aplicar hidratante antes de vestir as rendas do *baby-doll* vermelho que eu tinha comprado na sexta-feira à tarde. O decote profundo acentuava meus seios, uma área do meu corpo que Hudson apreciava. Tirei o prendedor do meu rabo de cavalo e deixei o cabelo cair em volta dos meus ombros em uma confusão sedutora. Escovei os dentes e apliquei uma fina camada de *gloss* de morango.

Quando estava satisfeita com a minha aparência, abri a porta do quarto e posei na porta, esperando a reação de Hudson.

Fui recebida com um ronco discreto.

Com as mãos ainda apoiadas sobre seu laptop aberto, Hudson tinha adormecido completamente vestido. Eu suspirei, pensando em como lidar com a situação. É claro que eu o queria acordado, mas ele não teria adormecido se não estivesse realmente acabado. Além disso, era preciso me lembrar de que a noite era a minha hora, e não a dele.

Gentilmente, puxei o computador de sua mão e coloquei-o na mesinha de cabeceira. O movimento não o perturbou nem um pouco, Hudson tinha mesmo apagado. Decidi deixá-lo dormir, mas eu não estava nem um pouco cansada. Eu me perguntei se Jack ainda estava acordado, porque talvez nós pudéssemos jogar mais uma rodada de pôquer, embora ficar a sós com aquele homem não devesse ser uma boa ideia, afinal. Olhei pela janela e vi que a casa de hóspedes estava às escuras. Provavelmente era melhor assim.

Porém, a piscina se espalhava abaixo da minha janela, e de repente um mergulho à meia-noite soou como o paraíso. Eu troquei minha lingerie por um biquíni, vesti meu robe e peguei uma toalha. Em seguida, coloquei meu chinelo e apaguei todas as luzes antes de me aventurar até a parte externa da casa.

A piscina era aquecida e estava incrível, exatamente do que eu precisava naquela noite. Não desfrutava de um mergulho havia meses, desde que tinha deixado o meu cadastro na academia expirar no início do ano. E tinha este lugar inteiro para mim, perfeito.

Dei umas trinta voltas para valer na piscina antes de relaxar em braçadas mais lentas, num ritmo mais calmo. Então, eu me sentei no degrau, na parte rasa da piscina, deixando o meu ritmo cardíaco voltar ao normal enquanto descansava com os pés na água morna.

– Onde está Hudson? – A voz de Sophia me assustou, tirando-me do meu devaneio.

Virei meu corpo e encontrei-a em pé atrás de mim, vestida com o mesmo robe que usara na noite anterior, e, novamente, com um copo de líquido âmbar na mão. Eu me perguntei se ela era alcoólatra ou se a minha presença na casa dela a fazia beber.

– Ele... ele adormeceu. – Saí da piscina e peguei minha toalha, sentindo-me pequena na presença dela.

Essa mulher causava esse efeito em mim, em geral, mas eu também não tinha perguntado a ninguém se podia usar a piscina e fiquei preocupada por ter abusado da hospitalidade da minha anfitriã. Entretanto, Sophia não tinha sido nem um pouco hospitaleira, por isso, talvez esta fosse uma preocupação sem motivo.

Eu olhava para longe dela enquanto me enrolava na toalha, mas a ouvi sentar-se em uma cadeira atrás de mim.

– Ele não ama você, você sabe disso, não?

Eu ouvi, mas não confiei nos meus ouvidos. Virei-me para olhar seus olhos semicerrados.

– Desculpe?

– Ele não pode. – Sophia girou o líquido em seu copo enquanto falava, sua voz envenenada pela dor. – Ele é incapaz disso.

Incapaz. Isso foi exatamente o que Hudson tinha dito. Tinha sido a mãe dele que o obrigara a abraçar essa ideia idiota sobre si mesmo? A hostilidade anterior que eu tinha sentido por ela, quando estivera escutando na porta da cozinha, voltou e se derramou como veneno de meus lábios.

– Talvez você esteja projetando sua própria incapacidade de sentir emoção.

A voz dela tornou-se mais fria, mas manteve-se estável, no controle.

– Suas palavras não podem me afetar, srta. Withers. Esta é a minha casa, Hudson é o meu filho. Sou eu quem detém o poder aqui.

– Dane-se.

A mulher sorriu.

– Ele fez anos de terapia. Terapia intensiva.

Assim como eu. Joguei minha toalha no chão e enrolei meu robe em torno de mim, usando o tempo para ter certeza de que o meu tom de voz estivesse nivelado com o dela quando falei de novo.

– Ele me contou.

– Ah, é? Mas não compartilhou os detalhes. – Sophia se inclinou para a frente, seus olhos foram atingidos por uma das luzes externas, fazendo-os brilhar em vermelho. Ela não poderia ter parecido mais desagradável se tivesse tentado. – Se ele tivesse feito isso, você saberia que Hudson não pode amar ninguém. Ele é um sociopata.

Diagnosticado aos 20 anos de idade.

Com isso, ela me surpreendeu, e a falta de força na minha resposta confirmou isso.

– Hudson não é um sociopata.

Era?

– Ele é traiçoeiro, manipulador, egocêntrico, grandioso, simplista e superficial. Incapaz de sentir remorso. Ele se envolve em relações sexuais casuais e impessoais. – Sophia enumerou todas as características facilmente, como se elas sempre borbulhassem ali, na superfície de sua consciência. – Faça uma pesquisa, ele se encaixa na definição com perfeição. Ele não se preocupa com os sentimentos dos outros. Ele não pode amar ninguém.

– Não acredito nisso. – Mas a minha voz falhou.

– Você é extremamente ingênua.

– E você é extremamente vadia.

Juntei a toalha em meus braços e coloquei meu chinelo, precisando ficar longe dela e de suas acusações horríveis. Mas suas palavras já tinham feito o trabalho. Eu duvidei, e ela sabia disso.

– Ele só está com você pelo sexo. – A mulher se levantou, bloqueando o meu caminho para a casa. – Você é atraente. – E os olhos dela escorregaram para os meus seios. – E é certamente o tipo dele. Hudson parece gostar mais de morenas peitudas.

Eu não tinha nada a dizer em minha defesa. Ele tinha me avisado que a nossa relação era apenas sexo. No entanto, eu estava consciente o suficiente das minhas obrigações quanto ao meu papel, e pelo qual seria paga, então respondi como se fôssemos um casal de verdade.

– Se fosse só sexo, ele nunca me traria para conhecê-la.

O sorriso dela se arregalou.

– Isso é um bônus para ele. Ele pode me irritar e transar com você, tudo de uma vez só. Realmente, não tem nada a ver com você. É sobre mim e meu filho. – Ela deu um passo em minha direção, e precisei de toda a minha força para não me encolher. – Você, srta. Withers, é insignificante.

Eu quis esbofeteá-la e empurrá-la na piscina, ela merecia de verdade as duas coisas. Mas o nosso confronto foi interrompido por Chandler e outros quatro adolescentes vestidos com calção de banho e carregando toalhas, que entraram ruidosamente na área da piscina.

– Mãe? – disse Chandler ao ver as costas de sua mãe. Sophia se afastou e ele encontrou meus olhos. – Laynie? – exclamou surpreso ao

me ver, ou, talvez, por reconhecer o olhar aflito que eu devia exibir. – Eu não sabia que havia mais alguém aqui fora.

– Alayna e eu estávamos nos conhecendo melhor. – Sophia mudava rapidamente de atitude, e tão facilmente quanto Hudson.

Chandler levantou uma sobrancelha com ceticismo.

Eu usei a intrusão dos meninos para fugir dali.

– A piscina é toda sua. Já estou indo.

Sem olhar para trás, corri para dentro da casa pela cozinha, até a ala leste, e não parei até que estivesse junto às portas do nosso quarto.

Então, as lágrimas caíram grossas e pesadas. Eu me encostei contra a parede e deslizei para baixo, sentando-me, incapaz de ficar em pé com o peso da minha dor. Tantas emoções e pensamentos lutaram para ficar em primeiro lugar na minha mente. Os insultos de Sophia tinham magoado, mas o que mais me doeu foi a possibilidade de que ela estivesse certa.

O que eu tinha vivido que pudesse me mostrar o contrário? Nós tínhamos tido momentos, Hudson e eu, nos quais eu acreditava que ele realmente se importava comigo, que ele sentia mais por mim do que apenas atração física, mas e se eu os tivesse imaginado? Eu tinha a minha própria história, de fazer com que momentos sem sentido tivessem mais importância do que eles de fato tinham.

E a descrição dela de um sociopata encaixava-se perfeitamente em Hudson. Eu não precisava pesquisar a definição, porque estivera em sessões de terapia de grupo o suficiente para estar familiarizada com os sinais. Mas nunca tinha associado Hudson com essa definição até que Sophia a destacara. Eu tinha propositadamente ignorado essa conexão?

Ou Sophia estava errada?

Eu passara por terapeutas que haviam me diagnosticado equivocadamente, no começo da minha terapia. E a compreensão de Brian dos meus problemas era bem errada. E se Hudson acreditasse no pior de si mesmo porque Sophia tinha acreditado? Talvez ele nunca tivesse tido uma chance de provar que ela estava errada.

Talvez eu fosse isso para ele: uma chance.

A possibilidade me acalmou, embora eu fosse inteligente o suficiente para perceber o quanto parecia improvável.

Limpei meu rosto com a toalha úmida e me levantei. Respirando fundo, abri a porta tão silenciosamente quanto fui capaz.

– Alayna? – Ouvi Hudson alcançar o interruptor da lâmpada de cabeceira. – É você?

– Sim. – Virei-me em direção à porta enquanto a fechava, dando-me um minuto para me recompor. – Eu não estava cansada, então fui dar um mergulho. – Inspirei profundamente, e então estampeei um sorriso no meu rosto antes de encará-lo.

– Que bom, estou contente por você... – Ele se inclinou para a frente, seu corpo tenso. – Ei, o que há de errado?

– Nada.

Eu era tão transparente assim? Não podia falar com ele, não agora.

– Seus olhos estão vermelhos. Você esteve chorando.

– Não, não. O cloro. Incomoda meus olhos. – Esfreguei os meus olhos inchados, esperando acentuar a minha desculpa.

Hudson inclinou a cabeça, como se estivesse decidindo se eu estava sendo honesta com ele.

Eu não conseguiria suportar seu escrutínio. Se ele me pressionasse, eu quebraria, e precisava acalmar minhas emoções sobre ele e sobre as alegações de sua mãe antes de conversar sobre isso. O que ele

diria, porém? Ou ele negaria, ou não negaria. Se ele negasse, eu poderia confiar nele? Se ele não negasse, também poderia acreditar nisso?

Procurando uma fuga, disse:

– Hum, vou pular no chuveiro.

– Eu vou acompanhá-la.

Não discuti. Mas não conversamos quando entramos no banheiro e nos despimos. Hudson me ajudou a desamarrar a parte de cima do meu biquíni antes de ele tirar suas roupas. Eu pendurei a minha roupa molhada na borda da banheira e entrei no chuveiro, ajustando a temperatura até que estivesse perto de escaldante.

Quando Hudson se juntou a mim, seu pênis já semiereto, o desejo me dominou. Eu não sabia toda a verdade sobre Hudson e sabia muitas verdades contundentes sobre mim, mas, confrontada com seu forte corpo nu e a consciência de que, ele me amando ou não, poderia me sentir melhor, pelo menos por um momento, eu o puxei contra mim com urgência, reivindicando sua boca com uma fome que nunca tinha experimentado antes.

– Alayna? – Ele se afastou, suas mãos firmemente agarradas em meus ombros. – Alguma coisa está errada. Diga-me o que é.

– Eu estou bem. Eu só...

Eu o amava. Era por isso que estava tão destroçada pelo que Sophia dissera. Eu o amava e queria... e precisava... acreditar que Hudson poderia me amar também.

Incapaz de dizer aquelas palavras, não ainda pelo menos, eu me conformei com outra versão da verdade.

– Eu preciso de você.

Hudson sabia que eu estava escondendo alguma coisa, mas concordou.

– Eu estou aqui, princesa. – Então, ele assumiu, dando-me prazer da maneira que só ele podia fazer, satisfazendo-me tão profundamente quanto ele era capaz.

Eu me deixei abandonar naquilo, esquecendo que ele não poderia ser capaz de me amar de outra maneira além dessa: com a sua boca, sua língua e seu pênis.

Talvez isso pudesse ser o suficiente.

Acordei cedo, ciente de Hudson atrás de mim, na cama, trabalhando em seu laptop. Mas não demonstrei que estava acordada, permitindo-me processar os acontecimentos da noite anterior.

Talvez porque fosse um novo dia, ou talvez porque já não estivesse cara a cara com Sophia, os fatos não pareciam agora tão assustadores como tinham sido. A verdade era que, qualquer que fosse a realidade do nosso relacionamento, nada mudava o fato de que eu estava apaixonada por Hudson Pierce. E estar apaixonada por Hudson Pierce me colocava do lado dele, fosse ele capaz de retribuir os meus sentimentos ou não. Ficar do lado dele significava provar a Sophia que seu filho não era o sociopata insensível que ela acreditava que fosse, uma tarefa que podia muito bem ser impossível, mas resolvi dar o meu melhor. Afinal, esse era o trabalho para o qual eu tinha sido contratada.

E, se eu jogasse bem, o trabalho poderia até ser agradável.

Determinada, espreguicei, sentei-me contra a cabeceira da cama e me inclinei para Hudson. Eu precisava tirá-lo de seu computador.

– Bom-dia, princesa. – Ele olhou para mim, parando em meus seios nus antes de voltar seu foco para a tela com um brilho nos olhos. – Você dormiu o suficiente?

– Sim.

O despertador na mesa de cabeceira marcava alguns minutos depois das oito horas. Era cedo para mim, mas eu me sentia

descansada, adaptando-me de algum jeito ao seu horário tradicional de dormir.

Hudson na cama, àquela hora da manhã, era de certa forma surpreendente, mesmo acordado e trabalhando como estava. Eu tinha descoberto, durante o nosso jogo “vamos nos conhecer um ao outro”, que ele geralmente acordava por volta das seis. Eu suspeitei de que, nesta manhã, ele tinha decidido ficar por aqui por causa de meu comportamento na noite anterior. Ele percebera a minha angústia e se importou por eu ter me sentido daquele jeito. Aquilo não mostrava capacidade de amar?

Agora, porém, não era o momento de analisar. Eu arqueei o assunto para refletir mais tarde.

Rocei o ombro dele com meus lábios, correndo os dedos pelo cabelo macio na base de seu pescoço.

– Hudson? Você vai trabalhar o dia todo?

Ele parou de digitar e roçou o queixo áspero contra a lateral da minha testa.

– O meu trabalho incomoda você?

– Não é isso. Mas eu estava pensando... – Inspirei profundamente; em seguida, desembuchei logo de uma vez: – Eu não vi sua mãe ontem. Nós não deveríamos tentar passar algum tempo com ela hoje?

Ele ficou tenso.

– Não sei se isso é necessário.

Eu tinha imaginado que ele estava nos mantendo, sua mãe e eu, longe uma da outra de propósito, que ele pretendia, assim, controlar a animosidade entre nós. Embora apreciasse o gesto, avaliei que era contraproducente. Nós tínhamos ido a Hampton por causa dela.

– Sophia não é a pessoa que nós precisamos impressionar com o nosso fabuloso relacionamento de mentira?

– Estarmos aqui juntos é o suficiente.

Hudson ergueu a cabeça e a voltou para sua tela, o assunto resolvido em sua mente.

Mas não estava resolvido para mim. Eu me movi para ajoelhar-me em frente a ele, exigindo sua atenção.

– Não, não é suficiente. – Ele levantou os olhos para encontrar os meus. – Eu acho que nós deveríamos chegar até ela a toda. Nos exibir bem na cara dela. No entanto, você precisa ignorar o seu trabalho para tornar isso realmente convincente. Mostre-lhe que está tão apaixonado por mim que não consegue nem mesmo se concentrar nos negócios. Você só consegue pensar em mim.

Hudson passou a mão sobre o rosto com a barba por fazer e balançou a cabeça.

– O quê? Não é uma boa ideia?

Ele deu de ombros.

– Pode ser uma boa ideia – respondeu, e então fechou a tampa do seu laptop e colocou-o sobre o criado-mudo. – Mas você realmente deseja passar mais tempo com a minha mãe? Ela pode ser...

– Uma completa vadia?

– Eu ia dizer áspera, mas suas palavras se encaixam tão bem quanto...

Claro que eu não queria passar mais tempo com Sophia. Mas já tinha percebido que ela me odiava ainda mais do que eu a odiava. Passar um tempo com ela traria mais sofrimento para ela do que para mim.

– São apenas mais dois dias. Eu posso lidar com isso.

Hudson estendeu a mão para cobrir o meu rosto.

– Você é muito incrível, sabia? – Seus olhos desceram. – Na verdade, estou achando difícil me concentrar em algo além de seus lindos seios nus.

Ele me puxou para um beijo, enfiando sua língua avidamente em minha boca.

Quando sua mão circulou em volta do meu peito, eu me afastei.

– Não, não, não. Não podemos ficar trancados aqui durante toda a manhã. Nós temos que estar lá embaixo, aos olhos do público. Ou aos olhos de Sophia, pelo menos. A que horas é o café da manhã?

Hudson suspirou.

– Oito e meia.

– Droga, vou ter que tomar banho mais tarde, então. – Pulei da cama e comecei a procurar por roupas na minha mala. – Espero que ninguém se importe por eu estar cheirando a suor e sexo.

Hudson foi até a sua mala.

– Eu não vou reclamar.

Conforme eu puxava uma roupa da mala, lembrei-me da noite do concerto da sinfônica e de como Hudson reagira à minha mão sobre sua coxa.

– Estou avisando desde já, estarei me empenhando ao máximo. – Vesti uma calcinha rosa. – Espere muitas carícias, toques, beijos e mais. – Vesti meu short curto.

Hudson vestiu-se rapidamente também, pondo uma calça jeans, sem se preocupar em vestir a cueca.

– Obrigado pelo aviso. Embora provavelmente deva ser eu a iniciar a maioria das carícias, toques, beijos e mais. – Ele fez uma pausa para

vestir uma camiseta preta simples. – Já que é sobre as minhas emoções que estamos tentando convencê-la, não sobre as suas.

Eu parei. Ele sabia que as minhas emoções eram mais profundas? Ele estava tentando insinuar que sabia?

Não, eu estava lendo muita coisa em suas palavras. Estendi minhas mãos até minhas costas para fechar o meu sutiã.

– Bem pensado. – Virei o corpo para encará-lo. – Mas você pode fazer isso?

– Você está me desafiando?

– Se isso ajudar... – Vesti uma blusa azul sem mangas.

– Não preciso de um desafio. Eu posso fazer isso tranquilamente.

Enfiei meus pés nos chinelos e engoli uma risada, suas palavras pareciam tão fora de sua personalidade. Quando consegui me recompor, olhei para Hudson.

– Então, vamos nessa?

– Vamos nessa.

Deus, ele era adorável.

Chegando a uma sala de jantar vazia, caminhamos até a cozinha onde Millie prontamente nos apontou a varanda antes de se apressar para reunir pratos e talheres para nós. Hudson pegou a minha mão, entrelaçando os dedos nos meus e apertou-a, uma garantia silenciosa antes que pisássemos no campo de batalha. Em seguida, ele me puxou para fora através das portas francesas abertas onde encontramos Mira, Adam, Jack e Sophia já comendo ovos, uma caçarola de batatas, presunto e salada de frutas. Chandler, imaginei, devia estar dormindo por conta de sua tardia aventura noturna. Ele era um adolescente, e dificilmente se esperava que estivesse fora da cama antes do meio-dia.

Sophia notou-nos primeiro.

– Ora, ora, eles conseguiram sair do quarto.

A expressão de Mira, de intrigada, ficou envergonhada quando nos viu.

– Mamãe!

Adam murmurou uma saudação indiferente, consumido com o que ele estava lendo em seu telefone. Jack acenou para nós, adicionando um piscar de olhos, e então se recostou na cadeira, como se estivesse prestes a assistir a algo divertido.

Sophia pôs o garfo no prato e enxugou os lábios com um guardanapo.

– É uma observação perfeitamente justa. Eu não os esperava tão cedo. – Seus olhos me perfuraram. – Especialmente porque Alayna esteve até tão tarde nadando.

Era para ser um lembrete. “Eu estou no controle. Você é insignificante.”

Eu estremei no lugar quando Hudson lançou um olhar para mim, provavelmente percebendo que meu humor na noite anterior tinha sido afetado por causa de Sophia. Ela sabia que eu não tinha contado a ele sobre a nossa conversa, porque, se tivesse, Hudson e eu teríamos provavelmente saído pela porta da rua na primeira hora daquela manhã. Sophia tinha apostado e ganhado a mão. Mas eu ainda tinha cartas para jogar.

Eu mantive minhas feições indiferentes e levantei meu queixo ligeiramente.

– Hudson e eu queríamos ter certeza de que conseguiríamos passar algum tempo com você. – Minhas palavras se espalhavam como mel, mas no fundo eram ardidias como pimenta. – Você está se sentindo

bem para fazer isso? Quero dizer, estava acordada até tarde também. E tinha aquela dor de cabeça desagradável.

– Que seriam poucas se você dispensasse a bebida – observou Jack. Sophia ignorou o marido.

– Estou me sentindo melhor. Obrigada. – O tom duro sinalizava sua falsidade. – E eu nunca me recuso a passar um tempo com meu filho. Por favor, juntem-se a nós.

Na deixa, Millie colocou mais dois conjuntos de pratos e Hudson puxou duas cadeiras para perto da mesa, Mira e Adam ocupavam o sofá. Quando me sentei, espalhei um guardanapo no meu colo e aceitei uma caneca de café de Hudson; um prato de desjejum completo tinha sido colocado na minha frente.

Nós comemos em silêncio por alguns minutos, os ruídos habituais de refeição eram o único som a ocupar o ar. Hudson e eu trocamos vários olhares, ambos ansiosos para demonstrar o nosso suposto romance, nenhum de nós sabendo como fazer isso. Sob a mesa, meu joelho balançava com ansiedade até que Hudson o deteve com uma mão firme. Ele manteve a mão ali, descansando-a, enquanto nós continuamos comendo, minha pele formigava sob seu contato.

Eu fechei os olhos e respirei fundo. O cheiro de flores do verão flutuava no ar, a brisa era quente e agradável. Era um dia lindo em um belo cenário, e a atmosfera descontraíu-me o suficiente para quebrar o silêncio.

– Então. – Esperei até que todos os olhares estivessem sobre mim para continuar. – Quais os planos para hoje?

Mira sorriu como se tivesse ficado grata pela conversa.

– Adam e eu queremos ir à praia. Não é, querido?

– Aham – murmurou ele, sem erguer os olhos do telefone. O que havia com os homens por aqui? Sempre atraídos por seus aparelhos eletrônicos.

Se Mira se importava com a distração de Adam, ela não demonstrou.

– Está um clima perfeito para isso. Podemos relaxar e tomar sol. Millie poderia nos preparar um almoço. Querem vir com a gente?

Eu já estava na propriedade Pierce por mais de um dia e ainda não tinha me arriscado no mar, à beira da propriedade em Hampton. A praia parecia uma ideia maravilhosa.

– Eu topo. Hudson?

Hudson deu um sorriso um pouco grande demais, mas eu fui provavelmente a única a perceber.

– Onde quer que você esteja, baby, eu estarei.

Eu me surpreendi por não recuar com sua demonstração de carinho.

– Hudson, vai entrar areia em seu computador – disse Sophia. – E nós não temos um bom wi-fi lá embaixo. Você não preferiria trabalhar aqui?

A suposição dela de que Hudson passaria o dia todo trabalhando ajustava-se com perfeição no meu esquema. E agora, ele seguiria com a sua parte? Hudson não tinha concordado inteiramente.

Ele abaixou o garfo e olhou diretamente para Sophia.

– Na verdade, eu não vou trabalhar hoje, mãe. – E moveu a sua mão de debaixo da mesa para o meu pescoço, acariciando delicadamente sob o meu cabelo. – Eu prometi a Laynie que lhe daria toda a minha atenção pelo resto da nossa viagem.

Eu teria preferido que ele tivesse falado algo como não conseguir se concentrar no trabalho por minha causa, mas, além de sua versão ser muito mais crível, o uso do meu apelido era perfeito. Até mesmo Adam olhou para cima o tempo suficiente para trocar um olhar surpreso com sua esposa.

A reação de Sophia, porém, foi impagável. Ela ficou boquiaberta.

Por mais que eu tivesse gostado de apreciar cada segundo do choque de Sophia, desviei meu foco para Hudson.

– Obrigada, H.

A minha gratidão estendia-se mais profundamente para além do show superficial que estávamos realizando. Eu gostei que ele tivesse escutado as minhas sugestões, que tivesse me ouvido e agido com base nisso.

Os profundos olhos cinzentos de Hudson apagaram os demais espectadores da minha vista.

– Não é nada – murmurou. – Você vale a pena.

A sua resposta era tão verdadeira quanto o meu agradecimento? Ou ele era apenas um excelente ator?

– Mãe? Vai conosco à praia? – Mira praticamente saltou no sofá, a ideia de um passeio em família tinha tudo a ver com ela.

A expressão de Sophia era imutável, o seu tom de voz o mesmo.

– Claro. Por que não?

Jack deu uma gargalhada.

– Sophia passando o dia na areia? Isso eu tenho que ver.

Novamente, Sophia ignorou seu marido, mas Jack parecia contente do mesmo jeito.

– Adam. – Mira cotovelou o marido nas costelas. – Vá acordar Chandler. Podemos levar o jet ski.

– Hã, tudo bem.

Adam enfiou o telefone no bolso de sua calça cargo de cor cáqui, amassou o guardanapo em uma bola e ficou em pé, parecendo grato pela desculpa para sair da mesa. Ocorreu-me que eu nunca tinha visto Adam em torno de Sophia. Talvez ele tivesse se enterrado no telefone para evitar interagir com ela. Inteligente, o rapaz.

Mira voltou sua atenção para Jack.

– E papai, se você usar uma sunga de novo, eu juro por Deus...

– Tudo bem, tudo bem... – Jack se recostou na cadeira. – Eu vou me vestir como um ancião. Mas só por sua causa, joaninha.

Enquanto a família conversava em volta dela, Sophia, sentada solenemente, calculava com os olhos. Pelo menos, foi assim que eu interpretei o seu olhar apertado, fixo em nada, em particular, sobre a mesa à sua frente, com as mãos entrelaçadas.

– Hudson – disse ela finalmente. – Os Werner estão chegando à casa deles em Hampton esta noite.

– Certo. – Ele cutucou o que restava de seu presunto com o garfo, suas feições as mesmas. – Por que você está me dizendo isso?

Eu coloquei minha mão sobre o joelho de Hudson, preparando-me para o rumo que esta conversa estava tomando.

– Celia está vindo também. – Ali estava, o mulherão de Sophia. – Eu sei quanto tempo passou desde que vocês tiveram algum tempo juntos; portanto, eu a convidei para o almoço de amanhã.

O rosto de Hudson era de aço, a mandíbula apertada enquanto ele soltava o garfo com um tilintar barulhento.

Eu imaginei o meu coração afundando no meu peito, caindo no meu estômago com o mesmo tilintar do garfo no prato. Celia era um ponto fraco em meus planos. Ela alimentava o meu ciúme de forma

absurda e irracional, mas ainda assim real. Para não trair minhas emoções, eu mordi meu lábio. Fortemente.

O rosto de Mira ficou vermelho.

– Mãe! Por que você faria isso?

Jack, que tinha revirado os olhos com o anúncio de Sophia, agora se inclinou para sua filha, seu braço apoiado no seu joelho.

– Honestamente, Mira, esse tipo de comportamento da sua mãe ainda a surpreende?

As sobrancelhas de Sophia se ergueram em inocência fingida.

– O que foi que eu fiz?

Mira gemeu em resposta. Hudson permaneceu em silêncio, a raiva saindo de seu corpo em ondas.

Ou Sophia se deliciava com a raiva de seu filho, ou não a reconheceu.

– De qualquer forma, nós estivemos conversando sobre redecorar os quartos principais. Achei que esta seria uma grande oportunidade para ela mostrar-nos algumas ideias, enquanto revê seu querido amigo. – Ela expôs seu doentio sorriso para mim. – Alayna, você conheceu Celia. Você sabia que ela fez toda a decoração nos escritórios de Hudson e em sua cobertura?

Olhei para Hudson, que mal estava contendo sua fúria.

– Eu sabia.

Tomei um gole de café, preparando minhas próximas palavras. O *loft* acima do seu escritório não era o lugar onde Hudson morava. Eu nunca tinha ido à sua cobertura, mas, é claro, Sophia achava que sim. Qualquer coisa que eu dissesse, teria que refletir cuidadosamente.

– Celia tem bom gosto. Eu acho que ela conseguiu captar o estilo de Hudson muito bem, tanto no espaço de trabalho quanto em sua

casa.

Isso era verdade sobre o escritório e sobre o *loft* dele, de qualquer maneira. Com esperança, isso seria verdade sobre a sua cobertura, também.

– Qual é o seu cômodo favorito?

– Sophia. – O tom de Jack foi um aviso.

Hudson ficou tenso ao meu lado, e eu enfiei uma garfada cheia de ovos em minha boca para protelar a resposta. Hudson tinha dado a entender que nunca levava mulheres ao seu apartamento, o que parecia ser uma boa rede de segurança para mim porque eu não poderia perseguir um homem até sua casa se não soubesse onde ficava. Mas Sophia sabia que ele não levava mulheres para lá? Ela estava tentando me colocar numa armadilha ou eu estava sendo paranoica?

E, debaixo da preocupação em responder corretamente, estava o monstro do ciúme: Celia estivera na casa de Hudson. Era óbvio que tinha estado, se fora ela quem fez a decoração da cobertura...

Engoli a dor amarga junto com meus ovos e dei a Sophia a única resposta que pude, por mais patética que fosse.

– Ah, eu adoro tudo. Nunca poderia escolher um cômodo em especial.

Hudson pegou minha mão que ainda repousava em seu joelho e a cobriu com a dele.

– Você não me disse que tinha gostado mais da biblioteca?

Graças a Deus. Ele havia se acalmado o suficiente para me ajudar com a salvação.

– Só porque tem livros.

Claro que eu amaria a biblioteca, sendo uma ávida leitora.

O sorriso de Sophia era presunçoso.

– Ele quase não tem nenhum livro.

Hudson que explicasse o fato de ter uma biblioteca sem livros.

Ele limpou a garganta.

– Na verdade, nós estamos trabalhando para melhorar isso. –

Troquei um olhar com ele que esperava expressar o meu agradecimento. – Alayna adora livros, por isso comprei alguns desde que nos conhecemos. Você não tem passado por lá há algum tempo, mãe.

– Eu não fui convidada.

– Desde quando isso alguma vez a impediu?

Desta vez o comentário de Jack ganhou uma carranca de sua esposa. Ele respondeu com um encolher de ombros inocente.

Sophia voltou sua atenção para mim.

– Vocês estão vivendo oficialmente juntos, então?

– Não – respondi, enquanto Hudson dizia sim.

Eu procurei os olhos dele, com uma sobrancelha levantada. Dizer que eu vivia com ele era uma grande mentira para não ter discutido comigo antes. E contar isso em público, então, nem se falava.

Seus olhos perfuraram os meus.

– Mas você praticamente está. Assim que seu contrato acabar no próximo mês. Ou mudou de ideia?

Uma bolha de emoção descontrolada subiu no meu peito. Por um momento, pareceu real, como se ele estivesse me pedindo para ser a mulher em sua vida.

Mas não era real. Ao contrário, era uma excelente jogada por parte de Hudson, uma que com certeza irritaria demais a sua mãe. Eu não podia estragar aquilo.

Engoli em seco e sorri timidamente.

– Não, eu não mudei de ideia. Só não sabia que já íamos contar à sua família.

– Mas claro que vou contar a todos. – Ele praticamente brilhou ao sorrir. Deus, ele era bom ator. – É a melhor coisa que já me aconteceu. Jack assentiu com um brilho nos olhos.

– Eu acho que isso é fantástico.

Sophia virou-se para seu esposo e franziu a testa.

– Por que você está aqui, afinal, Jack? Você não passa os feriados com a gente faz anos.

– Mira me convidou.

– Hudson viria e faz tanto tempo desde que tivemos toda a família reunida...

As intenções de Mira eram as melhores. Mas como ela pôde ter vivido naquela família durante toda sua vida sem perceber que nunca seria a família feliz e perfeita que ela tanto ansiava? Eu conhecia todos eles por apenas um minuto e tinha reconhecido a disfunção como um enorme sinal de néon brilhando acima de nós.

Então, falando em disfunção, Mira perguntou:

– Como é a sua família, Laynie? Vocês são próximos?

Respirei profundamente e respondi:

– Na verdade, não. Meus pais faleceram em um acidente de carro causado por embriaguez do motorista, quando eu tinha 16 anos. Meu irmão cuidou de mim, mas agora nós estamos... – Eu não tinha dito essa palavra em voz alta para ninguém ainda, mas era algo honesto e precisava ser dito. – Afastados.

– Ah, não! – Mira levou a mão à boca.

Hudson permaneceu em silêncio, mas levantou uma sobrancelha quando soltou a sua mão da minha e esfregou suavemente as minhas costas. Ele sabia que Brian estivera tentando entrar em contato comigo e provavelmente percebeu que o nosso afastamento era algo recente.

Jack balançou a cabeça lentamente e estalou a língua.

– Espero que o bêbado tenha sido responsabilizado, pelo menos. – Juro que ele olhou para Sophia quando disse bêbado.

Era uma oportunidade para mentir. Eu tinha feito isso antes quando as pessoas tinham perguntado, mas queria dizer isso agora, se para chocar ou para ganhar simpatia, não sabia.

– Você pode ter certeza. O bêbado era meu pai. Ele era um alcoólatra em tempo integral, na verdade.

– Sinto muito – disse Jack, baixinho. – Eu não sabia.

Meus olhos brilharam.

– Isso foi há muitos anos. Aprendi a aceitar.

Eu não conseguia olhar para Hudson. Nunca tinha lhe contado nada sobre meus pais, mas, se ele tinha procurado com afinco até para encontrar as minhas ordens de restrição, provavelmente já sabia disso. Não conseguiria suportar vê-lo olhar para mim com pena.

– Um passado menos do que ideal – disse Hudson alto o suficiente para que todos pudessem ouvir, mas suave ainda assim, seus dedos continuando o padrão de carícia pelas minhas costas. – Isso é algo que Alayna e eu temos em comum.

Eu me virei para ele e encontrei seu olhar sem a piedade que eu temia. Em vez disso, tinha compreensão. Mais e mais percebia que eu era alguém especial para ele por causa deste reconhecimento único que ele via em mim. Nós realmente éramos iguais?

– Não gosto do que você está insinuando – rosnou Sophia.

– Eu não estou insinuando nada, mãe. Estou declarando um fato pouco atraente.

– Mantenha seus fatos pouco atraentes para si mesmo pelo resto do dia, sim? – A fúria em seu tom de voz não era disfarçada. Ela arrastou a cadeira e levantou-se da mesa. – Agora, se vocês me dão licença, vou preparar-me para o nosso passeio pela praia.

Apesar de todas as cartas que tínhamos jogado durante a refeição, Hudson a tinha ferido com um breve comentário, a prova evidente disso estava em sua expressão.

Enviei furtivamente um sorriso de vitória para Hudson, que retribuiu com a mesma alegria brilhando em seus olhos. Esta rodada tinha sido nossa.

A segunda rodada começou quase duas horas mais tarde, nas areias da praia particular, abaixo de Mabel Shores. Levou mais de uma hora para tirar e carregar as cadeiras de praia e os jet skis do galpão de armazenamento até a parte traseira do Ford Raptor da família, que eles usavam para percorrer os 800 metros colina abaixo, até a praia. Millie também fez um almoço para mais tarde e encheu um *cooler* com bebidas.

Sophia estava relaxada quando chegamos à praia, escolhera cochilar enquanto o resto de nós terminava de arrumar as nossas cadeiras e outros itens. Quando estava sentada ao lado de Hudson, sob um grande guarda-sol colorido, eu me convenci de que poderia relaxar e desfrutar da brisa quente e do som rítmico das ondas na areia.

A ideia de serenidade desapareceu quando Adam e Chandler sugeriram um jogo de vôlei de praia.

– Alayna? – Hudson olhou por cima de seu Kindle. – Nós poderíamos formar um time.

– Você joga?

Eu estava prestes a virar a minha cadeira para o Sol e tentar pegar um bronzado, mas poderia ser convencida a competir amistosamente.

Ele fez uma careta para mim, um desafio brilhando em seus olhos.

– Não fique tão surpresa assim. Sou muito habilidoso nesse jogo.

Pude perceber, pelo seu tom, que ele jogava e, como eu sabia que um homem bem-sucedido como ele poderia ser competitivo, imaginei que ele era muito bom.

– Hudson raramente perde – confirmou Jack, ao voltar de um mergulho no mar balançando seu longo cabelo molhado antes de se sentar. – Ele puxou ao seu velho.

Hudson balançou a cabeça de forma quase imperceptível, parecendo não querer creditar que se parecia com seu pai em quaisquer das suas habilidades.

– Fantástico. – Sophia se ajeitou na cadeira, lembrando a todos de sua presença. – Eu estou tentando relaxar aqui e todos vocês ficarão barulhentos, selvagens e perturbarão a paz.

– É para isso que servem as praias – disse Jack por cima do ombro, sem se preocupar em olhar diretamente para sua esposa. – Você poderia voltar para casa, se não gosta disso.

A oposição de Sophia provocou a minha decisão.

– Estou dentro.

Tirei a minha saída de praia e comecei a espalhar protetor solar nas áreas expostas do meu corpo enquanto Adam e Chandler prendiam a rede nos postes permanentes ancorados na areia.

– Esse é o seu traje de banho? – resmungou Hudson ao meu lado. – Você está praticamente nua. Vai distrair os homens que estão jogando.

– Pense nisso como a sua arma secreta.

– Só que um desses homens serei eu. – Ele casualmente se ajustou em seu longo calção azul-marinho.

Dei um sorriso, minhas entranhas derretendo por sua excitação óbvia.

– Mais tarde, garotão. – E isso era uma promessa. – Enquanto isso, você se importaria de passar o filtro nas minhas costas?

Eu me inclinei para a frente e abracei meus joelhos. Hudson pegou o filtro e sentou-se atrás de mim, praticamente me montando. Eu suprimi um gemido quando suas mãos aplicaram o protetor, seus dedos colocando-se mais longamente e profundamente na minha pele, bem mais do que o necessário.

– Adoro tocar sua pele – murmurou ele perto da minha orelha, depois mordiscou meu lóbulo, lambendo-o depois com um golpe suave de sua língua. Foi um gesto muito sexual, que eu não esperava dele na companhia de outros. Ou ele tinha elevado o seu jogo ou não estava mais achando tão fácil compartimentar as coisas, como sempre fazia.

Virei a cabeça para ele, para ver se conseguia ler seu rosto, mas parei o movimento quando vi sua mãe nos observando, com os olhos como fendas estreitas cheias de raiva. Então essa foi a razão por trás de sua exibição. A satisfação subiu ao meu peito, mas, ao mesmo tempo, senti uma onda de decepção. Embora eu gostasse do sofrimento de Sophia, nosso trabalho tinha sido convencê-la a aceitar, não afastá-la. A tarefa era impossível, tinha aceitado isso. Mas sabia que Hudson não tinha, e eu me penalizava pela angústia que sua mãe lhe causava.

– A rede está pronta – avisou Adam, chutando um monte de areia em nossa direção para se certificar de que tinha a nossa atenção.

Hudson levantou-se e estendeu a mão para ajudar-me a levantar ao seu lado. Quando fiquei em pé, ele não me soltou, mesmo enquanto eu puxava a calcinha do biquíni com a minha outra mão, aliviando-me da parte que tinha entrado nas nádegas ao me sentar. Durante todo

o tempo, senti o olhar de Sophia em cima de mim, e sabia que estava no radar dela. Logo, ela dispararia. Senti isso.

– Droga, eu quero jogar – lamentou Mira. – Você sabe que eu seria a melhor jogadora.

– Sim, amor, seria. – Adam se inclinou para esfregar a barriga, saindo por cima da calcinha do biquíni. – Mas eles jogam muito duro, e isso não seria bom para a pequena jujuba.

– Isso mesmo, você tem que proteger o meu primeiro neto – disse Jack, com orgulho.

Sophia olhou para o marido.

– Mas Mira tecnicamente não terá seu primeiro neto, Jack. – E fez uma pausa para assegurar que todos os ouvidos estivessem sintonizados nela. – O bebê de Celia e Hudson reivindica esse título.

Um chiado encheu meus ouvidos e eu me senti tonta, como se estivesse em um carrossel. O bebê de Celia e Hudson. Por quê... O quê...?

Meu choque foi ampliado pela reação de Hudson. Ele não negou. Em vez disso, tentou me puxar para mais perto.

– Alayna – sussurrou.

– Sophia – ouvi Jack silvar. – Como você se atreve a comparar aquilo com o bebê de Mira?

Percebi vagamente que Mira dizia algo, mas não conseguia mais entender nada, exceto a decepção fria que congelava meus ossos. Eu tinha que ir embora, tinha que pensar, tinha que respirar. Puxei minha mão da mão de Hudson e saí, caminhando rapidamente para a praia, longe da família Pierce.

– Foda-se, mãe – disse Hudson atrás de mim antes que eu estivesse fora do alcance de sua voz.

Um bebê. Hudson tinha um bebê. Com Celia. Eu nem mesmo podia lidar com a tentativa de descobrir onde o bebê estaria ou o que acontecera com ele, estava muito aflita só de saber que um bebê havia nascido. Era ridículo. Hudson não era meu, ele nunca fora. Mas um bebê... Era apenas outra maneira de ele pertencer a Celia. Pertencia ao lado de Celia.

Continuei andando quando Hudson me chamou. Mas não fugi dele quando ele correu para me alcançar.

– Estou bem – disse eu, forçando um sorriso. – Estou fazendo o papel de uma namorada ferida.

Ele acompanhou meu passo, mas não tentou me tocar.

– Então por que você está chorando?

Eu esperava não deixar que as lágrimas identificassem minha dor. Limpei-as com a palma da mão, ainda mantendo o meu sorriso no lugar.

– Estou apenas surpresa. – Minha voz estava firme, apesar do falso ânimo que tentava demonstrar. – Eu não sabia que você tinha dormido com ela.

– E não dormi.

– É óbvio que sim.

– Não, minha mãe acha que eu engraidei Celia. Mas não fiz isso.

Suas palavras me fizeram parar, uma bolha de esperança formando-se dentro de mim.

– E por que isso?

Ele passou a mão sobre o rosto antes de responder.

– Porque, quando Celia engravidou, contei aos nossos pais que eu era o pai.

Eu cruzei os braços sobre o meu peito à espera de mais, mas ele não disse nada.

– Você vai explicar?

– Não. – Hudson copiou a minha postura. – Não é relevante.

Eu girei em meus calcanhares, caminhando mais rápido desta vez. Como ele esperava que eu ficasse nesta relação falsa do caralho quando não tinha todas as informações? Talvez eu fosse apenas um peão em seu jogo manipulador. Essa era a única coisa que fazia sentido.

– Alayna, pare.

Ele veio atrás, estendendo a mão. Desta vez, eu me afastei.

– Pare! – Hudson me alcançou e me agarrou com firmeza nos ombros. E me virou para ele. – Eu disse: pare!

– Por que você não pode me contar? – Minhas lágrimas se transformavam em soluços, agora.

– Por que você não confia em mim?

Deixei escapar uma única gargalhada, enlouquecida pela insanidade de seu pedido.

– Isso é engraçado, você me pedindo para confiar em você quando não confia em mim absolutamente nada.

O que eu sabia sobre ele? Além de sua experiência na cama e alguns comentários aleatórios que acabara descobrindo em uma longa viagem de carro, ele não tinha compartilhado nada comigo.

A voz de Hudson se apertou.

– Você sabe mais sobre mim do que a maioria das pessoas.

Parecia uma acusação. Porque eu sabia daquilo, aquela coisa que ele não queria que ninguém soubesse. Mas ele nem mesmo tinha sido

a pessoa a me contar. E era apenas um detalhe do complexo caráter de Hudson Pierce.

– Não – respondi, empinando desafiadoramente o meu queixo. – Eu sei de uma coisa sobre você que a maioria das pessoas não conhece. É diferente.

– É a única coisa que importa.

– Besteira! – Como ele realmente acreditava naquilo... Como podia ser tão cego em pensar que tudo o que importava sobre ele eram os erros de seu passado? Isso partiu meu coração e minha voz falhou quando falei: – Há muito mais em você do que isso.

Eu queria tocá-lo, acariciar seu rosto, fazê-lo perceber isso. Estendi minha mão timidamente em direção a ele, mas Hudson recuou.

– Obviamente, você me conhece – desembuchou. – Se você se sente à vontade para fazer esse tipo de afirmação. – O tom de voz foi desagradável, sarcástico. Ele não acreditava que fosse possível ser mais do que erros. E estava distorcendo as minhas palavras.

Então me afastei dele, pensando. Eu sabia coisas sobre Hudson, coisas que tinha descoberto por passar um tempo com ele e, de fato, acreditava que havia mais em Hudson do que o cara que manipulava as mulheres por esporte. Tinha visto isto nele, sentia quando me beijava e quando estava entre as minhas pernas.

E se eu realmente acreditava na sua sinceridade naqueles momentos, então, tinha que confirmar que confiava nele.

O que significava que estava dizendo a verdade agora, que não tinha gerado um bebê com Celia. Mas, então, por que ele dissera a seus pais que tinha feito isso?

A compreensão socou o meu estômago como uma tonelada de tijolos.

– Foi porque você a ama, não é? – Externar aquilo tornou o fardo ainda mais pesado para mim. – É por isso que você disse a seus pais que o bebê era seu.

– Não!

Seu protesto desafiador me fez girar o corpo para encará-lo.

– Não há nenhuma outra razão lógica.

Assumir uma responsabilidade tão grande por outra pessoa, isso exigia uma conexão emocional. Era a prova de que ele não era um sociopata, que podia se importar com alguém profundamente, mas... Essa compreensão não era nada reconfortante para mim naquele momento.

– Pare com isso, Alayna. – Foi uma voz baixa de comando, que imaginei que poucas pessoas desafiariam.

Mas eu estava determinada a ouvi-lo confirmar a verdade que iria me matar.

– Você está apaixonado por ela.

Hudson jogou os braços para o ar enfaticamente.

– Pelo amor de Deus! Se eu fosse mesmo capaz de ter esse sentimento, Celia não seria aquela por quem eu estaria... – E parou, sua mandíbula fechando-se.

Celia não seria aquela... Suas palavras ecoaram em meus ouvidos como uma música que eu amava escutar.

Ele deu um passo em minha direção. Colocando as mãos nos lados do meu rosto, levantou meu queixo rudemente na direção dele.

– Eu não estou apaixonado por Celia. Prometi que ia ser honesto com você, Alayna, mas não vai funcionar se não confiar em mim.

Eu ainda estava me recuperando do que ele deixara escapar. Celia não seria aquela por quem... O quê? Estaria apaixonado? Então, por

quem? Seria por mim?

Mas ele não estava colocando isso para fora. Por enquanto, sua quase declaração era o suficiente, ela acalmou meus nervos e estabilizou meu coração.

Ele alisou o cabelo atrás da minha orelha, e olhei em seus olhos cinzentos, observando uma ternura que eu não tinha visto antes.

– Eu nunca dormi com Celia. – Seu tom de voz era suave, mas urgente. – Não estou apaixonado por ela. Eu não a engravidei. Confie em mim. – Ainda mais suave, e ainda mais urgente. – Por favor.

– Tudo bem.

Sua testa franziu-se de surpresa.

– Tudo bem?

– Sim, confio em você.

– Você confia?

Pensei em como ficara ansiosa para conseguir a confiança de Brian, e quão decepcionada quando percebera que ainda não a tinha conseguido. Hudson precisava de alguém, precisava que eu acreditasse nele. Eu deveria ter lhe dito que acreditava a cada segundo. Se eu o amava como achava que amava, então, teria que fazer mais para fortalecê-lo.

Sorri para ele.

– Eu confio.

Seu corpo relaxou como se um enorme peso tivesse sido retirado de seus ombros.

– Obrigado. – Beijou minha testa. – Obrigado.

Eu estava envolvida com ele ali, mas não tanto para não ser capaz de observar a estranheza daquele momento, pois estávamos abraçados, trocando garantias que diziam que éramos mais do que

amantes casuais. O que estamos fazendo? Foi isso o que quase perguntei a Hudson, cheguei a sentir as palavras se formando na minha língua, mas não consegui puxar o ar para empurrá-las pelos meus lábios. Ele sentia isso também?

Se ele reconheceu isso, então escondeu de mim, puxando minha cabeça até seu ombro, onde eu não poderia procurar a resposta em seus olhos. E isso era bom. Eu gostava de seu abraço, do calor e da segurança que ele me dava, gostava do que isso significava para nós.

Depois que a possibilidade de falar sobre aquilo passou, ele disse:

– Olhe. Minha mãe está indo embora.

Eu me afastei para olhar para o grupo que nós tínhamos deixado para trás. Com certeza, Sophia com seu chapéu de sol enorme estava andando sozinha em direção à casa. Com ela longe, a ideia de voltar a nos reunir ao grupo tornava-se mais tolerável.

– Devemos voltar.

– Sim, acho que sim. – Um toque de relutância carregava sua voz e seus olhos se voltaram para os meus lábios. – Nós devemos nos beijar e dar uns amassos antes. – Hudson já tinha começado a abaixar o rosto até o meu. – No caso de alguém estar prestando atenção.

Nem tive tempo de concordar antes que uma mão cobrisse o meu pescoço e sua língua começasse a roçar a minha boca. Ao contrário da maioria dos nossos beijos, que eram geralmente reservados para o sexo, este foi doce e singelo. Mas não significava que não tivesse paixão. Hudson chupou, lambeu e mordiscou, primeiro o meu lábio superior e, em seguida, o de baixo. E então sua língua estava dentro da minha boca novamente, penetrando e buscando, circulando a minha em uma espiral preguiçosa.

Hudson tinha rotulado esse beijo como uma demonstração para os nossos espectadores distantes, mas era completamente nosso, uma mistura harmônica de nós dois, tão completamente fundidos que eu não conseguia mais me lembrar onde ele começava, onde eu terminava, o gosto de quem pertencia a qual de nós. E foi mais ainda, foi uma canção de amor sem palavras, uma promessa sem medo. Foi uma faísca, um começo de algo novo.

Nós nos separamos hesitantes, ambos com medo de quebrar o encanto. Então, coloquei minha mão na sua e voltamos aos nossos papéis de namorada e namorado.

Hudson mudou depois disso, talvez porque Sophia tivesse ido embora, mas escolhi acreditar que tinha mais a ver com a fé que eu tinha depositado nele. Ele ficou mais brincalhão e mais alegre. Testemunhei isso pela primeira vez no jogo de vôlei contra Adam e Chandler. Ele dominou habilmente o jogo, como tinha certeza de que dominava a sala de reuniões. Mas, entre as jogadas, ele me surpreendeu batendo as mãos em comemoração e me dando tapinhas de leve na bunda. Não parecia que estivesse dando um show, pois não havia nenhuma necessidade de convencer Adam e Chandler do nosso relacionamento.

Eu acolhi com prazer essa mudança e aceitei-a talvez muito rapidamente. A linha entre o real e o fingimento apagava-se.

Depois que tínhamos ganhado dois sets de vôlei, fomos dar uma volta no jet ski. Hudson conduzia, e eu agarrava-me a ele com força. Ele pilotou com confiança através do mar agitado, e fiquei empolgada com a velocidade, com a proximidade, e como era fácil de apenas estar com Hudson.

E quando nós perdemos o equilíbrio e caímos no mar, ele me agarrou, riu e, em seguida, beijou-me sem piedade antes de colocar o jet ski em posição e me puxar para cima, atrás dele.

– Mais uma vez, princesa? – gritou por cima do motor.

– Sim, mais uma.

Mais tarde, depois que arrumamos as coisas e voltamos da praia, trocamos de roupa e descemos para um churrasco na varanda, que incluía linguiças e salsichas, preparadas por Jack. Sophia alegou mais uma dor de cabeça insuportável e só apareceu momentaneamente para dizer boa-noite, embora eu suspeitasse de que ela realmente tivesse descido para encher seu copo.

Nós terminamos a noite com várias rodadas de pôquer em que Jack limpou todo mundo. E, então, Hudson e eu fomos para o nosso quarto, nossos olhos passeavam pelas paisagens do corpo um do outro à medida que subíamos a escada.

A porta mal tinha se fechado atrás de nós quando Hudson me prendeu contra a parede, seu corpo pressionado contra mim quando tomou meus lábios em um beijo desesperado e faminto, sondando e exigindo com a sua língua até que eu ficasse ofegante em sua boca. Minha cabeça flutuava, a minha calcinha instantaneamente se encharcou com a excitação, mas eu reuni forças para empurrar minhas mãos firmemente contra seu peito.

– Espere, Hudson – pedi, sem fôlego.

– Droga, Alayna, eu preciso comer você. Eu não aguento esperar mais.

Ele mudou de posição novamente, mas virei minha cabeça e sua boca encontrou a minha mandíbula.

– Em breve, H. – Passei correndo por debaixo de seu braço. – Diminua as luzes como você fez na noite passada. – Eu andava de costas enquanto falava, até que bati no armário onde tínhamos enfiado as nossas malas. Hudson tinha pendurado várias peças de roupa e colocado outras nas gavetas, mas eu ainda não tinha me preocupado em desfazer as minhas malas. – Acomode-se na cama. Nu. – Pisquei.

– Ah, você está assumindo o controle – disse ele, inclinando-se na parede com um braço estendido. – Que adorável.

– Não seja condescendente comigo. – Eu me inclinei para dentro do armário para apanhar a camisola vermelha de decote profundo que ele não vira na noite anterior. Quando a achei, amassei-a em uma bola para que ele não pudesse ver e parti para o banheiro.

– Não estou sendo condescendente. Estou com tesão. – Esfregou ao longo da virilha sob seu calção. – Eu já estou duro.

Meus lábios se curvaram em um sorriso perverso.

– Ótimo. Agora faça o que mandei. – Parei no batente da porta do banheiro. – E veja se não cai no sono!

– Então não demore uma eternidade no banheiro.

Sorrindo, fechei a porta. Cheia de antecipação nervosa, eu me troquei na velocidade da luz. O dia tinha sido muito além de maravilhoso e real. Fazia muito tempo que eu não sentia nada mais do que felicidade, e com Hudson, eu sentia. E tinha certeza de que ele sentia também. Nós estávamos nos apaixonando juntos. E, agora, eu queria comemorar esses sentimentos com o meu amante, dando a conhecer as profundezas das minhas emoções com o meu corpo, mesmo que ainda não conseguisse expressá-las em palavras.

Arrumei meus cabelos sobre os ombros, apaguei a luz do banheiro e abri a porta. As luzes estavam baixas, então dei um passo para a

frente, onde ele pudesse me ver.

Hudson estava sentado nu, em cima das cobertas. Ele prendeu a respiração quando me viu.

– Ah, Alayna. Você é fodidamente linda. – E ajoelhou-se sobre a cama. – Acho que vou deixá-la usar isso enquanto eu como você.

Eu estava acostumada com sua conversa atrevida sobre sexo, mas corei de qualquer maneira.

– Venha aqui – rosnou ele.

Eu me dirigi até ele, então, parei.

– Espere, quem está no comando sou eu, lembra-se?

Ele sentou-se sobre seus pés e inclinou a cabeça.

– Então, assumo o comando de uma vez.

Formigamentos espalharam-se do meu ventre por todo o meu corpo, eu estava excitada pela maneira autoritária como Hudson se deixara levar. Ele sempre tinha controlado o nosso sexo, mas estava me deixando assumir, uma escolha que podia até mesmo diminuir o prazer para ele, embora eu esperasse que isso não acontecesse. O que acrescentava um elemento de pressão que me empolgava.

– Sente-se contra a cabeceira da cama. – Meu comando soou mais forte do que eu imaginava.

Hudson sorriu, mas depois fez o que eu mandei.

Jogando meus ombros para trás a fim de parecer mais confiante do que de fato era, e também para mostrar meus seios, caminhei até o pé da cama. Encarando-o, subi e arrastei-me na direção dele.

Mantive meu olhar em seu rosto, observando como seus olhos voavam para cima e para baixo, dos meus olhos para os meus seios, enquanto eu rastejava na direção dele. Minhas mãos arrastaram-se ao longo de seus tornozelos enquanto eu me movia para cima, e depois

rocei seus joelhos, suas coxas firmes. Parei na base de seu pênis, duro como pedra, e mergulhei minha cabeça em cima dele, lambendo ao longo do comprimento com apenas um golpe de minha língua.

As pupilas de Hudson estavam em brasa pelo desejo.

– Faça isso de novo.

Teria sido natural, para mim, ceder ao seu comando, mas eu não estava pronta para abrir mão do meu domínio.

– Talvez eu faça isso.

O sorriso de Hudson se alargou. Ele estava testando o poder do meu controle, e eu tinha passado no teste.

Mergulhei novamente, desta vez beijando ao longo de sua cabeça, meus olhos nunca deixavam os dele. Lambi toda a coroa mais uma vez, saboreando o gosto salgado antes de engolir a sua ereção, passando-a pelos meus lábios e para o calor da minha boca.

Ele deu um gemido.

– Ah, princesa, você me chupa tão gostoso.

Eu o provoquei, afagando e acariciando suas bolas em uma mão, enquanto lambia, chupava e acariciava seu pênis com a minha boca, nunca com um ritmo constante. Logo, ele enfiou seus dedos pelo meu cabelo e começou a me dominar segurando minha cabeça parada sobre o pênis, enquanto ele enfiava na minha boca, estabelecendo o ritmo que desejava.

Eu o deixei manter o controle por apenas um momento, apreciando os grunhidos e gemidos que acompanhavam seus impulsos. Então, puxei o braço dele para liberar o controle sobre a minha cabeça, e levantei o meu corpo, deixando seu pênis escapar da minha boca.

Ele gemeu.

– Você quer mais? – provoquei. – Vai ter que esperar.

Eu subi mais sobre o seu corpo e abri minhas pernas para montar em sua cintura e senti seu pênis firme batendo contra a minha bunda.

Seus olhos se arregalaram de curiosidade.

Espalhei minhas mãos em seu peito nu e me inclinei para tomar sua boca. Seu beijo foi faminto e ansioso, sua língua trabalhava dentro da minha boca. Ele moveu suas mãos para os lados do meu rosto, segurando-me em nossa posição de lábios pregados, mas balancei a cabeça e a soltei.

– O que você quer? – perguntou Hudson, sem fôlego.

Ele estava no limite por ter me permitido controlar a ação. Mas estava disposto a tentar, e isso me gratificou imensamente. Embora não tivesse me dado a sua confiança em outras áreas, Hudson estava me dando aqui. Foi um grande passo para ele e, embora uma grande parte de mim quisesse deixar que me possuísse do jeito que ele queria, continuei comprometida com aquela mudança de papéis, por causa de quanto isso significava para nós dois.

Mas eu estava confusa ao responder à pergunta. O que eu queria?

– Toque em meus seios – disse finalmente.

Hudson enfiou as mãos dentro da seda da minha camisola. Com um agitar de seus polegares, meus mamilos se tornaram pedras, meus seios pesados e sensíveis, enquanto ele os apertava em suas mãos firmes.

Eu me inclinei para lambe seus lábios, mas Hudson desviou a cabeça para o meu seio. Puxando para baixo o tecido de minha camisola, ele pegou a ponta do meu seio em sua boca. Ele chupou e puxou meu mamilo, fazendo um grito raso escapar da minha garganta.

– Hudson, ah!

Uma mão forte escorregou sob a renda fina da minha calcinha e roçou meu clitóris no caminho para a entrada quente da minha vagina. Liberando meu mamilo de sua boca, ele disse:

– Você está tão molhada, princesa. – Lambeu levemente por todo o bico do seio e eu estremei. – Devo enfiar meus dedos em você? Digame.

Hudson era tão bom em transformar a minha mente em mingau, meu corpo mole em suas mãos. Eu cedi ao prazer que ele podia me dar, mas nos meus termos.

– Quero seu pau dentro de mim – falei baixinho, não muito à vontade em dizer essas palavras.

Ele sorriu, mas não se mexeu para atender ao meu pedido. Ao contrário, chupou o meu outro seio, provocando outro gemido involuntário. Então, disse:

– Mas você não está pronta para mim, princesa.

– Estou pronta o suficiente. – Fui mais decidida desta vez. – Eu quero montar em você.

Um lampejo de desejo atravessou seu rosto. Em um movimento rápido, Hudson rasgou as laterais da minha calcinha, tirou o material rasgado debaixo de mim e atirou-o para o lado. Eu tremi com seu ato primitivo, com a luxúria correndo pelas minhas veias como um incêndio. Desesperada para tê-lo, possuí-lo, ergui-me para me equilibrar em cima dele. Peguei seu pau grosso e duro na minha mão e ergui a glândula até a minha entrada molhada, minha excitação aumentou ainda mais quando o seu pênis pulsou com o meu aperto.

– Não consigo imaginar por que mereço isso – disse Hudson com voz rouca, espalhando suas mãos sobre meus seios. – Era eu quem

deveria estar recompensando você por seu ato muito verdadeiro de namorada hoje.

Eu parei. Seu comentário doeu, mas eu não tinha certeza se deveria sentir-me ferida. Ele estava lembrando-me de que o dia tinha sido todo de fingimento? Ou estava tentando provocar uma reação de minha parte? Hudson estava levantando sua guarda, recusando-se a permitir todas as emoções em nosso relacionamento?

Ou quem sabe não sentisse nada do que eu pensava que sentia, e suas palavras eram simplesmente uma declaração do que ele via como uma representação precisa do nosso dia.

Não, isso não era verdade. Eu acreditava com todo o meu coração que algo mais se desenvolvera entre nós dois. Ele podia não ser capaz de admitir isso para mim, ou até para si mesmo, mas eu sabia. Eu sabia.

Deslizei para baixo em seu pênis pulsante, possuindo-o com um suspiro. Ele estava certo, eu não estava totalmente preparada, e aquele pau parecia cheio e enorme. Então me contorci, tentando aliviar a picada de desconforto enquanto o enfiava mais profundamente. Hudson colocou sua mão espalmada ao longo de minha cintura e me empurrou para trás. O ângulo me abriu e eu deslizei para baixo até o talo.

– Caralho – gemeu ele. – Você está tão apertada, Alayna. Tão bom.

Eu levantei meus quadris, erguendo-me em seu comprimento antes de descer novamente.

Hudson moveu-se por baixo de mim, agitando seus quadris, ansioso para dirigir o ritmo, mas eu mantive minha velocidade constante enquanto deslizava suavemente para cima e para baixo na sua ereção de aço. Suas mãos moviam-se inquietamente sobre mim,

percorrendo desde meus seios até as minhas coxas e de lá para os meus quadris, antes que finalmente pousasse a mão na minha barriga e circulasse seu polegar sobre o meu clitóris com uma deliciosa e firme pressão.

– Ah! – gritei, comprimindo e apertando ao redor dele. A sensação deliciosa de seu pênis roçando contra as minhas paredes vaginais, combinada com a atenção que ele estava dando ao meu clitóris sensível, deixou-me louca. Eu estava no limite, perto do orgasmo, embora ainda um pouco incapaz de conseguir a liberação que eu desejava. Lágrimas se formaram nos meus olhos e o suor escorria pela minha pele.

– Estou feliz, Hudson. Você me fez feliz. – Não pude deixar de lhe dizer isso, minhas palavras misturadas com gemidos guturais.

Sob as pálpebras pesadas, os olhos dele perfuraram os meus, brilhando com a intensa necessidade de me foder e arregalados com a minha declaração, com uma nova centelha que iluminava o escuro desejo já contido ali.

– E eu fiz você feliz também. – Isso saiu da minha boca do mesmo jeito que eu desejava que o meu orgasmo indefinido saísse. Percebi o sinal de aviso no rosto de Hudson, mas não consegui deixar de falar mais. – Nós estamos nos apaixonando. Isto somos nós, apaixonando-nos.

– Chega.

Num piscar de olhos, ele me virou para baixo dele, mantendo a nossa ligação conectada em sua virilha. Ele dobrou minhas pernas na altura dos joelhos e empurrou-as para trás, enquanto mergulhou dentro de mim, socando-me com um impulso que parecia querer me rasgar ao meio. Naquela posição, ele me atingia profundamente, mais

profundamente do que jamais tinha estado antes. Hudson queria me punir pelas minhas palavras, por saber que ele tinha se conectado comigo. Mas a punição só confirmou que eu estava certa.

E com essa constatação, juntamente com suas penetrações enlouquecedoras em mim, abandonei-me totalmente para ele, gozando tão violentamente que o meu corpo se rendeu, tremendo incontrolavelmente debaixo dele.

Hudson continuou a meter em mim, atingindo-me bem no meu fundo a cada golpe, até que gozei novamente. Desta vez, ele se juntou a mim, enterrando seu pênis ainda mais fundo quando gozou, meu interior o recebia enquanto ele jorrava seu sêmen quente.

Quando nós dois nos acalmamos, ele rolou de cima de mim e caiu pesadamente na cama ao meu lado. Sem palavras, ele me puxou para a curva de seu braço, fechou os olhos e caiu no sono.

Eu fiquei tensa em seu abraço. Normalmente, ele me abraçava por mais tempo, me acariciava antes de eu adormecer. Mas, eu o tinha desafiado de muitas maneiras naquela noite. Ele precisava de um tempo para processar. Pelo menos, ainda estava me abraçando. Isso tinha que ser um bom sinal.

Levou tempo antes que fosse dominada pelo sono, mas, quando ele finalmente chegou, dormi profunda e tranquilamente.

Pela manhã, acordei sozinha, mas, apesar de me lembrar de que Celia iria nos visitar hoje, me sentia feliz. Até que fui ao armário para escolher uma roupa e encontrei só os meus pertences.

As roupas e a mala de Hudson tinham sumido.

Engoli a acidez que senti subindo na minha garganta e vesti-me em um turbilhão, sem me preocupar com o cabelo, rosto ou sapatos. Só porque as suas coisas tinham sumido não significava que ele também tivesse desaparecido, disse a mim mesma enquanto descia a escada, tentando sufocar o mal-estar crescente. Tinha que haver uma explicação.

Segui o som das vozes e encontrei Mira e Sophia inclinadas sobre a mesa da sala de jantar, examinando vários grandes cartazes espalhados na frente delas. Mira levantou a cabeça quando eu me aproximei e sorriu.

– Bom-d...

– Onde está Hudson? – cortei-a, com os braços cruzados sobre o peito.

Sophia encarou-me por cima dos óculos de leitura.

– Ele saiu com Celia. – Um tom de prazer vinha por baixo de sua declaração.

Mira revirou os olhos e virou o corpo para me dar toda a sua atenção.

– Surgiu alguma coisa nos negócios. Algum tipo de emergência. Ele teve que voar imediatamente para Cincinnati.

– Celia o levou.

– Mãe, honestamente! Pare com isso! – Eu nunca tinha visto Mira irritada e não parecia natural em suas características geralmente suaves e serenas. Mas funcionou para silenciar Sophia. – Celia já

estava aqui para nos mostrar os designs quando Hudson descobriu que precisava viajar. Ela se ofereceu para levá-lo ao aeroporto para que ele pudesse deixar o carro aqui, para você voltar para a cidade quando quisesse.

Ele se fora. Ele havia ido embora. Com Celia.

De repente, o ar da casa parecia sufocante e espesso. Respirar tornou-se uma coisa difícil de fazer. Hudson tinha realmente tido uma emergência de negócios? Ou estava fugindo da nossa conexão emocional do dia anterior? Ele tinha me dito que não mentiria para mim, mas, desta vez, não me dissera nada. Ele simplesmente desaparecera.

E, afinal, aquilo que eu nunca quis enfrentar: quando ele disse que sempre diria a verdade, podia ter sido uma mentira.

Tudo isso era muito doloroso para discutir, especialmente na presença de outros, especialmente na presença de Sophia. Voltar para casa tornou-se minha prioridade número um. Ele tinha deixado o carro para mim.

– Mas eu não dirijo.

Mira deu de ombros.

– Hudson disse que você talvez não quisesse pegar o carro. Martin pode levá-la então.

– Eu não vou abrir mão do empregado que eu pago para...

Mira jogou as mãos para o ar e lançou um olhar penetrante para a mãe.

– Então, eu vou levá-la! Ou Adam ou Chandler.

– Eu levo você.

Eu me virei para encontrar Jack atrás de mim. A gratidão ferveu dentro de mim tão intensamente que as lágrimas se formaram nos

cantos dos meus olhos.

– Obrigada. Dê-me dez minutos para arrumar as malas.

Eu corri para fora da sala antes que alguém pudesse dizer outra palavra. Subindo a escada de dois em dois degraus, eu me apressei para o nosso quarto. Nosso quarto. O pensamento me doía na ausência de Hudson. Depois de arrastar a minha mala para fora do armário, vasculhei ao redor do quarto, pegando itens aleatórios que tinha deixado espalhados nos últimos dias: meu biquíni, meu robe. A camisola vermelha.

Quando tinha saído do banheiro com a minha escova de dentes e outros produtos de higiene pessoal, Mira estava parada no batente da porta.

– Laynie, você não precisa ir embora ainda.

Eu passei por ela e joguei as coisas na mala.

– Fique até amanhã. Nós podemos fazer algo de meninas, ir à manicure e pedicure, se você quiser.

Havia realmente boas pessoas na casa dos Pierce. Eu adorava Mirabelle. E Jack se tornara rapidamente um amigo. Mesmo Chandler e Adam, com toda a personalidade travessa deles, tinham conquistado um pedaço do meu afeto.

Mas a bondade de todos eles era superada pelo horror de Sophia.

E ninguém significava nada para mim perto do que eu sentia pelo filho dela.

– Obrigada, Mira, sinceramente. Mas não posso ficar aqui sem Hudson.

– Eu entendo.

Fechei a minha mala e me levantei para encarar Mira, procurando em seus olhos para ver se ela realmente entendia. Pela suavidade que

encontrei neles, acreditei que ela compreendia.

Talvez ela entendesse até mais do que eu supunha. Respirei fundo e perguntei:

– Ele disse... alguma coisa sobre mim? – Mordi o lábio, envergonhada por deixá-la ver a minha insegurança. – Ou deixou alguma mensagem para mim?

Mira não parecia surpresa com minha pergunta.

– Eu acho que ele ia ligar para você ou algo assim. Você verificou o seu telefone?

O meu telefone... Eu não tinha olhado para ele desde que o enfiara na minha bolsa, no carro, a caminho para cá. Voltei para o armário e encontrei a bolsa pendurada em um gancho dentro da porta. Fuçando dentro dela, rapidamente localizei o telefone.

– Ele está sem carga – disse eu. – E me esqueci de trazer um carregador.

– É um USB padrão? Você pode levar o meu carregador de carro. Eu queria abraçá-la.

– Obrigada, Mira.

– Não é nada. – E ficou observando enquanto eu colocava minha mala em pé. – Martin pode cuidar disso.

– Pode deixar.

Eu não queria esperar e chamar alguém para levar uma mala que eu mesma conseguia levar. Vistoriei o quarto mais uma vez, em seguida, encaminhei-me para a porta.

– Laynie.

Mira me deteve antes que eu tivesse cruzado a soleira da porta.

Foi difícil dar-lhe a minha atenção quando cada fibra do meu corpo queria ir embora. Fiquei tensa quando olhei para seus olhos.

Ela deu um passo em minha direção, seu rosto suave e compassivo.

– Eu sei que ele ama você – disse ela com firmeza. – Sei que ama. Mas ele passou... por coisas... que tornaram muito difícil para Hudson se abrir com alguém, portanto não tome isso como, bem, como uma prova de alguma coisa se ele não conseguir dizer como se sente.

Meus olhos pareceram enevoados. Talvez Mira estivesse tão emocionada quanto eu, mas foi bom ouvir isso dela.

Engoli em seco.

– Eu sei.

– Bom.

– Mas... – Talvez eu nunca mais pudesse ter a chance de ter essa conversa de novo. – Por que você acredita nisso? Quero dizer, o que a faz pensar que ele me ama, ou que ele até mesmo pode amar?

Certamente Mira sabia das coisas que Sophia dizia sobre seu irmão. Que ele era um sociopata, que ele não conseguia sentir nada pelos outros. A não ser que tudo isso tivesse sido a maneira que a mãe dela encontrara para me irritar. Mas eu suspeitava de que havia mais nas alegações dela do que apenas provocação, que suas palavras estavam baseadas em fatos verdadeiros, na opinião de um terapeuta, no diagnóstico de um médico, não sei...

Mira fechou os olhos por alguns instantes e soltou um fluxo constante de ar.

– Eu não sei, Laynie. Ele é diferente quando está com você. Eu nunca o vi do jeito como fica com você ao lado.

– Talvez você veja o que deseja acreditar.

– Talvez – e ela empinou o queixo. – Mas eu não vou desistir dele. E espero que você não faça isso também.

– Não vou. – Mas Hudson já poderia ter desistido de mim. E, se não de mim, de si mesmo.

Lá embaixo, Mira me deixou no hall de entrada para ir pegar o carregador de telefone de seu carro. Jack tinha ido até a garagem para trazer o Mercedes até a entrada circular de carros. Eu andei de um lado para outro, esperando ele aparecer.

Senti Sophia atrás de mim sem vê-la. Esperando que ela fosse embora se eu a ignorasse, mantive meus olhos fixos na calçada da frente. Eu estava errada.

– Você não devia se surpreender por ele ter largado você.

Ainda assim não olhei para ela, mas imaginei o sorriso satisfeito que ela provavelmente exibia, e me imaginei esbofeteando seu rosto. No entanto, a violência nunca machucava tanto quanto uma boa discussão. O problema era que, se eu reagisse à sua isca, ela poderia muito bem vencer. Novamente.

– Eu lhe disse que ele não sente nada... – Sophia era uma guerreira. Boa no jogo. Eu não tinha dúvida de que fora ela quem ensinara Hudson a ser tão bom em seus jogos. – Por ninguém – acrescentou.

– Isso é uma mentira. – Não tinha nenhuma chance contra ela. Sophia conseguiu a reação que desejava. Mas, se eu tivesse de duelar, então colocaria a minha melhor luta nisso. – Eu vi a prova em contrário.

– Por causa do jeito como ele parece amar você? Ele é um bom ator.

Então, me virei para encará-la.

– Não, pela maneira como ele parece amar você. – Cuspi as palavras como se fossem veneno. – Quando não há nenhuma razão para isso. Quando você o alienou, o traiu, o destruiu e fez dele o

homem confuso que ele é hoje, por causa de sua falta de carinho, de apoio e de fé. Se ele consegue continuar a gostar de um pedaço de merda como você, depois de tudo que você fez para ele; então, não tenho nenhuma dúvida de sua capacidade de amar. – Sua vadia do caralho.

Então, abri a porta da frente e saí, rolando a minha mala atrás de mim, aliviada ao ver Jack parando o carro quando saí. Sophia não me seguiu.

Mira tinha dado o carregador a Jack na garagem. Ele o entregou em troca da minha bagagem. Enquanto ele arrumava a minha mala no porta-malas do carro ligado, subi no banco do carona e liguei o carregador no meu telefone antes de prender o cinto de segurança.

Estávamos na estrada antes que meu telefone tivesse carga suficiente para ligar. Eu tinha doze mensagens de texto e quatro mensagens de voz. Abri as mensagens de texto e ignorei as onze de Brian, indo imediatamente para a de Hudson.

“Crise na Plexis. Eu ligo assim que puder.”

Meu coração afundou. Eu deveria estar grata que ele tivesse deixado uma mensagem para mim, mas não merecia mais? Ele tinha me levado a acreditar que sim.

Acessei meu correio de voz com apenas uma tênue esperança. Ele nunca me ligava, e eu duvidava de que qualquer uma das mensagens fosse dele. Escutei por tempo suficiente a primeira delas, para ouvir a voz de Brian; em seguida, apaguei-a imediatamente e pulei para a próxima. Todas eram do meu irmão. Todas foram deletadas sem que as ouvisse totalmente.

Jack foi uma companhia mais atenciosa do que eu poderia pedir. Depois de me pedir para digitar o meu endereço no GPS, ofereceu

bastante conversa leve e agradável para que eu compreendesse que ele estaria lá se eu precisasse. Então, me permitiu chafurdar em silêncio.

Durante quase uma hora, fiquei virando o meu telefone em minhas mãos, abrindo o aplicativo de texto e fechando-o novamente sem usá-lo. Meu antigo eu, a louca e obcecada, já teria enviado uma dúzia de mensagens para Hudson, cada uma mais intensa e cheia de acusações que a outra. Foi necessária toda a minha força de vontade para não fazer isso realmente, mas, na minha cabeça, me permiti compô-las.

“Por que você foi embora? Você está realmente em uma viagem de negócios?”

“Eu não posso mais fazer o trabalho de ser a namorada de mentira. Eu desisto.”

“Por que você não me deixa entrar em sua vida?”

“Eu amo você.”

Finalmente, larguei meu telefone na bolsa, reclinei minha cabeça contra a janela do carro e fechei os olhos. Eu me permitiria enviar uma mensagem de texto bem pensada quando chegasse em casa. Então, iria para uma reunião do grupo. Só tinha que aguentar até lá sem fazer nada estúpido.

Devo ter adormecido porque, quando abri os olhos novamente, estávamos em frente ao meu prédio. Não havia vagas disponíveis ao longo da rua, por isso Jack tinha ligado o pisca-alerta e parado em fila dupla.

Em pé, ao lado da porta do motorista, Jack inclinou-se sobre a parte superior do carro.

– Se você esperar aqui, posso procurar uma vaga em algum lugar e ajudá-la a levar a bagagem até seu apartamento.

Por mais inofensivo que Jack fosse, tê-lo no meu apartamento não parecia uma boa ideia. E eu não precisava de ajuda ou de companhia.

– Pode deixar. Obrigada, no entanto. – Em pé na calçada com minha mala, eu me senti motivada a dizer mais, para expressar minha imensa gratidão. – E obrigada por me trazer até aqui e por... bem, por... – *Por não me tratar como Sophia me trata.* – Por ser tão gentil.

Caramba. Eu estava sufocando novamente.

Ele riu.

– Eu realmente não sou tão legal. Eu só pareço assim em comparação.

Eu não precisei perguntar a quem ele se referia quando falou da comparação.

– Jack. – Eu não deveria segurá-lo quando ele estava estacionado em fila dupla, mas, de repente, tive que saber. – Por que você ainda está casado com ela?

– Eu gostaria de poder dizer que é porque eu me lembro da mulher doce que ela foi um dia, mas ela nunca foi uma mulher doce – disse Jack, e olhou para longe, para o tráfego atrás dele, parecendo não se importar com os carros buzinando ao passar ao lado. – Sophia veio para o casamento com algumas empresas que nos foram dadas pelo pai dela. Eu assumi o controle quando seu pai se aposentou e passei minha vida tornando-as bem-sucedidas. Agora, Hudson as gerencia. Se eu me divorciasse de Sophia, o controle acionário iria para ela. Contanto que nós estejamos casados, ela não se importa com o que fazemos com as empresas. E ela nunca pediu o divórcio, seria muito embaraçoso.

Ele se virou para me encarar.

– Às vezes, me pergunto: se eu tivesse deixado para lá essas empresas, se tivesse me divorciado quando as crianças ainda eram pequenas, eu poderia ter mudado o jeito como são agora? Mas Sophia teria conseguido a guarda compartilhada, no mínimo. E ela poderia tê-los estragado ainda mais, em represálias contra mim. Não é uma situação ideal, mas é o que é.

Não é uma situação ideal... Foi semelhante ao que Hudson tinha dito. Não, não era o ideal, mas era vida.

No meu pequeno apartamento, deixei a mala em pé ao lado da porta e desabei na cama. As lágrimas vieram, longas e constantes. Eu nem mesmo sabia pelo que estava chorando exatamente. Tudo o que eu sabia era que me sentia machucada. Machucada pela forma como Hudson fora embora, por sua relutância em se abrir comigo. Machucada porque a linha que separava nossos relacionamentos de mentira e de verdade tinha ficado tão borrada que não conseguia mais distinguir a diferença entre um e outro. Machucada pelas palavras e pelo ódio de Sophia. Machucada pela mãe que essa mulher tinha sido para seu filho e pelo que meu irmão Brian tinha sido para mim. Machucada pelas coisas que eu tinha feito a Brian, e pelas coisas que Hudson provavelmente fizera à sua família.

Acima de tudo, machucada porque eu estava sozinha e apaixonada. E essa era a pior combinação possível.

Uma hora tinha se passado antes que eu tivesse me acalmado bastante para enviar aquela mensagem que tinha prometido que iria enviar. Era tão inofensiva quanto fui capaz de bolar, uma mensagem que dizia tudo o que eu ousava dizer, com medo de que se escrevesse mais pudesse assustá-lo e fazê-lo se afastar ainda mais. “Eu vou estar aqui quando você voltar.”

Nem mesmo trinta segundos se passaram depois que apertei enviar, quando ouvi uma batida na minha porta. Nós tínhamos um porteiro no hall de entrada, e somente os ocupantes do edifício eram autorizados a subir sem permissão prévia. Mas Hudson tinha influência, não tinha? Ele era a única pessoa que eu conhecia com tal poder.

A esperança de que fosse ele, por mais fraca que fosse, impulsionou-me a ficar em pé e espiar pelo olho mágico.

O homem no corredor usava um terno preto lustroso com uma gravata amarela. Mas o rosto não pertencia a Hudson, pertencia a Brian.

Eu deveria ter sabido que era Brian. Seu nome estava no contrato de locação, e ele tinha sempre permissão para subir. Pressionei meu rosto contra a porta e fiquei me debatendo sobre deixá-lo entrar ou não.

– Abra a porta, Laynie. – As batidas pesadas do outro lado da porta sacudiram meu rosto em sua posição de repouso. – Eu sei que você está aí. O porteiro me disse que você chegou.

Porra. Ele devia ter ficado na cidade, no Waldorf, mais provavelmente. Que merda era tão importante assim que ele tinha que me ver? Talvez eu devesse ter escutado as suas mensagens.

Abri a porta parcialmente.

Ele me empurrou com força. Estava com raiva. Provavelmente porque eu o estivera ignorando.

– O que você está fazendo aqui, Brian? Anda me perseguindo? – A piada me fez sorrir, muito embora os olhos de Brian só tenham ficado ainda mais vermelhos de raiva.

– Você não retornou nenhuma das minhas ligações.

Eu observei como os punhos de Brian se fechavam e se abriam ao lado do corpo. Eu sabia que ele nunca me bateria, pelo menos esperava que nunca fizesse isso, mas já o tinha visto com raiva o suficiente para esmurrar as paredes e fazer furos nelas. Talvez fosse uma coisa boa que o nome dele estivesse no contrato de aluguel, em vez do meu. Ele é que teria que pagar por qualquer dano que fizesse...

Fechei a porta e me virei para Brian com um sorriso falso.

– Ah, você ligou? – A inocência não era geralmente a melhor tática com Brian, mas eu estava exausta demais para pensar em qualquer outra coisa. – Meu telefone estava sem carga e eu estive fora da cidade.

– Sim, fiquei sabendo disso pelo seu chefe na boate.

Deus, ele tinha até mesmo ligado para David. Qual é?

Brian passou a mão pelo cabelo, em seguida, deu um passo em minha direção.

– Você estava com ele, não é?

– Ele, quem?

Mas eu sabia que ele devia estar se referindo ao Hudson. Era a pessoa com quem eu tinha estado, afinal, e David sabia disso. Mas por que Brian se importava com isso eu não conseguia compreender.

Brian bateu com o punho em cima da minha cômoda.

– Droga, Laynie, não faça joguinhos. Isso é sério. – Ele deu mais um passo na minha direção, seus olhos estavam ilegíveis. – Hudson Pierce. Você estava com Hudson Pierce?

– Sim. – Cruzei as mãos sobre o peito. – E com Jonathan Pierce, se é importante. E Sophia Pierce e Mirabelle Pierce e Chandler Pierce. Na sua casa em Hampton. Brian, qual é o seu problema?

Suas sobrancelhas subiram quase tão altas quanto a sua voz.

– Qual é o meu problema? Você é o meu problema. Sempre. Alayna, eu vi você nas colunas sociais. Você está namorando esse cara?

Bem, não. Mas mantive isso para mim mesma.

– Você não pode namorar esse porra desse Hudson Pierce. Por acaso, sabe quem é ele? Você sabe o que é ele?

Por um breve momento, meu peito pareceu que ia explodir. Eu não tinha ideia de como, mas Brian sabia, de alguma forma, sobre os jogos de Hudson com as mulheres e estava preocupado comigo. Eu não tinha sentido essa preocupação por parte dele nos últimos anos. E não percebia o quanto ansiava por isso.

Brian continuou.

– Ele é um maldito gigante, é o que ele é, Alayna. Se você ficar com ele, ou quando você ficar com ele, não serei capaz de arrumar as coisas. Os Pierce são tão grandes que vão a esmagar como a um inseto.

– Espere um minuto, espere um minuto. – Engoli em seco, processando o que Brian tinha dito. – Você não está preocupado comigo, você está preocupado com... Hudson?

– Por que eu deveria estar preocupado com você? – E apontou o dedo indicador na minha direção. – Você é aquela com o histórico de ficar louca pelos caras.

– Saia daqui. – Só consegui emitir um sussurro.

– Assédio, seguir com o carro, invasão de domicílio, perseguições...

– Para cada item enumerado, Brian levantava um dedo.

– Saia – disse com mais força.

Não havia palavras para a profundidade da traição que eu sentia, nenhuma razão para eu sequer me defender contra as acusações dele,

porque meu irmão já tinha me marcado como culpada sem sequer me dar um julgamento justo.

– Você foi ao menos convidada para ir à casa deles?

– Saia daqui, porra! – gritei. – Saia daqui! Saia daqui! Saia!

Ele não se mexeu.

– Meu nome está no contrato, não o seu.

– Então, eu vou mudar o contrato. Ou eu vou me mudar daqui. – Fui até a porta e a abri para ele. – Mas agora eu estou dizendo a você, então Deus me ajude, se você não sair, vou chamar a polícia e, mesmo que isso não me leve a lugar algum, vai pelo menos ocupar sua vida com mais outro incidente embaraçoso de sua irmã. Então, estou falando sério, dê o fora, agora.

– Pra mim chega, Alayna.

Ele ergueu as mãos para cima em posição de entrega. Ainda assim, não se mexeu.

– Saia.

Desta vez, ele deu um passo em direção à porta.

– Estou saindo, mas vou lhe avisar, para mim chega. Nem pense em vir rastejando de volta atrás de mim. – Ele se virou para me encarar depois de cruzar a soleira da porta. – Você está por sua conta nessa merda.

Eu bati a porta na cara dele.

Brian estava fora da minha vida. Fora da minha vida para sempre.

Talvez porque já tivesse chorado todas as lágrimas antes, ou talvez porque simplesmente estivesse cansada desses parentes que sempre desapontavam seus entes queridos quando eles mais precisavam de compaixão e apoio, o suspiro que deixei escapar não foi de frustração, foi de alívio.

David inclinou-se contra a mesa e olhou para o novo sofá de couro marrom do outro lado da sala.

– Você acha que devemos mudá-lo para a outra parede? – Era a quarta vez que ele perguntava desde que eu havia chegado.

Sinceramente, eu não poderia me importar menos com onde colocar o tal sofá. A única razão pela qual eu tinha ido à boate tão cedo fora para ter alguma coisa para ocupar minha mente. Fazia 33 horas desde que eu tinha saído de Hampton, e mais tempo ainda desde que tinha visto Hudson pela última vez, e tudo o que eu queria, agora, era comprar uma passagem de avião para Cincinnati e encontrá-lo, custasse o que custasse.

Mas outra parte de mim, uma que era bem pequena, e surpreendentemente sólida, fez brotar uma calma dentro do meu ser. Ela me fazia acreditar que Hudson estaria de volta. Que ele estaria de volta para mim. Ele sentia algo por mim. Eu sabia que sentia. E talvez essa emoção, mesmo que ele não pudesse reconhecê-la, fosse o suficiente para trazê-lo para mim. Com o tempo.

Era isso que eu esperava.

Se não me agarrasse a esse pequeno fiapo de esperança, eu desmoronaria. Era a única coisa que me impedia de ceder à loucura. Isso e o fato de tentar me concentrar no meu trabalho.

– Está bem assim, David. Deixe-o aí.

– Você tem certeza? Este é o seu estilo, Laynie. Faça-o funcionar.

– Está perfeitamente bem como está.

Eu suspeitava de que a ansiedade de David tinha mais a ver comigo e com o meu estado de espírito do que com a posição do sofá. Ele foi até o móvel e sentou-se.

– É muito confortável também. Venha ver.

Suspirando, joguei o meu relatório de inventário sobre a mesa e me juntei a ele.

– Hum – disse eu, acomodando-me no canto. – Nada mau.

Mas, na verdade, eu estava pensando em como o novo sofá me lembrava daquele do apartamento acima do escritório de Hudson. Tinha sido este o meu encantamento quando o vi no catálogo. Eu amei a forma como ele parecia masculino, com sua rica cor escura, mas também quente e macio com as costas e braços curvados.

Agora, me perguntava se cada olhar sobre a peça de mobília iria trazer à mente pensamentos de um homem que não tinha ligado ou mandado uma mensagem de texto para mim desde o seu desaparecimento.

Meus pensamentos viajaram para o e-mail que eu havia recebido naquela manhã, do banco dele, aquele que controlava os meus empréstimos estudantis, afirmando que a minha dívida fora quitada. E o cartão de crédito, que eu tinha mantido em segredo dele também, tinha aparecido com um saldo negativo zerado. Ter os dois débitos pagos fez todo o negócio parecer acabado.

E eu queria tanto não ter terminado com Hudson Pierce.

– Então, o que está acontecendo em sua cabecinha linda, Laynie?

Eu tinha me perdido em meus pensamentos novamente. Rapaz, que má companhia eu era.

– Um monte de coisas – respondi, sentindo-me mal com o fora, mas não mal o suficiente para dar detalhes sobre a minha resposta.

David assentiu com a cabeça e cruzou as pernas.

– Pierce está bem com o negócio da Plexis?

Virei minha cabeça em direção a ele.

– O que você quer dizer?

As sobrancelhas de David se levantaram.

– Eu imaginei que você soubesse. Estava no jornal hoje de manhã.

– Ele se levantou e se aproximou de sua mesa.

Eu não tinha olhado as notícias naquela manhã. Sabendo que ficaria tentada a perseguir Hudson pela rede, nem mesmo tinha usado meu computador, exceto para verificar meu e-mail depois que Brian tinha saído no dia anterior. Fora difícil lutar contra a compulsão, mas, depois de expulsar o meu irmão, senti um senso renovado de força interior. Então, desliguei o meu computador e passei a noite assistindo a alguns dos filmes da lista dos melhores que eu não tinha visto ainda, enquanto comia um pote de sorvete de chocolate com hortelã. E chorei um pouco mais. No geral, uma noite muito produtiva.

David vasculhou alguns papéis na lixeira.

– Aqui está.

Ele voltou para o sofá e me entregou uma folha dobrada do jornal. Passei meus olhos sobre o artigo que ele tinha apontado. A manchete dizia: “Plexis vendida para DWO”. Olhando superficialmente, eu rapidamente peguei a essência da história. A DWO, uma corporação rival das Indústrias Pierce, tinha convencido os demais acionistas a venderem, apesar de o administrador e acionista solitário Hudson Pierce ter lutado para impedir a aquisição.

Meu estômago afundou. Hudson tinha realmente se importado com a Plexis e com as pessoas que trabalhavam lá. Ele devia estar arrasado pela perda. Não era à toa que tinha fugido para Cincinnati no dia

anterior, ele devia estar fazendo um último esforço para salvar sua empresa.

O que também significava que estava me dizendo a verdade. Ele não tinha fugido de mim. Por que eu era tão egoísta a ponto de acreditar que tudo tinha a ver comigo?

Fechei os olhos e senti o sofá afundar ao meu lado enquanto David se sentava.

– Você gosta dele mais do que deixa transparecer.

– Eu gosto. Eu o amo. – Olhei para ele, recordando como David tinha reagido da última vez que eu tinha falado sobre Hudson. – Não pretendia me apaixonar. Apenas aconteceu.

David sorriu, mas manteve os olhos baixos.

– É assim que geralmente acontece.

Joguei o jornal no chão, coloquei os cotovelos sobre os joelhos e as mãos cobriram o meu rosto. Estranho, era o que isso era. Totalmente estranho.

David recostou-se no sofá.

– E ele está...?

Olhei por cima do ombro na direção dele. David realmente queria conversar sobre isso? Bem, ele estava lá, perguntando.

– Não sei muito bem.

– Isso é uma grande merda. – David se inclinou para a frente. Ele estava tão perto de mim que podia sentir o leve aroma de seu sabonete e o calor de sua respiração. – Para todos os efeitos, vou lhe dizer como eu me sinto: estúpido.

– Estúpido?

Cruzei os braços sobre o meu peito, sentindo-me estranhamente vulnerável tão perto de um cara com quem uma vez estivera

envolvida.

– É – respondeu ele, baixando a voz. – Como é que eu deixei você escapar entre meus dedos?

– David...

Eu não queria isso, não agora. Meu coração, minha mente, meu corpo, todos estavam sintonizados em Hudson. Ele era o único cara em quem eu conseguia pensar agora. Isso me assustava um pouco. Pensamentos únicos sobre alguém – de repente eles podiam ser o início de uma obsessão.

Mas, por outro lado, e eu não tinha certeza porque não sabia por experiência própria, esses tipos de pensamentos não poderiam ser atribuídos a estar apaixonada por esse alguém? Lauren havia dito isso. Enquanto eu permanecesse no controle do meu comportamento, enquanto essa minha afeição continuasse sendo bem-vinda, então, não seria perfeitamente normal eu pensar em Hudson, escolhê-lo dentre todas as outras pessoas? Eu pensei que talvez sim. E esperava que sim.

Eu abri minha boca para falar, para dizer a David que não havia nenhuma chance para nós, mas ele pareceu entender sem que eu tivesse que dizer nada.

Ele suspirou e balançou a cabeça. Então, encolheu os ombros.

– Só achei que você deveria saber.

– Obrigada – falei, por que não sabia mais o que dizer. E porque eu estava grata por ele ter aceitado a minha rejeição tão bem.

David se levantou e estendeu a mão para mim.

– De volta ao trabalho.

Peguei a mão dele e o deixei me ajudar a ficar em pé.

David ficou segurando a minha mão depois que me levantei.

– Mas se você em algum momento estiver no mercado de novo... Mesmo sem Hudson, David e eu não poderíamos ficar juntos. Ele tinha sido uma opção segura, alguém que não me conduziria a comportamentos obsessivos. Mas a segurança significava nenhum investimento emocional sincero. Talvez eu arriscasse demais com Hudson, mas também tinha ganhado algo real em mim.

Mas sorri e disse:

– Vou me lembrar disso, pode ter certeza.

– Podemos nos abraçar?

Concordei e David me puxou para os seus braços. Seu abraço foi... bom. Mais forte do que eu me lembrava, mas não fez o meu coração bater mais rápido. E isso me confortou, mas não me aqueceu até os ossos da forma como os abraços de Hudson faziam. Ainda assim, foi bom, e eu me deixei relaxar em sua bondade.

David se separou primeiro. Abruptamente. Trazendo o punho fechado à boca, ele tossiu, seus olhos correram de mim para um ponto atrás de mim.

Franzi minha testa, confusa por sua atitude estranha e virei-me para ver o que estava atrás de mim.

– Oi, Pierce – disse David, enquanto eu olhava para Hudson.

O sangue foi drenado do meu rosto. O abraço fora inocente, mas eu sabia o que devia ter parecido. E não parecia exatamente inocente, não quando David queria mais que isso, e não quando nós meio que tínhamos ficado juntos no passado. Especialmente, não quando eu não tinha falado a Hudson sobre o assunto.

A expressão de Hudson estava estoica, seus olhos penetrando nos meus. Ele não deixava transparecer nenhuma emoção e isso me apavorou. Não só porque eu não conseguia ler sua reação quanto ao

que tinha testemunhado, mas porque isso significava que ele tinha se afastado ainda mais. Pelo jeito como ele me deixara na última vez em que nos vimos, ele poderia ter esta mesma expressão vazia mesmo que não tivesse acabado de me ver abraçando o meu chefe.

– Eu, hã, vou deixar vocês terem alguma privacidade.

Com o canto do olho, vi David saindo do escritório e fechando a porta atrás de si. Meu foco não saiu do homem na minha frente.

Sozinha com Hudson, na sala, a tensão tornou-se ainda mais palpável. Ele parecia tão dolorosamente lindo como sempre, estava vestido em um terno cinza-escuro com uma gravata azul que fazia seus olhos parecerem mais azuis... Mas não falava nada, não se mexia. Apenas olhava para mim, através de mim.

Engoli em seco, com medo de começar a chorar. Por mais de um dia eu tinha ansiado vê-lo, tinha sofrido pela falta dele. Agora que Hudson estava aqui, tudo estava errado.

– Hudson – comecei a falar, sem saber o que dizer em seguida. Então me lembrei do artigo. – Eu li sobre a Plexis. – Estendi a minha mão e dei um passo na direção dele. – Sinto mui...

Ele me cortou.

– O que está acontecendo entre você e ele? – Seu tom de voz estava uniforme, controlado, mas seu olho direito se contraía.

– Nada – respondi, exalando pesadamente. – David foi, hum... – Sim, aonde eu estava indo com isso? David estava tentando ficar comigo e eu o dispensara, por isso, nós estávamos nos abraçando? – Foi um abraço amigável, isso é tudo.

A mandíbula de Hudson ficou tensa.

– A expressão no rosto dele era muito mais do que amigável. – Hudson deu um passo na minha direção. – Você transou com ele?

– Não!

Seus olhos se estreitaram, estudando-me.

– Mas quase.

– Não.

Só que isso não era bem verdade. Tínhamos chegado muito perto de transar, no passado, até mesmo aqui, neste escritório, na verdade. No entanto, não parecia ser um bom momento para falar nisso. Sem contar que tudo aquilo tinha sido bem antes de Hudson.

– Por que eu não acredito em você?

– Porque você tem alguns sérios problemas de confiança. – Senti uma pontada de culpa, sabendo que a desconfiança dele podia muito bem ser porque ele sentia que eu estava escondendo alguma coisa. Ainda assim, não gostei de ser interrogada desse jeito. E Hudson, de fato, tinha problemas de confiança. – Qual é o seu problema, afinal?

Ele deu um passo na minha direção novamente.

– Eu lhe disse antes – rosnou. – Eu não compartilho.

Uma onda de euforia pulsou através de mim. Ele ainda pensava em mim como sendo sua. Eu me lembrei de quando ele tinha dito aquelas palavras pela primeira vez, e de como isso tinha me excitado loucamente. Por causa de seu rigor, por causa da maneira primitiva como ele me reivindicava como sua.

Agora, no entanto, apesar de isso indicar que eu ainda tinha algo por que lutar, a afirmação atingiu um ponto nervoso em mim.

– Mas eu tenho que dividir você com Celia, é isso?

– Maldição, Alayna. Quantas vezes eu preciso repetir? Não há nada acontecendo comigo e Celia.

Eu me senti desconfortável por insinuar o contrário. Tinha acusado amantes anteriores de me traírem, e várias vezes, mas sempre tinha

sido paranoia da minha parte, por duvidar de que alguém pudesse me amar de verdade. Minhas acusações tinham terminado os relacionamentos, e meu estômago embrulhou por esta possibilidade de novo.

No entanto, ele tinha segredos em relação a Celia. Isso não era a minha mente pregando peças, ele tinha confirmado antes. E tinha me pedido para acreditar que esses segredos não eram relevantes para nós, mas, se ele quisesse a minha confiança agora, teria que me dar a sua.

– E não há nada acontecendo comigo e David.

– Sério? – O tom de voz foi gélido. – Não foi isso que pareceu quando entrei aqui.

Minha visão borrou-se pelas lágrimas.

– Assim como não foi isso que pareceu quando você foi embora com Celia, enquanto eu ainda estava nua na sua cama?

A raiva brilhou nos olhos de Hudson. Ele agarrou meu braço e me puxou em sua direção até que meu rosto estivesse a poucos centímetros do dele.

– Deixar você naquela manhã foi a coisa mais difícil que eu fiz em muito tempo – sussurrou Hudson. – Não trate isso com tão pouca seriedade.

Então, sua boca encontrou a minha antes que eu pudesse digerir o que ele tinha dito, antes que eu pudesse permitir que a doçura de suas palavras fosse absorvida. Ele mordeu e machucou a pele macia dos meus lábios com os dentes, seu beijo áspero e impaciente.

Meu corpo implorou para que eu cedesse à sua paixão exigente, sua boca e língua persuadindo-me a render-me, mas o meu cérebro

ainda se lembrava de nossa discórdia e alertava sobre onde estávamos. Afinal, nós estávamos no maldito escritório da boate!

Afastei-me de seus lábios.

– Hudson, pare.

Mas ele não parou. Ele continuou beijando, descendo para meu pescoço e sua mão encontrou meu seio, que apertou e acariciou rudemente sobre o tecido do meu vestido. Seu pênis se apertou contra a minha coxa e eu o senti endurecer.

– Pare! – falei novamente, empurrando seu peito com as duas mãos.

– Não – rosnou ele no meu ouvido. – Eu preciso comer você.

Agora.

– Por quê? Agora está marcando seu território?

Eu tinha dito isso meio séria, meio brincando, mas ele se afastou e o olhar em seu rosto dizia que era exatamente isso o que Hudson estava fazendo.

Eu me contorci em seu aperto, a náusea vinha em ondas dolorosas no meu estômago.

– Você não me possui, Hudson! Pare de brincar comigo como se eu fosse uma de suas outras mulheres. Não comigo, lembra-se?

– Você acha que eu não sei disso? A cada minuto de cada dia, eu me obrigo a recordar que não consigo conquistá-la. Que não consigo fazer isso com você. – A mandíbula se contraiu. – Mas não significa que eu não queira.

Ele poderia muito bem ter me golpeado, em vez de dizer isso. Muito embora eu tivesse dito a mim mesma que era possível que eu fosse apenas mais uma em sua lista de mulheres com as quais tinha

brincado, eu realmente acreditava que fosse diferente. As lágrimas que tinham ameaçado sair mais cedo agora se derramavam livremente.

– Então, eu sou como as outras.

– Não. Você não é. – Sua voz ficou tensa. – Eu lhe disse antes. Não quero machucar você mais do que preciso para conquistá-la.

Soluçando agora, cuspi:

– Você já fez as duas coisas.

– Porra!

As feições dele foram tomadas pelo horror, como se eu dissesse que tinha matado a sua mãe. Talvez não a sua mãe, mas alguém de quem ele gostasse.

Hudson deu um passo para trás, para longe de mim. Era horrível estar ferida tão profundamente, ver a minha dor ecoar em meu rosto através das torrentes de lágrimas. Eu não conseguia suportar me sentir assim, como se eu o estivesse perdendo. Eu precisava de seu conforto e precisava consolá-lo da única maneira que tinha certeza que ele me permitiria, por isso corri para ele, perseguindo seus lábios com os meus.

Levou apenas alguns segundos para Hudson se entregar a mim, e então ele estava do jeito que eu mais gostava, dominando e no comando. E eu me entreguei a ele.

– Alayna... – rosnou.

Sua mão encontrou meu seio novamente, e ele afastou sua dor para longe enquanto devorava minha boca. Então, passou o outro braço em volta de mim, puxando-me para ele com tanta força que me senti consumida por todos os lados. Mesmo internamente, as chamadas da luxúria me lambiam intensamente, minha excitação atiçada imediatamente com o ataque bem-vindo ao meu corpo.

– Hudson – gemi contra seus lábios, não me importando desta vez que estivéssemos no meio de uma briga ou que a porta do escritório pudesse não estar trancada. – Eu preciso de você também.

Ele sabia do que precisávamos antes, quando eu o empurrara. Ele era um amante tão perfeito, entendia o meu corpo e suas exigências melhor do que eu. Ao submeter-me a ele, tudo se tornava mais fácil. Eu poderia esquecer, nem que fosse por um momento, as barreiras que existiam entre nós, enquanto me levava por um caminho onde nenhuma barreira podia nos separar.

Hudson empurrou meu corpo para trás até que o sofá colidiu contra a minha panturrilha, e um pensamento fugaz como “Ah, sim, vamos batizar o sofá!” passou pela minha cabeça quando ele me soltou para pôr as mãos debaixo de minha minissaia godê e puxar a minha calcinha para baixo dos meus joelhos. Ele me empurrou no sofá, abriu minhas pernas e levantou a minha saia em torno de meu estômago, expondo completamente as minhas partes mais íntimas para ele.

Eu me sentia linda assim: deitada à espera de meu amante, que eu sabia que ia dar e receber do jeito que ele quisesse.

Ele olhou para mim, o desejo turvando seus olhos enquanto tirava o cinto e abaixava a calça apenas o suficiente para soltar seu pênis pulsante e libertá-lo de sua prisão. Por mais rápido que ele se movesse, pareceu uma eternidade antes que ele se deitasse em cima de mim, abrindo minhas pernas com os joelhos, para que ficassem mais afastadas. Em seguida, ele empurrou para dentro de mim com tanta força que engasguei.

Ele meteu com investidas enérgicas, concentrado em sua própria necessidade, seu próprio desejo de alcançar o orgasmo. Mas, mesmo

em meio à névoa de sua luxúria, Hudson me atendeu, seu polegar pressionou habilmente o meu clitóris, massageando-me em direção ao meu clímax.

O ato sexual pode ter sido principalmente físico, mas uma conexão mais profunda resultou da união de nossos corpos. Cada estocada aliviava a dor de suas palavras anteriores, e eu estava certa de que a motivação por trás de cada uma, cada vez mais profunda, era afastar o próprio tormento dele, para libertá-lo da culpa por ter me ferido.

Hudson não me inundou com as suas habituais palavras sexuais, mas dificilmente se poderia dizer que estávamos silenciosos, enquanto eu gemia debaixo dele e ele repetia o meu nome várias vezes, como um mantra, como uma prece. E, então, o som se tornou gutural quando ele gozou numa erupção tão violenta que me levou a gozar com ele e gemer meu grito trêmulo:

– Hudson!

Hudson desabou sobre meu corpo, com a cabeça enterrada no meu pescoço, onde seu hálito quente contra a minha pele parecia tranquilizador. Eu adorei ficar ali, enterrada debaixo dele, com seu pau também enterrado dentro de mim, nosso vínculo era tão frágil que exigia essa conexão carnal. Com a respiração de Hudson tornando-se uniforme, seu corpo ficou relaxado até que seu peso pressionou o meu numa doce agonia.

Quando já estava começando a imaginar que ele tinha adormecido, ouvi-o sussurrar:

– Eu queria conquistá-la. Mas não queria machucar você. – Seu braço apertou-se ao meu redor. – Essa é a última coisa que eu poderia querer.

Eu o compreendi totalmente. Depois de destruir tantas pessoas, depois de arruinar a minha relação com o meu único parente vivo, era impensável me imaginar machucando qualquer outra pessoa. Isto tinha me impedido de tornar-me próxima de alguém por muito tempo. Mas, agora, sentia-me pronta para deixar para trás esse medo, de forma que pudesse ganhar a recompensa da intimidade.

Acaricieei os cabelos de Hudson.

– Isso faz parte dos relacionamentos, H. As pessoas se machucam.
– E beijei sua cabeça. – Mas você pode deixar as coisas melhores também.

Ele levantou a cabeça para encontrar os meus olhos.

– Diga-me como.

Segurando seu rosto com as mãos, eu esfreguei meus dedos em sua pele, que estava áspera pela barba crescida.

– Deixe-me entrar – implorei.

– Você não vê que eu já deixei?

Fechei os olhos, na esperança de deter uma nova torrente de lágrimas. Ele tinha se aberto, sim, mas apenas o suficiente para que eu fosse capaz de deslizar a ponta dos meus dedos pela soleira da porta que ele mantinha tão bem fechada. Era um grande passo para ele.

Mas será que Hudson tinha realmente me deixado entrar? Tudo o que ele compartilhou comigo eu tive que arrancar de seus lábios. Ele não tinha me dado sua confiança. E o que eu tinha não era suficiente para se construir alguma coisa, e, se isso fosse o máximo que a porta abriria, então eu não poderia alimentar a esperança de um futuro para nós.

Engoli em seco e abri os olhos, deixando escapar uma lágrima. Enxugando-a, rolei para sair de baixo dele e puxei minha calcinha

para cima enquanto me levantava.

Hudson suspirou. Então, ouvi o som de seu zíper e, para os meus ouvidos, aquilo era uma metáfora, como se ele estivesse se afastando para longe, fechando-se para mim. Novamente.

Mas, quando ele ficou em pé, passou os braços em volta de mim por trás. Sua voz murmurou em meu ouvido.

– Por que você age como se eu estivesse fugindo?

– Porque você me bloqueia e me afasta. Isso não é o mesmo que fugir?

– E quanto a você? E quando você apareceu em nosso quarto chorando e não conseguia nem me dizer o porquê?

– Isso foi diferente.

Mas talvez não fosse. Eu não tinha contado a ele o que a mãe dissera para mim porque doía muito. Porque eu estava com vergonha.

Hudson me virou para que eu ficasse de frente para ele.

– O que ela lhe disse, Alayna?

Ele tinha lançado o desafio. Se eu quisesse que esse homem se abrisse para mim, eu teria que me abrir para ele, também.

– Que eu era insignificante. Ela me chamou de puta.

Olhei para uma mancha de tinta na parede, incapaz de encontrar seus olhos.

Ele amaldiçoou baixinho.

– Minha mãe é insensível e cruel. – Colocando dois dedos embaixo do meu queixo, virou meu rosto para ele. – Você não é uma puta, Alayna. Nem perto disso. E a magnitude de sua importância na minha vida não pode ser colocada em palavras.

– Ela também disse que você não pode me amar.

Ele congelou. Então, sua mão caiu do meu rosto.

– Eu já lhe contei isso antes.

A dor de sua declaração me atingiu forte nas minhas entranhas. Eu me desvencilhei de seus braços.

– Bem, ela me falou novamente. – Joguei-me para trás, na direção dele. – Aí está, eu me abri. Você está feliz?

– Alayna...

Eu sofria no fundo de minha alma. Foi por isso que eu não tinha dito nada a ele, porque, apesar daquilo que Hudson e Sophia tinham dito, eu acreditava que ele poderia amar. Que ele poderia me amar.

Lágrimas inundaram meus olhos e rolaram pelo meu rosto.

– Como pode achar que eu não me apaixonaria por você, Hudson? Mesmo que você não tivesse intenção de que isso acontecesse, como eu não poderia me apaixonar? – Limpei meu rosto úmido com as costas da minha mão. – E isso significa alguma coisa para você, afinal?

Ele recuou como se eu o tivesse esbofeteado.

– Como pode perguntar uma coisa dessas? Claro que sim. Mas, Alayna, você não sabe se ainda diria isso se me conhecesse.

– Eu conheço você.

– Não totalmente.

– Só porque você não me deixou entrar!

Nós estávamos girando em círculos, indo a lugar nenhum.

Ele abriu os braços para os lados do corpo.

– O que é que você quer saber? Sobre o que eu fazia com as outras mulheres? Sobre Celia? Eu sou a razão pela qual ela ficou grávida, Alayna. Porque eu passei um verão inteiro fazendo-a se apaixonar por mim enquanto eu não sentia nada por ela. Por diversão. Para ter alguma coisa para fazer. E então, quando eu a tinha destruído completamente, ela se tornou autodestrutiva: dormindo por aí com

qualquer um, indo a festas, tomando drogas. O que você perguntar ela fez. Ela nem sequer sabia quem era o pai...

Dei um suspiro, enxugando as lágrimas ainda remanescentes em meu rosto.

– Então, você alegou que o filho era seu.

– Sim.

– Porque você se sentia responsável.

– Sim. Ela perdeu o bebê aos três meses. Provavelmente por causa da bebida e das drogas que vinha consumindo desde o início. Ela ficou arrasada.

– Que horrível...

Eu podia sentir que Hudson se responsabilizava pela morte do bebê de Celia, assim como pela concepção dele. Era muito peso para suportar, muita culpa.

Mas, embora pudesse admitir que Hudson tivera um papel importante nessa situação, isso não me assustou.

– É horrível – repeti. – Mas não entendo. Você achou que isso iria me fazer deixar de amá-lo... Por quê?

Ele sentou-se no braço do sofá e me perfurou com um olhar incrédulo.

– Porque isso muda tudo. Eu fiz isso. É quem eu sou. É o meu passado e é muito feio.

Um soluço ameaçou escapar, mas eu o abafei engolindo em seco. As coisas feias... Havia tantas coisas feias sobre mim que sempre ficavam abaixo da superfície de cada conversa, a cada momento. Elas envenenavam e destruíam. Eu estava bem acostumada ao que era feio.

E partiu meu coração saber que a mesma escuridão assombrava Hudson. Tanto que ele acreditava que a sua história era tão horrível

que poderia mudar as coisas entre nós. Não podia. Não mudou.

Coloquei-me diante dele e apoiei minhas mãos em seus ombros.

– Você acha que a sua feiura é diferente da minha?

– Isso não é como seguir alguém por aí ou telefonar muitas vezes, Alayna.

– Foi uma tragédia imprevista, Hudson. Um jogo que ficou fora de controle. Você não planejou que Celia ficasse grávida e tivesse um aborto espontâneo mais tarde. E você tampouco pode diminuir as coisas que eu fiz com uma declaração simples como essa. Eu feri pessoas. Profundamente. Mas isso foi antes. Um passado menos do que ideal, lembra-se? Mas isso não significa que esse passado venha a definir o nosso futuro. Ou até mesmo o nosso presente.

Hudson soltou um suspiro quente quando seu polegar secou uma lágrima persistente no canto do meu olho.

– Quando estou com você, eu quase acredito nisso.

– Então isso significa que você precisa passar mais tempo comigo.

Ele riu suavemente.

– É isso o que significa? – dizendo isso, ele arrastou o polegar pelo meu rosto para acariciar minha bochecha. – Ontem de manhã, quando recebi o telefonema que me obrigava a estar em Cincinnati, nem mesmo consegui olhar para você, dormindo na cama ao meu lado. Se eu fizesse isso, não teria sido capaz de ir embora.

Meu peito inchou com essa confissão.

– Eu achei que você tivesse ido embora porque entrou em pânico. – Seu olhar perplexo me obrigou a esclarecer. – Por causa daquela coisa do amor...

– Eu não entrei em pânico. Fiquei surpreso, só isso.

– Surpreso?

– Que fosse isso o que estávamos sentindo. – Seu olhar era leve. – Que aquilo fosse amor.

Eu mal podia respirar, com medo de que, se fizesse isso, perturbaria o rumo da nossa conversa.

– Era – engoli. – E é...

– Hum – disse, e sorriu. – Eu nunca senti isso antes. Então, não tenho como saber. – Hudson desceu as mãos nos lados de meu corpo. – Mas, Alayna, eu nunca tive um relacionamento amoroso saudável. Cada mulher que me amou... – A voz ficou tensa. – Eu não quero destruir você, também.

– Você não vai me destruir, Hudson. Eu achei que você pudesse fazer isso no começo. Acontece que você me deixa melhor. E eu acho que faço o mesmo por você.

– Sim, faz.

– Se você decidir não... – Procurei as palavras para expressar o que eu queria dizer. – Seguir em frente... Com seja lá o que for que temos, isso vai machucar. Mas não vai me destruir.

– Mas iria machucar?

– Pra caralho!

– Então, acho melhor seguirmos em frente. – Ele me puxou para mais perto, colocando seus braços em volta da minha cintura. – Alayna, você está despedida. Você não pode mais ser a minha namorada de mentira. – E o rosto ficou sério. – Seja a minha namorada de verdade, em vez disso.

A alegria me atravessou numa velocidade vertiginosa.

– Eu meio que acho que já sou.

– É mesmo.

– Ainda posso chamá-lo de H?

– Absolutamente não.

Hudson virou sua boca para encontrar a minha e me beijou com lábios doces e macios, mas apaixonados.

Eu não sei quanto tempo ficamos ali assim, sentados no braço da cadeira, com o corpo dele abraçado ao meu, beijando-nos. O tempo era irrelevante naquele momento que nós estávamos compartilhando.

Finalmente, quando me lembrei de que a casa noturna abriria em breve e que eu ainda tinha um turno para trabalhar, afastei meus lábios dos dele e fiz a pergunta que sabia que estava queimando em nossas mentes.

– E agora?

Um lado da boca de Hudson curvou-se para cima em um sorriso sexy.

– Venha para minha casa depois que terminar aqui.

Sim. É claro que sim!

– Mas não saio até as três.

– Não me importo. Eu quero você na minha cama.

– Então, sim.

Com grande relutância, me afastei dele. Eu ofereci a minha mão para ajudá-lo a ficar em pé, e ele a pegou, levantando-se daquele jeito elegante dele. Então, soltou a minha mão, puxou a parte de trás de seu paletó e ajustou a gravata, transformando-se de novo no homem que a maioria das pessoas conhecia: Hudson Pierce, o dominador do mundo dos negócios.

Eu o observei, fascinada, ainda em choque porque esse homem era meu. Meu. Aquela era a primeira vez que eu tinha dito isso para mim mesma, e parecia tão maravilhoso que achei que nunca conseguiria me cansar de dizer: meu, meu, meu.

Seus olhos vasculharam o ambiente enquanto abotoava seu paletó.

– Belo sofá – comentou, como se o tivesse notado pela primeira vez.

– Obrigada – ri.

Ele me observou maravilhado, antes de arrumar o meu cabelo e endireitar a gola do meu vestido. Em seguida, segurou minhas mãos nas dele.

– Diga a Jordan para levá-la até a Bowery. Ele sabe onde é.

– Não mais ao apê da transa? – Minha voz pareceu estranhamente alta, misturada com surpresa e emoção.

– Não. Minha casa. Vou deixar a chave com o porteiro.

Eu não tinha estado em nenhum outro lugar além do *loft* com ele e nem mesmo sabia onde Hudson morava. Tinha achado que isso era uma coisa boa antes. Mas, agora que ele tinha me convidado, não havia nenhum outro lugar onde eu gostaria de estar.

E, além disso, eu estava pronta... Pronta para parar de ter medo de cometer erros, pronta para me permitir ser realmente curada do meu passado, pronta para começar de novo e sem medo de arrependimento.

Enlaçando meus dedos nos dele, soltei uma risadinha. Desde quando eu dava risadinhas?

– Nós estamos realmente fazendo isso, não estamos? Seguindo em frente?

– Estamos.

Ele me puxou para outro abraço, aparentemente tão incapaz de me deixar ir como eu me sentia incapaz de deixá-lo ir. Tão obcecado por mim quanto eu estava por ele.

– Vou agitar seu mundo – disse no ouvido dele antes de chupar seu lóbulo.

Ele mordiscou meu pescoço, inflamando meu desejo mais uma vez.

– Mal posso esperar – disse ele.

– Nem eu.

A história de Hudson e Alayna continua nas sensuais sequências:

Com você

Sempre você

AGRADECIMENTOS

Se eu pensar em quantas vezes preparei este texto em minha cabeça, escrevê-lo deveria ser fácil. Mas, ainda assim, enquanto estou sentada aqui, me preparando para agradecer às pessoas que ajudaram a fazer deste livro uma realidade, sinto-me sufocada pela missão.

Respire fundo e comece por algum lugar.

Primeiro, uma imensa gratidão pelo meu marido, que me deixou levar o tempo que precisasse para escrever, e que, embora sentisse minha falta quando eu estava no meu mundo dos livros, nunca me pressionava para voltar (quase nunca). Não importa quem seja o personagem principal, amado, ele é sempre você.

Para minhas filhas que, de alguma maneira, conseguiram crescer e prosperar apesar de minha frequente falta de atenção. Vocês são a luz de minha vida. Obrigada por permitir que mamãe se tornasse uma pessoa, também.

Para minha mãe, que sempre me encorajou, e ainda se sente orgulhosa, apesar da temática de meus livros.

Para Bethany pelo copidesque, você é realmente uma salva-vidas, e por me lembrar sempre: “Não é aqui que esta história começa.” E por suas cartas (que guardo com carinho), e por ser uma torcedora incansável, enquanto ainda me dava orientações válidas que sempre se mostravam verdadeiras. Me alegra saber que pude levar um pouco de magia a sua hora do banho.

Para Sophia, pela capa, que é exatamente o que eu queria. Mas ainda por muito mais: pela motivação, pelo amor, pela força. Você me ensinou mais sobre o mundo editorial do que qualquer um, e não

consigo nem mesmo começar a expressar o meu agradecimento. Ainda assim, vou tentar: obrigada, obrigada, obrigada.

A Robyn, por ser a pessoa das ideias em minha vida. Apesar de nem sempre aceitar seus conselhos, eu sempre os agradei e acolhi com carinho. Você é brilhante. Quero dizer, pirulitos com chiclete? Genial!

Para Tristina: você é como um pai ou mãe substitutos para todos os meus livros, nenhum deles estaria nem próximo de poder ser enviado ao mundo sem suas sábias colocações e sua dedicação em ler cada uma das versões. Se alguém perguntar, Hudson é seu.

Para Robyn, Jackie, e Lisa. Cada uma de vocês adicionou muitas camadas diferentes e queridas a este livro. Obrigada por dedicarem às minhas palavras seu precioso tempo.

Para Alessa, sua transparência e suas respostas às minhas intermináveis perguntas foram mais do que qualquer pessoa poderia pedir. Você é uma deusa em meu livro.

Para a WRAHM Society, uma resposta adequada a todas estas incríveis mulheres daria lugar a outro livro. E a uma grande quantidade de bebida, e fotos safadas. Vocês, amigas, são o apoio e as companheiras que eu estivera procurando. Gen, obrigada por criar esse grupo, ele mudou a minha vida.

Para Bob Diforio, meu agente. Não são muitos os agentes que estão juntos em uma autopublicação. Obrigada por ter mente aberta e me apoiar nessa decisão.

Para Julie e a AToMR Tours. Vocês valem muito mais do que recebem. Obrigada por ajudar a colocar este livro por aí.

Para Joe, meu melhor amigo. Você viveu todos os altos e baixos, chafurdando e celebrando, mas sempre tinha um bom conselho e

nunca deixava transparecer o quanto eu o estava aborrecendo. Eu lhe devo um drinque. Ou sete.

A meus leitores, embora eu não saiba quem são vocês enquanto estou escrevendo, eu sei que este livro está agora em suas mãos e tudo de bárbaro que acontecer daqui em diante será devido a vocês.

Para o meu Criador, pelo talento e pelos dons que Ele tem me dado. Eu sei que sou realmente abençoada.

Leia a seguir um trecho do segundo volume da trilogia Fixed:



Parei na porta de entrada para o arranha-céu da Park Avenue e olhei para o nome do prédio gravado na pedra. The Bowery. Jordan já havia se afastado com o carro, atrás de mim. Ele provavelmente achava que eu estava segura o suficiente para ser deixada com o porteiro, que segurava a porta para mim enquanto eu estava congelada naquele pensamento.

Isso era real, um passo gigante e profundo na vida de Hudson, mais profundo do que alguém já vivera antes. Eu estava animada, é claro. Eu amava aquele homem. Mas será que realmente o conhecia? Eu poderia realmente amá-lo baseada no pouco que sabia sobre ele? Seu endereço tinha sido um mistério para mim até dois minutos atrás, quando o motorista tinha me deixado ali. E o que eu encontraria no interior daquele edifício? O que haveria no interior de Hudson Pierce, o que haveria por trás da máscara que ele usava tão bem?

Eu senti como se tivesse visto o verdadeiro Hudson, como se eu fosse, provavelmente, a única pessoa no mundo que realmente tivesse conseguido isso, mas sentia que mal tinha arranhado a superfície. Ainda havia muito para descobrir e aprender sobre o jovem magnata que conquistara o meu coração.

Eu sabia que Hudson guardava alguns segredos. Ele abandonara aqueles seus jogos mentais e sua predileção por manipular as mulheres antes de me conhecer, mas a possibilidade de que seus hábitos passados pudessem retornar era algo muito real. Tão real quanto a possibilidade de meu retorno também.

E esse era o medo que mais me assombrava, o de que eu pudesse ser conduzida de volta aos meus velhos hábitos de obsessão. Entre todos os relacionamentos que eu tinha destruído com a minha perseguição obsessiva e meus ataques de ciúmes infundados, eu sabia que foder com este seria uma coisa que poderia me destruir. Felizmente, até agora, eu tinha sentido que estava bem com Hudson. Só o tempo diria se iria durar.

O porteiro olhou para mim com uma expressão ansiosa no rosto, pensando se ele deveria continuar segurando a porta aberta para essa mulher indecisa, ou ele deveria deixá-la fechar-se.

Eu o tranquilizei com um sorriso.

– Só um minuto.

Ele devolveu o sorriso com um aceno de cabeça e fechou a porta.

Respirando fundo, olhei para o alto do prédio, onde o apartamento de cobertura de Hudson estaria, certamente. Eu nem sequer sabia se ele morava mesmo na cobertura. Ou se estaria acordado lá em cima... Será que ele estaria olhando de lá para mim? Será que ele poderia me ver aqui embaixo, hesitante?

Ele me disse que estaria dormindo, e foi essa ideia que me deu coragem para me mexer. Eu não o deixaria esperando por mim e não queria que ele suspeitasse que eu tinha alguma dúvida. Porque eu não tinha dúvidas. Não sobre ele. Minhas dúvidas eram sobre mim, sobre se eu poderia lidar com o nosso relacionamento. E, na verdade, se eu deixasse as minhas esperanças se enraizarem – esperanças de que eu poderia finalmente ter um relacionamento verdadeiro com outra pessoa sem me perder em meus medos e nos hábitos do meu passado obsessivo – então até mesmo essa indecisão seria superficial.

O porteiro sorriu de novo quando me encaminhei em sua direção, e abriu a porta para mim. No interior, outro homem sentava-se à mesa de segurança em frente aos elevadores.

– Srta. Withers? – perguntou ele antes que eu tivesse a chance de informar-lhe o meu nome.

Eu não deveria ter ficado surpresa. Hudson disse que ia deixar a chave para mim no balcão e eram 3:30 da madrugada. Quem mais poderia ser, se não eu?

Assenti.

– O sr. Pierce deixou a chave para a senhorita. Os dois elevadores, à esquerda, podem levá-la para a cobertura. Basta inserir a chave no painel quando entrar.

– Obrigada.

As portas se abriram na hora em que apertei o botão de chamada. Dentro da cabine do elevador, minha mão tremia quando inseri a chave no painel, e fiquei agradecida por não estar à vista do segurança. A viagem para a cobertura foi rápida, mas não rápida o suficiente. Na hora em que consegui superar a minha ansiedade, a emoção tinha sido substituída pela impaciência. Eu queria estar na casa de Hudson, mergulhada em seus braços. Eu queria estar com ele e mesmo aquele minuto até chegar à cobertura acabou sendo muito tempo para ficar longe dele.

As portas do elevador se abriram para um pequeno vestíbulo. Saí e virei-me na única direção possível, encontrando-me em um hall de entrada. O espaço era sossegado, mas eu podia ouvir o som de um relógio em algum lugar nas proximidades, e havia poucas luzes acesas. Minha suspeita era de que os quartos ficassem à minha

esquerda, porque à minha direita havia uma grande sala com janelas do chão ao teto.

Embora ansiosa como estava para encontrar Hudson, virei-me para a sala, atraída pela vista deslumbrante que se via lá de cima. Antes que eu chegasse às janelas, no entanto, uma lâmpada acendeu e eu o vi sentado em uma poltrona.

Embasbacada com a visão, a minha boca se abriu, e ficou aberta, enquanto eu via aquele homem lindo, vestindo apenas cueca boxer. A definição de seu peito esculpido acelerou meu coração antes que meu olhar percebesse seus olhos cinzentos através do emaranhado de seu cabelo castanho sob aquela luz fraca. Eu nunca o tinha visto numa boxer, e, que droga, o que vinha perdendo... Ocorreu-me mais uma vez o quanto eu mal o conhecia, mas desta vez o pensamento não me assustou – ao contrário, me excitou. Quanto mais haveria para descobrir sobre esse homem? E eu estava pronta para mergulhar e explorar.

No entanto, essa minha excitação não diminuiu o estranhamento e a ansiedade. Este era um território novo, e eu não sabia como proceder. Certamente, Hudson devia estar sentindo a mesma coisa.

Minha mão segurou firmemente a minha bolsa, enquanto a outra distraidamente agarrou o tecido azul do meu vestido, que era curto o bastante para ficar no limite entre o profissional e o sexy. E esse era o tipo de roupa que eu usava sempre no The Sky Launch, a boate onde eu trabalhava como assistente de gerente. A boate de propriedade de Hudson. O lugar em que eu o conheci.

Passou pela minha mente a lembrança da primeira vez que eu o vi sentado na ponta do balcão do bar, na boate, e de como aquela

visão me tirara o fôlego. Eu sabia então que deveria ter corrido dali. Mas não o fiz. E agora, eu não poderia ser mais grata por isso...

Ele me tirou o fôlego agora como tinha feito naquela noite. Com um sorriso trêmulo, quebrei o silêncio:

– Você está acordado.

– Achei que seria melhor ficar esperando por você quando chegasse, de modo que não se sentisse desorientada.

– Mas você deveria estar dormindo – como presidente da Pierce Industries, uma empresa multibilionária, as horas de Hudson eram incompatíveis com as minhas na boate. Eu, chegando no meio da noite, quando esse homem acordava diariamente às seis da manhã, o que eu estava pensando? Como as nossas vidas, tão diferentes, poderiam ser compatíveis?

Não, eu não podia estar pensando assim, era uma desculpa para negar-me essa felicidade. E Hudson e eu merecíamos um pouco de felicidade, pelo menos uma vez em nossas vidas.

O objeto do meu desejo se levantou e caminhou até mim, levantando a minha mão que segurava a bolsa.

– Eu já dormi. Agora estou acordado.

Esse único toque ajudou a sossegar a minha ansiedade e a transformou num zumbido chato, fácil de ignorar sob a batida do meu coração. Isso era o que Hudson fazia comigo, surpreendendo-me sempre de uma maneira tão maravilhosamente deliciosa.

Ele pegou a minha bolsa e a colocou sobre a mesa.

Sem o seu contato, meu nervosismo voltou e uma conversa casual idiota escorregou de meus lábios:

– Eu nunca estive em uma cobertura antes. A menos que você conte aquele dia no loft. – O loft que ficava acima do seu escritório, o

lugar onde ele tinha me fodido até que eu me esquecesse da vida. Ainda bem que a sala estava escura e escondeu o rubor no meu rosto.

– É lindo aqui, H.

– Você mal viu o apartamento. – Ele não demonstrou nenhuma reação ao meu apelido absurdo para ele. Talvez estivesse se acostumando.

– Mas pelo que já pude ver... – meus olhos percorreram a ampla sala de estar, observando os detalhes ornamentais da arquitetura e da simplicidade do estilo. – É incrível.

– Estou contente que você goste.

– É muito diferente do que eu esperava. Não é como o loft. Que é como pensei que seria. – O loft era negro e forrado com móveis de couro, masculino e forte. Esse lugar era branco e luminoso; eu era capaz de afirmar isso mesmo sob a luz da lâmpada e a da lua.

– Alayna.

Meu nome em sua língua enviou arrepios à superfície da minha pele. Como ele poderia continuar a fazer isso comigo ainda? Deixar-me tão confusa desse jeito, e tão facilmente?

– A mobília também é tão diferente. – O nervosismo me levou a falar, evitando a conexão que havíamos criado no momento em que entrei no apartamento. Andei em direção ao sofá, branco, e passei a mão através daquele caro estofamento. – Mas Celia decorou este lugar também, certo?

A voz de Hudson se contraiu.

– Sim, foi ela.

Celia Werner, sua amiga de infância e ex-noiva. Bem, não realmente, mas na prática. Por que eu a trouxe para a nossa conversa? Qual era a minha ideia? Eu estava, por acaso, tentando nos destruir?

Celia vinha sendo uma fonte constante de tensão em nosso relacionamento, desde que Hudson tinha me contratado para convencer a sua mãe de que estávamos juntos. Sophia Pierce, acreditando que seu filho era uma pessoa incapaz de amar, pensou que um casamento arranjado com a filha de seus bons amigos, os Werners, seria uma combinação perfeita para Hudson. Mesmo que ele não pudesse sentir qualquer coisa por ela, Celia seria capaz ao menos de mantê-lo na linha, de impedir que Hudson se metesse em confusão por causa de seus vícios.

Só que acabou que Hudson era capaz de amar. E, durante o nosso estratagema, ele se apaixonou por mim. No entanto, Hudson tinha algo com Celia, um vínculo que alimentava o meu ciúme. Mudando de rumo, caminhei em direção às janelas.

– A visão daqui de cima é...

– Alayna...

Eu pressionei meu rosto no vidro e olhei para o mundo lá embaixo.

– É muito linda...

Hudson veio por trás de mim, seu calor emanando contra as minhas costas, embora ele ainda não tivesse me tocado.

– Alayna, olhe para mim.

Lentamente, eu me virei.

Ele levantou meu queixo com o dedo, obrigando-me a encontrar seus olhos.

– Você está nervosa. Não fique assim. Eu quero você aqui.

Suas palavras eram o consolo de que eu precisava, enviando uma onda de calma sobre cada parte da minha preocupação, como se fosse um cobertor sufocando o fogo. – Tem certeza? – isso tinha me

acalmado, mas eu queria mais. – Você, de verdade, nunca trouxe uma mulher aqui? É estranho, não é?

Seu polegar acariciou minha bochecha, minha pele despertando sob sua carícia.

– É diferente. Eu não trouxe uma mulher aqui, mas não é estranho. E estou completamente certo de que desejo que você esteja aqui.

Fiquei excitada com a confirmação de que eu era a primeira mulher a ter permissão para entrar em seu apartamento, a primeira mulher com quem ele iria fazer amor ali.

– Eu também. Quero dizer, tenho certeza de que quero ficar aqui. – Seu olhar queimou dentro de mim. Eu poderia me perder ali, para sempre, e isso me assustou demais.

Procurando uma maneira de manter o controle, olhei para a sala, que se ligava à sala de estar.

– O que tem ali? É a sala de jantar?

– Vou lhe mostrar tudo de manhã. – Hudson ergueu a outra mão para embalar meu rosto, capturando meus olhos com os seus, novamente.

– Um passeio pela cobertura na parte da manhã – repeti. E lá fui eu, já perdida nesse homem. – Mas não agora.

– Não, não agora. Agora eu quero lhe dar as boas-vindas à minha casa. – Sua boca se chocou contra a minha, me levando a alturas vertiginosas que sobrepujavam a vista atrás de mim.

Seus lábios chuparam os meus com deliciosos ataques que me puseram fora de equilíbrio, me obrigando a atirar meus braços em volta de seu pescoço e me agarrar com força, tudo um pouco antes de sua língua deslizar para dentro da minha boca.

Ele tirou a mão do meu rosto para envolvê-la ao redor da minha cintura e me puxou para ele, onde eu podia sentir sua ereção contra minha coxa através do tecido fino de sua cueca. A outra mão veio por trás da minha cabeça, prendendo-se no meu cabelo. Pressionei meus seios contra o seu peito, com a necessidade de senti-lo com todas as partes do meu corpo.

Um gemido surgiu vindo da parte de trás da garganta de Hudson, vibrando por debaixo do nosso beijo e acendendo o desejo no meu ventre. Então, eu me mexi, tentando chegar mais perto, minha perna impaciente para se enganchar ao seu redor.

Com os lábios ainda presos nos meus, Hudson disse:

- Tenho um cômodo que desejo mostrar-lhe hoje à noite.
- Espero que seja o quarto.
- Esse mesmo.

Em um movimento confuso, ele me levantou nos braços e virou-se para o hall de entrada, de onde eu tinha vindo. E assim me carregou por todo o caminho, o movimento parecia o efeito que ele tinha sobre mim, normalmente... Com ele, eu era como um galho em um rio violento, correndo em direção ao mar. E Hudson, ele era essa correnteza, puxando-me do jeito que quisesse, me carregando. Eu estava à sua mercê.

Ele havia me prometido que não iria jogar seus jogos de manipulação comigo, que nunca ia tentar me controlar. Mas essa era uma promessa que ele não poderia cumprir. Hudson me arrastava com ele, quer pretendesse fazê-lo ou não. E, para mim, estava tudo bem assim. Perfeitamente bem.

Ele levou-me através do hall, beijando-me, até chegar ao final do corredor, onde virou para entrar naquele que tinha de ser o quarto

principal. Com minha atenção ainda inteiramente voltada para ele, só registrei o momento quando Hudson me depositou em uma cama *king-size*, com os lençóis cinza-claro atirados para um lado, o lado esquerdo. Seu lado. A sensação de intimidade de estar no lugar em que Hudson dormia, onde ele tinha dormido mais cedo naquela noite, disparou uma pontada de necessidade no meu corpo que o desejava. Eu queria aquele homem por cima de mim e dentro de mim, não daquele jeito, em pé e olhando para baixo, para mim, com os olhos semicerrados.

Mas eu sabia que ele levaria o tempo que quisesse, não adiantava reclamar de seu ritmo. E não havia nenhuma razão para fazer isso. Embora fosse um amante do tipo dominador, Hudson sempre concentrava sua atenção nas minhas necessidades, sempre me atendia da melhor maneira que ele podia. E, Deus, ele me conhecia bem, sabia como excitar o meu corpo, como saciá-lo, sabia me despertar e me amar, mesmo quando eu mesma não sabia.

Sua mão deslizou ao longo do comprimento da minha perna, em direção ao meu tornozelo, para desatar a minha sandália de tiras com uma delicadeza que me fez me contorcer no lugar. Ele repetiu esse movimento com o outro pé, e depois se ajoelhou em cima de mim para me dar um beijo rápido. Eu estendi a minha mão para puxá-lo para mais perto, mas Hudson resistiu.

– Da última vez, nós fomos rápidos demais. Desta vez, eu preciso saborear a minha mulher.

Da última vez em que nós tínhamos feito amor, tudo tinha sido muito rápido e atormentado, na verdade um alívio no meio de uma discussão, no novo sofá da sala da gerência da boate, e ele não tinha

me deixado com nenhuma reclamação... Mas ser saboreada, da forma como ele tinha dito, parecia ser uma delícia...

Com uma trilha de beijos molhados, ele abriu o seu caminho, descendo até a bainha do meu vestido. Com um brilho malicioso nos olhos, ele puxou o tecido de minha roupa para cima, em volta de minha cintura, dando um beijo entre minhas pernas.

Um gemido escapou dos meus lábios e ele riu baixinho. Seus dedos deslizaram sob a borda da minha calcinha, puxando-a para baixo com força e atirando-a de lado. Ele enganchou a minha perna por cima do seu ombro e, em seguida, sua boca estava de novo em mim, lambendo e chupando avidamente no feixe de nervos no meio das minhas coxas.

Eu já estava delirando de prazer quando ele deslizou dois dedos para dentro de mim, sondando e torcendo até provocar o meu orgasmo com facilidade.

Estremeci e tremi, enquanto ele subia para reclamar a minha boca, que beijou com um desejo profundo.

Os sons suaves que Hudson deixava escapar enquanto me devorava, o meu sabor em sua língua, o golpe de seu pênis na minha coxa, tudo isso levou apenas meio minuto antes do aperto de tesão se formar novamente em meu ventre, pronta para mais uma viagem até a colina do êxtase. Louca para tocá-lo, minha mão encontrou seu pênis e o esfregou através de sua cueca.

A boca do meu homem afastou-se da minha com um gemido. Eu o cutuquei para que rolasse de lado, enquanto eu continuava a acariciá-lo.

- Boxers? Você sempre usa dessas?
- Para ir para a cama.

– Eu gosto delas. Mas nunca o vi usando. – Minha mão escorregou para dentro de sua cueca, maravilhada como sempre com a suavidade de seu pênis grosso na minha mão, e o calor que vinha saindo de sua pele.

– É porque quando vou para a cama com você... – Sua voz tremeu enquanto eu corria minha mão pela coroa. – ... Eu não uso nada.

– Ah, sim. Eu gosto disso ainda mais. – Foi a minha vez de deslizar a mão para a borda de sua cueca e trazê-la para baixo de suas pernas fortes, com meus olhos presos na belíssima visão de sua ereção.

Assim que a cueca caiu no chão, ele me puxou para perto novamente.

– Eu também gosto quando você não está vestindo nada. – Seus dedos já estavam puxando meu vestido por cima da minha barriga. – E você precisa estar nua, agora.

– Tudo bem, não vou discutir...

Sentei-me para ajudá-lo a puxar a roupa sobre a minha cabeça. Ele jogou o vestido de lado e as mãos deram a volta em torno de mim para soltar meu sutiã, liberando meus seios. Então, ele veio por cima, seu pênis quente na minha entrada por apenas um segundo, antes de mergulhar dentro de mim, me penetrando, me esticando, me preenchendo da maneira que só ele podia.

Hudson ficou de lado, levando-me junto, e eu passei a perna em torno dele, incitando-o a ir mais fundo. Ele queria me saborear, mas ou havia mudado de ideia ou não conseguira se conter, liberando a sua paixão com golpes rápidos dentro de mim. Cada vez que ele mergulhava, atingia um ponto sensível que me deixava como louca, forçando outro clímax, o que apertava minhas coxas, e me levava a torcer os dedos enquanto gozava com todo meu corpo.

Hudson continuou seu ataque, aumentando a velocidade, até que ele gemeu durante sua própria liberação. Então desabou, ainda dentro de mim, e me reuniu em seus braços para espalhar beijos pelo meu rosto, um gesto extraordinariamente suave e incomum para o homem que eu tinha aprendido a amar. Eu me encantei com a doçura dele.

– Já mencionei que estou muito feliz por você estar aqui? – perguntou ele, interrompendo a frase para continuar sua trilha de beijos.

Ouvir aquelas palavras significava tudo. Eu as reconheci como uma versão de “eu amo você”. Ele não tinha dito isso diretamente a mim, e eu não esperava isso. Embora eu só tivesse aceitado tal coisa no início daquela noite, quando lhe informara que sabia que ele estava apaixonado por mim, e ele não tinha se assustado quando lhe dissera que estava apaixonada por ele.

Ainda assim, não me iludi em pensar que nós iríamos trocar expressões apaixonadas instantaneamente. Uma coisa de cada vez. Dizer como ele se sentia já era um passo. E o fato de isso incluir como se sentia em relação a mim já era um passo ainda maior.

Passei a mão pelos cabelos dele enquanto sua boca desceu para o meu pescoço.

– Você já disse. E, se não tivesse dito, acho que perceberia. – Eu ergui as sobrancelhas para ter certeza de que ele sabia que eu estava me referindo ao que tinha acabado de acontecer fisicamente entre nós. – Mas você pode me dizer quantas vezes quiser. – E de todas as maneiras que desejar, pensei.

Hudson mudou de posição em cima de mim e chupou o meu corpo mais para baixo, subindo depois em direção aos meus seios. Obviamente, nós já estávamos indo para a segunda rodada.

– Estou feliz por você estar aqui, princesa. – Ele segurou meu mamilo entre os dentes, e depois suavizou a mordida com um rodar de sua língua.

Respirei fundo, deleitando-me na mistura de prazer e dor, enquanto ele dava ao meu outro seio a mesma atenção do anterior. Seu apelido para mim, “princesa”, flutuou pela minha mente enquanto sua boca lambia a minha pele. Ele tinha me chamado assim desde o nosso primeiro encontro sexual, quase duas semanas antes. Nossa, mas fazia só esse tempo? E tinha sido apenas uma semana antes de conhecê-lo na boate, quando eu ainda não sabia que aquele cara era Hudson Pierce? Para mim, parecia ser uma vida. O termo carinhoso que ele usava fora forte desde o primeiro momento que ele o mencionara. Mas a gente tinha acabado de se conhecer, então. Talvez não tivesse o significado que eu atribuía a ele.

A curiosidade tomou conta de mim, apesar de que meu corpo ainda estivesse vibrando sob seu ardor.

– H... Por que você me chama desse jeito?

Ele respondeu sem tirar os olhos do meu seio:

– Porque você é assim.

– Você começou a me chamar de princesa antes que me conhecesse melhor...

– Não é verdade. – Ele apoiou o cotovelo em cima da cama e sustentou a cabeça na mão. – Eu soube na hora em que a vi pela primeira vez.

Por um breve instante, pensei que ele estivesse se referindo àquela noite no bar, quando eu o vi pela primeira vez. Então lembrei-me de que Hudson já tinha me visto quase duas semanas antes disso, quando eu ainda estava fazendo meu MBA e ele estava na plateia durante o

meu simpósio de pós-graduação. Eu só tinha descoberto sobre isso mais tarde, e ele mal explicara o que acontecera.

Apoiei o tronco em meus cotovelos e fiquei ansiosamente esperando que ele continuasse a falar.

– Você estava lá em cima, no palco do auditório da Stern – disse Hudson, com sua mão acariciando a curva de minha cintura para meu quadril. – Quando começou a sua apresentação, você estava nervosa. Demorou alguns minutos para entrar no ritmo do seu discurso. Mas, quando acertou o seu passo, você foi magnífica. No entanto, você não tinha ideia de nada. Era completamente óbvio que isso nunca passara pela sua cabeça: que aquela sala estava cheia de pessoas que teriam contratado você se tivesse conversado com qualquer uma delas. Por sorte, isso não aconteceu. Porque eu observei essa gente assistindo-a, e, na hora, eu soube. Eu soube que eles viram que você era inteligente. Eles viram que você tinha tino comercial. Mas nenhum deles reconheceu a raridade que estava diante deles. Uma princesa.

Lágrimas ardiavam nos cantos dos meus olhos. Ninguém nunca tinha me visto daquele jeito, nem sequer olhado para mim. Nem os meus pais, antes de morrer, ou meu irmão, Brian, ou qualquer um dos homens que eu já tivesse namorado ou com quem ficara obcecada. Ninguém.

– Eu amo você, Hudson.

Isso saiu antes que eu pudesse pensar em não dizê-lo, antes que pudesse me preocupar que Hudson entrasse em pânico ao ouvir, do jeito que ele ficou na primeira vez, quando eu expressei meus sentimentos assim. Eu não teria sido capaz de prender essas palavras dentro de mim, mesmo se quisesse, pois agora elas estavam sempre na superfície, sob risco de escaparem da minha boca a qualquer

momento. Se nós pretendíamos fazer um relacionamento dar certo, nós dois teríamos que nos acostumar com isso.

Meus olhos não o deixaram enquanto Hudson processava minha declaração.

Então, rapidamente, ele cobriu meu corpo com o seu. Colocando uma das mãos sob o meu pescoço, ele circulou meu nariz com o dele.

– Você pode me dizer isso quantas vezes quiser – disse, repetindo as minhas palavras anteriores.

– Esse é o meu plano.

Mas essa frase saiu resmungada, perdida dentro da boca do meu homem enquanto seus lábios cobriram os meus, e então passamos a expressar as nossas emoções com nossas línguas, mãos, corpos e uma série de outras maneiras que não precisam ser explicadas...

Título original
FIXED ON YOU

Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação do autor ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com acontecimentos reais, localidades ou pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright © 2013, 2014 *by* Laurelin Paige
Copyright do trecho do livro *Com você* © 2013, 2014 *by* Laurelin Paige

Todos os direitos reservados, incluindo o de reprodução no todo ou em parte sob qualquer forma.

FÁBRICA231

O selo de entretenimento da Editora Rocco Ltda.

Direitos desta edição reservados à
EDITORA ROCCO LTDA.

Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar

20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br

www.rocco.com.br

Tradução de
JÚLIO DE ANDRADE FILHO

Preparação de originais
ANA OLIVEIRA

Coordenação Digital
LÚCIA REIS

Assistente de Produção Digital
JOANA DE CONTI

Revisão de arquivo ePub
PATRÍCIA ROMÃO

Edição Digital: outubro, 2014

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P11p

Paige, Laurelin

Por você [recurso eletrônico] / Laurelin Paige ; tradução Júlio de Andrade Filho. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Fábrica 231, 2014.

recurso digital (Fixed; 1)

Tradução de: Fixed on you

ISBN 978-85-68432-05-1 (recurso eletrônico)

1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Andrade Filho, Júlio de. II. Título. III. Série.

14-16133

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

A AUTORA

Laurelin Paige alcançou o topo das principais listas dos mais vendidos norte-americanas com a trilogia *Fixed*. Além de ser fã de romances, ela divide seu tempo entre escrever, cantar, e assistir às séries *The Walking Dead* e *Game of Thrones*. Ela é casada e tem duas filhas.